

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Hermide Menquini Braga

**As expressões do mal nas Veredas do Grande Sertão:
metáforas–epíforas e símbolos e seus horizontes de
transcendência**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Hermide Menquini Braga

**As expressões do mal nas Veredas do Grande Sertão:
metáforas–epíforas e símbolos e seus horizontes de
transcendência**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção
do título de DOUTORA em Ciências da
Religião, sob orientação do Professor
Doutor José J. Queiroz.**

SÃO PAULO

2010

Banca Examinadora

Resumo

A tese focaliza a obra principal de João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, pelo prisma do mal, que se expressa em metáforas-epíforas e símbolos. Na primeira parte, expõe os fundamentos teóricos das análises: as metáforas e epíforas captadas na rica fonte de *A Metáfora Viva* de Paul Ricoeur, e os símbolos do mal, que também se respaldam em obras do mesmo autor. Na segunda parte, mergulha na análise do texto de Rosa pela luz teórica da primeira. Apresenta o cenário do mal no grande sertão, que impregna os personagens de mitos e símbolos, onde emerge a figura de Riobaldo, em busca de superação pela sabedoria. A análise final da obra procede pelas metáforas que expressam o mal vivido pelos personagens e apontam caminho rumo à transcendência simbolizado e personalizado na grande travessia que desponta das falas do narrador principal. O estudo faz emergir um vulto desconhecido de João Guimarães Rosa, a sua face epifórica, e uma nova abordagem do mal, pela via da filosofia da linguagem religiosa. Pelas sendas dos mitos, dos símbolos e das metáforas, foi possível penetrar nos meandros profundos do mal, escondidos nessa obra prima da literatura brasileira, e descobrir veredas de transcendência, superando o demoníaco da tragédia, da violência e da morte..

Palavras-chaves: Grande sertão: veredas, mal, metáforas-epíforas, símbolos,
travessia, transcendência

Abstract

The thesis focuses on the main work of João Guimarães Rosa, Grande wilderness: paths, through the prism of evil, which is expressed in metaphors and symbols epiphora. The first part presents the theoretical foundations of analysis: the metaphors and epiphora captured in the rich source of the Metaphor Viva Ricouer Paul, and the symbols of evil, which is also rooted in works by the same author. The second part delves into the analysis of the text by the light of Rose's theoretical first . Displays the scene of evil in the great wilderness, which permeates the characters of myths and symbols, which emerges the figure of Riobaldo, seeking to overcome by wisdom The final analysis of the work proceeds by metaphors that express the evil experienced by the characters and show path to transcendence symbolized and personified in the great journey that rises up from the main narrator. The study brings out a major unknown João Guimarães Rosa, his face epiphora, and a new approach to evil, through the philosophy of religious language. The paths of the myths, symbols and metaphors, it was possible to penetrate deep in the maze of evil, hidden in this masterpiece of Brazilian literature, and find paths to transcendence, overcoming the demon of tragedy, violence and death

Key Words: Grande sertão:veredas,badly,metaphors-epiphoras,symbols,
passage,transcendence.

A minha mãe e a minha filha

Ao meu esposo e ao meu filho

Ao meu pai, lá na estrela

Muita coisa importante falta nome

João Guimarães Rosa.

Meu mais profundo reconhecimento :

ao filósofo Paul Ricouer,

e ao epifórico João Guimarães Rosa

Ao Prof.Dr. José J. Queiroz,

À FAMÍLIA DO PROF. JOSÉ J. QUEIROZ

Ao Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito

À Prof. Dra. Maria Luiza Guedes

Ao Prof. Dr.Silas Guerreiro

À Andréia, secretaria do Programa
em Ciências da Religião – PUCSP.

Uma observação ao estilo de João
Guimarães Rosa :

Meus agradecimentos sem data, que data de
amigo é sempre.

SUMÁRIO

Introdução	12
PRIMEIRA PARTE: O MAL E SUAS EXPRESSÕES LITERÁRIAS: METÁFORAS, EPÍFORAS E SIMBOLOS	20
CAPÍTULO I - A metáfora e sua alma : a epífora	22
1.1 - A metáfora em Aristóteles e sua adoção por Paul Ricoeur	22
1.1.1 - O desdobramento da metáfora e da poética	22
1.1.2 - O núcleo comum à Poética e à Retórica: a epífora do nome	23
1.1.3 - Metáfora e comparação (<i>eikōn</i>). Essa relação é trabalhada na Retórica	28
1.1.3.1 - O lugar retórico da lexis	29
1.1.3.2 - O lugar poético da lexis	32
A Mimesis	33
1.2 - A leitura que Michel Le Guern faz de Roman Jakobson: dois recursos incorporados por Paul Ricoeur na defesa da semelhança no Estudo VI de <i>A metáfora viva</i>	36
1.2.1.- A primeira contribuição de Le Guern	38
1.2.2 - A segunda contribuição de Michel Le Gern, um novo acréscimo às teses de Jakobson e a posição de Ricoeur	44
1.2.3 - A leitura de Ricoeur a Paul Henle. O momento icônico da natureza	50
1.2.4 - A semelhança sob processo e sua defesa	52
1.3 - A epífora como alma da metáfora	55
Conclusão	58
Capítulo II - A Simbólica do Mal.....	61
2.1 - A experiência do mal: entre a repreensão e a lamentação	62
2.2 - Os níveis do discurso na especulação sobre o mal	63
2.2.1 - O nível do mito	63

2.2.2 - O estágio da sabedoria	64
2.2.3 - O estágio da gnose antignostica	66
2.2.4 - O estágio da teodicéia	67
2.2.5 - O estágio da dialética quebrada	68
2.2.6 - Pensar, agir, sentir	69
2.3 - O simbolismo do mal, em <i>The symbolism of evil</i>	72
2.3.1- Preâmbulo. A Fenomenologia da <i>Confissão</i>	73
2.3.2 - Especulação, mito e símbolo	73
2.3.3 - A critereologia do símbolo	76
2.3.4 - O reconhecimento filosófico da confissão	80
2.4 - Os símbolos primários	83
2.4.1 – O impuro (a contaminação)	83
2.4.2 – O terror ético	84
2.4.3 - O simbolismo da mancha	85
2.4.4 - A sublimação do pavor	87
2.5 – Pecado	89
2.6 - A culpa	98
2.6.1 - A Culpa e a imputação da pena	99
2.6.2 - O escrúpulo	104
SEGUNDA PARTE: AS EXPRESSÕES DO MAL EM GRANDE <i>SERTÃO</i> : <i>VEREDAS</i> E OS HORIZONTES DE TRANSCENDÊNCIA	109
CAPITULO III - O mal nas veredas do grande sertão. O cenário. Do mito à sabedoria. Os símbolos. A base da superação	110
3.1- Sertão - Cenário do mal	112
3.1.1 - O discurso no nível do mito em <i>Grande sertão: veredas</i>	114
3.1.2 - No sertão, a vereda do mito à sabedoria	125
3.2 - Riobaldo narra o sertão: pensa , age e sente. O mal existe ?	129

3.3 - A simbólica do mal em <i>Grande sertão: veredas</i>	136
3.4 - O mal nas veredas do sertão. A busca da superação	139
3.5 - O mal nessas pessoas. Hermógenes, Riobaldo e Diadorim. O Demo? Do Demo	149
3.6 - A queda	173
Capítulo IV - As metáforas-epiforas. Os horizontes de transcendência nas figuras do mal nas veredas do grande sertão	177
4.1 - O enredamento epifórico	178
4.1.1 - O enredamento epifórico a partir do espaço: Sertão	179
4.2 - A linguagem dos pássaros e as metáforas do mal, no Reino de Rosa, no Grande Sertão	190
4.3 - O misterioso e inexplicável Diadorim	195
4.3.1- Diadorim Menino	196
4.3.2 - O moço Reinaldo	198
4.3.3 - O Jagunço Diadorim	202
4.3.4 - Diadorim Mulher	207
4.4 - Hermógenes, o inimigo oficial em <i>Grande sertão: veredas</i>	211
4.5 - Os três Riobaldos	226
4.5.1 - Riobaldo Jagunço	226
4.5.1a - <i>A queda de Riobaldo Jagunço</i>	229
4.5.1b - <i>A superação</i>	234
4.5.2 - Riobaldo Velho	238
Conclusão	253
Bibliografia	264
Anexos	267

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias metafóricas para <i>Sertão</i> em <i>Grande sertão: veredas</i> , de João Guimarães Rosa	181
Tabela 2 – O moço Reinaldo	199
Tabela 3 – Hermógenes: o inimigo oficial em <i>Grande sertão: veredas</i>	214

INTRODUÇÃO

Meu horizonte em docência são as questões humanas. A docência, por sua vez, vejo-a como o processo interativo, aquisição, transmissão, e criação no qual acontece o aprimoramento do educando. Inicialmente trabalhando com língua portuguesa e literatura, principalmente brasileira, entendi a importância das ciências humanas, em especial da filosofia como suporte das teorias pedagógicas e das ciências da religião. Esses referenciais buscam a interpretação do conteúdo humano, cuja matriz é a linguagem .

Na literatura, espaço artístico da linguagem, encontrei as grandes questões humanas, pois as obras literárias simulam, convertem, amoldam os desejos e as vontades, em aspectos morais e culturais. Tudo isso trouxe-me oportunidade de interpretação sob infinitas óticas.

Reconheci-me nesse perfil, elaborei pesquisa de 2003 a 2006 na obra de Graciliano Ramos *Vidas Secas*, lida hermeneuticamente e mediada pelo referencial da antropologia cristã. O trabalho intitula-se *Resistência para viver : as estratégias da condição humana a partir de Vidas Secas, em seus horizontes de transcendência*. *Vidas Secas* tem linguagem truncada, demonstra a ausência de expressão para as manifestações da natureza humana. Em *Grande sertão: veredas* descobri o discurso é liberto¹, que envolve as vias de expressão. Percebi em João Guimarães Rosa um incomum talento, aliado às tendências pós-modernas de comunicação, criando o que eu chamaria de formas de supra-linguagem.

Em *Grande sertão: veredas*, o manancial de vertentes comunicativas causou-me perplexidade. Uma primeira impressão, que carrega instaura sensação desconfortante, porque, à medida que surpreende, desafia a compreensão. Ainda em análise superficial percebi dois traços substanciais - alteração de linearidade cronológica e linguagem verbal de originalidade ímpar.

Publicada em 1956, a obra revolucionou a arte literária na virada para a

¹ Donald SHULLER, *Teoria do romance*, p.3. O discurso de Riobaldo em *Grande Sertão: veredas* está orientado em duas direções – o receptor e o referente . E, em ambas o narrador luta pela autonomia. Alfredo BOSI, *Céu, inferno*, p.40. Nas histórias de Rosa os vivos sonham e o narrador segue-o de perto e de dentro ,confiante em que um dia desejo e ventura poderão dar-se as mãos .

segunda metade do séc.XX. Lendo-a constatei que o homem evolui naquilo que o caracteriza, a linguagem, e cria novos aspectos para dar à expressão a correspondência necessária às influências, que surgem a cada década.

Em contrapartida, a obra me fez pensar que a natureza humana é estanque, e exige que o homem procure expressão para os aspectos de sua existência. As suas incertezas sugerem a necessidade de preservação da vida, e isso aparece na linguagem, em metáforas e símbolos, naquilo que constitui o *homem-humano*; aquele que tem por meta comunicar-se em uma instância especial, intuída como sagrada.

Embrenhando-me na obra fui envolvida em mistério e temor, pois o mal pressentido como a falta de entendimento dos fatos, suscita o sobrenatural, em linguagem verbal inédita. As metáforas envolvem a elucidação do transcendente por meio de sua mediação – o código verbal. Situação que vem ao encontro daquilo que Paul Ricoeur afirma

Há hermenêutica onde não houver compreensão. Mas há hermenêutica porque há a convicção e a confiança de que a compreensão tem condições de reintegrar a não-compreensão pelo movimento da questão e da resposta baseada no modelo dialógico. A não compreensão é – se assim podemos dizer – homogênea à compreensão, do mesmo tipo que ela.²

Com muita leitura descobri que o código da obra, inédito, viceja em comunicação e instiga a sua compreensão. Plenifica-se na inspiração mística, demonstra-se receptível à aceitação, facilita o entendimento, região e domínio do espírito humano. Motivada por essas características lancei-me à pesquisa. Posto que o mal é enigmático, busquei as metáforas e símbolos da obra como uma vertente para sua compreensão.

As publicações teóricas acerca da Linguística forneceram subsídios para a compreensão técnica. A aproximação da Línguística com a hermenêutica adentra o campo de história da cultura. O projeto de Paul Ricoeur, em sua obra *A Metáfora Viva* retoma as teorias ao longo do desenvolvimento da expressão poética com o advento da Psicologia e da Linguística, principalmente, na passagem do Sec. XIX

² Cf. Pau RICOEUR, *Interpretação e Ideologias*, p. 56.

para o Sec. XX, como também teorias comunicativas posteriores, ou descendentes destas, em trama teórica que conduz à epífora, a alma da metáfora aristotélica para a atualidade.

Em busca do estado da arte para efetuar a leitura de Ricoeur com respeito à noção de metáfora viva, pesquisei os pressupostos de Roland Barthes, em *Elementos de Semiologia*, Eric Buyssesns, *Semiologia e comunicação linguística*; ainda de Roman Jakobson, em *Linguística e comunicação*, todos da editora Cultrix. De Genouvrier e Peytart, *Linguística e ensino do Português*, e de *Introdução à Linguística teórica*, de John Lyons.

A Linguística favorece, ao longo de seu aparecimento recursos ao campo literário, que se apóia em estudos de filosofia da linguagem, em tratados filosóficos tradicionais e modernos. Isto proporciona suporte para trabalhar duas questões fundamentais de obra *Grande sertão: veredas*; o problema do mal e o problema da expressão. Essas duas vertentes convalidam a questão do amor humano, o filial, no caso de Diadorim pelo pai, e o amor ligado à psicossomática humana, e à sexualidade.

A respeito disto falaram Haroldo de Campos, Pedro Xisto e Augusto de Campos, no ensaio *As três dimensões de Guimarães Rosa*. Os irmãos Campos ativeram-se a metáforas e símbolos criados a partir da fonologia. Já Xisto atém-se a temas transcendentais.

Compulsei outros importantes autores no cenário acadêmico nacional que enveredaram por tendências diversificadas, comprovando, com trabalhos memoráveis, a multissignificação de *Grande sertão: veredas*. Suzi Frankl Sperber analisa o contraste realidade/misticismo em seu recente artigo publicado em *USP, Estudos Avançados 58, Dossiê Guimarães Rosa*. Autora da tese que resultou no livro *Caos e Cosmos : leituras de João Guimarães Rosa*, publicado pela editora Duas Cidades, e Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, enfatiza o aspecto místico, e por outro lado, a desconstrução pós-moderna da sociedade tradicional, cuja linguagem é, além de exemplo, o próprio veículo em função metapoética.

Deparei-me com o trabalho de Marcelo Marinho, uma tese de doutorado em Literatura Comparada pela Sorbonne Nouvelle. Este autor pende para as ciências

exatas quando explora a fonética e a fonologia em análises das metáforas sonoras da obra. Entretanto, se suporta sua tese, em parte na Lingüística, por outro lado, não nega a matriz religiosa de sua origem (Universidade D.Bosco, Campo Grande), quando encara a recriação da linguagem em Guimarães como sagrada, enfatizando a questão do Verbo.

Em João Adolfo Hansen, o *Ó*, encontramos o problema da desconstrução pós-moderna, margeando o misticismo da obra de Guimarães. Temos, por um lado, a contextualização dos interesses do final do Sec. XX, por outro, o atributo inegável humano da transcendência. O homem pende para o infinito, é fato. Estes trabalhos preliminares possibilitam entender a linguagem religiosa de *Grande sertão: veredas* como algo que impregna o ambiente e aponta caminhos para tender ao infinito. Apontados esses estudos preliminares, cabe agora justificar a escolha deste tema.

Tomando por base o referencial da hermenêutica, a partir de Riccoeur, bem como do estado da compreensão de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa na instância acadêmica, é importante o nosso tema porque pode propiciar um canal de entendimento para as relações humanas, nesta etapa de nossa civilização, no qual a reflexão sobre a Ética de Edgard Morin aponta para o homem na era tecnológica à beira de uma ribanceira, usando sua autonomia tanto para alçar ao infinito, como para pender para o caos³.

Nos primeiros anos do séc.XXI, temos assistido à explosão da violência em todas as dimensões do universo. As questões do Oriente Médio persistem, em espetáculos de horror, e outros traços de holocausto recrudescem, como as experiências de bomba nuclear, na atual Coréia do Sul. A força reaparece em seu signo mais degradante e macabro. A morte deixou de ser chocante, necessariamente porque não é muito diferente da vida. Esta situação é o avesso da racionalidade, própria da nossa espécie. Estaremos perdendo a capacidade de entendimento com o divino?

Bem por isso, as tentativas de um horizonte transcendental multiplicam-se nas variadas formas de religiões contemporâneas.. Por meio da literatura, de reflexo social inegável, vislumbramos caminhos para incorporar esse momento da cultura universal. O bem e o mal são relativos, se considerarmos o atributo da ilusão, de

³ Cf. Edgard Morin, *Método 6*.

que o homem é alvo. Os projetos, os desejos, instituem no humano, o sonho e temor, sensações responsáveis pelas interpretações sustentadas pelos dogmas e pelas convenções.

Em *Grande sertão: veredas*, o exuberante ambiente e a belicosa situação de um bando regional favorecem o desenvolvimento de código de linguagem ímpar, eivado de regionalismo (que insere inventividade) e de quebra de normas (que, entretanto invertem, mas não inutilizam as regras verbais).

Esse imenso universo criativo de João Guimarães Rosa é o ambiente para pesquisarmos e distinguirmos o mal presumível e suas possíveis facetas de afirmação e de negação.

A importância desse estudo está na percepção de que do humano, evolui para o transcendental. Neste ponto, não podemos ignorar o trajeto imanente/transcendente que se reveste de linguagem, exatamente porque sendo trânsito humano só se expressa pela linguagem.

Eis a importância desse estudo: reconhecer quais são formas expressivas, em momento tão delicado da civilização, quando a morte passou a passar a ser argumento a ponto de ser difundida pela tecnologia em seu transcurso --- crua, presente, em processo. O estudo vai ao encontro da preocupação de Morin, na sua ética: se a tecnologia faz o homem pender para a *barbarie* na transmissão da violência, qual é a linguagem que, inversamente o inclina para o infinito? Quais as metáforas e símbolos que sistematizados, possibilitam a comunicação religiosa ao homem contemporâneo? Como as pretensas expressões do mal neutralizam-se no contexto da obra.

Justificando o, cabe agora expor e delimitar com clareza o objeto de pesquisa nosso tema. Dedicar-nos-emos à análise de *Grande sertão, veredas*, de João Guimarães Rosa no intuito de focalizar à questão do mal, nessa obra. No romance, aparecem aspectos éticos, sociológicos, antropológicos. Entretanto, delimitamos nossa investigação aos símbolos e metáforas, que, inevitavelmente fincam raízes nessas vertentes. A hermenêutica, a partir dos estudos de Paul Ricoeur, indica-nos um ponto capital nessa interpretação, a noção de epifora, provinda de Aristóteles e mantida pela defesa da semelhança efetuada por Paul Ricoeur em *A Metáfora Viva*. Coincidentemente, João Guimarães Rosa, com sua prosa de característica

inigualável, propõe-nos na prática, aquilo que a teoria de Ricoeur, a partir de Aristóteles e atualizada pelas ciências modernas convencionaram definir por epifórica. Este é o enfoque pelo qual orientaremos nosso estudos .

Apontado e delimitado o objeto, ocorre explicitar as principais indagações dele decorrentes, que serão investigadas nos capítulos. Primeiro, indago qual é o sentido da metáfora – epifora e de símbolos, expressões lingüísticas que possibilitem analisar a obra principal de João Guimarães Rosa sob o aspecto do mal. Essa indagação vai requerer uma numerosa exposição teórica que será objeto do primeiro e do segundo capítulo.

A segunda indagação dá sequência à primeira. As expressões simbólicas e metafóricas possibilitam interpretar o mal na obra, sob análise numa perspectiva de transcendência. Quais seriam o alcance e os limites dessas expressões? Em síntese, busca-se investigar se há um epílogo do mal em *Grande sertão: veredas* e se esse epílogo tange o transcendente. A busca de respostas a essas indagações envolverá o terceiro e o quarto capítulo.

Partimos de suposições preliminares, ou hipóteses, que buscaremos demonstrar. Supomos que *Grande sertão: veredas* constitui um texto profundamente epifórico e simbólico, assim como o seu autor pode ser definido como um mestre epifórico da linguagem. Supomos também que a obra esteja repleta de metáforas-epiforas e símbolos do mal. Enfim, supomos que essas expressões indicam um epílogo do mal, a saber, uma travessia para a transcendência.

Com este trabalho, proponho-me a alcançar objetivos, isto é, resultados concretos, tais como: 1- uma compreensão clara das figuras e dos símbolos do mal na obra em tela. 2- Perceber, nas metáforas e símbolos da obra, conotações que envolvem o mal em várias perspectivas e apontam caminhos de superação, que penetram no campo religioso. 3- Outro resultado, a decorrer do trabalho, é mostrar a riqueza, para a ciência da religião que advém do estudo de uma obra literária pela mediação da lingüística e da filosofia da linguagem religiosa. Como muitos outros estudos, a tese pretende apontar que o trabalho realizado na interface entre ciência da religião e literatura enriquece ambas as áreas.

No que tange às teorias que dão sustento às hipóteses e à busca das respostas, não nos alongamos nesta introdução porque serão minuciosamente

expostos no primeiro e segundo capítulos. Sinteticamente, posso adiantar que : 1- metáfora-epífora é o primeiro instrumento das análises. A hermenêutica, a partir dos estudos de Paul Ricouer, indica-nos um ponto capital nessa interpretação metafórica, a noção de epífora de provinda de Aristóteles e mantida pela defesa da semelhança efetuada por Paul Ricouer, a partir de *A Metáfora Viva*. Coincidentemente João Guimarães Rosa, com sua prosa de característica inigualável, propõe-nos, na prática, aquilo que a teoria de Ricouer, a partir de Aristóteles e atualizada pelas ciências modernas, convencionaram definir por epífora.

2- Aprofundando tal reflexão, existe uma fundamentação básica, que complementa o estudo da metáfora : a simbólica. O estudo de Paul Ricouer, *La symbolique du mal*, (e sua tradução para o inglês *The symbolism of evil*) fornece-nos teoria necessária para unir história, cultura e expressão na análise do texto de Rosa . Constituindo ainda, fundamento para a simbólica, valer-me-ei de outro estudo de Ricouer: *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*, no qual os estágios da linguagem do mito e da sabedoria e sua atuação na percepção humana elucidaram o sistema de formação da simbólica do mal e da sua superação.

Para complementar a análise destes importantes tratados recorro a novo estudo de Paul Ricouer, *O Conflito das Interpretações*, estudo que, pelo próprio título, revela-se competente para nossa intenção hermenêutica.

No que tange aos procedimentos metodológicos, cumpre indicar que o mal em *Grande sertão: veredas* é produto de uma ilusão literária. Essa circunstância aparece na trama dissimulada na linguagem multissignificativa de Guimarães Rosa com fortes evidências paradoxais, mediante adjetivos concretos, brutos, ou de desvios instalados por outras matrizes, como a relação entre a moral dos personagens e a imagem refletida pelas aves tropicais do nosso sertão.

A mística onipresente em Guimarães Rosa recorre à invenção, à ficção, à quebra de regras gramaticais, sem, contudo ferir os sistemas vigentes na língua, motivo pelo qual se torna compreensível na extensão de suas figuras.

A teoria linguística de Ricouer possibilita estudar perturbações afásicas dos falantes. Assim aparecem os agramatismos.

Está aí o propósito de nosso trabalho, que é o de procurar essa linguagem

nas metáforas-epíforas de João Guimaraes Rosa em sua obra máxima, um autor que viu por meio da medicina a estrutura humana transcendental e passou a intermediar esse conhecimento com o Kosmos. Essa tão estreita relação compreende o mal, sabendo-o na obra, resta procurá-lo por ferramenta eficiente, a hermenêutica de Paul Ricoeur, sabendo-o extemporâneo, Rosa utilizou gama de expressões, indo do arcaico sertanejo ao inventivo neológico, e, em ambos os extremos animados pela epífora .

1º PARTE: O MAL E SUAS EXPRESSÕES LITERÁRIAS: METÁFORAS-EPÍFORAS E SIMBOLOS

Esta primeira parte do trabalho tem como propósito explorar a fundamentação teórica das metáforas, epíforas e símbolos com intuito de maior compreensão dos atributos da linguagem relativas ao mal. A declarada intenção de analisar a simbolização do mal em *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa parte, por um lado da noção empírica do mal em suas expressões lingüísticas e, por outro, do aspecto ético humano, que inclui a responsabilidade pelas ações malévolas.

A tarefa da reflexividade humana é mediada por atos e estes iluminados pelas linguagens. Iluminar é dar sentido, rumo, construir trajetórias, e a trajetória do homem é a vida. Por esse motivo, esta primeira parte que se destina a investigar metáforas, epíforas e símbolos como artifícios da composição da linguagem e expressão de sua autenticidade.

Sem rejeitar a beleza da linguagem direta, pretendemos enveredar pela noção de símbolo, instrumento fugidio, mas sólido, cuja razão é uma garantia contra a subserviência à univocidade de sentido. A característica flexível transforma-o em aliado do homem para os valores que pretende realizar na comunidade. Este tipo de pensamento fluido exige investigação rigorosa. Por esta razão, decidimos nos valer de alguns estudos de Paul Ricoeur.

Nossa proposta de investigar as metáforas e símbolos do mal em *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa respalda-se no criterioso e rigoroso trabalho *ricoeuriano*, notadamente em *A metáfora viva*¹ e *Symbolism of evil*.² O estudo dessas duas obras possibilita a aproximação entre as noções teóricas de Ricoeur e a prosa do ficcionista brasileiro. O estilo do brasileiro na composição de figuras destaca o elemento epifórico. Este termo grego, elemento da metáfora aristotélica é retomado por Paul Ricoeur, e recolocado na história cultural como a essência da metáfora.

¹ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*

² Cf. IDEM, *The Symbolism of Evil*.

Ressaltamos a epífora e sua conceituação, pois a leitura de *Grande sertão: veredas* permite-nos vislumbrar um adjetivo inédito para qualificar Guimarães Rosa como um autor epifórico. Justa predicação, pois Guimarães verte e reverte o sentido das palavras fantasiando noções culturais, mas colhendo nessa fantasia as cores dos valores universais.

Iniciaremos com as obras de Paul Ricoeur, que serão expostas no primeiro e segundo capítulos. O primeiro versa sobre as metáforas, epíforas e símbolos no texto *A Metáfora Viva*. O segundo abordará o mal e seus símbolos em *Symbolism of Evil*, uma tradução para o inglês e sua versão original *La symbolique du mal*³. Antes, porém iniciamos a investigação por *O mal, um desafio á Filosofia e à Teologia*⁴, edição em português, devido à conceituação e análise das concepções de mal que a obra contém.

³ Cf. Paul RICOEUR, *La Symbolique du mal*.

⁴ IDEM, *O mal, um desafio á Filosofia e à Teologia*.

CAPÍTULO I: A METÁFORA E SUA ALMA: A EPÍFORA

A linguagem é uma fonte de mal-entendidos.⁵

Neste capítulo, trabalhamos os seguintes tópicos: a metáfora em Aristóteles e sua adoção por Paul Ricoeur; as contribuições de Michel Le Gern incorporadas por Paul Ricoeur: a leitura que Ricoeur faz de Paul Henle, onde aparece a noção de ícone; a defesa da semelhança no âmago da metáfora; a epífora como alma da metáfora.

1.1 - A metáfora em Aristóteles e sua adoção por Paul Ricoeur

A *Metáfora Viva* inicia focalizando a posição de Aristóteles em cinco tópicos, nos quais Ricoeur busca situar esse filósofo patrono da cultura ocidental nas suas obras, a *Retórica* e a *Poética*.

1.1.1 - O desdobramento da Retórica e da Poética

A Retórica de Aristóteles mostra que a disciplina que nos legou a teoria das figuras, não está morta, mas foi amputada porque os seus três campos: a teoria da argumentação (o eixo principal), a teoria da elocução e a da composição foi reduzida apenas à teoria da elocução e dos tropos ou figuras. Essa redução fê-la perder o nexos com a dialética, operação que a tornou uma disciplina *errática e fútil*, e, com isso, perdeu também a sua proposta fundamental que era de ser "... eloquente e público-mestra de persuasão"⁶. Este último atributo constituía sua mais veraz amarra, já que a tornava tão antiga quanto à filosofia.

Ela tornou-se a mais velha inimiga da filosofia, pois o *bem falar* podia fazer esquecer o cuidado de *dizer a verdade*. Por isso Platão a comparava à sofística⁷.

⁵ Antoine de SAINT EXUPÉRY, *O pequeno príncipe*, p. 69.

⁶ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 18 .

⁷ GORGIAS, diálogo de Platão, é fonte que serve como exemplo. Ali Sócrates aparece como personagem, e tal ficção nos possibilita entender essa questão histórica do pensamento e expressão: "Interrogado, Sócrates define a oratória como marca p´ratica de produzir determinado prazer (462-c).

Entretanto, Aristóteles via na Retórica a arte do *verossímil*, que, aliada à persuasão dava à retórica um caráter de *episteme*,⁸, superando a simples *doxa*⁹ ou opinião.

Parcial e limitada, a retórica deixava fora dela, entre outros campos, a poética. Esta, como arte de compor poemas, principalmente os trágicos, não depende do discurso da retórica. Não sendo eloquência, a poesia não visa à persuasão, apenas produz a purificação das paixões, do terror e da piedade, dois universos distintos¹⁰. Entretanto, na interpretação de Ricoeur em Aristóteles, a metáfora tem os pés nos dois campos - "Há uma única estrutura da metáfora nas duas funções: uma função retórica e uma função poética"¹¹.

Mas há diferenças. A retórica quer argumentar, encontrar provas, já a poesia *nada quer provar*¹², seu projeto é mimético: dizer a verdade, por meio da ficção, da fábula, do mito trágico. A tríade *poiesis / mimesis / katarsis* descreve de maneira exclusiva o mundo da poesia, sem confusão possível com a tríade *retórica/prova/persuasão*.

1.1.2 - O núcleo comum à Poética e à Retórica: a epífora do nome

A Retórica adota a definição de metáfora da Poética: a transparência para uma coisa do nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou por analogia¹³.

Em outras obras, a metáfora aparece na rubrica da *lexis*, palavra *que concerne ao plano total da expressão*¹⁴. Na *Poética*, a metáfora liga-se à *lexis* não pelas noções de ordem, razão, narração, ameaça interrogação, reposta que são peculiares à retórica, mas se liga às partículas da elocução, como letra, sílaba, conjunção, nome, verbo, flexão e locução (*logos*)¹⁵.

- Não é, então, uma linda coisa? - ao contrário, emparelha-se ela a culinária, como variedades do mesmo ofício, identificado como lisonjaria" (463-b); (PLATÃO, *Górgias*, p. 30).

⁸ "Episteme" tem origem grega e significa conhecimento. Bem por isso, Epistemologia tornou-se uma disciplina, parte da filosofia que fundamenta e consolida uma investigação científica, nas questões filosóficas, tornando-se, pois, método.

⁹ "Doxa" palavra grega que significa opinião.

¹⁰ Cf. Paul RICOUER *A Metáfora viva*, p. 23.

¹¹ *Ibid.*, p. 23

¹² Cf. *Ibid.*, p. 23-24.

¹³ Cf. ARISTÓTELES apud Paul RICOUER, *Metáfora viva*, p. 24.

¹⁴ Cf. Paul RICOUER, *A Metáfora Viva*, p. 24-25.

¹⁵ Cf. ARISTÓTELES apud Paul RICOUER, *Metáfora viva*, p. 25. Estas partículas, é interessante perceber, foram reclassificadas no domínio da linguística na transição do Sec.XIX para o Sec.XX,

Portanto, a metáfora se liga à lexis como *partes de uma segmentação de discurso em unidades menores que a frase ou de tamanho igual à frase*¹⁶. Em síntese, o termo comum à enumeração das partes da elocução é à definição da metáfora é o nome (onoma). Disto resultou que, por séculos, a sorte da metáfora se uniu à poética e à retórica, não pelo discurso, mas pelo nome. Entretanto, Ricoeur indaga se uma teoria da metáfora-discurso *não fará refutar a teoria explícita da metáfora nome*¹⁷. O nome é definido como *um composto de seus significativos sem idéia de tempo e cujas partes não são significativas por si mesmas*¹⁸. Por isso, a metáfora é uma epífora ou transferência de significação dos nomes e o nome ocupa posição chave na teoria da elocução.

A metáfora liga-se à lexis por intermédio do nome, não do logos, pela frase ou pelo verbo, e tem os seguintes traços:

1- É uma coisa que acontece ao nome e não ao discurso. Ela está entre as figuras de palavras.

2- Ela é definida em termos de movimento – epífora - ou sorte de deslocamento *de /para*. Pode designar toda a transposição, que especifica a figura como tal, pela característica ou tropo de semelhança, como será exposto no comentário ao Estudo VI, de *A Metáfora Viva*.

Como a definição de nome é *som complexo portador de significação*, essa definição aplica-se ao nome, ao verbo e à locução (entendida como frase neste contexto). Portanto, pode-se dizer que a epífora “... é um processo que afeta o núcleo semântico e não somente do verbo, mas de todas as entidades portadoras de sentido e, que em processo designa a mudança de significação enquanto tal”¹⁹. A natureza indivisível da epífora requer que se conserve esta extensão.

trazendo importante reflexão para o campo da expressão. A evolução cultural passa então a classificar a letra e a sílaba como elementos da continuidade (sintaxe dos nomes), e seus sons à fonética e à fonologia. A locução é a constituição sintática da frase como significativa ou pelo composto de uma classe gramatical por duas palavras : Exemplo – colar *de ouro* (*de ouro, uma preposição e um nome funcionam, sintaticamente, na continuidade do texto, como um adjetivo arranjado por duas palavras*), ou seja, uma locução adjetiva. Ainda as flexões pertencem ao campo sintático no que se refere à coesão e coerência textuais. Trata-se das concordâncias de gênero e número, principalmente.

¹⁶ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 25

¹⁷ Cf. *Ibid.*, *A Metáfora Viva*, p. 25

¹⁸ Cf. ARISTÓTELES apud Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p.26.

¹⁹ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 31. Ligado ao nome , o processo metafórico subordina-se ao que Aristóteles chama de: “composto de sons significativos sem idéia de tempo, e cujas partes não são significativas por si mesmas”. (*Ibid.*, nota 20). Óbvio que trata do nome, “a palavra em estado de

A epífora é a alma da metáfora, porque é centro emanador, reprocessador, expansivo da expressão, seja ela texto inteiro, seja uma antologia, como resultado temático. Epífora, como alma abrange, anima, é parte e é todo, é caminho, é unipresente.

Ricouer²⁰ afirma que essa individualidade do sentido da *epífora* gera uma perplexidade que advém de um fato incomum: para explicar a metáfora Aristóteles recorre a outra metáfora, não mais na ordem da linguagem, mas da física. Acontece um movimento que em grego traduz-se por *phora*, e significa exatamente mudança de lugar. Vem desse mesmo radical o nome metáfora. Porém, ao definir a palavra metáfora, Aristóteles²¹ usa de metaforicidade, pois empresta a noção de outra ordem que não é a linguagem. Já se antecipam, pois, nela certas caracterizações posteriores da metáfora, a saber:

- 1- Ela é um empréstimo
- 2- O sentido emprestado opõe-se ao sentido próprio ou original da palavra.
- 3- A metáfora é um recurso para preencher um vazio semântico
- 4- A palavra emprestada toma o lugar da palavra própria, ausente quando ela existe.

Dado esse caráter epi-forico da metáfora, conclui-se que não é possível falar de metáfora não metaforicamente (pois acontece sempre um empréstimo), e nenhuma classificação retórica pelas figuras ou tropo pode abolir ou controlar a metáfora. Por isso, conclui Ricouer: não há lugar não metafórico do qual se possa considerar a metáfora, assim como todas as outras figuras, pois há um jogo posto, que aparece pelo olhar - é algo “visto como”²², é o olhar da semelhança.

dicionário”, segundo Carlos Drummond de ANDRADE, Procura da Poesia, *Por trás das Letras*, www.portrasdasletras.com.br. Acesso em: 05 abril 2009.

²⁰ Cf. Paul RICOUER, *A Metáfora Viva*.

²¹ Cf. *Ibid.*

²² Deduz-se dessa concepção aquilo que exercemos por característica, ou seja, algo interpretado, cuja escolha depende do crivo pessoal de nosso olhar. Entenda-se esse olhar como experiência, leitura de mundo, algo como a capacidade de sentir o evento geral e estaque com a especificidade de cada um. O resultado é de perplexidade porque aquilo que é especial para um indivíduo não o é para outro.

Resta ressaltar o terceiro traço da metáfora. Ela é a transposição de um nome estranho (*allogrius*), isto é, que designa outra coisa e se contrapõe ao nome ordinário, corrente (*Kyrion*). Por isso, o emprego da metáfora aproxima-se “... do emprego de termos raros, ornados, inventados, alongados ou observados”²³.

Essa oposição ao uso corrente pelos parentescos com os termos raros tem desdobramentos na retórica e na própria concepção da metáfora:

a- Uma teoria geral dos desvios torna-se, em outros autores contemporâneos, o critério da estilística (ter um bom estilo é saber usar e criar desvios). A linguagem corrente é muito clara, mas é baixa. Ela é nobre e afasta-se da banalidade quando usa palavras estranhas ao cotidiano, isto é, metáforas.²⁴

b- O desvio (que soa negativo) tem uma face positiva que é o empréstimo; e este diferencia a metáfora dos demais desvios. Por isso, além de se opor ao uso corrente, ela se compõe com a epífora, já que ressalta a transposição de nomes para a mesma coisa.

c- Há diferença entre uso comum de uma palavra e o sentido próprio da palavra. Próprio significa um sentido essencial a uma idéia; comum significa convencional, corrente, usual.

d- A idéia de substituição parece solidamente associada ao empréstimo, mas não deriva dele necessariamente.²⁵ Uma das funções da metáfora é preencher uma lacuna semântica, ou de ornar o discurso²⁶.

A noção de *allogrius* (estranho) implica:

- 1- Desvio ao uso ordinário
- 2- Empréstimo a um domínio de origem
- 3- Substituição em relação a uma palavra comum, ausente, mas disponível. A retórica posterior a metáfora à pura substituição, e anula a informação

Assim isto que Aristóteles percebe na Antiguidade, aparecerá na análise de RICOUER próximo ao ícone e à imagem em noção que ele adotará de Marcus HESTER, no Estudo VI de *A metáfora viva*.

²³ Paul RICOUER, *A Metáfora viva*, p. 33

²⁴ Acerca disso chamou-se João GUIMARÃES ROSA, nosso autor, “fonte de inusitado”; nós agora, à luz de ARISTÓTELES, chamamo-lo “epifórico”.

²⁵ Cf. Paul RICOUER, *A Metáfora Viva*, p. 36

²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 37.

fornecida pela metáfora (que passa a ser puramente ornamental), pois o termo ausente pode ser restituído, caso exista.²⁷

O quarto traço ressalta que a idéia de epífora preserva a unidade de sentido da metáfora, ao passo que a idéia de classificação vai prevalecer nas taxionomias posteriores.

Uma tipologia de metáfora é esboçada na continuidade de sua definição como transferência. Pode haver transferência do gênero à espécie, da espécie ao gênero, da espécie a espécie, ou por analogia ou proporção. Assim, Aristóteles esboça um desenvolvimento ou enumeração no campo da epífora. A quarta espécie, epífora por analogia ou proporção, é que vai predominar na retórica posterior porque é a única que faz referência expressa à semelhança. A semelhança parece estar na base de todas as classificações da metáfora.

Note-se que a transposição dos termos opera em pólos lógicos. A metáfora parece surgir de um jogo já regrado de relações. Porém, a metáfora consiste em uma violação dessa ordem e desse jogo; dar ao gênero o nome da espécie significa uma transgressão à lógica da linguagem. Essa idéia de transgressão categorial reserva muitas surpresas²⁸.

São necessárias sempre duas idéias para se fazer uma metáfora. A linguagem metafórica é essencialmente discursiva, e é no discurso que aparece seu “equivoco”, ou seu “erro calculado”.

Por isso, é preciso sempre aquilatar o desvio lógico e a produção de sentido que Aristóteles designa epífora. O desvio lógico em relação a uma ordem lógica já constituída. Enquanto transgressão categorial demonstra a classificação; quando desordena a classificação, ela produz sentido.

²⁷ Em palavra provinda de RICOEUR, posteriormente, apud Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p.37, novos estudos negariam esse jogo, principalmente baseando-se na substituição, pois no caso de reversão ao termo original cessaria o espanto, regra do jogo, e mesmo se mantida a metáfora seria apenas enfeite estéril, sem reação, como, por exemplo um vaso de planta artificial, que não reage à luz, nem necessita de sensibilidade para ser mantida. Falamos em jogo, em sensibilidade, sentido, porque este é o domínio da epífora cessa aí .

²⁸ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora viva*, p. 39.

Há uma aproximação entre conceito epistemológico e conceito poético; por isso a metáfora não é “simples ornamento”²⁹. A metáfora porta uma informação na medida em que re-descobre a realidade.

Gera uma nova ordem produzindo desvios em uma ordem anterior que, entretanto, para Gadamer, permite pensar que há uma metafórica em ação na origem do pensamento lógico e de toda a “classificação”³⁰.

A própria ordem procede de constituição metafórica dos campos semânticos, a partir dos quais há gêneros e espaços. É hipótese impossível se nos fixarmos na definição explícita de Aristóteles de metáfora como epifora do nome, tornando-se por critério de epifora a oposição manifesta entre uso corrente e uso estranho.

Mas, é plausível, se acolhermos a idéia de Aristóteles de que ser metafórico não se aprende nas taxionomias, mas se revela “no engenho natural do poeta”³¹ e que “... bem saber descobrir as metáforas significa bem se aperceber da semelhança”³².

Só quem usa metáforas pode aprender a “metaforizar” e é dom de gênio, isto é, da natureza. Há uma heurística que viola uma ordem para criar outra, que desencontra para reescrever. E “não há regras para inventar”³³. O bem metaforizar, ou a dinâmica da metáfora, repousa na apercepção do semelhante.³⁴

1.1.3 - Metáfora e comparação (*eikōn*). Essa relação é trabalhada na Retórica

Relação rica, pois abre espaço para uma interpretação da “... metáfora em termos de discurso na contracorrente da definição explícita em termos de nome e de denominação”³⁵. O traço essencial da comparação é o discurso

Ricoeur usando a terminologia de I. O Richards,³⁶ admite que a comparação requer dos termos comparados um conteúdo Exemplo de Ricoeur - *Aquiles se lança*;

²⁹ *Ibid.*, p. 40.

³⁰ *Ibid.*, p. 40.

³¹ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 41.

³² *Ibid.*, p. 41.

³³ *Ibid.*, p. 41-42.

³⁴ Cf. *Ibid.*, p. 42.

³⁵ *Ibid.*, p. 43. (O grifo é nosso)

³⁶ Cf. I. O. RICHARDS apud Paul RICOEUR, *A Metáfora viva*, p. 43.

como um leão, ou seja, quando se ele se lança é proclamado pelo autor da metáfora como se fosse um leão

Tal operação de transporte é epífora (transposição de um pólo a outro). Este transporte vai em duas direções:

1º transporte categorial - dar ao gênero o nome da espécie (Aquiles = humano recebe a denominação de um animal= leão) O leão e sua força produzem o desvio e a transposição.

2º transporte analógico - o quarto termo, *leão* é atribuído - Aquiles, por analogia comparativa. A força de Aquiles é comparada à força do leão.

A comparação desmonta a epífora quando buscar explicar o desvio e a transposição metafórica. Na linguagem de Ricoeur a explicação da metáfora abole o jogo de sedução, o epifórico.

Aqui, Paul Ricoeur marca forte sua teoria, já que adere ao que os autores posteriores a Aristóteles negaram nele, isto é "... a subordinação da comparação à metáfora"³⁷.

Se o *eikōn* (comparação) precisa de dois termos, a metáfora por analogia também tem essa necessidade: as duas modalidades dizem "... sempre a partir de dois"³⁸. Assim, nosso lógico clássico, Aristóteles, logrou subjugar a comparação à metáfora³⁹.

1.1.3.1 - O lugar retórico da lexis

Neste ponto, Paul Ricoeur trabalha a extensão da filosofia na linguagem. A filosofia não pode se prevalecer de seu *status*. Por isso Ricoeur a institui como aspecto da linguagem no objeto poético, ou seja, a *Filosofia* como disciplina especulativa aparece na linguagem como *filosofia* (em aspecto performático) e como *poética*.

³⁷ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 43.

³⁸ *Ibid.*, p. 44.

³⁹ Cf. *Ibid.*, p. 46. A subordinação expressa da comparação à metáfora só é possível porque a metáfora apresenta em curto-circuito a polaridade de dois termos comparados: quando o poeta diz Aquiles: *Ele se lança como um leão*, é uma comparação; se ele diz: *Aquiles é um leão*, é uma metáfora. *Como os dois são corajosos, o poeta, pôde, por metáfora (lit. , ao transferir), denominar Aquiles um leão.*

A filosofia da linguagem, que repousa na “lexis,” ou no discurso, tem sua atuação tanto na Retórica, como na Poética de Aristóteles. Cabe aqui mencionar que a Retórica aristotélica não é para Ricoeur aquela “moribunda” ⁴⁰ dos tempos posteriores. Isto porque a retórica de Aristóteles “constituiu”:

... uma esfera distinta da filosofia, na medida em que a ordem do persuasivo como tal permanece o objeto de uma *tecné* específica; mas está solidamente unida à lógica, graças à correlação entre o conceito de persuasão e o da verossimilhança. Uma retórica filosófica - isto é, fundada e vigiada pela própria filosofia - é assim constituída⁴¹.

Aristóteles esboça um desenvolvimento ou enumeração no campo da epífora. A quarta espécie, epífora por analogia ou proporção, é que vai predominar na retórica posterior porque é a única que faz referência expressa à semelhança. A semelhança parece estar na base de todas as classificações da metáfora.

Entretanto, a Retórica aristotélica ainda se distingue da dialética porque:

1- Apesar de deter com ela algumas semelhanças, ⁴² a Retórica aparece em três situações:

a) deliberativa; b) judiciária; c) epifítica, ou seja, aparatosa, demonstrativa com ênfase, cerimoniosa.

2- A retórica envolve a elocução ou “lexis”, porquanto exige um parceiro, não é passiva. Da reação ativa deste interlocutor surgirá à dialética, em um debate ético ou em um diálogo, que se realiza na atividade primordial do ser, que é comunicar-se. No caso da retórica, o - comunicar-se de forma impar desemboca no procedimento metafórico, que se distingue da retórica pura, mas pode auxiliá-la.

3- Por tudo isso, Paul Ricoeur afirma que a retórica aristotélica é diferente da “idéia admitida posteriormente”, que recusa o “combate da palavra” ⁴³. Este

⁴⁰ *Ibid.*, p. 50.

⁴¹ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 50. Observe-se aqui, o conceito de *tecné* aristotélico, em *Ibid.*, p.50, nota 41: “... arquitetura como arte, sendo essencialmente uma capacidade racionada de produzir. (O grifo nosso). RICOEUR afirma em *Ibid.*, p. 50: “... *um tékne é alguma coisa mais elevada que uma rotina ou uma prática empírica e, a despeito do fato de que ela seja concernente a uma produção, contém espírito especulativo*”.

⁴² Cf. *Ibid.*, p. 52. Pelo argumento qualquer um acusa e se defende.

aspecto, difundido nos meios acadêmicos na Antiguidade e posteriormente na Era Cristã, foi abandonado e determinou a morte da retórica

4- Temos ainda, segundo Ricoeur, o traço retórico como fundamento da metáfora e do provérbio. Aristóteles cunhou ainda a definição de retórica: “Faculdade de descobrir especulativamente o que, em cada caso, pode ser próprio para persuadir”⁴⁴.

Ricoeur reconhece uma “teoria propriamente retórica da lexis, e por consequência da metáfora”⁴⁵, constatação que o obriga a mais uma especulação, quando afirma que “infelizmente a teoria de lexis poética é mais avançada do que a do discurso público”⁴⁶.

Ao mesmo tempo em que a retórica expõe a lógica do discurso pela prova, ela aponta para a circunstância da figura na linguagem. Passa daquilo que é dito, a referência, para o como é dito, a atuação elocutória propriamente dita. Diante disso, a figura ganhará força nesse sistema frágil da tecitura do pensamento com a linguagem verbal.

Em Retórica III, Aristóteles declara as virtudes da lexis, na função da palavra pública, o *bem dizer* Elas são basicamente cinco e são referentes à metáfora:

- 1- *Clareza* (III, 2, 1)
- 2- *Calor (oposto à frieza)* III, 3, 1,)
- 3- *Amplitude* (III, 6,1)
- 4- *Conveniência* (III, 7,1) - entendido como adequação, contrário de inconveniência
- 5- *Boas palavras* (III, 10,1)⁴⁷ - segundo seu tratado ético.

Sintetiza a questão do relacionamento retórica –poética- metáfora:

⁴³ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 53

⁴⁴ ARISTÓTELES apud Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 55.

⁴⁵ *Ibid.*, p.55

⁴⁶ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p.57.

⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p. 58, inclusive nota 48.

*Na prosa, tais procedimentos apenas mui raramente são apropriados, pois o tema aqui é menos elevado (III, 2, 1404b 14-15). A linguagem retórica opera como a linguagem poética, mas um degrau abaixo (...) O estilo retórico combinará (...), na devida proporção, clareza, concordância, olhar estranho.*⁴⁸

Esta é uma declaração de ascensão da metáfora, encerrada na lexis poética. Para Aristóteles a metáfora instrui quando similariza elementos no cosmos, o faz elegantemente por ser sintética com vantagem sobre a comparação. A metáfora surpreende, ensina com surpresa, fazendo-se muito agradável.

Retórica e Poética persuadem com leveza, ludicamente, enquanto instruem. Resta-nos, para acompanhar Paul Ricoeur e Aristóteles, analisar a lexis na poética.

1.1.3.2 - O lugar poético da lexis

Com mimesis, a tragédia é “imitação dos homens agindo” (1448 a l a 29)⁴⁹.

A tragédia, originariamente compõe-se de seis elementos:

- 1- Enredo (*mytos*) - conjunto de ações realizadas (*systasis*)
- 2- Caracteres (*éthé*) - coerência no interior do drama.
- 3- Elocução (*léxis*) - o conjunto de versos, ou seja, o texto em si.
- 4- Pensamento (*diánoia*) – o ditame que determina a ação do personagem.

5- Espetáculo (*ópsis*) - a organização total da tragédia literalmente espetáculo

6- Canto (*mélapoia*) (1450 a 7-9) – o efeito total, o maior dos ornamentos⁵⁰.

Tudo gira em redor *do mytos*, o enredo, o que é narrado é contado por espetáculo, canto e lexis, ou elocução. Estes elementos compõem o texto material e elocutório. São elementos constituintes, fazem ligação em circuito. Na tragédia, existe uma relação de continência: a tragédia contém *mytos* (enredo) e nessa mesma proporção, a *lexis* contém a metáfora⁵¹.

⁴⁸ ARISTÓTELES apud Paul RICOUER, *A Metáfora Viva*, p. 58.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 63.

⁵⁰ Cf. *Ibid.*, p. 63.

⁵¹ Cf. Paul RICOUER, *A Metáfora Viva*, p. 63.

Aqui nasce a noção de hermenêutica que, para Aristóteles, é “dia tês onomasias hermeneian”, ou interpretação pelo discurso, Ricouer a denomina de “interpretação lingüística”. Para Hardy, é “... tradução do pensamento pelas palavras”⁵².

A Mimesis

Uma intensa corrente de críticos modernos manifestou-se contra a noção de mimesis aristotélica⁵³, nos seguintes passos:

a- Platão na tradição grega menospreza a cópia na arte, recusando essa prática como um equívoco estético.

b- Para Aristóteles, a palavra *mimesis* é admitida nas ciências poéticas. Assim a mimesis seria uma atividade ligada a algum *fazer*. Portanto imitar, *mimesis* é um *fazer legitimo*, imitando outro *feito*.

b- As diversas espécies literárias (poesia épica, tragédia, comédia, poesia ditirâmica, composição para flauta e lira) são referências para definição da imitação segundo os *meios, os objetos e os modos de imitação*.

c- Das causas aritotélicas pode-se depreender a teoria da tragédia a partir da estrutura quaternária. Tragédia contém seis partes classificadas pelo seguinte critério: pelo objeto da imitação surgem três partes - *mytos, éthé ou enredo, dianóia ou pensamento*; pelos meios, duas - *melos e lexis*; pelo modo a *ópsis ou espetáculo*.

Ricouer pode afirmar que a imitação é *um processo*⁵⁴ de construir *as seis partes da tragédia - da intriga o espetáculo*. Segundo ele, “mais precisamente, é a construção. do enredo que constitui a *mimesis*”⁵⁵. É *estranha* porque *compõe, constrói* aquilo que imita, ou seja, dá-se a imitação da realidade no processo de encenação. É esse ponto que esclarece o todo tragédia que se compõe de caracteres (ethé), formando o enredo, a sequência, encadeamento de ações. Esse todo é mimesis. O estrito desempenho dos atores, pelo roteiro, argumento etc, constrói a

⁵² *Ibid.*, p. 64.

⁵³ Cf. *Ibid.*, p. 65, notas 58-60.

⁵⁴ Cf. *Ibid.*, p. 67, nota 65.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 68.

ficção, inesperada em práticas sociais realmente acontecidas. A representação e as interpretações dos personagens não reais espelham uma realidade, uma phisis, uma ontologia.

Mas o representado a partir do real sofre uma disfunção quando passa da história para a filosofia. A história é relato, ela entra na tragédia na qual as vivências são verdadeiras e os personagens, ficção. Na poesia, a filosofia é o modo de expressão *mais universal*⁵⁶, do universal, da tendência espontânea, *verossímil*⁵⁷ a todo vivente da espécie, como falar, contestar, amar, odiar, temer.

Desta operação filosófica surge mediação entre a ação humana e o trabalho do criador. Surge a *mimesis*, e o poeta, seu autor, aparece como um *artesão de enredos*⁵⁸ (1451b 27-29). Surge ainda o entendimento proporcionado por esta espécie diferente de imitação que tem por característica *aclarar*⁵⁹. E quando *aclara*, também ensina, unindo o prazer da imitação ao prazer de aprender⁶⁰.

Junção evolutiva, sem dúvida que desenha o contorno do homem em transformação. Este constituirá o segundo traço da *mimesis* (1448 a17-18), fundamento da metáfora.

Essa imitação *sui generis*, incomum, *paradoxal* constitui uma das bases da metáfora.

Passa pelo processo de:

- 1- *Submissão à realidade*
- 2- *Invenção de enredo*
- 3- *Restituição e sobrelevação*⁶¹ do real.

Para Aristóteles o *desvio* acaba por criar um paralelismo entre o modo de ser do *mytos* do poema e o da metáfora, pois no poema há sobrelevação, e o mesmo se dá com a metáfora, no nível das palavras. Esta nova correlação provocará a aproximação de *mytos*, *metáfora* e natureza aproximando a poesia da metafísica.

⁵⁶ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 68.

⁵⁷ Cf. *Ibid.*, p. 68.

⁵⁸ Cf. ARISTOTELES apud Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 69.

⁵⁹ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 68-69.

⁶⁰ Cf. *Ibid.*, p. 68, nota 67.

⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 70.

Do mundo da imitação criativa (*mimesis*), a natureza torna-se referência concreta. A composição poética, vista como ciência do fazer imaginário, em Aristóteles tornou-se autônoma (*πολεiv= poien*). O enredo apresenta essa realidade autônoma e mostra a imitação do real em atitude consciente do que hoje chamamos de ficção - um trabalho real, vivo, existente.

Nessa linha de pensamento, Ricouer termina o capítulo I da *A metáfora Viva*. Ele conclui que as fases servem de referência à *mimesis*, podem ser traduzidas por natureza, *physis*. Tanto *mimesis* como *physis* adquirem significações inerentes, imbuídas do atributo da criação; a *mimesis* é como imitação re-criadora e *physis* como natureza representa os sentidos humanos, havendo nesse intercâmbio a sobrelevação do real para o imaginário.

Paul Ricouer instala a partir dessa aproximação o que ele chamará de **metáfora viva**. A *physis* para o grego é viva, enquanto que metáfora acontece quando se *põe sob os olhos*, em ato, as coisas reais. Por isso, a Poética é narrativa de ações.

A *mimesis*, que é imitação criadora, se posta como *mytos*. Ela é reveladora. Dito isto, a correlação desta imitação reveladora com a *physis* grega em ação ultrapassa a simples lexis ou discurso. A *mimesis phiseós* é uma função reveladora do ato – o Real .

A *physis* ,na *mimesis physeós*, surge como Poética, semelhante à função ontológica do *discurso metafórico*.⁶² Apresentar homens *agindo*,⁶³ e todas as coisas *em ato*,⁶⁴ é fazer discurso agente, de uma existência agente. Segundo Ricouer é *expressão viva, de uma existência viva*.⁶⁵

Esta base teórica confirma aquilo que a hermenêutica depreende das operações metafóricas e do discurso poético - um trânsito de significações, um lance de jogo, que faz a sintaxe de toda a situação do evento da linguagem expressiva.

Esse pensamento integra a atividade filosófica como essência do discurso poético que é a metáfora.

⁶² Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 75.

⁶³ Cf. *Ibid.*, p.75.

⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p.75.

⁶⁵ Cf. *Ibid.*, p.75.

1.2 - A leitura que Michel Le Guern faz de Roman Jakobson: dois recursos incorporados por Paul Ricoeur na defesa da semelhança, no Estudo VI de *A metáfora viva*

A Lingüística surge com o estatuto de ciência a partir do livro *Curso de Lingüística Geral*, de Ferdinand Saussure, e vai sofrer acréscimos de Roman Jakobson em *Lingüística e comunicação*⁶⁶. Provém de Jakobson e Saussure o par combinação/seleção.

Por “combinação,” Jakobson quis expressar a aproximação de unidades lingüísticas, formando signos (palavras), expressões (arranjos de palavras) e frases (menores ou maiores, com sujeito e predicado, ou então constituídos de uma única palavra, ou de várias orações) que são frases que identificam os actantes e as ações. Essas combinações formam o que Jakobson chama de “uma unidade superior”⁶⁷.

Neste movimento combinatório, surge outro, em outra direção oposta à horizontal (que obedece ao sentido ocidental da escrita). Esta surge em sentido vertical, formando um eixo ortogonal, isto é, em forma de ângulo reto. É o eixo da seleção, que é representado por sinônimos, e por termos que ficariam fora da horizontalidade, mas podem substituir os termos combinados. Entretanto, necessariamente, para justificar a substituição, não devem ser concomitantes. Este é o eixo ortogonal da seleção.

Segundo Ferdinand Saussure⁶⁸, por uma orientação lógico-ontológica, a combinação é chamada relação que une os termos *in praesentia* (já que nela todos os signos estão linearmente colocados), e a seleção, obedecendo à mesma orientação é chamada relação que une os termos *in absentia*, em uma *serie mnemônica virtual*⁶⁹. A unidade acontece *in absentia* porque, segundo Ricoeur, “... concerne a entidades associadas no código, mas não na mensagem dada,

⁶⁶ Cf. Roman JAKOBSON, *Linguística e comunicação*, p. 39-40.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 39.

⁶⁸ Cf. Ferdinand SAUSSURE, *Cours de linguistique générale*.

⁶⁹ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 270.

enquanto, no caso da combinação, as entidades são associadas nos dois, ou somente na mensagem efetiva ⁷⁰.

Ricoeur continua: quem diz seleção entre termos alternativos, diz possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente do primeiro sob um aspecto, e diferente sob outro aspecto. Seleção e substituição são duas faces da mesma operação ⁷¹.

Para Jakobson, o eixo da “combinação” de Saussure é metonímico, enquanto que o dá “seleção” saussuriana é o metafórico. Nesta concepção, Jakobson toma o direcionamento de que os significantes recebem a influência do eixo virtual da seleção e da substituição. Isso é um avanço, pois a tradicional concepção de Saussure, instauradora da lingüística, não contemplava a virtualidade da seleção, que atinha-se ao sentido combinatório do sintagma. A partir, ainda, do par *metáfora* / *metonímia* de Jakobson, Ricoeur evolui o pensamento para o par *sintaxe/semântica*, como veremos adiante. ⁷²

A combinação para Jakobson constitui um arranjo sintático. Esse adjetivo vem do substantivo *sintagma*, que é o nome dado a um *termo* na oração. Sabemos que um *termo funda-se* em referências. Podem ser nominais ou verbais, que são os principais sintagmas constitutivos de uma oração.

táfora é um jogo de invenção, um arremesso direto à imaginação do receptor, posto que as informações apelam para o imaginário. Por isso, Paul Ricoeur diz que é preciso procurar o *segredo da metáfora* ⁷³. Surge, neste ponto, uma constatação que deslocará o foco de Ricoeur com relação a Jakobson.

A ruptura de Ricoeur com Jakobson ocorre porque a concepção deste não distingue sentido e referência. Ricoeur faz vários elogios ao par jakobsiniano - combinação /seleção -, mas tece também várias críticas. E acredita que os vários pontos fracos de Jakobson possam ser superados recorrendo a Le Guern, que reinterpreta o par combinação/seleção. Duas contribuições são escolhidas deste pensador. Nos parágrafos seguintes vamos examiná-las.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 270.

⁷¹ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 270.

⁷² Adotamos aqui um esquema, por entendermos que a representação iconográfica seja outra linguagem capaz de orientar a leitura do parágrafo, uma vez que a nomenclatura da Lingüística é copiosa e traça diferenças sutis:

⁷³ Cf. *Ibid.*, p. 278.

1.2.1- A primeira contribuição de Le Guern

Le Gern observou que Frege⁷⁴ considera duas categorias lingüísticas diferentes nos aspectos para o qual Jakobson vê indiferença⁷⁵. São as categorias de sentido e referência. Por sentido, devemos considerar o valor de cada lexema do código, ou seja, cada signo lingüístico e sua estrutura material que detém uma informação contedística, que informa algo. Por referência devemos entender a relação geral desses signos que expressam a realidade da mensagem, a intenção do seu autor.

A categoria *referente* diz o compromisso com a lógica. A categoria *referente* diz o compromisso com a lógica. No exemplo acima, com relação à *vela de navio*, na frase A, o autor ou referente usa o verbo rasgar logicamente, coerente com tecido-matéria prima do componente de uma embarcação de tipo veleiro. O mesmo se dá com a frase B, na qual o referente quer significar a cera da vela, instrumento de iluminação. Diz Ricouer com Le Guern que a metáfora só concerne à substância da linguagem, isto é, às relações de sentido e a metonímia modifica a própria relação referencial.

Diz Ricouer com Le Guern que a metáfora só concerne à substância da linguagem, isto é, às relações de sentido e a metonímia modifica a própria relação referencial.

Segundo Ricouer, “a vantagem nessa interpretação é que ela libera inteiramente uma análise em termos de sentido, do jugo da lógica que prende a ordem do referente”⁷⁶.

Essa lógica não acontece na outra categoria, a do sentido, pois o trunfo da metáfora é justamente quebrar essa lógica. Desta forma, poderíamos criar uma metáfora acerca das velas do veleiro consubstanciada pelo contexto e em um forte

⁷⁴ Cf. G. FREGE, *Sens et dénotation*, in *Écrits logiques et philosophiques*.

⁷⁵ Código e discurso. O código considera a questão do significante e do significado do signo lingüístico, (por signo lingüístico entenda-se palavra). Signo linguístico é uma convenção e permite o código das diversas línguas (Português, Inglês, Romeno), originadas de vários troncos (latino, nórdico) modificados por aspecto culturais. Esses signos, entretanto, são submetidos à organização linear da escrita, adquirindo uma *função*, já que formam a cadeia falada ou a cadeia do discurso. Emile GENOUVRIR; Jean PEYTARD, *Lingüística e Ensino do Português*, p.167-168: “Os signos formam então uma mensagem cujo sentido depende ao mesmo tempo de seus respectivos significados e da função que desempenham”.

⁷⁶ Paul RICOUER, *A Metáfora Viva*, p. 278.

atentado à lógica. Por exemplo, se dissermos da seguinte forma, no contexto geral que se segue: *O vento castigava de tal forma o veleiro em alto-mar que as velas **derretiam**-se sob sua ação.* Neste caso, a experiência de mundo que norteia a lógica fica apagada no estranhamento da metáfora. O mecanismo da metáfora coloca em jogo as mudanças de significação que encerram apenas as coordenações internas, intralingüísticas, dos semas⁷⁷ que constituem os lexemas empregados.

Se eliminamos da metáfora o jugo da lógica que preside a ordem do referente, a operação de relação, que é própria da metáfora, pode ser aplicada diretamente à análise sêmica, interna ao texto lingüístico. Este tem parentesco com as operações de caráter metalingüístico, aplicadas ao código, idéia esta que Le Guern e Ricoeur acolhem de Greimas, em sua obra *Semantique structurele. Recherche de méthode.*⁷⁸

Nesta base, a metáfora pode se explicar "... pela supressão (...) ou pela colocação entre parênteses. de uma parte dos semas constituintes do lexema empregado"⁷⁹. Essa *colocação entre parênteses* significa que o mecanismo metafórico produz o desvio semântico, para na correlação paradigmática, surgir o surpreendente, pois, atinge a compreensão por meio de uma aproximação inovadora.

Já a metonímia introduz uma "escolha sintagmática", que faz sair (extrapola) dos limites das estruturas paradigmáticas interiores à linguagem. Diz Ricoeur sobre a metonímia: "... é sempre necessário recorrer a uma informação fornecida pelo contexto e interpolar essa informação no enunciado, que surge então como uma elipse"⁸⁰.

Diante da metonímia contida na frase: *A coroa ordena*, o contexto dado pelo verbo que exprime poder, invoca a figura do rei, cujo símbolo forte está no

⁷⁷ *Sema* é um sinal, que só significa pela circunstância pela qual surge, uma significação percebida, no caso da metáfora são dois semas desarticulados logicamente, que passam a fazer parte do mesmo semema - um conjunto de semas que articulam um significado, enquanto que lexema é a unidade lingüística dotada de significado léxico, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralingüístico mediante a linguagem. Assim, em *amor, amante, amar, amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série. Evanildo BECHARA, *Moderna Gramática Portuguesa*, p. 54.

⁷⁸ Cf. Algirdas J. GREIMAS, *Semantique structurele Recherche de méthode*.

⁷⁹ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 279. (Grifos do autor)

⁸⁰ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 279.

substantivo coroa que inclui uma elipse⁸¹. É isso que Ricoeur quer dizer quando afirma estabelecer *uma conexão entre uma entidade lingüística – coroa - e uma realidade extralingüística* -- coroa como a representação simbólica concretizada no aparato físico. A coroa material, de ouro, pedras etc, contém uma elipse (ou em oculto) a representação mental do objeto material que é o poder⁸².

Portanto, o nível em que opera a metonímia consiste em um “... deslizamento de referência entre dois objetos ligados por uma relação extralingüística, revelada por uma experiência comum que não está ligada à organização semântica de uma língua particular” (grifo nosso)⁸³. A metonímia não se restringe a características lingüísticas pertinentes ao regime lingüístico deste ou daquele idioma. Ela representa uma situação criada pela perspicácia do falante de qualquer língua. A perspicácia, desnecessário dizer, é a atuação da condição humana.

A outra posição de Le Guern é agora a reinterpretação que possibilita integrar a sinédoque na metonímia e assim preservar a bipolaridade de Jakobson; em vez de três figuras ou tropos- metáfora, metonímia e sinédoque, só permanecem as duas primeiras. Porém, apesar de ter admitido a princípio que a reinterpretação de Le Guern resolveria as dificuldades deixadas por Jakobson⁸⁴, Ricoeur acredita que essa reinterpretação apresenta novas dificuldades sem resolver as primeiras e se declara perplexo com a ligação que ele estabelece entre combinação sintética e função referencial.

Afirma que percebe aí certa ambiguidade, e se pergunta por que o mesmo caráter bivalente da função referencial não poderia ser encontrado na operação metafórica⁸⁵. Pergunta ainda por que a metáfora não faria intervir também a um só tempo uma “composição sêmica interna à linguagem”⁸⁶ e a correspondência com uma realidade exterior à mensagem

⁸¹ Por elipse entende-se em uma frase uma informação que fica evidente sem um referente explícito, devido a sua organização que antecipa a informação. É o caso de: Sou mais alto do que você (é). Houve supressão da segunda forma verbal porque o grau comparativo de superioridade adiantou a informação que aparece em nosso exemplo entre parênteses.

⁸² Cf. *Ibid.*, p. 279. RICOEUR aqui está comentando GREIMAS, à página 15 de *Semantique structurele*.

⁸³ *Ibid.*, p. 279. (O grifo é nosso)

⁸⁴ Cf. *Ibid.*, p. 280.

⁸⁵ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 280.

⁸⁶ Em linguagem bem metafísica, podemos explicar que RICOEUR pergunta aqui por que os sinais significativos convencionais os dois pólos da metáfora não correspondem àquilo que se tem a intenção de dizer. Porque há o jogo do estranhamento? Na verdade ele está instigando o seu leitor à

Os próprios autores da *Rethorique Générale*, estudiosos do Grupo de Liege, introduzem a consideração do objeto na constituição sêmica. Se for submetida a uma análise puramente lexemática, a metáfora seria somente um fenômeno de abstração. Mas Ricouer lembra que a metáfora vai além e *designa* ponto de chegada de um processo que põe em jogo a dinâmica do enunciado inteiro⁸⁷ E diz mais ainda, com base em Greimas, que “não haveria metáfora se não houvesse um desvio entre o sentido figurado de uma palavra e a isotopia do contexto”⁸⁸, isto é, a homogeneidade semântica de um enunciado ou de uma parte do enunciado.

O mecanismo da metáfora explica-se por dois lados: primeiro, do ponto de vista da produção da mensagem, ela explica-se pela reserva de uma parte dos semas constitutivos *do lexema empregado*. Segundo ele, explica-se:

... pelo ponto de vista da interpretação da mensagem pelo leitor ou ouvinte, e aí a consideração do contexto se impõe, pois a interpretação da metáfora apenas é possível caso primeiro se aperceba a incompatibilidade do sentido não figurado do lexema com o restante do contexto.⁸⁹

Aí reside uma diferença com a metonímia, cujo lexema que a forma não é considerada em geral como estranho à isotopia do contexto. Surge aí, na trama dessa análise, a distinção definitiva entre a metáfora e a metonímia. Nesta última, os significados mantêm certa proximidade, são similares, até porque surgem por eclipse, conforme já discutimos.

A metáfora para ser *viva* e produtora de imagem, deve surgir imediatamente como estranha, incompatível à isotopia, ou seja, à homogeneidade do texto no qual se insere. Por isso, para interpretar a metáfora é necessário eliminar do sentido comum os traços incompatíveis com o contexto.

A incompatibilidade semântica desempenha o papel de um sinal que convida o destinatário a selecionar entre os elementos expostos e entre os elementos de

questão seguinte de *A Metáfora Viva*. Trata-se de uma contestação ao que ele acaba de analisar; a composição sintática e a função referencial

⁸⁷ Cf. *Ibid.*, p. 281.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 281. Ou seja, RICOUER está afirmando, por meio de GREIMAS, que existe no universo da metáfora o desvio que estranha, mas ao mesmo tempo aponta a semelhança nessa estranheza.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 280.

significação constituídos do lexema, aqueles que não são incompatíveis com o contexto. A incompatibilidade semântica não é apenas um sinal para a interpretação, mas um componente da própria produção da metáfora.

A consideração do contexto na própria produção da figura metafórica está presente em todo o tipo de metáfora; metáfora nominal, metáfora adjetivo, metáfora verbo. Toda a incompatibilidade semântica torna-se “... um momento essencial da produção da metáfora”⁹⁰.

A necessidade de incorporar a ruptura da isotopia à própria definição de metáfora é ainda imposta pela análise de Le Guern⁹¹ da diferença entre metáfora e comparação. Esta discussão só é possível pondo em jogo o papel da isotopia. A comparação quantitativa (maior do que, menor do que) permanece na isotopia do contexto (só se comparam coisas comparáveis). A comparativa, por similitude (é igual a) apresenta o mesmo desvio que a metáfora em relação à isotopia⁹². Em ambas, o papel da isotopia é sempre fundamental. O desvio em relação ao contexto não é somente um sinal que orienta a interpretação, mas um elemento constitutivo da mensagem metafórica. A especificidade do semântico em relação ao lógico só se mantém se o semântico retém em sua constituição própria as incompatibilidades e as compatibilidades próprias a seu nível e irredutíveis ao que a lógica da comparação põe em jogo.⁹³

A relação entre denotação e conotação é a última razão para incorporar a mudança de isotopia à definição de metáfora. Para Le Guern, na metáfora combinam-se um fenômeno puramente denotativo - o mesmo que se definiu por “redução sêmica”⁹⁴ e um fenômeno da conotação⁹⁵, exterior à função propriamente lógica ou

⁹⁰ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 281.

⁹¹ Cf. *Ibid.*

⁹² *Isotopia*, pelo prefixo *iso* expressa o mesmo. Porém a analogia da metáfora diz um esmo de outro jeito. A isotopia do contexto, portanto refere-se ao significado, que diz o mesmo de outra forma, abrangendo toda a significação contextual criada pela metáfora maior do texto.

⁹³ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 283.

⁹⁴ Diante do leque de significações que se abre em uma conotação, há a escolha de uma, que passa a dar ao leitor da metáfora o sentido exato, aquele que faz voltar à denotação, após a aventura da metáfora. Supõe-se o conhecimento do leitor do trabalho que se metaforiza porque há uma expressão inusitada daquilo que se quer dizer. Uma vez dita, interpretada, a compreensão vem por uma nova denotação, que percorreu a aventura da seleção entre as várias possibilidades de interpretação no processo de conotação. Quando se escolhe apenas uma, com a volta da denotação dá-se a redução sêmica.

⁹⁵ Conotação, para JAKOBSON e os Linguistas de sua escola é, na mais clássica definição uma palavra (signo lingüístico para SAUSSURE) ter vários significados diante de contextos diferentes. Por exemplo: sorriso *doce* expressa meigo, atraente, agradável. No entanto, a mesma palavra, o adjetivo

informativa do enunciado; na metáfora A função conotativa exprime-se no papel de *imagem associada*, que é, portanto, uma conotação psicológica e, além disso, uma conotação não livre, mas imposta. Este fator nada acrescenta à informação propriamente dita da mensagem, com efeito, *a ligação entre abstração sêmica e evocação de uma mensagem associada se faz pela introdução de um elemento estranho à isotopia do contexto.*

Mas Ricoeur pergunta: como saber isso se o destino da isotopia não é levado em consideração na definição de metáfora?⁹⁶ Ele termina essa primeira parte dizendo que essa reinterpretação de Le Guern⁹⁷ a Jakobson conduz a mesma exigência de crítica que foi feita à posição deste, isto é, ao par seleção / combinação, porque substitui o fenômeno da redução sêmica pelo termo de processo de um caráter basicamente sintagmático, que afeta um enunciado inteiro.

A metáfora percebe-se, depois de realizada, cria uma nova denotação, um novo sentido próprio por meio da redução sêmica. A conotação criaria uma imagem associada, de origem psicológica e, essa, a imagem criada pela conotação seria imposta, já que houve, conforme Aristóteles uma persuasão por parte do autor da metáfora.

1.2.2 - A segunda contribuição de Michel Le Gern, um novo acréscimo às teses de Jakobson e a posição de Ricouer.

Além dos acréscimos jakobsianos, Ricouer afirma que uma semântica da metáfora e da metonímia tem ainda por tarefa situar a metáfora em relação ao conjunto de procedimentos fundados sobre a similaridade, que são de uma parte o símbolo e a sinestesia, e de outra parte, a comparação.

doce, se for usado em sentido próprio, ou denotativo será entendida como *adoçado*, como contrário de salgado ou amargo. JAKOBSON diz que na conotação há um leque de significados para cada constituição material (sons e letras) dos signos lingüísticos. A denotação estabelece diferença com a conotação porque ela terá apenas um significado. Rudimentarmente diz-se que a denotação é a linguagem dos documentos, enquanto que a conotação é a linguagem dos poemas.

⁹⁶ Paul RICOUER, *A Metáfora Viva*, p. 283.

⁹⁷ A primeira descoberta de Le Gern, entretanto culmina com a convicção de que na metáfora combinam-se as noções de JAKOBSON, o sentido próprio e o sentido figurado, que oferecem um leque de comunicações possíveis e, por isso passíveis de redução sêmica, segundo LE GERN.

Le Gern difere de Jakobson porque, para ele a questão da semelhança não é regulada pelos procedimentos de seleção. Aliás, diz Ricoeur⁹⁸, *a noção de similaridade não é introduzida por ocasião do estudo da seleção sêmica, porque não consiste tanto numa seleção no seio de uma esfera da similaridade, (como em Saussure) nem na reorganização da concepção sêmica (como em Greimas)*. Diz Ricoeur que a questão da semelhança é mais bem exposta pelo procedimento positivo que equilibra o fenômeno mais precisamente negativo da abstração sêmica, a saber, o funcionamento da imagem associada do qual, acabamos de dizer, resulta da conotação e não da denotação, no entender de Jakobson⁹⁹

Ricoeur, mais a frente, no seu estudo, vão apontar que a semelhança se incorpora ao dinamismo de todo o enunciado. Porém, adianta que numerosos traços dessa análise são antecipados no quadro de uma teoria de substituição pelo jogo da denotação e da conotação¹⁰⁰. E julga importante, na discussão presente, que a analogia seja introduzida no mesmo tempo que a imagem associada como relação entre um termo pertencente à isotopia e um termo que não pertence à isotopia, à imagem

Com efeito, diz Ricoeur, apoiado em Le Guern, que a maneira pela qual a imagem opera em relação ao núcleo lógico ou denotativo da significação é que permite ordenar o conjunto dos fatos de linguagem que resultam da similaridade. E Ricoeur observa que Le Guern usa a palavra analogia dando-lhe o mesmo significado que Ricoeur atribuía à similaridade. Diz também que essa contribuição de semântica de Le Guern é sem precedente e insubstituível¹⁰¹

O processo de exclusão sêmica não compatibilidade com o contexto merece por parte de Ricoeur novo tipo de interesse. Ele considera obscura a visão de Le Gern entre interpretação e produção, na relação entre dinâmica do enunciado e seu efeito no nível da palavra. Ele passa a discorrer sobre os três elementos ou fenômenos associados à similitude

1- No símbolo (exemplo tirado de Péguy: *a fé é uma grande árvore*) existe uma correspondência analógica pela qual o símbolo representa outra coisa. E essa correspondência repousa sobre uma relação extralinguística que põe em jogo, para

⁹⁸ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*.

⁹⁹ Cf. *Ibid.*, p. 284.

¹⁰⁰ Cf. *Ibid.*, p. 284.

¹⁰¹ Cf. *Ibid.* p. 284.

desenvolvê-la, a representação mental da árvore (no exemplo dado) e é essa percepção da imagem que sustenta a comparação lógica do enunciado; em outras palavras, o símbolo é uma imagem intelectualizada ¹⁰².

Ricoeur aqui adota Le Guern dizendo que a *imagem* serve de base a um raciocínio por analogia que continua implícito, mas continua necessário à interpretação do enunciado.

Interpretando Le Guern, Ricoeur afirma que o símbolo liga-se à metáfora por analogia, o que corresponderia à metáfora proporcional de Aristóteles. Mas esse processo é diferente da metáfora propriamente dita, pois, nesse caso, *a seleção sêmica não repousa sobre a evocação da imagem* (“A imagem metafórica não intervém na textura lógica do enunciado”) ¹⁰³. E diz Ricoeur: “é nesse sentido que a metáfora é associada. Nenhum apelo é feito à lógica consciente de raciocínio por analogia”¹⁰⁴ *Em razão disso ,quando a metáfora se torna usada*¹⁰⁵, “a imagem não entra em denotação, mas tende a atenuar-se a ponto de não ser percebida”.¹⁰⁶

2- No que tange às sinestésias¹⁰⁷, elas repousam sobre analogias puramente perceptivas, entre conteúdos qualitativos dos diferentes sentidos. O exemplo é o de *Sonnet des voyelles, Soneto das vogais*, de Rimbaud, no qual haveria uma sinestesia entre vogais e cores. Do que foi dito, Ricoeur concluiu pela existência de três modalidades de analogia. Uma analogia semântica da metáfora,

¹⁰² Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 285.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 285.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 285.

¹⁰⁵ Algumas metáforas ou dizeres passam ao uso coloquial desfazendo a imagem pelo uso. Ela literalmente se *gasta*, e, dentro do ambiente cultural onde foi desgastada, passa a dispensar a denotação, por ameahá-la na dinâmica do uso. Uma metáfora *surrada* desclassifica-se se tornando denotação. Como dentre milhões de exemplos que proferimos dia a dia está para o ambiente cultural paulista a expressão *de primeira viagem*. A expressão original é *marinheiro de primeira viagem*, mas essa locução adjetiva que integra a expressão na totalidade aparece em qualquer situação de iniciante, a qualquer âmbito. Usualmente se ouve: Pai de primeira viagem; vendedor de primeira viagem. Neste caso, a metáfora protótipo usada (*marinheiro de primeira viagem*) por analogia acaba por provocar uma ruptura lógica, já que *viagem* não é atividade necessária de *pai*, e apesar de *por sob os olhos*, como quereria ARISTÓTELES, o é por vício, nunca pelo belo, já que se trata de uma ruptura lógica sem estranheza.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 295.

¹⁰⁷ Sinestesia é outro tipo de metáfora ou tropo. Consiste em aproximar ,na mesma expressão sensações percebidas por diferentes órgãos dos sentidos. Como na metáfora trata-se de relacionar elementos de universos diferentes. Cf. Heli de Seixas GUIMARÃES; Ana Cecilia LESSA, *Figuras de Linguagem, teoria e prática*. A essa definição gostaríamos de acrescentar que para haver sinestesia as sensações precisam ser estranhadas, como na expressão : *perfume doce* . Aqui trata-se de uma sinestesia porque o adjetivo doce refere-se a um substantivo pertencente a um campo semântico do campo olfativo , e ,no entanto está adjetivado no campo do paladar .

que deve ser situada entre a analogia extralinguística e a lógica do símbolo, e a analogia intralinguística e perceptiva, da sinestesia.

3- A comparação. A distinção entre metáfora e comparação é outro elemento que eclode a especificidade da analogia semântica. Trata-se da semelhança qualitativa (*igual a*) e não da quantitativa (mais, menos, tanto quanto). A metáfora não é uma comparação abreviada. A similitude, (semelhança) tem mais parentesco com a metáfora do que com a comparação quantitativa; as duas rompem a isotopia do contexto, mas não a restabelecem do mesmo modo. *Na similitude, (exemplo de Ricoeur, Tiago é estúpido como um burro) não há transferência de lugar, todas as palavras guardam seu sentido, e as próprias representações permanecem restritas e existem com um grau quase igual de intensidade* ¹⁰⁸.

Por isso, não é percebida nenhuma incompatibilidade sêmica; os termos, permanecendo distintos, guardam seus atributos essenciais, não sendo necessário levar mais longe a *abstração sêmica* ¹⁰⁹. Também o acompanhamento de imagens pode permanecer rico e as próprias imagens muito coloridas. Já na metáfora é essencial a percepção de uma incompatibilidade para a reinterpretação da mensagem. Na metáfora *in praesentia*, a incompatibilidade é expressa (*Tiago é um burro*); na metáfora *in absentia*, ela é implícita (*que burro!*). Mas, mesmo implícita ela motiva ainda a interpretação figurada. Aqui vem uma importante afirmação de Ricoeur:

A analogia é formalmente a mola comum à metáfora, ao símbolo e à comparação – similitude, mas a ordem de intelectualização segue uma ordem de crescimento da metáfora ao símbolo e desta à similitude. A relação analógica é um instrumento lógico na comparação, mas é de ordem semântica e não lógica quando apresenta uma imagem ¹¹⁰

¹⁰⁸ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 286.

¹⁰⁹ Para Eric BUYSENS, *Semiologia e Comunicação Lingüística*, p. 43: “Isolar pelo pensamento o que não está isolado no objeto do pensamento é *justamente abstrair*. O macaco é capaz de não levar absolutamente em conta aquilo que percebe: dirige sua atenção unicamente para a característica que lhe é momentaneamente útil reconhecer, aquela que preenche uma função em seu comportamento (..) Vemos assim que o processo de abstração *não está de modo algum ligado à existência das palavras*. (O grifo nosso). *Ibid.*, p. 47 O objeto da semiologia não é exatamente o ato sêmico, o semiólogo dele extrai um sema. Diante destas duas definições podemos concluir que abstração sêmica, no contexto que aqui analisamos é isolar um ou os dois pólos da metáfora, para nele reconhecer o estranhamento que cria a figura. No caso da comparação não há necessidade disso, porque os dois pólos estão explícitos

¹¹⁰ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p.286.

Para o Semiólogo, a analogia é o contrário da abstração. Se, como já observamos em nota acima¹¹¹ abstrair é isolar um conceito, então analogia é relacionar dois conceitos. É bem isso que Ricoeur afirma. A comparação exige menos analogia porque os pólos estão explícitos, basta deduzir. Na metáfora, e depois no símbolo, há necessidade de maior abstração para interpretar o estranhamento metafórico e a especificidade da cristalização de um símbolo em um dado objeto.

No símbolo, a transferência do pólo objeto para o pólo significado é ainda maior. Por isso, na última linha da citação em questão aparece a relação semântica¹¹², porque o significado precisa ser interpretado, não está dado por dedução¹¹³. Não há relação explícita de *Pedro e burro*, no exemplo de Ricoeur. A comparação aí não é lógica, é semântica ou interpretada.

Le Guern sugere que a analogia semântica surge como a contrapartida da incompatibilidade semântica. Ela é imposta como o único meio de suprimir a incompatibilidade semântica. Enquanto a comparação lógica continua, por definição, na isotopia do contexto, como observamos anteriormente, só se compara o que é comparável, a analogia semântica instaura uma relação, diz Le Guern entre um elemento pertencente à isotopia do contexto e um elemento que é estranho à isotopia e, por esta razão, produz imagem.¹¹⁴ Por produzir imagem entenda-se fornecer uma representação a ser interpretada.

Ricoeur ressalta que esta é a afirmação mais importante da obra de Le Guern. Entretanto faz a seguinte ressalva: ela só pode ser valorizada em uma teoria da metáfora-enunciado, e não na metáfora – lexema. Isso fica evidente porque modernamente encara-se a mensagem total de um texto como a metáfora do texto –

¹¹¹ Cf. *Ibid.*, p. 286, nota 137.

¹¹² Cf. Eric BUYSENS, *Semiologia e comunicação Lingüística*, p. 60: “2- Ponto de vista semântico. A classificação sensorial separa semias estreitamente relacionadas . a saber ,o discurso e a escrita: a escrita transforma a semia auditiva , que é o discurso , numa semia visual , que goza de quase todo o aperfeiçoamento da semia auditiva e possibilita a comunicação em circunstâncias em que é impossível a fala. A escrita aqui ,tomada como a imagem da fala explica a questão da ordem semântica e não lógica na metáfora, quando os pólos estão distantes e sofreram ruptura e isso acontece ainda mais intensamente no símbolo. Portanto, a interpretação exige a leitura dos semas, uma leitura por semântica. (O grifo é nosso)

¹¹³ Isso fica mais claro quando constatamos a seqüência da consideração de BUYSENS: A escrita não estabelece um liame direto entre o sema e a mensagem. Quando lemos a escrita, substituímos as letras pelos fonemas do discurso e é a partir destes que chegamos à significação. Ora, no símbolo há também uma transposição do objeto para uma significação, como por exemplo a cruz, símbolo da cristandade, e menor intensidade na transposição de um pólo a outro na metáfora.

¹¹⁴ Cf. Paul RICOEUR. *A Metáfora Viva*, página 289, nota(15) 140 e (16) 141.

enunciado. Ricouer anuncia à seqüência do estudo - a imagem receberia seu estatuto semântico quando não for apenas vinculada á percepção do desvio, mas também a sua redução, isto é, à instauração da nova pertinência, cuja redução de desvio no nível da palavra é somente um efeito¹¹⁵.

Ricouer encontra limitação na teoria de Le Guern.

Por isso pretende ampliar o entendimento do estatuto da imagem e a noção de imagem associada. Não nos causa surpresa a intenção de Ricouer, pois é a tônica dos filósofos, expandir, adaptar, polemizar a teoria precedente sob apelo da própria filosofia.

As posições de Le Guern definem a imagem, sobretudo *por sua negação à isotopia; ela é denominada um elemento que é estranho a essa isotopia; seu papel é assimilado ao emprego de um lexema estranho à isotopia do contexto*. Essa estranheza é um traço constante da imagem de Buysens, a imagem surge como um apelo à interpretação e elaborar os parâmetros desta tarefa da abstração sêmica¹¹⁶.

Esta definição negativa de imagem não satisfaz Ricouer porque deixa suspensa sua iconicidade. Isto passa a ser a nova contestação de Ricouer a Le Guern. Segundo este último, antes a imagem é uma representação mental estranha ao objeto da informação que motiva o enunciado, ou outros, um lexema estranho á isotopia do contexto imediato. Daí a questão de Ricouer: em que sentido a imagem é simultaneamente representação e lexema?¹¹⁷

Também observa Ricouer que em Le Guern o caráter *associado* da imagem permanece suspenso, o que suscita essa questão: ele é um traço psicológico ou um traço semântico?

Se a imagem é vinculada do exterior ao conteúdo de significação, como ela pode contribuir para suprimir a incompatibilidade semântica? Como uma analogia pode produzir imagem? Em que a analogia em curso na metáfora pode ser chamada de semântica?¹¹⁸

¹¹⁵ Aqui RICOUER, em *A Metáfora Viva*, menciona os limites do desvio dado a partir do estabelecimento da nova pertinência.

¹¹⁶ Cf. *Ibid.*, p.289 nota 137, 140 e 141.

¹¹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 287.

¹¹⁸ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 287.

Diante dessas questões, Ricoeur afirma que a análise de Le Guern deve ser completada por outra análise que venha a incorporar mais nitidamente o papel da imagem na redução do desvio.¹¹⁹ Esse complemento poderá solucionar o risco em que incorre Le Gern, risco de que a imagem associada permaneça um fato extralingüístico enquanto imagem; e se for reconhecida como fato de linguagem, ainda corre o risco de permanecer enquanto associada, como fator extrínseco ao associado.

Há que se observar essa posição extrínseca só concerne ao primeiro tempo, o da percepção do desvio e não vale mais para o segundo, o da redução do desvio. Mas observa Ricoeur, que é este segundo tempo que contém a solução do problema e justifica que se fale de analogia semântica para definir o papel da imagem associada. Para isso vai basear esses novos subsídios em Paul Henle, na sua *teoria da interação e no momento icônico da metáfora*

Ricoeur detalha o trabalho da constituição da imagem, na metáfora, ela surge como conteúdo. Como tal, preenche o desvio, minimizando-o, em favor de uma saída, uma expressão por via inédita, criativa.

A imagem, ao preencher o desvio, certifica que ele de fato existia - é um atributo ontológico.

Neste sentido, Ricoeur recorre a Paul Henle. Na sua atividade de fazer história, Ricoeur envolve a convalidação ou rejeição de tendências, e assume um papel relevante na filosofia da linguagem, com uma análise monumental das tendências atuais do estudo das linguagens, em diálogo entre o clássico e as ciências contemporâneas.

1.2.3. A leitura de Ricoeur a Paul Henle. O momento icônico da natureza

O estudo do ícone em Paul Henle¹²⁰ é um exemplo desse diálogo. Ele parte dos seguintes princípios:

1- *Denominamos metáfora qualquer deslocamento (shift) do sentido literal ao figurativo.*¹²¹

¹¹⁹ Cf. *Ibid.*, p. 287.

¹²⁰ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p.288.

¹²¹ Cf. *Ibid.*, p. 289.

2- Não se pode restringir a noção de mudança de sentido aos nomes, nem mesmo às palavras, mas estendê-la a todo signo.¹²²

3- É necessário dissociar a noção do sentido literal da de sentido próprio: qualquer valor lexical é sentido literal, e o sentido metafórico não é lexical é valor criado pelo contexto¹²³. Uma metáfora total de todo o texto (a visão contextual).

4- Continuam válidas a todas as quatro figuras de Aristóteles (metonímia, sinédoque, ironia, litote). Elas denotam todos os deslocamentos do sentido literal ao figurativo *pele discurso e no discurso*.¹²⁴

5- Essa discursividade prepara a entrada em cena da semelhança: todo o sentido metafórico é mediato, se considerarmos que a palavra é um signo imediato de seu sentido literal e um signo mediato do seu sentido figurativo. A partir desses princípios, Henle *introduz o caráter icônico que, segundo ele, especifica a metáfora entre todos os tropos* Henle trabalha a quarta espécie da metáfora aristotélica, isto é, a metáfora segundo a analogia de proporção, mas como um paralelo entre dois termos ou pensamentos, *como uma situação que fosse apresentada ou descrita nos termos de outra que lhe é semelhante*¹²⁵.

6- Para marcar o caráter geral da analogia, Henle empresta de Charles Sanders Peirce o conceito de ícone. O modo icônico de significar é aquele que *leva o pensar em alguma coisa, considerando alguma coisa semelhante*.¹²⁶ Por exemplo, nos versos de Keats: “*When by my solitary heart I sit, And hateful thoughts enrwrap my soul in gloom*”, o poeta usa a expressão metafórica enrwrap, *para apresentar a tristeza como envolvendo a alma em um manto*.¹²⁷

Ricoeur vê um perigo aí, que também foi percebido por Henle, o de conduzir a teoria da metáfora ao impasse de uma teoria da imagem, como se fosse *uma expressão sensorial enfraquecida*.¹²⁸ Esse perigo é afastado porque, havendo um elemento icônico na metáfora, “o ícone não é apresentado, mas simplesmente descrito”¹²⁹. Portanto nada é mostrado em imagens sensoriais, mas, “tudo se passa

¹²² Cf. *Ibid.*, p. 289. (O grifo é nosso)

¹²³ Cf. *Ibid.*, p. 289.

¹²⁴ Cf. *Ibid.*, p. 289.

¹²⁵ Cf. *Ibid.*, p. 290.

¹²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 290.

¹²⁷ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 290.

¹²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 290.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 290.

na linguagem, quaisquer que sejam as explicações no espírito do escritor ou leitor.”

130

É exatamente porque a apresentação icônica não é uma imagem, *que ela pode apontar para semelhanças inéditas de qualidade, localização, situação, sentimentos, e a cada vez a coisa visada é pensada como aquilo que o ícone descreve.*¹³¹ Daí o poder do ícone de elaborar e ampliar a estrutura paralela. É exatamente essa inclinação ao desenvolvimento *que distingue a metáfora de outros tropos, que se esgotam em sua expressão imediata.*¹³²

A metáfora possibilita ampliar o vocabulário, fornecendo *um guia para denominar nossos objetos, oferecendo similitudes concretas para termos abstratos. Por exemplo, a palavra cosmo, significa primeira a disposição dos cabelos, depois o arreamento de um cavalo, em seguida, a ordem de um exercito, e enfim a ordem do universo*¹³³ Mas além da ampliação, a metáfora possibilita *operar com novas situações.* Ainda quando ela muda, acrescenta algo à descrição do mundo. Ela amplia nossas maneiras de sentir, e nisso consiste a função poética da metáfora, na qual *“amplia o poder do duplo sentido do cognitivo ao afetivo.”*¹³⁴

Uma resposta a Henle, segundo Ricoeur, pode vir do fato de que o autor, ao opor o sentir ao descrever, *tenha cedido a uma teoria emocionalista da metáfora e perdido uma parte do benefício de uma análise que reconheceria perfeitamente a ligação entre o jogo da semelhança e a inclinação ao desenvolvimento no próprio plano cognitivo.*¹³⁵ Apesar dessa ressalva, Ricoeur acredita que o maior interesse da análise de Henle é que *ele não nos leva a escolher entre uma teoria predicativa e uma icônica.* E esse é, para Ricoeur, o ponto central de seu estudo sobre o trabalho de semelhança na metáfora. A predicação não pode se desassociar do espontâneo, pois somente um enunciado completo pode fazer referência a uma coisa ou uma situação ao simbolizar seu ícone – simbolizar aqui tomado no sentido de signo convencional de Peirce.¹³⁶

¹³⁰ *Ibid.*, p. 290.

¹³¹ Cf. *Ibid.*, p. 291.

¹³² Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 291.

¹³³ Cf. *Ibid.*, p. 291.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 291.

¹³⁵ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 291.

¹³⁶ Cf. *Ibid.*, p. 292.

Pelo fato da metáfora requerer um complexo de palavras no qual alguns termos são tomados literalmente e outros metaforicamente, ela se “distingue da comparação, em que nenhum termo é tomado no sentido figurativo e o paralelismo opera entre duas linhas de termos literais; distingue-se também da alegoria, na qual todos os termos são tomados figurativamente, dando lugar a duas interpretações paralelas, que apresentam uma coerência igual.”¹³⁷

Na teoria de Henle, o que leva a procurar um sentido para além do sentido lexical é a colisão (Clash) no nível literal; pelo contexto, nem todos os termos podem permanecer no sentido literal. “Mas o conflito não é ainda a metáfora; esta é a resolução”¹³⁸.

O contexto é que possibilita decidir quais termos podem ser tomados figurativamente e quais não. Por isso, é necessário elaborar o paralelismo das situações que guiará a transposição de um termo para outro. Esse trabalho é inútil nas metáforas convencionais já fixadas pelo cultural e só está em marcha nas metáforas vivas onde “a colisão semântica é apenas o avesso de um processo cuja função icônica é o direito.”¹³⁹

1.2.4 - A semelhança sob processo e sua defesa

Apesar das posições de Paul Henle¹⁴⁰, a história posterior da teoria predicativa da metáfora caracteriza *um desinteresse pela semelhança*. Trata-se de uma explicação em que ela não desempenha nenhum papel decisivo.

Ricouer enumera quatro argumentos principais que fundamentam o processo e a recusa, da semelhança. Resumidamente:

1- A metáfora pode ser entendida sem recorrer a uma analogia de termos (portanto semelhança é inútil)¹⁴¹. Para Beardsley, o absurdo lógico pode substituir a analogia na explicação da metáfora.¹⁴²

¹³⁷ *Ibid.*, p. 292.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 292.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 293.

¹⁴⁰ Cf. Paul HENLE apud Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p.288

¹⁴¹ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 293.

¹⁴² Cf. *Ibid.*, p. 293

2- A analogia nada explica, pois é antes o resultado do enunciado, que sua causa ou razão; a teoria da interação dá conta da semelhança sem precisar incluí-la em sua explicação.

3- Semelhança analógica são termos equívocos, podem apenas introduzir suposições na análise.

4- Há ainda um equívoco mais grave: *assemelhar é ser a imagem de*, como a fotografia é a imagem ou semelhança do original. Assim, na crítica literária, investigar as metáforas de um autor (suponhamos Guimarães Rosa) é desenvolver suas imagens familiares, visuais, auditivas, sensoriais. Eis, então, o equívoco:” a semelhança se faz aqui do abstrato ao concreto, a imagem concreta assemelha-se à idéia que ilustra, e a semelhança é então propriedade do que representa, do retrato em sentido amplo ¹⁴³.

Segundo Ricoeur, parece que essas ambigüidades apontadas na semelhança têm como pano de fundo uma questão central: “o que faz a metaforicidade da metáfora.” ¹⁴⁴ Em seguida, ele sai em defesa da semelhança, trabalhando quatro pontos:

1- A semelhança é um fator mais necessário ainda em uma teoria da tensão que em uma da substituição. É um erro acreditar que uma teoria da tensão, interação e contradição lógica torne supérfluo todo o papel da semelhança. Por exemplo, nos oximoros *uma morte vivente, uma obscura clareza*, as expressões que constituem um enigma cuja solução está no sentido metafórico. Ora, a tensão e a contradição designam no enigma apenas a forma do problema, o desafio ou a impertinência semântica. O sentido não é a colisão semântica, mas a nova impertinência que responde ao seu desafio. Segundo Beardsdsley, a metáfora é o que faz de um enunciado autocontraditório que se destrói, um enunciado autocontraditório significativo. É nessa *mutação de sentido que a semelhança desempenha seu papel.* ¹⁴⁵

¹⁴³ *Ibid.*, p. 295.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 296.

¹⁴⁵ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 297.

2- A semelhança não é somente o que o enunciado metafórico constrói, mas o que guia e produz seu significado. Para justificar essa afirmação, Ricouer recorre à distinção entre epiphora e diaphora de Wheelwright¹⁴⁶.

Epífora, já diz Aristóteles é transferência, transposição, processo unitivo, assimilação entre duas idéias estranhas, porque distanciadas. Esse processo resulta da apercepção, que é da ordem do ver, já explicitada por Aristóteles quando dizia: *Bem metaforizar é ver – contemplar causas em golpes de vista – colocar sob os olhos – o semelhante*.

A epífora é esse golpe de vista e esse golpe de gênio: o não –enumerável, o não – adquirível. Mas não há epífora sem diaphora, não há mutação sem construção. Aproximando coisas afastadas, o processo intuitivo recobre um momento necessariamente discursivo

O mesmo Aristóteles, que *contempla o semelhante*, é também o teórico da metáfora proporcional em que a semelhança é mais construída que vista. A introdução da apercepção na metáfora não significa afastar-se da semântica para voltar à psicologia, mas um trabalho interdisciplinar que enriquece a semântica, a psicolinguística que Ricouer trabalhará mais adiante.

3- A semelhança pode receber um estatuto lógico capaz de superar os equívocos denunciados. No item anterior, Ricouer finaliza dizendo que: a *diaphora e a epiphora* é o mesmo paradoxo subjacente ao *golpe de vista* que percebe o semelhante para além do divorcio ou choque semântico próprio da semântica.

Esse mesmo paradoxo talvez seja a chave da resposta à objeção feita ao estatuto lógico da semelhança, pois, *o que vale para operação de assimilação pode valer para a relação de similaridade, caso se demonstre que a relação de similaridade é outro nome de assimilação.*¹⁴⁷

A estrutura conceitual da semelhança opõe e une a identidade e a diferença.

Já Aristóteles designava o *semelhante* como o *mesmo*: ver o mesmo no diferente é ver o semelhante, porquanto no enunciado metafórico o *semelhante* é percebido apesar da diferença, malgrado a contradição. O *mesmo* e o

¹⁴⁶ Cf. *Ibid.*, p.299.

¹⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p. 300.

*diferente não se misturam, permanecem opostos (...) o enigma é mantido no próprio coração da metáfora.*¹⁴⁸

4- O caráter icônico da semelhança deve ser reformulado de tal modo que a própria imaginação se torne um momento propriamente semântico enunciado metafórico.

1.3 - A epífora como alma da metáfora

O estudo da metáfora nos leva pelo verbo poético ao sentido transitório da linguagem poética. Nesse ponto devemos voltar à epífora, alma da metáfora, para finalizar este capítulo

É preciso entender essa *alma* como a contraposição de dois termos que se estranham e alcançam um patamar transcendente. Mas nesse caminho é necessário passar pela *desafora*, base, situação, obstáculo a ser removido. A remoção do obstáculo que aflora como uma nova significação é a primeira tarefa da *epífora*. Ela, entretanto, apresenta-se fugidia, misteriosa porque é mágico o seu desfecho, até absurdo, no final de uma explanação teórica. Por esse motivo, ocorre abrir um espaço para observá-la.

a- No discurso direto e na linguagem própria, segundo Ricoeur o choque semântico entre termos (colisão), não explica a metáfora, mostra dela apenas a estrutura material, que precisa passar pela *desafora*. O material da epífora liga-se ao potencial criativo do poema e depende da intuição, responsável pela percepção do ícone, ou da imagem. A explosão criativa, produto claramente atribuído ao imaginário realiza o objetivo da metáfora, mostra sua essência por meio da epífora. No processo de formação da metáfora, a epífora revela a sua gênese, que é o movimento. Essa concepção já vem de Aristóteles ao fundamentar a metáfora como ligada ao nome, submetida à análise da palavra.

b- A epífora, em Aristóteles, baseia-se na transposição que envolve *informação e perplexidade*¹⁴⁹, devido à profunda mudança, em toda a extensão de significados.

¹⁴⁸ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 301.

¹⁴⁹ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 30.

A metáfora liga-se à lexis por intermédio do nome, da frase ou do verbo, e tem os seguintes traços:

1- É uma coisa que acontece ao nome e não ao discurso. Ela está entre as figuras de palavras.

2- Ela é definida em termos de movimento - epífora – ou deslocamento *de/para*. A visão de epífora de Paul Ricoeur, com a característica de perplexidade e mudança, é algo geral entre os tropos, e, mais ainda, não é apenas ornamento, mas produz conhecimento, informação. Ela não só informa, mas instiga a imaginação sediada pela diáfora¹⁵⁰.

Textualmente Ricoeur apresenta a epífora como misteriosa, cujo mistério deva estar *na natureza icônica ou imaginária da passagem intuitiva*¹⁵¹. Nesse momento ela acolhe o fenômeno, a realidade e desvia para o sentido figurado. Acolhe o fenômeno no fundo da psique, e o desvia quando leva a semântica do verbo poético a significar algo que transcende o sentido literal.

Estes últimos movimentos mostram o ponto que Ricoeur explana pelo aspecto da predicação. Esta predicação tem algo de divino¹⁵², que se aproxima do absoluto, do ontológico, embora permaneça imerso na matéria. A definição epifórica explicita um caráter quase metafísico da metáfora, o lugar do contato homem-mundo na linguagem, a epífora aprofunda o entendimento da intersecção da postura imanente com a transcendência que a analogia nos oferece.

A epífora toma vulto no pensamento poético e alimenta o conhecimento. Ela nos abriga no *filosofe* e penetra no reduto do conceito. Penetrando no entendimento, ela amplia o círculo da rotatória metafórica e desemboca na via da compreensão - uma via elevada, de trânsito tão rápido quanto eficiente – porque alcança a elevação do ser. Eis aí a epífora, em toda a sua extensão.

Mas é sempre um encontro fugidio porque escapa dos modelos metafísicos, mas acolhe o ontológico, o ser como sua base e fundamentação. A epífora esta contida na versatilidade do elo entre o imaginário, o ser e o conhecer. Como o metal, cuja forma permite união de módulos iguais em algum aspecto, a epífora no seu

¹⁵⁰ Cf. *Ibid.*, p. 25.

¹⁵¹ Cf. *Ibid.*, p. 328.

¹⁵² Cf. *Ibid.*, p.431.

isolamento inicial projeta os termos da metaforização, elidindo provisoriamente os dois termos, para em seguida criar a unidade do movimento figurativo.

O elo da epífora é um movimento contínuo na *lexis*, abrindo-se para receber o próximo elo, até que o texto se feche. Os elos que formam a corrente significativa contribuem para a instauração de um processo epifórico seqüencial, até chegar ao epílogo da enunciação. É um processo leve e profundo porque é volátil e leva o discurso da imanência do significado primordial, literário para a transcendência do tropos.

Esse é o processo da epífora: ela alimenta a metáfora em qualquer circunstância, a viva, a morta, a rejuvenescida. Porque ao mesmo tempo em que fornece o conceito, engaja-se à maquinação da fábula que o imaginário quer contar

O estudo da metáfora que percorremos revela um canhão de luz, pronto para atuar, o da *epífora*, a alma da metáfora. Alma porque, pelos cânones cristãos clássicos, alma é o que permanece infinitamente. A epífora é o eterno imaginário do ser humano.

O material da epífora liga-se ao potencial criativo do poema ou da prosa figurada e depende da intuição, responsável pela percepção do ícone, ou da imagem. A explosão criativa, produto claramente atribuído ao imaginário, realiza o objetivo da metáfora, mostra sua essência por meio da epífora.

Os estudos contemporâneos sobre o imaginário iniciaram-se com Gaston Bachelard¹⁵³. A fenomenologia do imaginário, de certa forma, admite uma origem psíquica para a linguagem poética. É uma hipótese plausível. Se a espécie humana se distingue pela linguagem, e a linguagem inclui o ícone, que se reflete na imagem, o imaginário penetra no ser e no pensar.

O lado alternativo à Lingüística para explicar a poética e o homem é a psicologia, que também explica o imaginário. Um dos seus produtos, para Ricoeur, é o *verbo poético*¹⁵⁴, a palavra e todas as circunstâncias simbólicas de seleção e de combinação, consubstanciadas pelo elã humano. A epífora sob ação de artista não apenas sonha como quer Bachelard', mas também voa como os pássaros, e até

¹⁵³ Cf. Gaston BACHELARD, *La poetique de l' espace*.

¹⁵⁴ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 329.

parafrazeia a linguagem, com o seu referente, como focalizaremos no terceiro capítulo deste trabalho, com fulcro na prosa de João Guimarães Rosa.

Conclusão

A entrada de Paul Ricoeur neste trabalho com a sua *Metáfora Viva* fica justificada em si mesma e pela aproximação entre Aristóteles, Lingüística e a Psicologia. O tempo nada mais é do que uma esteira, na qual se agregam os acréscimos culturais em sua sucessão infinita. Essa infinitude é paralela à compreensão infinita. Eis o palco da vida.

Em tal esteira, e por meio do seu canal aporético, a linguagem,¹⁵⁵ as fundamentações fluem do clássico ao contemporâneo. Neste trâmite, ciência e noção clássica se entrelaçam. É essencial que sintetizemos os passos que focalizamos nessa obra monumental como *A metáfora viva*, de Paul Ricoeur¹⁵⁶. A princípio, Ricoeur adota a teoria de Jakobson,¹⁵⁷ pela qual ele entende que metáfora e metonímia não constituem mais apenas aspectos figurativos da linguagem, para interagem a base da estruturação na linguagem. Por este fundamento de Jakobson, Ricoeur afirmou que substituição e semelhança no enunciado formam um par capaz de convalidar a gênese do texto de significar e transmitir mensagens.

Esse marco inicial correlacionado a diversos outros aspectos binários - vários outros pares - faz com que a metáfora venha a construir aquilo que Paul Ricoeur chama de *metáfora viva*. Para fundamentar seu tratado acerca da metáfora, Ricoeur vale-se das contribuições de autores das mais diversas linhas em Semântica, em Psicologia partindo já de um substrato da Lingüística que abrange Ferdinand Saussure e Roman Jakobson.

Nessa plataforma inicial, ele procura apoio em Michel Le Gern¹⁵⁸. Nossa busca tentou colocar balizas, marcos, na intrincada teoria para, em primeiro lugar entender a concepção de Le Gern à leitura de Jakobson quando este opera sobre a

¹⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 276. A citação acima tem apoio reclamado por RICOEUR, de Pierre FONTANIER, *Les figures de discours*, p. 41: "O sentido de um signo é outro signo pelo qual pode ser traduzido. Em todos os casos, substituímos signos por signos".

¹⁵⁶ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 276.

¹⁵⁷ Cf. Roman JAKOBSON, *Deux aspects du langage et deux types d'aphasie*.

¹⁵⁸ Cf. Michel LE GERN, *Sémantique de la métaphore e de la métonymie*. Paul RICOEUR discute pontualmente essa obra em *A metáfora viva*; nos presentemente usamos o ponto de apoio de LE GERN ao conceito ricoeuriano.

teoria semântica de Greimas ¹⁵⁹. Entendido esse ponto, atingimos a noção de imagem, por Le Gern.

Em um segundo momento, precisamos reconhecer a importância dos estudos de Paul Henle,¹⁶⁰ adotado por Ricoeur. Henle traz ao cenário da interpretação o valor do contexto, uma visão não - lexical que ele readapta de Aristóteles quando conceitua e aprofunda a noção de ícone e permite uma ligação com a semelhança, tese principal desta discussão.

A quarta modalidade de metáfora em *Poética* orienta para o sentido de proporção analógica que é o fundamento do ícone, para Paul Henle, analisamos essa proposição discutida na tese ricoeuriana de adoção da semelhança, que vem a consistir na dupla realidade da relação semântica: a predicativa e a icônica.

Neste mesmo sentido, Ricoeur opera com as idéias de Hester com referência ao ícone no âmbito da Psicolinguística. Ricoeur também acolhe Gaston Bachelar e sua fenomenologia do imaginário.

Ricoeur apresenta uma trajetória de adoção e de exclusão de várias técnicas no intuito de firmar sua posição relativa à metáfora como expressão viva do imaginário e do pensamento. Ele efetiva uma análise metaexpressiva¹⁶¹ que remete a um novo código lingüístico e caracteriza uma tentativa de apreensão do fluído dinâmico do discurso , penetrando nos meandros da filosofia da linguagem. Esse porte de investigação tem tudo a ver com o porte expressivo da obra de João Guimarães Rosa e aponta a um caminho rigoroso para ler metáforas e símbolos do mal na sua obra principal.

O aprofundamento no conceito de epífora mostra-nos que ela se agiganta. No âmbito da metáfora ela adquire função ampla, múltipla e progressiva rumo a uma unidade nova de expressão. Por isso ela é um sustentáculo hermenêutico dos textos modernos e pós-modernos.

¹⁵⁹ Cf. A. L. GREIMAS, *Sémantique structurale, Recherche du méthode*.

¹⁶⁰ Paul HENLE é um estudioso da linguagem e das formas de expressão. Atuando na área de filosofia da linguagem elaborou um ensaio: *Language, Thought and Culture* ,do qual o artigo *Metaphor* serve de fundamento ao ícone no estudo da metáfora, ao qual Paul RICOEUR contrapõe a questão da semelhança. Tal ensaio foi publicado pela University of Michigan Press, 1957.

¹⁶¹ O termo *metaexpressivo* quer indicar o espaço de Ricoeur em apresentar, em toda a sua perplexidade, uma *teoria da expressão*

Sua recorrência na teoria literária em todos os seus níveis justifica nosso intuito de estudar a sua correspondência com a criação de João Guimarães Rosa, configurando-se no primeiro eixo do nosso trabalho, preparando o terreno para discutir o papel dos símbolos referentes ao mal, seguindo as pegadas do próprio Paul Ricoeur.

Assim, a teoria monumental de Paul Ricoeur sustenta a teoria hermenêutica para interpretar outra obra também monumental, a de João Guimarães Rosa. Nisto se justifica o estudo da metáfora e da simbologia, que passaremos a considerar no próximo capítulo, analisando outras duas obras importantes de Paul Ricoeur.

O referencial teórico deste capítulo mediará a análise da metáfora eixo de *Grande sertão: veredas*, quando interpretaremos o enfoque da palavra sertão. Criado a partir do referencial de espaço, expandem e universalizam-se, concentrando grande valor expressivo, por meio de noções metafísicas. Esta estruturação abre-se para metáforas referentes aos três personagens principais, intermediados pelo bem e pelo mal. Diadorim, em quem Riobaldo, o personagem onipresente, concentra suas ações e Hermógenes, preconizado como figura maléfica, por excelência. Esses estudos serão objeto dos capítulos terceiro e quarto.

CAPÍTULO II - A SIMBÓLICA DO MAL

Nosso enfoque neste segundo capítulo é a simbólica do mal. O capítulo anterior estudou os fundamentos da metáfora viva criados por Paul Ricoeur, cujo teor prima por defender a idéia de semelhança como predominante na metáfora. Associando noções metafísicas e noções lingüísticas, este autor atualiza a conceituação de metáfora, ao mesmo tempo que consolida o fundamento clássico, de Aristóteles. Dois termos diferentes encontram uma base terceira de nomear de maneira nova um ser ou situação. Esta é a leitura da metáfora. De uma colisão semântica (coração e pedra) ocorre uma construção semântica para coordenar tais termos e captar um novo sentido. Trata-se da emissão da metáfora, que nem sempre é escrita.

Os processos de Paul Ricoeur em *O mal um desafio à filosofia e à teologia* constituem o primeiro passo deste segundo capítulo teórico. A robusta simbolização de que essa obra se imbuí, a relação entre homem, mundo e linguagem são pontos fundamentais para a análise de *Grande sertão: veredas*.

Essa obra conta inicialmente com a contribuição do prefácio de Constança Marcondes César. A autora dá uma visão da posição enigmática do mal, que ela percebe da intrincada hermenêutica deste nosso filósofo da linguagem.¹

Conta ainda com a posição de Pierre Gisel, que aprofunda o conteúdo desta pequena obra quando afirma: “O mal está escrito no coração do sujeito humano (sujeito de uma lei ou sujeito moral): no coração desta realidade altamente complexa e deliberadamente histórica que é o sujeito humano”².

Gisel deixa fundamentada a função do símbolo como instrumento que tem concepção no mito, quando, para existir, depende de correlações cosmogônicas, e

¹ Podemos, por esse primeiro parágrafo, perceber a senda de noções e os eixos sistematizadores entre pensamento e linguagem, no terreno pantanoso, portanto fertilizado, do atributo da simbolização. Até então, os estudos de RICOEUR abrangiam a perspectiva histórica do mal, que, privilegiando a lógica, vai buscar na dinâmica histórica a origem das questões. A multiplicidade dos estágios dos discursos relatados nesta pequena obra constituem um documento histórico da linguagem humana. O terceiro segmento analisa a gradação filosófica na existência do homem no ciclo convergente e retroativo do pensamento, ação e avaliação - pensar, agir, sentir. Essa tríade de manifestações, aparecem em processo. O sentimento como afeição e julgamento é a própria essência da condição humana.

² Pierre GISEL, Prefácio, In: Paul RICOEUR, *Le mal- um deficit à la philosophie et à la théologie*, p.17.

também da atitude filosófica por ser esta a característica humana. Este é o desafio abordado por esta obra de poucas páginas e que constitui fio condutor para outra, maior, de Paul Ricoeur, *Symbolism of evil*. Sua versão original, *La symbolique du mal* auxiliou-nos no entendimento das especificidades históricas e filosóficas na concepção dos símbolos, que, ao mesmo tempo constroem e nomeiam este aspecto tão abstrato quanto presente na nossa origem. Esta obra será analisada na segunda parte deste capítulo.

O mal em sua manifestação irrompe como liberdade. Para tentar interpretar a questão que disso sobrevém é necessário entendê-lo como desejo. Por isso o mal desafia; tanto assim que pode ser estudado pela hipótese da lógica, da metafísica pré-kantiana e pela da teodicéia. Isso exige rigorosas investigações dos campos envolvidos, ou seja, da origem das coisas e da linguagem confessional da religião³.

Por isso, Ricoeur vai ter um procedimento em três passos na obra *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*:

- 1º ver a complexidade do mal pela fenomenologia da experiência
- 2º apontar os níveis discurso sobre o surgimento e a razão do mal
- 3º pensar o enigma do mal como as respostas de ação e do sentimento

2.1 - A experiência do mal: entre a repreensão e a lamentação

O bem e o mal, na tradição judaico-cristã, se expressam na lamentação e na repreensão. É necessário entender essa reciprocidade perante o sofrimento. Na *lamentação* o indivíduo aponta-se como culpado, vitimiza-se, entende que é responsável pelo seu sofrimento. Admitindo a culpa e dispondo-se ao sofrimento, faz dessa confissão uma estratégia de fuga da repreensão de outrem. Desta forma, por avaliação lógica, lamentar é dispor-se ao sofrimento menor, porque evita a repreensão por parte de terceiros, ou seja, o julgamento de outrem pelo ato cometido.

O pecado (*mal moral em linguagem religiosa*)⁴ um indicador de falha, de mácula. Esta falha, ou mácula, exige ação reparadora, e a isto Ricoeur chama de

³ Cf. Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*, p. 22.

⁴ Cf. *Ibid.*, p. 23.

*imputação, de acusação e de repreensão.*⁵ A falha ou mácula aqui já foi publicamente reconhecida, a imputação, ou seja, a autoria do mal já está determinada, haverá a punição - um sofrimento merecido pelo mal causado.⁶ Por essa perspectiva, declaramos que a lamentação pode ser um lenitivo para a repreensão. A declaração e a deploração da própria ação pelo culpado pode minimizar a falha já cometida, embora não a possa reverter.⁷

2.2 - Os níveis do discurso na especulação sobre o mal

Estes caminhos pelos quais o mal se manifesta aparecem, pois, por vários níveis de discurso como interpretação das ações reconhecidas como maléficas. Os níveis de discurso na especulação sobre o mal, de acordo com os estudos de Ricoeur na obra que ora enfocamos são: *o nível do mito, o estágio da sabedoria; o estágio da gnose e da gnose agnóstica; o estágio da teodicéia; o estágio da dialética quebrada.*⁸

2.2.1 - O nível do mito

Esses níveis de discurso são aspectos genéricos da definição e conceituação do mal. Vejamos: o mal só o é se for feito. Enquanto ação autônoma, precisaria ser investigado; como nasce, afinal, o desejo do mal e porque ele é praticado? Feito isto, o evento precisa de ser julgado por seu sujeito, para que este admita o canal simbólico consciente que o difunde. Ficam justificados, por esse mesmo argumento, os diferentes níveis de abordagem epistemológica e lingüística mencionados⁹.

⁵ Cf. Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*, p. 23.

⁶ Segundo a tradição cristã ocidental, esta é a entrada do pecado na discussão. O pecador infringiu uma lei moral, neste caso, há a dupla corrente de sofrimento. O doloroso enigma da vida. Eis que fizeste meus dias da largura de palmas. E a duração de minha vida é quase nada, diante de ti. Todo ser humano é apenas um sopro. Ele anda por aí como sombra, Um simples sopro o agita, Amontoa riquezas e não sabe quem as colherá (BÍBLIA SAGRADA, *Salmo de Davi*, 38, 6, 7,8,9.) Neste Salmo, atribuído a Davi, percebemos a lamentação de uma vida materialista, passageira, como *um sopro* e que *amontoa riquezas*. Além da efemeridade material, fica patente a inutilidade da vida daquele que não alcança significados transcendentais. Neste caso, a lamentação surge pela reflexão, portanto, elucidativa, pedagógica, evolutiva.

⁷ Se não for real a declaração constitui-se em estratégia de defesa apenas, e passará a ser *impostura*, uma das poucas definições claras acerca do mal.

⁸ Cf. Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à filosofia e à Teologia*, p. 26-46.

⁹ O humano, sendo portador da atividade filosófica, por gênese era apenas a semente da história e da cultura. O diálogo criado entre as duas espontaneidades (homem e cosmos), a partir de suas características (percepção filosófica e natureza substancial) explicou as ações na existência, naquele

A ambivalência do sagrado, segundo Otto¹⁰, o *tremendum fascinatum*, confere ao mito o poder de assumir o lado tenebroso e luminoso da natureza humana. Nessa expressão fica apontada a liberdade, a criatividade, a mobilidade das perspectivas, o âmago da fenomenologia, latente ainda, pois é o espaço do mito.

A religiosidade humana, patente, presente no âmbito antropológico foi objeto de Clifford Geertz¹¹. Para ele, cosmos E ethos são integrados em uma visão englobante pelas grandes religiões. Por isso, o problema do mal se torna a maior crise das religiões. As extensões, os arremessos produzidos por *homem- mundo* desobedeceram os limites substanciais e invadiram um etéreo e nebuloso campo *sobrenatural*.¹²

A partir daí o mal começa a se apresentar no bojo das circunstâncias, no choque de perspectivas, na deterioração das matérias, cujo clímax, a morte, envolve mistério. Neste ponto, a separação decorrente dela exacerba as afeições. Eis o mal, eis um breve esboço da influência mítica como atestado de cultura, influência essa estudada também por Dumézil,¹³ quando mereceu sínteses e catalogações disponíveis no mundo científico.

Entretanto, se o mito explica as origens no complexo *homem x mundo*, se nestas explicações inserem-se até as origens do mal, este não resolve, porém, a relação entre o mal e o padecente: aquele que se lamenta pelo mal sofrido. Para preencher a lacuna que a vertente antropológica do mito deixa, outros recursos aparecem.

2.2.2 - O estágio da sabedoria

O estágio da sabedoria¹⁴ procura mitigar os ardores da lamentação que tornou-se queixa. Trata-se de lamentação particularizada. A questão direta é : *por*

primeiro momento. Esta foi a primeira coleta de dados da história, que abriria o campo vasto da investigação na simplicidade da captação humana ao meio. A grandiosa abordagem da ciência, da história ,ou seja, a cultura nasceu nesse átimo.

¹⁰ Cf Paul RICOUER, *O mal, um desafio à teologia e à filosofia*, p.26.

¹¹ Cf. Clifford GEERTZ apud Paul RICOUER *O mal, um desafio à teologia e à filosofia*, p.27.

¹² O hífen é recurso hermenêutico, propomos como ênfase.

¹³ A obra de Mircea ELIADE e a de George DUMEZIL são contribuições universais.

¹⁴ Cf. Paul RICOUER, *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*, p 29.

*que eu*¹⁵ teria que ser o atingido por determinada tragédia? A lamentação torna-se queixa. Pede contas à divindade e é respondida no seu domínio: a Bíblia. Nela aparece a noção “da partilha e do processo”¹⁶. Surge aí uma idéia de movimento contínuo. O processo seria a recíproca estabelecida entre Deus e seu povo.

Essa diferença entre sofrimentos particulariza a idéia geral de retribuição indiscriminada a males cometidos. Para Ricoeur, retribuição é “a primeira e a mais tenaz das explicações oferecidas pela sabedoria”¹⁷, pois desta forma o indivíduo sofreria para compensar o mal causado. A ordem das coisas torna-se uma ordem moral. O mito deve mudar seu registro: mais do que mito, a sabedoria explicará, por meio de argumentos, porque a condição humana é *assim, de modo diferente para cada ser humano*.¹⁸

O questionamento interior dos sábios,¹⁹ ou seja, a racionalidade perante a teoria da retribuição trouxe contestação, inaugurando, na história da cultura o entendimento que fez surgir “uma certa ordem jurídica,”²⁰ que passou a distinguir os maus dos bons pela aplicação da pena. A idéia de justiça civil surge ética, antes de parecer piedosa, porque tende a restabelecer o bem comum.

Entre explicação religiosa e explicação jurídica, porém, permanece o enigma do mal. A sequência de males surgidos passa a ser considerada agora retribuição aos males morais.

Este impasse na história da cultura foi caracterizado por Jó: “Eu sei que meu Defensor vive, e aparecerá, finalmente sobre o pó, e depois que minha pele foi assim lacerada, já sem minha carne verei a Deus; eu sim verei aquele que está a meu favor, meus olhos contemplarão quem não é um adversário”²¹.

Jó era um sábio, capaz de especular, mas também de crer. Parte-se aqui do princípio que, por meio de um inquérito, mediante as relações questionadas, surge a fé, que Paul Ricoeur coloca nesse ponto do seu trabalho como resultado intermediário para base de uma investigação maior.

¹⁵ Cf. Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*, p. 28.

¹⁶ *Ibid.*, p. 28.

¹⁷ *Ibid.*, p. 29.

¹⁸ Cf. *Ibid.*, p. 29.

¹⁹ Cf. *Ibid.*, p. 29.

²⁰ *Ibid.*, p. 29.

²¹ BÍBLIA SAGRADA, *Livro de Jó, Discurso de Jó (26-28)*, p. 668-669.

Jó surge-nos como uma alegoria diante da impossibilidade de compreensão total do fenômeno mal, do paradoxo criado entre o inesperado e nossos projetos, entre a ordem social e a ordem das coisas, entre as atrocidades voluntárias e as tragédias involuntárias que ficam sem explicação. Talvez por isso, o próximo estágio do estudo de Paul Ricoeur, nesta pequena obra na qual nos debruçamos, seja o estágio da gnose e da antignose.

2.2.3 - O estágio da gnose antignóstica

A gnose é passagem obrigatória da sabedoria à teodicéia. A gnose eleva a especulação ao nível de um gigantesco combate do bem contra as forças do mal. Agostinho se opõe a essa versão trágica de um princípio de mal que engloba todos os males.

Nesta etapa da era cristã, por sua maciça influência, esse incomum pensador levantou hipótese de que o mal não tivesse substância. Logo negou sua existência como ser. Sendo assim, erradicou a base da reflexão gnóstica. Para ele: "... o pensar filosófico exclui todo o fantasma do mal substancial"²².

Para Agostinho, pensar o ser é "pensar inteligivelmente, pensar o uno, pensar bem"²³. Por essa concepção, o mal torna-se impensável, razão pela qual ele é radicalmente recusado. Entretanto o problema do mal persiste em seus enigmas. Ricoeur afirma, em sua hermenêutica, que essa etapa da história, por esses motivos, *excluiu o pensar todo o fantasma do mal substancial*,²⁴ por meio do pensamento de Agostinho .

Nascem daí os conceitos de *nada*, e de *ex nihilo*,²⁵ uma espécie de referência àquilo que *nao existe*, que preclaramente nos indica uma classificação direcionada para o criador e a criatura, conceituada por Ricoeur como *distância ôntica*.²⁶ Grosseiramente falando, a *criatura* é diferente (inferior) ao *criador*, e porque a criatura tem a benevolência do *criador* tem a livre escolha. Mas esta livre escolha, tanto dá autonomia quanto implica responsabilidade. Eis a entrada do mal: um ser

²² SANTO AGOSTINHO apud Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, p. 32.

²³ Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, p.32.

²⁴ Cf. *Ibid.*, p. 32.

²⁵ Cf. *Ibid.*, p. 32.

²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 32.

autônomo que escolheu estar longe do seu criador, ou seja, que não correspondeu à dádiva da liberdade. Por este estudo, Agostinho criou a ontoteologia, ligou ontologia à teologia.

Nesta concepção, Ricouer admite *o mal já lá*, no homem, enquanto mito racionalizado . Esta noção busca conciliar o conflito do pecado transmitido pela natureza, defendido por Agostinho, e o da imputação individual

2.2.4 - O estágio da teodicéia

A teodicéia firma-se em três pilares. O discurso (o enunciado) do problema do mal repousa em três proposições gerais ou unívocas:

- a- 1- Deus é todo poderoso ; 2- sua bondade é infinita ; 3- O mal existe .
- b- Deus não é responsável pelo mal (posição apologética, isto é, de exclusão de qualquer responsabilidade de Deus sobre o mal.)
- c- Os meios para a isenção de Deus devem ser lógicos, isto é, baseados no princípio da não-contradição e da *teologização sistemática*.

Kant desfere o golpe mais rude, embora não fatal, contra a base do discurso ontológico sobre o qual a Teodicéia tinha-se edificado, de Agostinho a Leibnitz.²⁷ Na *Crítica da Razão Pura*, a Teodicéia é reduzida a mera *ilusão transcendental*.

Kant, em a *Religião nos limites da simples razão*, rompe com a teoria do *pecado original*. O princípio do mal não é uma origem, no sentido literal do termo: é somente a máxima surpresa que serve de fundamento último subjetivo a todas as máximas más de nosso livre arbítrio, que fundamenta a propensão ao mal em todo o gênero humano, contrariando a predisposição ao bem constitutiva da boa vontade. E a razão deste mal radical é *insondável*²⁸.

Mas a teodicéia e o problema voltam com o idealismo de Fichte, Shelling e Hegel. Ricouer expõe a posição hegeliana em sua dialética que dá ênfase à negatividade. A dialética faz coincidir o trágico e o lógico.

Na *Fenomenologia do Espírito*, há o título: *O mal e seu perdão*, no qual Hegel mostra o espírito divino dividido na interioridade da dialética, entre a *convicção* que

²⁷ Cf. Paul RICOUER, *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*, p. 37.

²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 37-38.

anima os grandes homens em suas paixões, e a *consciência julgante*, que tem as mãos limpas, mas não tem mãos e que denuncia a violência do homem de convicção. O mal está na dureza do coração. Nela, a consciência julgante descobre um mal igual ao da consciência agente. O perdão está na *reconciliação* que é o espírito *certo de si mesmo*. A reconciliação ou justificação nasce da destruição do juízo de condenação.²⁹

Na *Introdução à Filosofia da História*, Hegel afirma que o Espírito absoluto se encarna no espírito de um povo (no caso, o povo alemão) e nessa encarnação, a dialética felicidade e infelicidade é absorvida. Posição absolutamente idealista negada pelos horrores da história posterior a Hegel, inclusive pela truculência do estado alemão sob o regime nazista.

Com o advento do idealismo hegeliano, que abole o mal pela *dialética totalizante*, Ricouer pergunta se é preciso renunciar a pensar o mal? Não haveria outro uso da dialética além da dialética totalizante? Por isso, Paul Ricouer vai buscar a resposta na teologia cristã de Karl Barth, cuja dialética é uma replica perfeita à Hegel.

2.2.5 - O estágio da dialética quebrada

Segundo Barth, só uma teologia quebrada, isto é, *que renuncia à totalização sistemática, pode se engajar na via temível de pensar o mal*³⁰. A característica dessa teologia é reconhecer ao mal uma realidade inconciliável com a bondade de Deus e com a bondade da criação³¹Essa característica é o nada (*das nichtige*), que se distingue *radicalmente do lado negativo da experiência humana*, como se dá em Leibnitz e Hegel. Esse nada é hostil a Deus. Não é somente deficiência e privação, mas corrupção e destruição.

Assim, Barth procura pensar diferentemente das teodicéias clássicas, buscando o nexos doutrinário na cristologia. Cristo venceu o nada aniquilando-se a si mesmo na cruz. Em Jesus Cristo, Deus combateu e venceu o nada. E nele, nós também conhecemos o nada e nos tornamos companheiros de Deus no combate ao mal. Por isso, o mal não pode mais nos anular. Ele já está

²⁹ Cf. Paul RICOUER, *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*, p.40.

³⁰ Cf. *Ibid.*, p.43.

³¹ Cf. *Ibid.*, p. 43.

vencido, mas a plena manifestação dessa vitória ainda não é visível. Deus *permite* que ainda não a vejamos e continuemos a ser ameaçados pelo mal, ou pelo nada, embora este já seja um inimigo que se tornou servidor, *mas estranho*.

Barth vai além. O mal, diz ele, também vem de Deus. O nada é aquilo que Deus não elege, que ele rejeita (seria a mão esquerda de Deus): e só existe porque Deus não quer. “O mal só existe como objeto da cólera de Deus”³². *citação, ok*

Mas Deus é também o senhor da mão esquerda, por isso, é também causa e mestre do próprio *nada*.³³ Ricoeur diz que é preciso ler as proposições de Barth não como uma volta à teodicéia e a sua lógica de conciliação, mas segundo o paradoxo de Kierkegaard, e reconhecer o caráter aporético do pensamento sobre o mal.

2.2.6 - Pensar, agir, sentir

Um desafio é, passo a passo, um fracasso para as sínteses (...) e uma provocação para pensar mais e de modo diferente.³⁴

Pensar

No plano do pensamento, o problema do mal é um desafio, que se enriquece, pois decreta o fracasso das sínteses e provoca a pensar mais e de modo diferente, sobre o aguilhão da pergunta: *por quê?* contida na lamentação das vítimas.

O processo da onto-teologia levou a refinar a lógica especulativa com a dialética de Hegel e a dialética quebrada de Barth. O enigma do mal, que é início da especulação, termina na aporia. O passo seguinte é buscado na ação e na espiritualidade, que não traz solução, mas torna a aporia produtiva³⁵ no sentido de estender o pensamento ao agir e ao sentir.

Agir

Na ação, a pessoa vê o mal como algo que não deveria ser, e deve ser combatido, e assim re-orienta o olhar. A ação não pergunta, como faz o mito, *de*

³² Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, p. 45.

³³ Cf. *Ibid.*, p. 45.

³⁴ *Ibid.*, p. 46.

³⁵ Cf. *Ibid.*, p. 48.

onde vem o mal? mas que *fazer contra o mal?* Volta-se para o futuro como tarefa a ser empreendida . Essa luta não perde de vista o sofrimento, pois *fazer mal é fazer sofrer*³⁶. Por isso, ao diminuir a violência recíproca, a ação diminui o sofrimento. Em vez de acusar Deus ou especular sobre a origem demoníaca do mal no próprio Deus, o caminho é atuar ética e politicamente contra o mal.

Mas a resposta prática não é suficiente pela arbitrariedade e indiscriminação da distribuição do mal, o que produz *bodes expiatórios* e vítimas inocentes³⁷ Além disso, há fontes de sofrimento que fogem à ação dos homens : são as causas naturais que sustentam a pergunta *por que eu?*

Sentir

Ricoeur acrescenta uma resposta emocional à resposta prática que considera as transformações pelas quais passam os sentimentos, que alimentam a lamentação e a queixa. Essas transformações acontecem sob o efeito “da sabedoria enriquecida pela meditação filosófica e teológica”³⁸.

O modelo destas transformações é o luto na análise freudiana, que consiste em um *desligamento de todas as amarras que nos fazem ressentir a perda de um objeto de amor como a perda de nós mesmos*³⁹ Esse desligamento, que constitui o trabalho de luto, *torna-nos livres para nossos investimentos afetivos*⁴⁰.

A sabedoria seria uma ajuda espiritual ao trabalho de luto, e o objetivo é alcançar uma mudança qualitativa da lamentação e da queixa. Nessa empreitada, Ricoeur apresenta itinerário entre os muitos que são possíveis, para que a sabedoria, a ação e o sentimento possam caminhar juntos.

Um primeiro passo para tornar produtiva a aporia intelectual é integrar no trabalho de luto a ignorância que ela gera. Há uma tendência dos enlutados a se sentirem culpados da morte do objeto de amor, e até mesmo de se *acusarem e de*

³⁶ Cf. Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*, p. 48.

³⁷ Cf. *Ibid.*, p. 49. Sobre a violência e o bode expiatório ver René GIRARD, *O bode expiatório*, p. 9: “A violência original, instintiva, pedregosa, angular do pensamento girardiano, torna explícito um jogo diabólico que exige intermediação de heróis míticos, deuses, ancestrais divinizados a quem é atribuída a encarnação imaginária da violência . Mas a violência é de todos”.

³⁸ Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*, p. 49.

³⁹ Cf. *Ibid.*, p. 50.

⁴⁰ Cf. *Ibid.*, p. 50.

*entrarem no jogo cruel da vítima expiatória*⁴¹. A resposta necessária a essa atitude é convencer-se de que *Deus não quis isso e muito menos quis punir*. Assim integra-se o fracasso da teoria da retribuição ao trabalho de Cristo e essa libertação da acusação “*coloca de algum modo o sofrimento a nu, enquanto imerecido*”⁴². Ao admitir a própria ignorância do porquê dos acontecimentos e assumir o acaso, a pessoa alcança o *grau zero da espiritualização da queixa entendida em si mesma*⁴³

Um segundo estágio da *espiritualização da queixa* é prorromper em uma *queixa contra Deus*. A própria *Aliança*, ou pacto, que é um processo mútuo no qual Deus e o homem se engajam, convida a articular uma *teologia do protesto*. Protesta-se contra a idéia da *permissão* divina que fundamenta as teodicéias, segundo o pensamento de Barth. Essa acusação contra Deus significa a *impaciência da esperança*, que se expressa no grito do salmista: *até quando, Senhor*.

O terceiro estágio consiste em descobrir que “as razões de acreditar em Deus nada têm em comum com a necessidade de explicar a origem do sofrimento”⁴⁴. Para quem compreende Deus como fonte de tudo o que é bom na criação, “o sofrimento é somente um escândalo”⁴⁵. Ao se indignar contra o mal, ao suportá-lo com coragem, expressando simpatia em relação a suas vítimas, a pessoa assume a atitude de acreditar em Deus, apesar do mal.⁴⁶ O *acreditar em Deus apesar* é uma maneira de integrar a aporia especulativa no trabalho de luto⁴⁷.

Há, ainda outros caminhos dos *sábios*. Alguns *solitariamente* renunciam a própria queixa discernindo no sofrimento *um valor educativo e purgativo*. Ricoeur, porém, adverte que este sentido não pode ser ensinado,⁴⁸ pois nem todos podem encontrá-lo. Daí a legítima preocupação pastoral para impedir que esse sentido não reconduza a vítima à auto-acusação e à auto-destruição.

Outros, *mais avançados*, consolam-se com a idéia de que o próprio Deus sofre e que a *Aliança* culmina numa participação da diminuição das dores de Cristo. Assim, a Teologia da Cruz- “o próprio Deus morreu em Cristo - não significa mais

⁴¹ Cf. Paul RICOEUR *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, p. 50.

⁴² *Ibid.*, p. 54.

⁴³ Cf. *Ibid.*, p. 51.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 51.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 51.

⁴⁶ Cf. *Ibid.*, p. 51.

⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p. 52.

⁴⁸ Cf. *Ibid.*, p. 52.

que uma transmutação correspondente à lamentação⁴⁹. O horizonte desta sabedoria parece ser renúncia a desejos, cuja ferida leva à queixa: desejo de ser recompensado pelas virtudes, de ser libertado pelo sofrimento, de imortalidade que faria aceitar a própria morte como um aspecto do negativo, que não tem nada a ver com o *nada agressivo* de Barth.

Talvez seja uma sabedoria aos moldes de Jó, que chegou a *amar*⁵⁰ a Deus por nada, fazendo assim *perder Satã sua aposta inicial*.⁵¹ Essa atitude leva a sair completamente do ciclo da retribuição, do qual a lamentação permanece ainda cativa.

Ricouer acredita que esse horizonte da sabedoria judeu-cristã, talvez coincida, em algum ponto, com a sabedoria budista. Ele não pretende separar essas experiências solitárias de sabedoria, de luta ética e política contra o mal que pode unir todos os homens de boa vontade.

Nessa luta, as experiências da sabedoria equiparam-se às ações não violentas, parábolas de uma condição humana onde, suprimida a violência, coloca-se às claras o enigma do verdadeiro, irreduzível sofrimento⁵².

2.3- O simbolismo do mal em *The symbolism of evil*⁵³

A possibilidade filosófica que o homem traz na origem quando confronta-se com o mal entra no difícil terreno da conceitualização. Definir envolve conhecimento e agilidade de expressão, dois atributos equívocos quando se trata do objeto fugidivo e instigante ao qual nos dedicamos. Conforme constatamos, o mal é visto da perspectiva da autoria, da motivação e do alvo: quem fez, porque fez, e para quem fez. Porque altera sensivelmente o autor e o seu alvo chega eivado de sensações. Essa gama de sensações altera-se quando o mal for biológico ou natural, momento em que exige técnica e solidariedade.

O mal se expressa eloquentemente, não passa despercebido. Desta forma, a sua simbologia deste é conteúdo precioso para sua compreensão, assimilação e

⁴⁹ Paul RICOUER. *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*, p. 52.

⁵⁰ Cf. *Ibid.*, p. 53.

⁵¹ Cf. *Ibid.*, p. 52.

⁵² Cf. *Ibid.*, p. 53.

⁵³ Cf. IDEM, *The Symbolism of evil*.

proposição de estratégias para combatê-lo e para superá-lo. Este é o motivo de estarmos nos valendo do acervo bibliográfico de Paul Ricoeur, agora em *The Symbolism of evil*.⁵⁴ Esta obra insere-nos, em sua primeira parte no esquema da simbologia do mal.

2.3.1- Preâmbulo. A Fenomenologia da Confissão

A abordagem do mal, segundo Ricoeur, encontra três símbolos primários: mancha (contaminação), pecado e culpa. Propomo-nos a desenvolver essa metodologia. Entretanto, a investigação exige o aporte da filosofia, em especial da fenomenologia. Por isso, Ricoeur introduz o estudo dos símbolos com um preâmbulo sobre a Fenomenologia da *Confissão*, em três momentos:

- 1- Especulação, mito e símbolo.
- 2- Criteriologia dos símbolos.
- 3- A repetição (reconhecimento filosófico) da Confissão.

2.3.2- Especulação, mito e símbolo

Ricoeur inicia este estudo com esta questão: como devemos fazer a transição da possibilidade do mal no ser humano para a sua realidade, da factibilidade para a culpa? A resposta procede em três momentos: o mito da culpa, o símbolo, e, por último, a especulação ou reflexão filosófica.

A confissão do mal no homem pela consciência religiosa não começa pela especulação filosófica ou pela cultura da concepção do pecado original. Deve começar pelo mito, não pela explicação falsa por meio de fábulas ou imagens, mas como um relato real de acontecimentos primordiais que oferecem fundamentos para

⁵⁴ Cf. Paul RICOEUR, *The symbolism of evil*. Faz-se necessário um esclarecimento quanto à utilização da tradução e do original *La symbolique du mal*. Na primeira fase de nossa pesquisa dispunhamos apenas da versão em inglês, conforme referendamos. Posteriormente conseguimos original fato que veio a colaborar com aquilo que havíamos traduzido para o português a partir do inglês. A leitura ao original, em francês veio a elucidar muitas dúvidas e colaborar para o aprimoramento da interpretação.

as sociedades atuais. O tempo é outro, mas o enigma homem/mundo permanece, porque é a essência dessa relação ⁵⁵.

Mas, para Ricoeur, a interpretação não deve começar por uma interpretação racional, gnóstica desse mito, já que o seu primeiro significado veio da experiência do pecado, a piedade judaica expressa na *confissão dos pecados*, no culto e no *apelo profético pela justiça e pela retidão*. Foi esse apelo que, antes leitura gnóstica, equipou o mito, equipou o mito com um aporte de sentido ⁵⁶.

Assim, a especulação sobre o pecado original nos leva de volta ao mito da queda e, por sua vez, é a confissão dos pecados Mas o mito da queda não é a fundamento principal da concepção judaico-cristã de pecado, pois a figura de Adão permaneceu *muda* em quase todos os escritos do Antigo Testamento. Ela se foi recuperando na literatura paulina, no paralelo entre Adão e Cristo, o segundo Adão, o que conferiu ao primeiro uma historicidade comparada.

Desta forma, a desmitologização da história da queda tornou-se mais urgente pela ação retroativa da cristologia paulina em torno do símbolo adâmico. Agora, essa dimensão do símbolo se completa pelo *reconhecimento (religação)* com a experiência explicitada pelo mito. É em tal experiência que Ricoeur pretende penetrar.

Ele pergunta se esse *reconhecimento (religação, reorganização)* é possível; se a função mediadora atribuída à especulação e ao mito não condena *a priori*, antecipadamente, a tentativa de restaurar o fundamento pré-mítico e pré-especulativo. A resposta é que mais *fundo do que a gnose e o mito está a linguagem da confissão*, que leva para o segundo e o terceiro lugar a linguagem do mito e da especulação.

O que se percebe, pois, é que a linguagem da confissão tem um triplo caráter de experiência que ela manifesta: a cegueira, a equivocação, a essa escandalização. A experiência que o penitente confessa é uma experiência cega, embutida na natureza da emoção, do medo, da angústia. Essa conotação emocional

⁵⁵ A introdução da obra em pauta revela a criteriosa metodologia que Paul RICOEUR desenvolveu desde o estudo da concepção do relato; que envolve elaborações de relatos por diferentes concepções; a do mito como testemunho primordial entre a imaginação e o mundo, livre da persuasão, e do símbolo, capaz de sintetizar um discurso histórico veraz por meio de um só sinal, uma só expressão.

⁵⁶ Em resumo o mito é um ensinamento pela linguagem, capaz de transportar dos fenômenos para as coisas, em modalidade de discurso impar.

é que faz surgir a objetividade do discurso; a confissão expressa impele para a emoção, que, sem ela permaneceria fechada em si mesma, como uma pressão dentro da alma, reclusa como rio represado.

A linguagem, pois nesse contexto, passa a ser a luz das emoções. Mediante a confissão, a consciência da culpa manifesta-se na luz do discurso e flui como o leito livre e natural do rio. Pelo discurso o homem torna-se linguagem, até mesmo na experiência de seu absurdo, do seu sofrimento e angústia ⁵⁷.

O sentimento de culpa aponta para uma experiência mais fundamental, a experiência do *pecado* que inclui todos os seres humanos e indica a real situação do homem diante de Deus, seja ele conhecido ou não pelo homem.

Culpa, pecado e mancha constituem, assim, uma diversidade primitiva na experiência. Por isso, o sentimento envolvido não é somente ego emocional; é também equivoco, carregando multiplicidade de significado. A linguagem, por esse motivo é necessária uma segunda vez para elucidar as crises subterrâneas da consciência da falta

Trata-se de uma linguagem peculiarmente estranha. Como alienação de si mesmo, o pecado é uma experiência ainda mais surpreendente, desconcertante e escandalosa talvez mais do que o espetáculo da natureza, e, por essa razão, o pecado surge mais rico, fonte do pensamento indagador.

Deus está escondido; o uso das coisas já não tem mais sentido. Na linha dos questionamentos (que derivam dessa ausência) pela busca de repelir a ameaça da perda de sentido é que o mito relata como isso aconteceu, e que a gnose elabora a famosa questão: de *onde vem o mal*. Mobiliza todos os seus recursos para explicá-lo

Fonte de questões, o pecado poder ser também versão e explicações incorretas, dando respostas prematuras. Entretanto, as respostas irracionais da gnose, dos mitos de origem atestam que a experiência mais malograda, a experiência de estar perdido como pecador liga-se à necessidade de entender e intensifica a atenção pelo seu próprio caráter de escândalo.

⁵⁷ Pela confissão, o homem libera o conteúdo pressionado de sua alma e flui. Fluindo como um rio emana uma energia natural, dele e para ele, com alto merecimento, ao passo que se esta mesma energia fica sufocada dentro da alma inconfessa vai ser canalizada, explorada como a energia de uma represa.

Por essa tríplice via, a experiência da culpa dá a si mesma uma linguagem - embora cega, contraditória e com recursos internos - que revela a experiência do assombro e da alienação.

A literatura hebraica e a literatura grega evidenciam a criatividade lingüística que marca as erupções existenciais desta consciência da falta. Descobrimo as motivações dessas invenções lingüísticas é que nós reconhecemos a passagem da mancha (mácula, contaminação) para o pecado e a culpa.

Embora viva, é uma experiência abstrata porque separada da totalidade de sentido, por razões didáticas. Nunca é imediata e só pode ser expressa pelos símbolos primários, que prendem-se ao trajeto dos mitos submetidos à especulação.

2.3.3 - A critereologia do símbolo

A confissão manifesta-se na linguagem e por ela. Há necessidade, por isso de elaborar um procedimento padrão, por categorias dos símbolos que irão permitir a elaboração dessa linguagem estabelecer, pois, uma critereologia.

Partindo do princípio que a reflexividade é o atributo pelo qual o homem elabora os símbolos sob interferência de sensações como aspectos cósmicos da hierofania⁵⁸, aspecto noturno da elaboração dos sonhos e da criatividade da palavra poética. Esses critérios surgem como :

- 1- Cósmico
- 2- Onirico
- 3- Poético

Alia-se a esses três critérios a circunstância sob a qual é dada essa simbolização. A finalidade de exprimir a falha, a mancha (mácula), o desvio, o exílio em sua característica conflitante, intensificam o reflexo que pode aparecer pela representação de um elemento cósmico, como por exemplo, o sol, a água. A

⁵⁸ Cf. Mircea ELIADE, *Tratado de história das Religiões*, p. 8-20 e IDEM, *O sagrado e o profano*, p. 26-37. A hierofania para ELIADE é o ingresso dos elementos cósmicos no mundo do sagrado, por meio do seu tempo aberto, uma abertura para o sagrado.

imensidão do mundo eivada de elementos naturais sacralizam-se pelo fenômeno hierofânico⁵⁹ criando símbolos .

Para Ricoeur, é o processo pelo qual surge um discurso infinito,⁶⁰ um discurso sagrado, capaz de constituir por esses elementos cósmicos, e ainda pelas manifestações políticas e éticas, uma figura única, *uma manifestação cósmica singular*⁶¹ conhecida como símbolo.

Quando se trata do simbolismo da mancha (mácula), do pecado e da culpa acontece um circuito progressivo. Isto se dá porque na trajetória do simbolismo da mancha para o simbolismo do pecado ainda há marcas do cosmos. Um exemplo disso é o tabu, que expressando sacralização, ainda se liga *ao regime ontológico*⁶²

Ricoeur analisa essa ligação ontológica paralela à necessidade de expressão de um momento intenso, como a simbolização da mancha ou mácula. Essa situação utiliza o referencial do *corolário da raiz cósmica*⁶³.

Esse tipo de simbolização é fundamentado pela fenomenologia da religião. Entretanto, encontra uma espécie de identidade de resultado com as produções dos sonhos descritas pelas psicanálises de Freud, e, mais ainda a de Jung, porque a arqueologia⁶⁴ do indivíduo que sonha é baseada em elementos culturais encontrados no cosmos. Logo, por essa identidade cultural, a instância psíquica capta do cosmos as expressões e impressões simbolizadas oniricamente. Para Ricoeur : “Manifestar o sagrado no cosmos e manifestá-lo na psique são duas operações similares”⁶⁵.

Por isso, os sonhos são fontes de re-imersão na idade infantil , como se fosse um carrossel. São importantes porque além de mostrarem-se reveladores e contribuírem para toda a maturidade do paciente, servem também como protótipo de

⁵⁹ Cf. Cf. Mircea ELIADE, *Tratado de história das Religiões*, p. 8-20 .

⁶⁰ Cf. Paul RICOEUR, *The Symbolism of evil* , p. 11.

⁶¹ Cf. *Ibid.*, p.11.

⁶² Cf. *Ibid.*, p. 12. Simbolização com base em coisas materiais encontradas no mundo, como vegetação, lua, água.

⁶³ Cf. *Ibid.*, p. 12. Por raiz cósmica entenda-se toda expressão dada a partir do conjunto que forma o universo. Uma figura oriunda dos gregos que conceituavam a palavra kosmos como o conjunto de fios de cabelo, que por analogia passou a ser usada como união de tudo no mundo (universo). A palavra raiz reconsidera a menção de unidade, unindo-a à menção de origem. Resta ainda corolário, uma espécie de confirmação irrecusável por sua tradição. Esse arranjo de três palavras equivale a uma referência maciça de coisas do mundo.

⁶⁴ Pesquisa , escavação em sítios de idade ancestral.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 13. (Tradução nossa)

manutenção para toda a humanidade. Pelo traço humano e pelo traço sagrado, indivíduo e humanidade têm oportunidade de amadurecer.

A dupla expressividade cósmica e física ganha um amadurecimento em questão da simbolização, a modalidade simbólica da imaginação poética. Esta simbolização poética exige para seu entendimento uma série de aproximação, que aumentando o grau de entendimento, passo a passo, poderá explicar essa questão delicada, mas de elaboração tão sutil quanto curiosa, por ser humana.

Para darmos um tratamento didático a esse segmento do estudo indicaremos os tópicos tratados por letras maiúsculas e cada argumento deles por números arábicos.

A:

- 1- Os símbolos são signos, pois comunicam um sentido.
- 2- Esse sentido é representado por uma palavra, ainda que os símbolos sejam elementos do universo: o céu, a água, a lua e as coisas e situações (uma árvore; ou uma pedra lançada) - e toda a fenomenologia contida em sua trajetória.
- 3- Esses símbolos são postos em uma situação falada ou escrita por meio do discurso (elaboração da comunicação pela fala ou escrita).
- 4- Os sonhos comunicam como um discurso, uma contextualização da linguagem. Para Paul Ricoeur, *a imagem poética é essencialmente linguagem*⁶⁶.

B:

- 1- É preciso entender, sem estender muito, a questão de que símbolo é signo. Todo signo visa algo a mais, já que é expressão e admite combinações, mas nem todo signo chega a ser um símbolo.
- 2- O signo representa a idéia de algo por uma parte material (sons e sinais), enquanto que o símbolo traz uma nódoa, uma mancha que faz o antigo signo atingir uma representação impura, corrompida. Isto, ao mesmo tempo em que apaga a expressão do signo, estabelece o alcance comunicativo do símbolo. Essa técnica fica transparente no discurso, por sua marca profunda.

⁶⁶ Paul RICOEUR, *La Symbolique du mal*, p. 21; IDEM, *The Symbolism of evil*, p. 14. (Tradução nossa) Estando de posse do original, e tendo feito a primeira leitura na edição em inglês valemo-nos de ambas as versões para melhor compreensão.

3- É preciso compreender a ligação analógica do sentido literal e do sentido simbólico. Trata-se da analogia de um raciocínio de quatro termos não concluída, que se estabelece por uma proporcionalidade: A para B e C para D.

C:

Ricoeur explica que, vivendo o primeiro sentido, o leito perceberá, por este a extensão dele próprio como um encantamento. O sentido simbólico é constituído no e pelo sentido literal, aquele mesmo que opera *a analogia, oferecendo o análogo*⁶⁷.

Trata-se de um movimento do primeiro sentido que leva a participar do sentido latente, sem passar pelo processo de raciocínio que conduz à similitude. É uma representação conduzida, que aparece dispersando a elaboração racional.

D:

1- A distinção do símbolo e da alegoria exige um aprofundamento na analogia operada pelo sentido literal. Aqui Paul Ricoeur baseia-se em *M. Pépin*⁶⁸.

Na alegoria, o significado primário, literal é contingente e o sentido simbólico aparece superficialmente. Para Ricoeur: *a alegoria é considerada historicamente um processo literário e retórico de construção artificial de pseudos-símbolos*⁶⁹.

Símbolo e alegoria, pois, diz Ricoeur, são processos diferentes: o símbolo necessita de hermenêutica, a alegoria já é hermenêutica. A tradução de significado que o símbolo proporciona vem turva e confusa enquanto que na alegoria ela vem outorgada, isto é, já determinada e oferecida.

E:

A lógica do símbolo precisa ser entendida: no silogismo, (proposição da lógica clássica), os pólos que o constituem são: *todo, qualquer, é, implica*. São expressões comuns, ainda que categóricas. Na lógica simbólica as expressões são substituídas por letras, por signos escritos, não têm necessidade de serem ditos. O cálculo é feito pelo próprio termo original, o primeiro na simbolização. É essencialmente uma

⁶⁷ Cf. Paul RICOUER, *The Symbolisms of evil* p. 15-22.

⁶⁸ Cf. IDEM, *La Symbolique du mal*, p.23, nota 10; IDEM, *The Symbolism of evil*, p.16, nota 10.

⁶⁹ Cf. *Ibid.*, p. 24.

ligação do seu conteúdo primeiro, e por meio dele, ao segundo conteúdo. Conforme Ricoeur :”é o universo absoluto de um formalismo absoluto “⁷⁰.

A lógica simbólica sustenta-se enfim, pelo raciocínio da ausência (*absentia*) e da presença (*praesentia*). A função da ausência justifica-se porque significar vagamente é dizer coisas sem as coisas, substituindo signos, enquanto que a função de presença se justifica porque significar alguma coisa é significar o mundo.

Tal formalização propicia a redução integral da operação, ou seja, de um primeiro signo introduzindo um segundo vago, que ressurgue com valor de caracteres, e, destes, para elementos de cálculo. Toda essa operação filosófica reestrutura a linguagem, agora cheia e forte , implicada intencionalmente como marco e marca da incomensuralidade humana .

1- Distinção de mito e símbolo

O símbolo, para Ricoeur é um significado espontaneamente formado no uso cultural como mediações no seguinte modelo: *profanação/mácula;pecado/desvio; culpa /acusação*.Variações análogas como *água/ameaça/dilúvio/batismo*, lembrando as hierofanias primitivas também são exemplos do gênero.

Os mitos para Ricoeur⁷¹ são espécie de símbolos desenvolvidos. Surgem como narração articulada em tempo e espaço a-histórico, ou seja, não estabelecem a relação cronológica histórica , tampouco obedecem à localização geopolítica. Fica fácil de entender pelo exemplo de Paul Ricoeur⁷²: exílio é um símbolo primário e não um mito, pois significa a alienação humana. Mas esta alienação suscita uma história fantástica, transportada ao Eden, que como história aconteceu in *illo tempore* (atemporalmente). Isso caracteriza o mito. Portanto, atemporalidade e explicação por meio de correspondentes ontológicos constituem uma *densidade* de informação específica, uma característica essencial do mito.

2.3.4-O reconhecimento filosófico da confissão

Este segmento reflete sobre o papel da filosofia na confissão. O mito já é o logos, ele é elevado ao discurso filosófico por meio de motivações e intenções. O

⁷⁰ Paul RICOUER, *The Symbolism of evil*, p.17. (Tradução nossa)

⁷¹ Cf. *Ibid.*, p. 18; IDEM, *La symbolique du mal*,p. 25.

⁷² *Ibid.*, p. 25. (Tradução nossa)

mito expõe o *logos*, e a filosofia repensa este *logos* alcançado, como hipótese, diga-se, *sobre uma proposta do ser*⁷³.

Esta é a fenomenologia que orienta o reconhecimento do ato praticado, ficando claro o conceito de falibilidade⁷⁴. Reconhecimento é fruto da autonomia, fruto de desenvoltura e isso está bem entendido, mas na questão remanesce o problema posterior ao reconhecimento da falha. Ele promove apenas a liberdade de reconhecer-se preso à circunstância humana da falta. Vem demonstrar a necessidade de uma metodologia para estudar o processo de sujeição.

Essa tarefa não é fácil porque há dois campos limitados a serem percorridos: o campo do símbolo que, conforme entendemos no segmento anterior é inexato, nebuloso: e ainda o campo da filosofia, cuja base é atada à cultura, precisando aliar-se, desta forma aos regionalismos e à história. É máxima ou evidência que não existe compreensão filosófica sem a correlação de tempo e de espaço, atributos que a sediam.

A filosofia grega parte da pergunta *O que é o Ser*⁷⁵. Aqui aparece o vértice onde nasce a Filosofia das Religiões: tempo, espaço e ser. Tal relação, selada pela cultura, sela também a intermediação de influências gregas e judias na *nossa memória filosófica*.⁷⁶

Mas todo esse aporte é explorado por vários ângulos, relações passo a passo, aprofundando a questão principal, aliadas a outras vertentes de informação como conseqüências paralelas, e reconstruindo respostas a situações referentes ao foco principal, que ressurgem como novas influências. Entretanto, é a relação em profundidade que se constitui em foco central, já que essa é a que conduz ao reconhecimento da falta. Esse reconhecimento é ponto de referência para a Psicanálise; essa *arqueologia*⁷⁷ na consciência é o seu fundamento e seu campo de pesquisa.

Mas há ainda um aspecto central, totalizante que preocupa Paul Ricoeur no estudo da simbologia, atrelada inevitavelmente à cultura. Nosso momento na

⁷³ Cf. Paul RICOEUR. *La symbolique du mal*, p. 25; IDEM, *The Symbolism of evil*, p. 19.

⁷⁴ Cf. *Ibid.*, p. 26; *Ibid.*, p. 20.

⁷⁵ Cf. *Ibid.*, p. 26; *Ibid.*, p. 20.

⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p. 27; *Ibid.*, p. 20.

⁷⁷ Cf. *Ibid.*, p.28; *Ibid.*, p. 22.

civilização proporciona-nos um passado refeito, aquilo que, nesse estudo da simbólica do mal é chamado de *Neopassado*⁷⁸. Isto envolve tempo, espaço e cultura.

Trata-se de uma perspectiva pela qual se enxerga o ponto de entendimento estabelecido por essa tríade natural em duas formas de entendimento. A primeira é o entendimento que temos do helenismo e toda a história em coadjuvação com a cultura hebréia, propiciada pela *restauração das intermediaridades perdidas*.⁷⁹ Ante a visão dos Alexandrinos, dos Padres da Igreja ou da Escolástica, houve necessidade de verificação e isso restabeleceu o vínculo verdadeiro da história, nesse aspecto:

... pela retroação dos sucessivos *agoras*, nosso passado nunca para de mudar seus significados, existe a apropriação presente do passado modificado, aquele que nos motiva, a partir das profundezas do passado⁸⁰.

(Este último entendido apenas como tempo que passou).

Em palavras do próprio Ricoeur, isso significa elucidar antigas *supressões de distância, do passado* “cheio de lacunas”⁸¹ Reconstrução, pois, de uma nova memória, isto é , um neopassado.

Uma segunda vertente nessa questão, entretanto, se interpõe. Esse neopassado foi construído deixando lacunas, outras experiências culturais do Extremo Oriente como Índia e China foram pouco pesquisadas . Sendo assim, faltam dados para que a história e a filosofia da religião relatem e pensem, em suma, abracem a *experiência humana*⁸².

A posição da ciência para essa fragmentação na cultura não é capaz de minimizá-la, não agrega os valores orientais e ocidentais, o que tem acontecido é uma “neutralização de valor.”⁸³ Estamos distantes de um pensamento acerca da atividade da espécie humana que agregue os valores ignorando a geopolítica, a

⁷⁸ Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p.28; IDEM, *The Symbolism of evil*, p. 22. (Tradução nossa)

⁷⁹ Cf. *Ibid.*, p.28; *Ibid.*, p. 22.

⁸⁰ *Ibid.*, p.28. (Tradução nossa)

⁸¹ *Ibid.*, p. 28. (Tradução nossa)

⁸² Cf. *ibid.*, p. 29; IDEM, *The Symbolism of evil*, p. 23.

⁸³ IDEM, *The Symbolism of evil*, p. 23. (Tradução nossa)

geo-filosofia, a geo-origem das convicções religiosas. Paul Ricoeur chama essa situação de “inexplicável insegurança do diálogo entre a filosofia e seus outros”.⁸⁴

Na verdade, ele aponta para a situação da memória universal fragmentada por uma inequidade que compromete o curso da civilização, da real atuação humana no universo, já que uma parte da história não é relatada ,ou seja , deixa de ser história. Cria, por um comportamento divagante e divagador, insolubilidade, um labirinto no qual não aparece nenhuma lógica.

A nós parece ser uma estagnação, e, se voltarmos a falar de seus motivos implícitos estaremos fazendo o nada.

2.4 - Os símbolos primários

Era necessário apacentar a questão simbólica, filosófica e lingüística proposta na introdução da obra de Ricoeur, para passar a realizar nossa intenção de debruçar-nos na primeira parte do livro que detalha a simbolização do mal para a consciência, valendo-nos dos símbolos primários.

Impureza (corrupção) pecado e culpa são símbolos primários por onde a noção do mal escoar. Dizemos escoar, pois o significado desse verbo expressa o processo de reconhecimento filosófico, já discutido, aliado agora à tarefa de simbolizar as etapas que estabelecem a hierarquia de contaminação, inserção e avaliação do próprio mal praticado. O primeiro deles é o estágio da contaminação, ou corrupção (*solluire, defilement*)⁸⁵, que resulta no estado impuro.

2.4.1 – O impuro (a contaminação)

Para Pettazzoni, é de difícil simbolização, pois se trata de uma contaminação, “uma impureza, um fluido, uma misteriosa e danosa coisa que age dinamicamente - que é dizer magicamente”⁸⁶. A impureza é um envolvimento que prima por dar ciência de si depois da infecção. A contaminação parece não ter meio termo, ela só se presentifica para a consciência quando já é senhora e dona desta. Surge um

⁸⁴ Paul RICOEUR, *La Symbolique du mal*, p. 30; IDEM, *The Symbolism of evil*, p. 24. (Tradução nossa)

⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 31; *Ibid.*, p. 25.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 31; *Ibid.*, p. 25. (Tradução nossa)

duplo ponto de vista, trata-se de um momento na conscientização da falta: objetivo - houve a falta; e subjetivo - sou responsável por ela. O impuro constata o que já é, só restando aquele que chega à confissão combater aquilo que o desconforta.

Existe relativismo em um julgamento do que é mau, nada é mau espontaneamente na existência. Persiste, segundo Ricoeur porque: “O mal e a desgraça não têm sido dissociados da ordem ética do *fazer mal* da ordem cosmobiológica *ir mal*”⁸⁷.

Para ele há uma discriminação *pré-ética*⁸⁸ nas considerações nessa esfera. Assim derramar sangue, na orientação bíblica é assassinato, e abrange também o julgamento dos assassinos que sofrem pena de morte. Por essa evidência, o repertório da contaminação (impureza) demonstra-se em diversas situações, e nas mais surpreendentes versões como algo largo ou estreito, ou seja, desequilibrado.

Do ponto de vista dos acontecimentos no mundo, o impuro é *vasto*; quando se trata da intenção dos agentes, é *estrito*⁸⁹. Morte, enfermidade, desgraça, para o impuro, são sempre sinal da sua contaminação. Por esse raciocínio, o critério ético e o critério físico ficam abolidos, valendo apenas o conceito maior do sagrado e do profano, tendo ficado *irracional*⁹⁰ para sistematização em qualquer teoria.

O caráter sexual, por exemplo, com relação à impureza: aborto, incesto, relações de tempo proibido (antes do casamento) constituem um ramo forte nesta discussão, e desde *tempos imemoriais*.⁹¹ O contato físico para a concepção taxava o nascimento como impuro. Essa correlação física, ética, cria classificações e subqualificações consolidadas na tradição cultural simbolicamente em atos, em ritos e linguisticamente. Exemplo disso é a noção de pureza pela virgindade, purificação pelo batismo, punições físicas a ladrões e adúlteras.

2.4.2 – O terror ético

“O homem entra no mundo da ética através do medo, não através do amor.”⁹²

Na questão da impureza (contaminação), tomar conhecimento da contaminação

⁸⁷ Paul RICOEUR, *The Symbolism of evil*, p.27. (Tradução nossa)

⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p. 28.

⁸⁹ Cf. *Ibid.*, p. 28.

⁹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 27; IDEM, *La Symbolique du mal*, p.32.

⁹¹ O tempo do mito.

⁹² *Ibid.*, p. 30; *Ibid.*, p.35. (Tradução nossa)

ética causa medo, vem camuflada a partir de uma raiva desorganizada, tão intensa quanto a desordem causada pela falha. É uma resposta da vítima da infecção, trata-se da versão subjetiva da contaminação (impureza). Depois da confissão, quando a pessoa sabe-se responsabilizada, conhece o mal praticado, é passível de interrogação por sua própria memória antes de qualquer outra pessoa ou instituição.

A presa do mal está retribuindo o *malefício*, revoltando-se - *ao sofrimento a revolta*.; torna-se sua máxima. Essa retribuição acontece também em outro âmbito. Se a ética já era relacionada aos sofrimentos físicos, tais sofrimentos passaram a ser sobrecarregados com significados éticos. Em outras palavras, a violação do interdito,⁹³ provoca sofrimentos, doenças, tragédias. Por essa mesma razão estimulou-se as práticas de exorcismo da impureza.

Mais angustiante, porém, é a emoção intensa, vinda do constrangimento moral, fruto do reconhecimento da violação do interdito. Assumi-lo, arcar com a responsabilidade do ato antecipa a punição a partir deste reconhecimento. Este é o poder do interdito. Para Paul Ricoeur, trata-se de um medo antecipatório, a se constituir em um poder mortal⁹⁴.

Esta noção veiculou-se no mundo antes da concepção da retribuição do próprio Deus ao ser profano. Surge o adágio do *Deus negativo*⁹⁵ A retribuição continua a agir, forma uma cadeia já que o *mal sofrido* é retribuído com o *fazer mal* instaurando o ciclo da corrupção. Toma, a partir dessa concentração de angústia, o perfil do estigma.

O cuidado para não transgredir, para afastar-se das infecções do espírito, de sua constante ameaça, criou a experiência ética. A ética, por medo, é o *tu deves* (interdito)⁹⁶. Isso estabeleceu condições para a separação do puro e do impuro, edificando a noção de sagrado e seu limite para os corrompidos

2.4.3 - O simbolismo da mancha

Este intercâmbio objetivo (o que determina a impureza) e subjetivo (estou no processo de impureza e reconhecê-lo, inteirar-me com ele, faz parte dele, como

⁹³ Cf. Paul RICOEUR, *La Symbolique du mal*, p. 33; IDEM, *The Symbolism of evil*, p. 38.

⁹⁴ Cf. *Ibid.*, p.33; *Ibid.*, p 38.

⁹⁵ Cf. *Ibid.*, p. 30.

⁹⁶ Cf. *Ibid.*, p. 30.

confissão) veio a construir o modelo, torna-se protótipo, matriz que se repete como tradição na cultura. Porém essa tradição, em contato com influências culturais novas, conserva a essência do mal, por outras interpretações e por outros modelos imaginativos.

Isso porque a corrupção, antes de se declarar como falha, pecado, ainda é apenas o seu requisito. Enquanto tal, segundo Ricoeur, os ritos de purificação podem suprimi-la. Esses ritos simbolizariam a corrupção já combatida. Os procedimentos rituais surgem como símbolos na ação de queimar, cuspir, enterrar - ações que purificam . Em outras palavras, trata-se de uma estratégia para superar a impureza, consciência manchada. Só então a consciência admite o mal,⁹⁷ na condição de expurgado, quando o perigo da perdição já foi conjurado.

Sem dúvida é a origem primária das figuras retóricas; a impureza é antes disso um simulacro da natureza humana, suportada pela história, inspirada pela filosofia e expressa pela linguagem. Entre evacuar e purificar há, e Ricoeur explorou isso muito bem,⁹⁸ um intercâmbio entre o domínio biológico e o moral. Além disso, há o intercâmbio dos estágios da linguagem (mítico, onírico e poético, com assimilação destes pelo poético, em predominância)⁹⁹.

Há, porém, no estudo de Ricoeur, a descoberta de um modo original de influência cultural, que revela por consonância, a concepção original da corrupção. Ele desclassifica a influência grega pura e simples do mito quanto à noção de corrupção. Corrupção ,para Ricoeur tem um sentido mais do que literário, já que todo o referencial, em procedimentos, relatos, tabus criados constituíram gama de informações não filosóficas que influenciaram a própria filosofia clássica. É, portanto cultural, passada como síntese de histórias de vida. A cultura ocidental, pois, ganhou, na difícil operação de conceituar corrupção¹⁰⁰, um referencial espiritual.

⁹⁷ Esta interrupção (entendida por orientação metafísica) é a abrangência do rito catalizada do tempo outro, o sagrado. Por essa premissa dá-se o reconhecimento da corrupção, por parte de um símbolo censurado, envolto nos meandros da purificação. Admitimos aqui que o suporte da Filosofia é necessário para essa constatação , sem esse auxílio a Semiótica pouco ajudaria na simbolização.

⁹⁸ Cf. Paul RICOEUR, *The Symbolism of evil*, p.37-39.

⁹⁹ O domínio poético efetua um transporte das percepções míticas e oníricas para o nível do mal, um real figurado, mas admitindo a âmbito de discurso oficializado pelo gênero - o gênero poético.

¹⁰⁰ Aquela simbologia que surge em um presente retroativo ao passado. Já havíamos concordado que corrupção só é admitida depois que o rito da purificação a identifica no passado.

Segundo Ricoeur, surge *entre profanação, purificação e filosofia a matriz do significado*.¹⁰¹

Essa simbologia ainda se desdobra em um segundo ponto: quando profanação e palavras elaboram uma simbologia, esta vem tachar o corrupto. Assim tachado, ele é excluído dos lugares sagrados. Admitindo que a pólis, por ser comunidade, passa a ser sagrada, aparece aí a necessidade material da exclusão do corrupto no ambiente público.

Esse é o processo de purificação dos ambientes,¹⁰² sugerido por esta simbologia. Portanto, pensamento e linguagem, ao lado da instancia material fazem o mundo, e nessa relação mundo torna-se uma materialidade espiritualizada pela ação humana.

2.4.4 - A sublimação do pavor

A consciência da falha, advinda da simbolização, ativa a reação. O faltoso sente o processo pelo qual passou. Desta forma, a emoção o toma por um medo exacerbado, um outro grau de medo:

Medo do impuro é, de fato, não mais medo físico A mancha do impuro é como um medo mas ela desafia uma ameaça em consequência do sofrimento e da morte , que por sua vez têm por objetivo a diminuição da existência , a perda do núcleo da pessoa (personalidade)¹⁰³.

A confissão, pois, altera a qualidade do medo na equação medo acrescido de ameaça. Este, segundo Ricoeur, toma dimensão ética maior, alçando o grau de pavor. Esse grau de pavor chega pelas palavras, que se constituem no relato da confissão. Relato significa trânsito na seguinte dimensão: há um trajeto na consciência para que as palavras conscientizem o próprio falante, antes de conscientizarem os interlocutores¹⁰⁴.

¹⁰¹ Cf. *Ibid.*, p. 39. (A tradução é nossa)

¹⁰² Cf. *Ibid.*, p. 40. Para essa concepção RICOEUR admitiu a de PETTAZZONI. PETTAZZONI apud Paul RICOEUR, *Symbolism of evil*, p.25.

¹⁰³ Paul RICOEUR, *Symbolism of evil*, p.41. (A expressão entre parênteses é grifo nosso)

¹⁰⁴ Ver o circuito da comunicação em Roman JAKOBSON, *Linguística e Comunicação*, p.122-124.

À medida que a notícia da impureza atinge seu alvo ,ou seja ,o próprio impuro, o medo adquire um outro grau. Desta forma, o medo da vingança, que, se cumprida, estaria fazendo justiça, reforçando a lei da retribuição, atemoriza, pela possibilidade da revolta causada pela concepção do próprio mal.

O impuro conhece melhor do que ninguém a motivação e a extensão de sua falta, por isso, abrem-se dois caminhos para ele : a condenação da consciência e a possibilidade da condenação sagrada e da condenação jurídica .

Trata-se ainda de um restabelecimento da ordem quando destrói o mal feito e reconstrói o destruído. Restaurada a ordem, o objeto da falta também o é. Nesse momento, justifica-se aquele sentimento e declara-se a verdade indesejável, até então maliciosamente disfarçada. Eis o pavor ético. Este se imbui do sofrimento altamente qualitativo, o vingativo.

Entretanto, para Ricoeur, o sofrimento pela punição apazigua, e, desta forma, a purificação dali advinda é situação melhor do que sujeitar-se à pena. O sofrimento da punição proporciona outro auto-julgamento, o da expiação. Diga-se com palavras de nosso hermeneuta: *a restauração do valor pessoal através da justa punição* ,¹⁰⁵ É aí que o medo, em qualquer grau se extingue.

Em suma , pelo sofrimento purga-se o mal, o faltoso toma consciência que pagou pelo seu erro,nada deve, está livre , e o medo acaba.

A ética vinda pelo medo faz um atalho, evitando a sinceridade, ou pelo menos deixando-a em um patamar desconhecido. Isto reaparece como ameaça no âmbito das comunidades, como instrumento de troca, mas é moeda baixa. A verdadeira expiação perduraria na ética, pelo amor, pois desconhece a retribuição, libertando.

O mundo contemporâneo tem sido obrigado a desprezar a sinceridade. Parece que ela, muitas vezes, é sinônimo de ingenuidade desprezível. Estabelecendo - se analogia entre esta concepção e a da mácula, como *primeiro esquema do mal*, podemos entender, pateticamente que vivemos em uma era de grande sofrimento .¹⁰⁶

¹⁰⁵ Uma importante referência que reestrutura o caráter, tornando-o ético , reorganiza a consciência, livrando-a do comprometimento da premeditação maliciosa.

¹⁰⁶ Portanto, hoje, mais do que em outros tempos, é atual, produtora ,entender a simbólica do mal, a tentativa, talvez, de um melhor encaminhamento desta realidade que, por muitas vezes, parece uma incursão feliz dos ficcionistas mais imaginativos.

É necessário, desta forma, levando a cabo a intenção de compreender a simbólica do mal em todos os seus passos, examinar a evolução da corrupção para a efetivação daquilo que foi conceituado como pecado na história e na filosofia .

2.5 - Pecado

Como a questão trata de uma transição de corrupção para pecado, a fenomenologia indica os principais pontos de compreensão. Parece não haver interrupção na trajetória corrupção, como passagem do impuro para o pecado. As expressões arcaicas gregas, enquanto apenas uma parte das fontes para o conhecimento da questão, enquanto concepção de uma semântica histórica acabam por necessitar da análise das atitudes ligadas ao terror, das influências demoníacas que respondem pelas emoções, e pelo poder de transgredir e passar da corrupção para o pecado.

A- O faltoso está, agora, *diante de Deus*. Emoção, reconhecimento da falta, influenciado por aquela, leva o pecador à lamentação , da qual já traçamos o perfil.¹⁰⁷ São responsáveis pelo estado de espírito ideal para a confissão do pecado.¹⁰⁸

Encontramos expressões contraditórias que comportam uma lógica da distinção. Culturas mais arcaicas (Babilônia e Assíria) preconizam a expiação do pecado natural por sofrimento, enquanto que hebreus e cristãos vêem o pecado pela ascendência da profanação. Afirmando a epistemologia fenomenológica, Ricoeur admite uma mistura de teorias, dizendo, com toda sua autoridade definitiva, que *o impuro é impuro*,¹⁰⁹ ou seja, literalmente mistura-se na existência humana .

O pecado envolve uma violação de contrato, um acordo que foi rompido, admitindo um Deus no passado (anterior a esse contrato). É a imagem de um *Deus Anterior*, ou seja, uma *Aliança*, que, segundo Ricoeur, não garante a troca da

¹⁰⁷ Cf. Paul RICOEUR, *The Symbolism of evil*, p.22-23.

¹⁰⁸ Cf. *Ibid.*, p. 49. Uma simples interpretação de versos esparços de uma ladainha é documento dessas evidências. A expiação é flagrante no próprio exemplo de RICOEUR – “Deus que eu conheço e que eu desconheço, meus pecados são muitos. Que o teu coração, como o de uma mãe que deu-me o nascimento, possa ser aplacado” (*Ibid.*, p. 49)

¹⁰⁹ Cf. *Ibid.*, p.49.

conduta ética em troca de um paraíso posterior à morte.¹¹⁰ É um acordo tácito com Deus,¹¹¹ que uma vez violado, caracteriza o pecado.

A noção de pecado também usa a mediação da palavra, a *parole* de Saussure em seu sentido técnico-científico. Há aqui um processo, cujo final emerge em uma explicação lógica. Para isso, o recurso é a história,¹¹² devidamente interpretada por nosso hermeneuta .

O termo *ruah* designa o acordo (convênio) com Deus, mediante critérios dogmáticos, cuja inflexibilidade surge como anti-fenomenológica. Entretanto, Paul Ricoeur, vasculhando termo e evento, descobre nisto também o significado de *palavra, word, parole*¹¹³. Sendo estes termos simples tradução do hebraico, a tarefa dos exegetas é de aproximar o *davar* hebreu ao grego *logos* .

Pela palavra, pois, salva da heresia pela ciência da linguagem, e mediante a aproximações culturais ousadas, surge a ligação *vocação/invocação*¹¹⁴. O *logos* reúne conscientização, por meio da palavra; um entendimento do discurso. Deus e homem, portanto, respondem-se mutuamente. Um, no atributo do perdão, o outro no reconhecimento da falha, sendo agora pecado. Esta é uma dimensão religiosa, antes de ter um caráter ético.¹¹⁵

B- A busca (*demand*) é o infinito, e o mandamento, finito; ele grita ou profetiza contra, anuncia uma destruição, as catástrofes decorrentes do pecado. O mal denunciado revela a medida infinita, a busca de Deus pelo humano. É o pecado que faz Deus ser *totalmente Outro*.

O *não cumprido*, matéria prima do pecado, ganha evidência pela palavra e nas Crônicas de Saul e Davi, origem ancestral das artes literárias. Davi ressalta a

¹¹⁰ Cf. Paul RICOEUR, *Symbolism of evil*, p. 50.

¹¹¹ Cf. *Ibid.*, p. 50. Esse acordo, convenio, entendimento é chamado de *Berit*, na tradição judaica, segundo a BÍBLIA.

¹¹² Cf. *Ibid.*, p. 51.

¹¹³ Cf. *Ibid.*, p.51. As expressões aqui ,quando repetidas em vários códigos lingüísticos expressam a distinção entre *langue e parole* de SAUSSURE. É, portanto noção científica, não ingenuamente tradução .

¹¹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 51; IDEM, *La Symbolique du mal*, p. 56.

¹¹⁵ Os itens do contrato Deus/homem ,os *mandamentos* são tomados como comandos prévios com reputação de *vontade santa*,de característica religiosa, nunca enquanto falha ética. Pecar é perder; perda de contrato, logo perda mútua, do perdão para o homem ,de misericórdia para Deus e do objetivo a ter sido executado. Paul RICOEUR entende que o pecado ensina, e nós compreendemos que a intensa troca de ações, emoções, perda e sofrimento gravam-se na memória do pecador, e de outrem como exemplo.

diferença entra a vida e a morte, reforça as possibilidades espirituais quando sustenta um discurso com o Interlocutor sagrado , com evidente estratégia pastoral.

C – A ira de Deus

O profeta anuncia *ira de Deus, expressa* por meio de catástrofes e desgraças. Ele atemoriza pela ameaça, preconizando o mal como conseqüência da violação. Por outro lado, o faltoso, na conscientização de sua responsabilidade diante da violação, reconhece o antiético. São dois pólos de interpretação, duas perspectivas; o profeta transmite a *ira de Deus* e o faltoso expressa-se, em pura manifestação do entendimento de sua falta, seu *terror pela acusação*. Estes dois posicionamentos remetem a uma representação de um labirinto com dois monstros. Duas interpretações na fenomenológica possibilidade do mal.

Esta é a concepção política da comunidade de Israel. Consiste em fazer relação entre o procedimento do povo, e a sorte do povo, que seria penalizado mediante a cólera de Deus pelas violações. Aí surge o símbolo da condenação para esse povo. Trata-se da conseqüência por uma *falência histórica* ¹¹⁶

Porém, o mesmo projeto que anuncia a catástofre proclama a promessa de salvação, de redenção. O simbolismo do pecado é complementado pelo simbolismo da redenção. Trata-se da *tensão ética*,¹¹⁷ elemento mantenedor da Aliança, do Pacto,(O deus anterior). O processo transcorre na seguinte disposição: enquanto há uma predisposição inata para o mal, ainda que desorganizada, há também entre os viventes oportunidades capazes de expor o humano a uma gama de transgressões, vindas por vaidade e ilusão. Esta junção de tendências (o mal já posto na origem do homem, mais as oportunidades decorrentes da existência, como prepotência, suscitada pelas ilusões vãs) facilita, seduz o transgressor; destaca o transgressor, *esmagando-o* ¹¹⁸.

Isso acontece porque há compreensão daquilo que o transgressor agora reconhece; o pecado faz Deus, para ele, aparecer como *Totalmente Outro*. Deus agora está longe do pecador, enquanto seus mandamentos negados pela

¹¹⁶ Paul RICOUER, *La symbolique du mal*.pp. 66-68; IDEM, *The Symbolism of evil* , p. 64. (Tradução nossa)

"Assim fala Javé / Por três crimes dos filhos de Ammon , e por quatro / Eu decidi irrevogavelmente / Que os prostrarei ao solo" . Ammom1:13-15

¹¹⁷ IDEM, *The Symbolism of evil*, p. 62. (Tradução nossa)

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 62. (Tradução nossa)

transgressão deixaram de ser referência. Esta compreensão da transgressão passa a ser vista *como o testemunho que o Justo presta a si mesmo* ¹¹⁹ .

Assim, o pré-estabelecido como Santidade é reconhecido pelo julgamento do indivíduo. Surge um acordo, uma Aliança. Significa, para a política da comunidade judaica um pacto capaz de relativizar a compreensão do mau ato cometido por meio da finitude humana. O homem, perante a história, surge como alguém capaz de render-se pela admissão da falta. Admitindo-a, ele passa a identificar-se como alguém de Deus no campo ético. Surge, segundo Ricoeur, a *Santidade ética* ¹²⁰ na correlação do homem com a significação divina. Esse pensamento vem modificar o conceito de povo escolhido, pelo ideário profético judaico.

Altera-se, pois, a raiz da simbolização para o bem e para o mal, já que o alcance do bem está atado à *infinita demanda*, ou seja, é na busca constante de entendimento para bem agir. Entendemos, por esse raciocínio, a declaração de Paul Ricoeur:

É preciso observar este enigma. Na passagem da consciência da corrupção para a conscientização do pecado, o medo e a angústia não desapareceram: eles mudaram de qualidade, esta nova qualidade de angústia que constitui o que nos chamamos de pólo subjetivo. ¹²¹

Por outro lado, esta subjetividade é fruto das prospecções tanto do homem, já dadas no âmbito do ser, quanto daqueles frutos do dizer dos profetas. Ainda há, e talvez essa seja uma ameaça estratégica, a possibilidade de evitar a tragédia profetizada porque está aquém do tempo vivido. A profecia está, pela boca do profeta, em relação com o projeto sagrado *da Cólera de Deus*.

O aspecto sagrado encontra exemplo na parábola do Deus ciumento, angustiado pelo amor. Tal é a Cólera de Deus. A Aliança rompida ainda significa *uma relação* ¹²², caminho para a Santidade e para o Amor. Isto, que a intimidade com os Salmos revela, já mencionado neste texto, é a ligação com a literatura.

¹¹⁹ Cf. Paul RICOEUR, *The Symbolism of evil*, p. 62-63. O que para nós, dentro do raciocínio contemporâneo parece óbvio, rende homenagens ao conhecimento dado pela história mas para ser coerente precisa postar-se aos pés da fenomenologia.

¹²⁰ Cf. *Ibid.*, p. 66.

¹²¹ *Ibid.*, p. 63. (Tradução nossa)

¹²² Cf. *Ibid.*, p.69. (Tradução nossa)

O pecado e a corrupção, comparsas nessa trama, são, neste ponto do estudo de Ricoeur submetidos à análise lingüística. Bem e Mal são forças antagônicas e ao mesmo tempo complementares, formam dialética. O que se vê na simbolização do mal que envolve o pecado é um contraste entre os símbolos do pecado e da redenção. A partir de um enxerga-se o horizonte do outro.

Etmologicamente, há interinfluências entre os gregos e os hebreus. Desvio tomado como direção errada (*awon*), diferente de (*Challat*), falta, erro por omissão da grafia de uma palavra. Estas duas significações para Ricoeur predicam a pessoa com erro moral, que, segundo a tradição latina, está em *peccatum*, evolução da forma grega cultural até nos caracteres. Ricoeur lembra as simbolizações no Poema de Parmênides. A gama rica de figuras traz o entendimento guardado por um grande portal, que o homem galga, galopando um cavalo alado.

Esta rica simbologia de reconhecimento universal demonstra a atitude altaneira do saber, enquanto que, para os hebreus, demonstra ser rota, caminho. Esta noção alia-se à conotação de mau caminho; tais aproximações e afastamentos culturais intervêm na simbologia do pecado¹²³.

Na simbologia ancestral a *doxa dos mortais*¹²⁴ (versos 31 e 32 citados em grego) têm um conteúdo aproximado de: “As coisas de aparência diversa são feitas de modo que a tudo atravessam. É preciso que mergulhes em todas as indagações, como todas as coisas caras aos mortais, que não atingem a aletéia”¹²⁵.

Assim, a referência grega pelo Poema de Parmênides mostra a opinião como terceira via da verdade, apresentada como bálsamos e nuvens¹²⁶. Esta teoria do *Deus Ciumento* permite a compreensão de um zelo, ora, zelo só desperta quem é amado, fato que leva os teóricos a admitirem que há aquilo que Paul Ricoeur

¹²³ Isto, no âmbito da cultura universal relativiza o Bem e o Mal, ou seja, a inspiração da glória e a do pecado postam-se ao homem como a visão de uma paisagem, que se vê melhor de longe, de ponto oposto.

¹²⁴ Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 77. (Tradução nossa)

Citando o poema de Parmênides, RICOEUR nos remete ao primeiro fragmento que é discutido em: José Cavalcanti de SOUZA, Pré-socrático, *Os Pensadores*, p. 172: “A simples leitura correta dos versos, onde pela primeira vez a *Opinião* intervém, nos incitara ser circunspectos. Trata-se dos versos 29 a 32 (...). após haver ordenado a seu discípulo *aprender a conhecer o cerne sem temor da verdade, esfera realizada (verso 29)* a deusa acrescenta que Ihe é preciso igualmente saber a *broton doxai*, as “opiniões” de mortais, em que não há fé verdadeira”.

¹²⁵ Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 172. (Tradução nossa)

¹²⁶ Bálsamo porque seduz, pela vaidade e nuvem porque escurece pela má influência, afastando do conhecimento.

chamou de *Pseudo Qualquer Coisa* no sentimento de Javé, constituindo uma fonte nocional, aporte para a cultura, desde a ancestralidade.

Isto surge como mediação entre bem e mal, como já afirmara Amos ¹²⁷ e dará a noção de idolatria. O ídolo como falso Deus é um falso alento, de falsa misericórdia, um embuste que o adorador faz a si mesmo até se prostrar no fundo do abismo diante do conhecimento puro que virá no grito de dor: *Meu Deus, por que me abandonaste ?* ¹²⁸. Aí caberá a esse filho do Homem, já conhecedor do caminho livrar-se da masmorra mediante a sua via da verdade.

Tal concepção cria no símbolo pecado a possibilidade de perdão: pecado, retribuição, perdão restaura a noção de corrupção e resignificam a Aliança, (O Pacto).

Sobre o perdão, os hebreus elaboram um esquema de entendimento, quase sempre pedagógico, maneira ideal para abordar temas instigantes, como o do mal. Estes, de fato demandam explicações e, via de regra trazem mais polêmica do que aceitação, já que envolvem o mal e têm em contrapartida Deus. Assim o sendo, a dialética que mantêm com o objeto requer postura de atenção e intensidade de proposições.

A subjetividade humana, nas comunidades conta com o acréscimo das leis jurídicas, e a partir disso cada sujeito falha por sua inspiração, mas tal falha é entendida por meio do tratado coletivo que as legislações determinam. Desta forma, o pecado transforma-se em culpa na consciência humana, passa a ser responsabilidade dos chefes destas. Este, porém, não é o pior aspecto.

A falha subjetiva (escolha) prejudicando outrem, a sociedade, e por esse aspecto compreendida, não é mais pecado e sim culpa. O indivíduo, para estar consciente de suas escolhas, precisa mediar a relação coletiva com aquela da Aliança. Difícil fica a mediação entre aspecto ético e aspecto biológico. Por outro lado, a relação *homem /Deus* no segmento *corrupção/pecado*, pensada pela segunda visão da corrupção, ou seja uma nova noção, face ao fenômeno do pecado, encontra barreira quando não consegue alinhar o conceito de pecado pessoal ao de pecado comunitário.

¹²⁷ Cf. Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 77 .

¹²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 79.

O que ocorre , por meio do mito adâmico resignificado pela consciência coletiva, é que este mito agora não é mais um ponto capital de discussão como foi para Agostinho. O fenômeno sociedade, inter-relação cultural proporcionando contrates, divergências, convergências, adaptações, faz esse *mito Adão, não o homem Adão*, o protótipo do embate natureza/ética tornando-se ultrapassado. Explicamos não há pecado coletivo, nem tampouco individual nos moldes do *Deus Anterior*. Há, na verdade, uma conscientização individual no universo coletivo. É o que admite Ricoeur: “O exame de consciência é assim reconhecido: meu próprio olhar sobre mim mesmo quer ser a aproximação do olhar absoluto para a *consciência de si* ; eu desejo conhecer-me tal como sou conhecido (Is.139, 23-4)”¹²⁹.

Tal remanejamento de concepção constitui-se em avanço notável na questão *do enigma do mal*¹³⁰ Mostrou sabedoria ganha, sabedoria de compreender e admitir a origem do próprio mal, a vaidade própria, de responsabilidade exclusiva de um lado frágil, debilitado de próprio caráter, uma descoberta que tem nome de cura. Trata-se de um desvelamento de olhar, diríamos, erradicar a nuvem densa da vaidade e assumir na verdade cristalina a própria autoria das suas desditas, em outra versão para o binômio corrupção/pecado. Isto é um avanço, mas não é tudo. Há um segundo grupo¹³¹. Uma segunda questão do binômio é assentada na vaidade e seu campo de atuação - *vaidade é punição ; tira a força da existência* .¹³²

Mais um acervo de evidências vem constituir nova chave de leitura., que dá conta da substância maléfica sem seu mito principal ,o demônio , ou ainda o mais intenso e mais sagrado, o *deus punitivo*. Nessa trama inaudita, a simbolização do mal tenta envolver, de certa forma, duas faces da malignidade - pecado e doença.

Essa interessante ligação é proporcionada pelo fator imaginário humano porque, o mal conservando seu perfil enigmático facilita o protótipo interpretativo da cólera de Deus. Aquele que se julga no *exílio de Deus*¹³³ sente a sensação de que um manto escuro do mal o encobre. Esta imagem ontológica repete-se em grande gama de símbolos, concepção dos profetas bíblicos em apreensão da linguagem

¹²⁹ Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 86. (Tradução nossa)

¹³⁰ Cf. *Ibid.*, p.86.

¹³¹ Cf. *Ibid.*, p. 87.

¹³² Cf. *Ibid.*, p. 87.

¹³³ Cf. *Ibid.*, p. 88.

cosmogônica. Veja-se Osias,¹³⁴ que invoca todos os signos do mal pelo viés do adultério, Jeremias ¹³⁵ que invoca a imagem do coração endurecido usando por imagem o rugido dos animais.

Surge deste conceito inicial o grande manancial do mal pelo trágico, uma tendência do trágico primitivo de antes de Cristo, a tragédia pela tragédia, nos clássicos gregos aliada às interpretações dos profetas bíblicos.

Para Ricouer é trágica a concepção da Bíblia dos hebreus, relativa a alienação, estado de passividade do faltoso, e por outro lado a tendência ao mal, herança de Adão. Este símbolo do malefício ligado à sexualidade viria a imprimir a toda concepção o pecado, implícito na conjunção carnal da qual deriva a concepção.

Pecado e doença, passividade e tendência ativa ao mal são pares que, ao invés de convencer aumentam e instigam à aporia, pois se são indícios lógicos. Um aspecto fica claro e distinto: o mal surge, com ele convivemos e ele é fugidio, como animal peçonhento.¹³⁶

Essa evidência cíclica da linguagem prospecta o segundo ciclo do pecado, agora centralizado no vértice da *redenção e do perdão*, pela hermenêutica de Ricouer¹³⁷ ao Velho Testamento. Ele dedica-se, então, a entender as três raízes do mal - *gaal, padah e kapar* - sustentáculo dessa nova versão para o mal, neste segundo ciclo de fundamentações, agora uma concentração de simbolizações que levam da impureza (contaminação) para o pecado¹³⁸. Este novo manancial, proveniente dos símbolos do retorno, encarado agora como uma idéia de pecado como ruptura do laço com a Aliança (Pacto), revitalizando a concepção de que o homem é subjugado, tornando-o refém do mal e por isso precisa pagar um resgate para anular o malefício causado pela transgressão

Assemelha-se ao conteúdo platônico no diálogo Phedon, que faz parte de uma antologia, na qual, por ficção e tendo Sócrates como personagem, Platão demonstra a tendência de trocar as *paixões pela virtude*¹³⁹.

¹³⁴ Cf. BÍBLIA SAGRADA apud Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 88, nota 33 (Osias 4,12).

¹³⁵ Cf. *Ibid.*, p.88, Jeremias 2, 23-25;3.17;9.14;16.12.

¹³⁶ Tão verdadeiro isso é que, se quisermos prosseguir esta pequena exegese teríamos que abordar agora a linguagem cosmogônica, atitude que desenharia o perfil de um ciclo ou de um labirinto.

¹³⁷ Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 91. (Tradução nossa)

¹³⁸ Cf. *Ibid.*, p. 91.

¹³⁹ Cf. *Ibid.*, p. 92.

Nisso justifica-se o *gaal*, primeira raiz que revela proteção - salvar, resgatar, conjurar uma situação lamentável - equivalente ao costume de um parente masculino casar-se com a viúva de um ente querido. A segunda raiz, *podah*, consiste na oferenda em sacrifício. Nesse caso não se trata de sacrifício de animal, mas de resgate de escravo ou de recém-nascido com objetivo de redenção.,é quando o libertador compra de volta o pecador e restabelece a Aliança (o Pacto). A libertação dá-se também pelo simbolismo do sangue, que envolve o rito de expiação e a fé no perdão. O sangue é um dom, uma oferta de vida do pecador como expiação. Percebemos aqui a forte indicação, nessa etapa histórica, já que, a cultura que ontologiza a cerimônia de redenção.

O *kopher* ou *kapar*, terceira raiz, tem etimologia no árabe da noção de *kapa*, *apagar, riscar da memória*, que seria o sentimento de base para alcançar a expiação. Temos sustentado, por várias vezes, neste texto, a idéia da ontologização. A junção destas três raízes fortalecem essa intuição, desde que se concorde com uma ressalva: expiação, redenção, não se referem à escatologia, na condição ontológica, mas essa condição ontológica sacraliza-se, volatizando-se por meio da expiação.

Nessa linha de raciocínio, é possível conceber uma parceria entre resgate e Êxodo. Amos refletem a interpretação bíblica do destino de Israel louvado pelos Salmos. Historicamente aparecem, passo a passo do *resgate, as concepções de regate, de perdão retorno*. Esses símbolos de libertação são colocados em oposição aos contrários como *cativeiro*, *servidão*, para, por fim, admitir analogia entre o estado de servidão e o pecado, pois ambos envolvem alienação.

Devemos acolher a relação que aí surge, pois a situação de sujeição de um semelhante fatalmente enquadra impureza, via de regra, de todos os tipos.

Libertação, pois é um símbolo positivo relativo ao pecado, que se estende no campo semântico de saúde, fertilização, vida. Surge, entretanto, nos rituais de sacrifícios. As cerimônias, são repetidas em um espaço sagrado e essa *prática do rito* é uma base para a inserção das ameaças, quando o ritual é aplicado com finalidade de purificação. Houve diversas interpretações da adoção cultural de palavras primitivas, em suas linguas primitivas traduzidas dos documentos arcaicos,

pois o símbolo e o *código*¹⁴⁰ nem sempre emparelham-se, mas a explicação do sacrifício no rito é uma transposição, como tudo, na fenomenologia .

O ritual se dá pelo sangue do animal oferecido manipulado pelo sacerdote, que não é Deus, mas tem atribuição sagrada para realizar o sacrifício. Na cerimônia, o ambiente ritualizado será capaz de transferir o sangue derramado para a pessoa do ofertante impuro, que desta forma será aspergido do mal.

Resta-nos observar ainda que a simbologia do rito e a simbologia do perdão, que surge como resultado deste, são enigmas pelos quais Deus transfere seu poder ao sacerdote, que assim o celebra o ritual Seu nome e sob seus cuidados.

2.6 - A culpa

Culpa é consciência da falta, não sua figura simplesmente . Essa constatação encontra sólida fundamentação a partir da centralização que Paul Ricoeur faz do tema , dado seu enfoque múltiplo. Fruto do complexo ciência e cultura, a culpa surge como uma mola mestra , no contexto social e invisível em sua parte exterior .

A esfera social fornece argumentos jurídicos diluídos na ética, que por sua vez requerem espaço também no campo religioso. Este, que envolto e reenvolto no pressuposto básico Bem/Mal, dimensiona a instância psicológica profundamente no projeto de entendimento teológico.

Logo, estes três enfoques:

- a- A reflexão ético-jurídica na penalidade e responsabilidade
- b- A direção psico-teológica ético-religiosa da questão
- c- A direção psico-teológica pela idéia de inferno, que representa uma consciência acusadora e condenatória.

Estes enfoques trazem uma concepção primeira de culpa,entretanto aparecem distribuídos no espaço cultural da época quando gregos e hebreus interagiam na história .

¹⁴⁰ Código é o idioma pelo qual a linguagem oral ou escrita se expressa.

Racionalização penal á maneira grega, interiorização e refinamento da consciência ética à maneira judaica , tomada de consciência à maneira paulina da miséria do homem sob o regime da Lei , eis três possibilidades divergentes que veiculam a noção de culpa ¹⁴¹.

Nessa interação histórica temos: a racionalidade do Grego contra a religiosidade do Judeu e do Cristão, a interioridade da *pietade* contra a exterioridade da cidade o *antilegalismo* paulino contra a lei do tribunal e contra a lei mosaica.¹⁴²

Entretanto, esse *ecletismo*¹⁴³ de fontes deve-se ao envolvimento sutil , original, dos temas: corrupção, pecado e culpa Nesta lâmina os símbolos primários do mal são avaliados face à diversidade cultural. A culpa, diz Ricouer, substitui o homem cativo por alienação pelo homem cativo por responsabilidade, ligado ao conceito de livre-arbítrio

2.6.1 - A Culpa e a imputação da pena

O responsável é livre. A culpa, como análise de uma situação clara para a consciência, desvincilia-se da vizinhança incômoda da corrupção e do pecado, embora ainda conserve uma interface, em outros moldes com a corrupção . Ocorre a percepção de uma carga, que decorre da corrupção, anterior à realização do pecado. Consideramos esclarecedor este raciocínio de Ricouer: “. o essencial da culpabilidade está anteriormente contido nessa consciência de estar *carregado*, carregado de um *peso*”. ¹⁴⁴

A assimilação desta carga, ainda em estado de premeditação, é paralela à corrupção que ocorre antes do pecado. A transgressão da regra sopitada pela corrupção traz peso. Nenhum outro motivo culpa mais do que a consciência do uso impróprio da liberdade.

A culpa ocorre porque o valor da liberdade foi ignorado, desperdiçado, e liberdade desperdiçada é, na razão direta, desvalorização do ser liberto.

¹⁴¹ Paul RIOCEUR. *La symbolique du mal* ,p.99. (Tradução nossa)

¹⁴² Cf. *Ibid.*, p.99.

¹⁴³ Cf. *Ibid.*, p.99 Menção de RICOEUR à diversidade de fontes, por nós detalhada, acima.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 100. (Tradução nossa)

Essa desvalorização é diálogo puro entre culpa e o culpado. Por mais que pareça paradoxal essa relação, passará a ser uma expiação educativa,¹⁴⁵ uma vez que trilha pela via da compreensão. Difícil é o intercâmbio entre culpa, agora elucidativa e o pecador, que perdido na impureza é passível de retribuição. Pune-se sem possibilidade de recuperação. Daí a tragédia .

A culpa, forjada no íntimo do indivíduo, pode ser refletida e aprofundada, e assim cria no humano reação no sentido de saber quão mal foi a repercussão do seu erro. Essa é a espécie de conduta que favorecerá o balanço do prejuízo, atitude que contribui para ver claramente¹⁴⁶.

Por esse posicionamento, a culpa aparece como tomada de *consciência psicológica e reflexiva*,¹⁴⁷ avaliação espontânea por necessidade, inspiração personalizada, diferente da atitude cobrada na Aliança, por um Deus Juiz , portanto punidor. A punição coage e ilude, porque leva o jurídico para o ético, enquanto que a culpabilidade ensina a usar a liberdade eticamente. Ante ao pecado, punido coletivamente, por contrato fechado, por gerações, (por exemplo entre Deus e o povo de Israel) deriva a culpabilidade individual. Assim acontece o processo da individualização da culpa: "... a individualização da falta é a idéia que a culpabilidade tem graus; enquanto que o pecado é uma situação qualitativa - é ou não é - , a culpabilidade designa uma grandeza intensiva , capaz de mais e de menos"¹⁴⁸.

Mais e menos, relativos à falta incluem, para Ricoeur¹⁴⁹ os pólos extremos: malicioso e justo. Assim procedendo, a justiça também desfocar-se-á do pólo único da perfeição absoluta para o pólo da justiça entre os humanos e falíveis.

Ante o atributo filosófico do homem a liberdade tem preço. Esse preço, de taxa única da condenação coletiva e radical da violação do interdito como pecado por mácula ajunta-se à concepção de culpabilidade por grau, que viria consubstanciar o código penal civil. Em suma:

1- a cobrança inspirada na liberdade humana passou pelo estágio do *Olhar de Deus* , relação direta e absoluta *Deus / homem*.

¹⁴⁵ Cf. Paul RICOEUR, *La symbolique du mal* ,p. 101.

¹⁴⁶ Cf. *Ibid.*,p.101.

¹⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p. 103.

¹⁴⁸ *Ibid.*,p. 105. (Tradução nossa)

¹⁴⁹ Cf. *Ibid.*, p. 105.

2- a deslocação da falta coletiva para a culpa, individual, personaliza o culpado porque exige reconhecimento deste, logo admissão, contra imputação anterior

3- e ainda admite os graus de culpa em coerência com a liberdade aplicada, fenomenologicamente acasos específicos.

Este último estágio, sobretudo não nega o mal, e apazigua as consciências pela aceitação da responsabilidade e liberta o vivente do jugo da submissão da vontade ao desejo. Este pensamento remete à imagem de rota, caminho, vida. Um caminho capaz de prever a imputação penal.¹⁵⁰ As influências gregas, bem como uma boa parte do Velho Testamento de orientação judaica compõem a simbologia linguística das penas éticas .

A *imputação racional*¹⁵¹ se dá na comunidade, e é relativa a ela. Não há comunidade sem regras e essas regras baseiam-se na ética, tratado do bem agir, gerente regulador da co(n) -vivência. O grego, em sua era clássica, tem, por excelência, um código urbano ligado aos preceitos nobres que em pouco diferem dos preceitos religiosos, de sorte que injustiça e impureza se equivalem .

Tal noção advém do conteúdo da questão. Tanto a profanação do bem público , como a do santuário são o mesmo crime. As duas instâncias misturam-se, apesar de sua origem diferente. As diferentes faltas, como a usurpação de bem particular, a morte involuntária, são avaliadas pelas regras comunitárias de acordo com a intenção: acidente, premeditação ou infortúnio .

Por essa variação de origem, as interpretações penais aplicam o grau da pena, seguindo um repertório classificativo baseado ainda no perfil do delito, no perfil do delinquente e na avaliação do prejuízo causado. As instituições, entretanto, tomando a frente das penalidades, provocaram uma disjunção entre penalidade e culpabilidade. Isso porque as concepções antigas dos tribunais usavam no julgamento e na aplicação da pena parâmetros clássicos dados pelos mitos, pelos poemas e epopéias.

As cristalizações culturais guardavam a tradição, que, via de regra, interferiam na pena em relação com a culpa. Esse processo, pelos parâmetros clássicos podem

¹⁵⁰ Cf. Paul RICOUER, *The symbolism of evil*, p. 107.

¹⁵¹ Cf. *Ibid.*, p.108.

tornar-se impuro e injusto. O mal como enigma, ou como relativo infiltra-se nesse primeiro raciocínio e pela impostura traveste-se de justiça, fala em seu nome.

Estes equívocos foram argumentos com os quais *Platão e Aristóteles*¹⁵² construíram critérios para classificação de delitos e para uma equalização do grau penal. Assim, um grau de penalidade diferente surgiu para o: *delito intencional e voluntário e seu contrário, o involuntário por pressão, ou por ignorância, para a escolha deliberada, para o desejo por alguma coisa.*¹⁵³

Perante a fenomenologia, essas distinções assemelham-se a uma generalização grosseira, tomando por base ações nas quais estão em jogo interesses contrários. Os fatos graves que atentam contra a vida ou contra a moral, são classificados com base na religiosidade perante a corrupção, que constituem sacrilégio ou ofensas aos mandamentos de Deus, a Ele próprio, às Suas palavras.

Há duas noções fundamentais gregas para o enquadramento de malefícios dentro das hipóteses acima, de acordo com os estudos de Gernet e Moulinier¹⁵⁴, segundo o crivo de Paul Ricoeur: *erros fatais reputados como tragédia, a alucinação dos grandes crimes* criam:

1- A *armatia*, que na concepção trágica da existência expressão erro fatal , a errância dos grandes crimes, a *übris*.

2- A *übris*, que, na mesma visão de mundo, denota a presunção, que impele o herói para além dos limites da sua posição e da devida medida .

A desmedida (*übris*) e o acaso embora resultando em tragédia misturam um princípio mau e outro neutro, apesar do péssimo resultado. A fatalidade, nesse caso teria sido motivado por exagero de segurança ,ou de uma vaidade que resultou em alucinação .

Pensamos que as duas afirmações estão próximas, pois erro fatal e desmedida caminham juntos. Essas duas noções originalmente aparecem em código e alfabeto gregos, depois assumem um grau de mal, que Aristóteles definiu como uma *injustiça francamente voluntária* (intenção) e o *acidente francamente*

¹⁵² Referimo-nos ao conjunto de idéias de *A República* e *Ética à Nicômaco*. Essas duas obras clássicas da filosofia grega constituem protótipos para a civilização ocidental PLATÃO, *A República* e ARISTÓTELES, *Ética à Nicômaco*, p. 245-442.

¹⁵³ Cf. Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p.111.

¹⁵⁴ Cf. *Ibid.*, p.111.

*involuntário*¹⁵⁵ (resultado trágico não desejado ou premeditado)¹⁵⁶, que acima mencionamos como item “a”.

O próprio Ricoeur argumenta que¹⁵⁷: “é o mesmo mito trágico que fornece o próprio esquema de irresponsabilidade, o princípio da justificação : se o herói está cego por deus , então não é culpado de suas falhas”. Para ele, a palavra grega histórica, que tentou verter em significado nesta sua obra por *desastre* (*descuido*, aproximadamente) é o móvel da tragédia.

Ricoeur usa a expressão *chevauchement*.¹⁵⁸ palavra francesa, que no contexto mencionado significa arranjo, para denotar várias significações possíveis do malefício na cultura grega¹⁵⁹. É quando ele afirma existir: “... várias séries conceituais , a série da mácula e a série da injustiça; a série da infelicidade e a série do espontâneo”¹⁶⁰.

E há várias duplas de significações as modalidades de leitura: religiosa, poética e trágica transportadas para a responsabilidade jurídica que levantam o princípio individual da escolha de fazer o mal. Como se expressou Gernet, em citação de Ricoeur : *uma vontade consciente do mal pelo mal*¹⁶¹.

Os caminhos pelos quais as diversas *epistemes* bifurcam-se neste caso (o jurídico pelos meandros do poético, do trágico, do religioso), a partir de suas noções originais gregas e pelo aporte moderno da Psicologia, vão encontrar como sustentáculo o orgulho humano¹⁶².

Mitos poéticos gregos trazem ainda algumas revelações, e uma comparação patente é observação final de Paul Ricoeur para a questão da penalidade - a

¹⁵⁵ Cf. Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 113.

¹⁵⁶ *Em Romeu e Julieta*, de William SHAKESPEARE esta fingiu a morte para esperar a volta do amado, porém o aviso da estratégia não chegou a Romeu, e este julgando a amada morta também se suicidou. A mentira, simulação de tragédia, nesse caso tinha a intenção de evitar um casamento sem amor, e justamente essa prova de amor causou o suicídio do amado. Existem aí mais relações que duplicam as operações no mesmo exemplo, mas, no momento, voltamos para outras noções.

¹⁵⁷ Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 113.

¹⁵⁸ Cf. *Ibid.*, p.114, 2º parágrafo .

¹⁵⁹ A intrincada tarefa de compreender envolve cultura, por isso exige mais atenção, as palavras, temos dito , são como pedras multicoloridas , ao sol reluzem por várias cores.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 114.

¹⁶¹ Cf. *Ibid.*, p.114.

¹⁶² Esta característica parece ter orientado Gernet a reconhecer o mal nos diversos mitos gregos. Dentro de um argumento racional servem ao lucro e ao espírito de dominação . Isto é poder em todas as esferas sociais , e cremos que explica a questão , infelizmente . Até porque a menção do poder contesta todas as modalidades de leitura vindas do domínio antropológico.

semelhança do pensamento penal grego com o conceito de culpabilidade judaico, no pensamento evoluído depois do exílio

Uma chave de leitura nova surge com relação à culpabilidade a partir do exame do conceito de Fariseísmo que se contextualiza como uma classe social religiosa - os homens do Torah.

2.6.2 - O escrúpulo

Responsáveis por um posicionamento específico, os Fariseus concentram-se cronologicamente em uma acepção que iniciou antes do Exílio e predominou até o Sec.VI depois do Exílio.¹⁶³ Referem-se a uma questão que o povo judeu reputava como ética e os cristãos reputam como reprovação. Este aspecto de fissura entre Cristianismo e Judaísmo aparece em inúmeras passagens do Novo Testamento, dentre as quais citamos uma: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Sois semelhantes aos sepulcros caiados: por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos, de cadáveres e de toda espécie de podridão”¹⁶⁴.

Entretanto, esta nossa citação demonstra uma interpretação unilateral, que analisada por Paul Ricoeur expõe o drama dos julgamentos. Citando Moore¹⁶⁵ *Os Fariseus são essencialmente os homens da Torah*. Tal afirmação muitas vezes foi assumida como acusação de legalismo e escravidão, mas a interpretação é bem outra. Torah, segundo Paul Ricoeur, é um livro de leis, de leis de Moisés – o Pentateuco, uma instrução do Senhor. Precisamente a Lei de Moisés requer que uma interpretação a ser aplicada no cotidiano, para ser viva e atual.

Se a Torah é uma instrução endereçada aqui e sempre ao homem judeu por Deus, e não um sistema abstrato de moralidade, se a religião consiste em fazer a vontade de Deus aqui e sempre, então é preciso que a Torah seja viva e atual; ou a vida cria situações, as circunstâncias, os casos, onde a Torah escrita é muda; então é necessário uma interpretação, fiel e criativa toda a vez que possa ser considerada como a revelação da Torah de Moisés, ainda que não escrita.¹⁶⁶

¹⁶³ Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 118-120. (Tradução nossa)

¹⁶⁴ BÍBLIA, *Evangelho segundo São Mateus* 23, 27, p. 1156-1193.

¹⁶⁵ Cf. Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 119, nota 13.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 122. (Tradução nossa)

Diante desta leitura de perfeita definição de liberdade criteriosa surge a noção de escrúpulo. Ele é apreensível no vértice *da imputação pessoal do mal e a polaridade do justo e do maldoso*.¹⁶⁷ É uma polaridade paradoxal de compreensão fácil. Indica o judaísmo como uma religião prática, cuja apreensão enquanto que a apreensão pedagógica reclama por um direcionamento dessa liberdade criteriosa que acima mencionamos .

Ricoeur nos fala do cumprimento de um rito¹⁶⁸ que vem a contentar a porção mística e ética do povo judeu, e por isso libertar a consciência. Concordamos, mas ainda há mais.

O rito, enquanto diviniza requer critério, termo que norma, um fundamento que legitima, torna-se lei. No caso do escrúpulo é lei cumprida rigorosamente, por um processo de compreensão. Este fato institui o escrúpulo como status de quase-virtude .

Isto nos faz voltar à questão da prática suscitada pelo judaísmo, uma vez que fenomenologia aponta e convalida a questão da circunstância, e não é difícil de reconhecer que uma prática orientada pela ética, diante da desenvoltura da vida, traça um caminho para a santidade

Em contrapartida, o homem sendo dono de seu próprio destino poderá exceder em fanatismo na consciência escrupulosa, situação que o postará como juiz ferrenho e pouco veraz de toda uma comunidade. Um resultado que envolva prepotência está em oposição ao despertar da sutil consciência que é o amanhecer da responsabilidade criteriosa.

Pior e mais devastadora é a posição do falso escrupuloso, o hipócrita. Este, malgrado em uma intenção que pode ter sido verdadeira, passa a pregar aquilo que não executa, o que resulta em animosidade, e, em um grau maior, em alienação.

Certa passagem do Evangelho de São Mateus, na qual ele execra os Fariseus, recolhemos com ênfase as noções da Lei não escrita, a Torah interpretada de maneira arbitrária e impositiva na efusão fenomenológica e conseguimos atingir o

¹⁶⁷ Cf. Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 124.

¹⁶⁸ Cf. *Ibid.*, p. 131.

conceito de falso escrúpulo. Ele é tão volátil como uma pseudo bem-aventurança, ao que tudo indica, é o caminho desta, dependendo do desequilíbrio do escrupuloso.

Para São Paulo existe um círculo entre pecado e Lei. Volta, portanto a questão da relatividade que espreita, desde o começo, o estudo do mal e de sua simbologia. A Lei destaca o pecado pela sua prescrição, mas o malefício consiste no pecado projetar-se enquanto tal, por meio da transgressão do preceito. Por esse ponto de vista a lei também daria sua contribuição para a condenação.

Paulo cria um ponto de culpabilidade, que estaria no reconhecimento da Lei e na lamentação pela falta. Uma só entidade, bem e mal, transgressão e observância da Lei, levariam à morte física, para então haver a redenção pela libertação do corpo.

Fica claro a referência à luxúria, que alimentada pela paixão carnal, em atitude de vida legaria a morte eterna. O homem, para Paulo seria a cisão de si mesmo, alienação da, já que preso pela sexualidade está condenado e encerrado para a morte que resultaria na vida como superação de tudo o que é carnal.

As atitudes precedentes nunca seriam suficientes para contemplar a perfeição infinita exigida pela Lei. Todos os métodos de julgamento, penais, morais se aquebrantariam diante da maldição da Lei. Trata-se de assimilar a imagem da *cólera de Deus* seguida de Sua Piedade: “Tornar-se tribunal de si próprio é estar alienado”¹⁶⁹.

Interpretada como precursora de toda a noção de alienação que viria dos tratados filosóficos modernos, a alienação frutificaria inclusive na teoria do escrúpulo. Se havia a teoria do zelo infinito para evitar o pecado, também havia o fracasso dessa intenção trazendo a culpa. Eis a fonte dos mitos trágicos.

Um traço de superação nesta situação caótica é a análise hermenêutica de Ricoeur ao texto literal de São Paulo: ele usa a morte sempre no passado, como superada. Pretendia, pois que todos viessem a alcançar o estágio da vida infinita, esta é a raiz do símbolo da justificação.

A última palavra na reflexão sobre a culpa segundo Ricoeur, é que “a promoção da culpa marca a entrada do homem no círculo da condenação; o sentido

¹⁶⁹ Paul RICOEUR, *La symbolique du mal*, p. 139. (Tradução nossa)

dessa condenação só aparece depois do evento da consciência “justificada”; a essa consciência é garantida a compreensão de sua condenação passada como passada como uma espécie de pedagogia. Mas para a consciência ainda prisioneira da lei, o seu sentido real é desconhecido.¹⁷⁰

Finalizando este capítulo, cumpre frisar que Paul Ricoeur assume uma posição muito esclarecedora em torno dos símbolos do mal. O trágico do mal, a teoria de que já temos um mal em nós, cuja liberdade do ser pensante atesta, impõe no espaço da ética. Ricoeur torna-se enfático quando considera que o mal ameaça a segurança, e sendo assim ameaça também a consciência moral. Esta insegurança abre caminho para o mal, em circunstância trágica, porque determina a presença do *mal já lá* em todo o homem. O homem é inseguro, haja vista seu sistema simbólico, ser tão flexível quanto inexato.

Foi importante considerar, sobretudo reconhecer a simbólica deste mal, que neste trabalho nos ocupa, já que a simbólica em si constitui, ao mesmo tempo a substância da autonomia e seu maior entrave .

Estudar os sistemas simbólicos do mal revelou passos fundamentais para as análises que vão acontecer nos capítulos seguintes. A simbólica do mal, aqui enfocada, aprofundou a questão por meio do simbólico da impureza (mancha), capaz de dar ciência de si após a infecção; do pecado, que surge com o reconhecimento da falta e é seguido da lamentação, pois houve uma quebra de contrato - pecar é perder; e finalmente da culpa, que cabe à reflexão do autor do ato pecaminoso e flui por três vias: a jurídica, a ética e a religiosa .

Este esquema toma dimensão muito maior, e relativa à grandiosidade do universo que envolve o mal e o praticante do mal. O entendimento dessa ação como mal é veiculada por dimensões de linguagem no discurso, segundo Ricoeur¹⁷¹: o nível do mito, o estágio da sabedoria, o estágio da gnose e da antignóstica, e aquele da dialética quebrada. Este aparato depende da simbolização lingüística¹⁷².

¹⁷⁰ Cf. Paul RICOUER, *The symbolism of evil*, p.150.

¹⁷¹ Cf. IDEM, *O mal, um desafio à teologia*, p. 10.

¹⁷² Cf. *Ibid.*, p 7.

Como veículo comunicante o discurso, instrumentalizado pela fala vem selar a trajetória pensar, agir, sentir, pelo relato.¹⁷³ Esta por ser simbólico, é inexato e cria a tão discutida questão da expressão lingüística, bandeira dos poetas .

Na conclusão da primeira parte de *The Symbolism of evil*,¹⁷⁴ Ricoeur aborda a questão do relativismo entre os termos, noções e estágios acerca do mal.

A questão do entendimento é vital porque simbolizações equivocadas ganham corpo equivocado e deformam o sentido, deformando o curso das vidas. Mas vida como curso prevê equívocos, eles são, poderíamos dizer, a substância desse curso .

Os códigos para escolha debruçam-se nas vertentes históricas, culturais, religiosas e morais. Esta última, como escolha certa ou errônea do manancial ético. Eis, o homem humano. Expressão da última página de *Grande sertão: veredas*, obra de João Guimarães Rosa, de projeção universal, de leitura inesgotável na opinião de vultos expressivos da literatura mundial. Esta é nossa fonte, respaldada pela presente teoria.

Paul Ricoeur, pensamos ter o equilíbrio entre fonte e teoria, instrumento pois ,para uma tentativa de compreensão do mal. No terceiro capítulo, Segunda Parte deste trabalho, e, por meio de duas seleções de quinze fragmentos cada uma analisaremos investigaremos os estágios de linguagem de *Grande sertão:veredas*, e as incidências da critereologia dos símbolos, dos símbolos primários presentes na comunicação a âmbito humano.

Há décadas, estudando literatura e filosofia temos percepção de inesgotabilidade quando o tema é linguagem, respaldados por nossas pesquisas teóricas, sentimo-nos, de certa forma seguros para prosseguir na elaboração da nossa, já que, também há décadas consideramos que, a âmbito humano a linguagem é a rainha da festa.

¹⁷³ Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, p. 29-32.

¹⁷⁴ IDEM, *Symbolism of evil*, p. 151- 157. (Tradução nossa)

SEGUNDA PARTE: AS EXPRESSÕES DO MAL EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* E OS HORIZONTES DE TRANSCENDÊNCIA

Esta segunda parte suficientemente respaldada pela mediação da metáfora e do símbolo na visão ricoeuriana ocupar-se-á da análise literária da obra: *Grande sertão: veredas*. A metáfora em Aristóteles e a adoção de várias contribuições aristotélicas por Ricouer harmonizam-se com o constructo clássico da obra de Guimarães Rosa enraizado na nossa civilização. Metáforas e símbolos contribuem para mais uma parcela de análise universal porquanto lançam luzes para compreender a religiosidade nacional herdada dos colonizadores, sobre a qual se edifica a rica multicultural sociedade brasileira

Em *Grande sertão: veredas* existe uma concentração de linguagens ricas. Aparece um território esfuziante pela localização geográfica e extensão, e os seus personagens têm a marca da de pássaro . Eis a razão de nossa fundamentação baseada nas duas obras clássicas de Paul concepção epifórica da prosa *Roseana*, fruto da ligação intensa deste *médico leitor*, que alimenta o *homem escritor* por ciência e fé. Sua intenção de desvelar o evento do mal nesta obra sobre a qual nos debruçamos constitui um vasto panorama religioso.

Sendo assim, pensamento e linguagem, símbolos e metáforas, atributos que alçam para a instância da religiosidade humana surgem em suas páginas como um vôo Ricouer, *A Metáfora Viva* e o *Simbolismo do Mal*.

CAPÍTULO III: O MAL NAS VEREDAS DO GRANDE SERTÃO. O CENÁRIO. DO MITO À SABEDORIA. OS SÍMBOLOS. A BASE DA SUPERAÇÃO

Mente é o que vem desencadear ao histórico o existir.¹

A fonte representada por *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, pode ser interpretada solidamente pela teoria da linguagem de Paul Ricoeur. Equivale a dizer que é fundamentada metalinguisticamente²: "... a fenomenologia do mal é explicada pela hermenêutica dos símbolos e dos mitos, estes oferecendo a primeira mediação lingüística a uma experiência confusa e muda"³.

O dizer, como doce dilema humano, é fonte rara, já que expõe a possibilidade definitiva de representar aquilo que percebemos ou que fingimos perceber. Neste fingir alocam-se os anseios daquele que é capaz de imaginar. Em tal imaginação, sonhos possíveis e impossíveis, medos, negações, falsidades inconscientes aparecem, como demonstrou a Psicologia, a partir de seus nomes exponenciais Freud, Jung e Lacan. Eis o palco das simbolizações; sua vertente, o homem - pensante, é o canal *da mediação lingüística*, e desta experiência *confusa e muda*, que neste ponto percebemos pela teoria que até e então estudamos tentamos arquitetar, a metáfora como instrumento para instruí-la.⁴ A verbalização da

¹ João Guimarães ROSA, *Retábulo de São Nunca*, p. 200.

² Cf. Samira CHALUB, *Funções da Linguagem*, p. 48: "Uma língua é um código, os sinais de trânsito também (...). Já a linguagem, a transformação, ambos interagindo para a transformação do código da língua (...). Uma mensagem de nível metalingüístico implica que a *seleção* operada no código *combine* elemento que retornem ao próprio código".

³ Paul RICOEUR, *O mal: um desafio à Filosofia e à Teologia*, p. 25.

⁴ Cf. *Ibid.*

metáfora é um lance para ser resgatado à frente, no espaço de uma entre várias concepções. Tão lógica é esta expressão que Ricoeur afirmou adotando Bachelard, com referência ao Regime Noturno da Imagem⁵: “*constitui o ponto de ancoragem em uma teoria semântica : a metáfora*”⁶.

A prosa de Guimarães surge *no meio do redemunho* “como num movimento vertiginoso, que impedisse a clareza e dificultasse o raciocínio”⁷. Temos aqui a pista daquilo que Ricoeur acima afirma. Trata-se da trajetória fenomenológica de dizer o imaginado, com grifo, uma acentuação indelével.

Este é o cotidiano deste autor brasileiro de máxima representação, cuja obra principal percorre as vicissitudes do contato cosmológico, ou a linguagem no estágio do mito, como menciona Ricoeur⁸. Ricoeur ainda explicita:

o mito deve mudar seu registro(...) : torna-se necessário não só *contar* as origens, para explicar *como* a condição humana em geral se tornou o que ela é, mas argumentando para explicar por que ela é assim , de modo diferente , para cada ser humano. É o estágio da sabedoria.⁹

Seguindo as pegadas hermenêuticas de Ricoeur , este capítulo tem como objetivo analisar o mal em Grande sertão veredas tendo como foco principal os símbolos. Parte de um cenário - o sertão- no qual se movimentam personagens com seus mitos e símbolos que projetam o mal. Do discurso mítico , passa-se à sabedoria no enfoque do mal. Em seguida, é chamada à fala o personagem principal, Riobaldo, para caracterizar o mal no cenário do sertão . Depois, o olhar se

⁵ Cf. Gilbert DURAND, *As estruturas antropológicas do imaginário*, p. 200. Como escreve BACHELARD, é por um movimento “*involutivo*” que começa toda a exploração dos segredos do devir. Ora, RICOEUR cita BACHELARD, em sua *A metáfora viva*, p.328 com respeito ao devir: “A imagem poética transporta-nos à origem do ser falante” e ainda *Ibid.*, P.329, a imagem poética “torna-se um ser novo de nossa linguagem, expressa-nos tornando-nos o que ela expressa. Noutras palavras, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão de nosso ser . Aqui, a expressão cria o ser.

É nesse sentido que *Ibid.*, p. 329, pode afirmar que acima da origem psíquica que a criação poética possa ter adquirido, quando cessou a atividade puramente semântica “a poética psicologia” *continua a ser “ensinada” pelo verbo poético*. Este devir, citado por DURAND, citado por RICOEUR, é para BACHELARD a “aurora da palavra “

⁶ *Ibid.*, p.328-329 . O grifo, representação por alteração de pontuação (ênfase por dois pontos) antes da palavra metáfora , é nosso .

⁷ Lélia Parreira DUARTE, A aventura irônica de Rosa, *Língua portuguesa*, p. 40-42.

⁸ Cf. João Guimarães ROSA, *Retábulo de São Nunca, Estas Histórias*, p. 200, nota 1.

⁹ Paul RICOEUR, *O mal: um desafio à Filosofia e à Teologia*, p. 29.

fixa na simbólica , que aparece no olhar de Rosa , no contexto do sertão. Privilegia-se o mal nas principais personagens : Hermógenes , Riobaldo, Diadorim. Enfim, na travessia da figura central - Riobaldo prospecta-se a superação do mal.

3.1 - Sertão - Cenário do mal

Os níveis de discurso, especificados por Ricoeur como pressupostos da abordagem do *mal falado*, ou seja, a percepção do mal por meio do discurso são a tônica em *Grande sertão: veredas*. Isso porque a natureza no sertão, exuberante torna-se eloqüente. É fácil falar das sensações humanas quando similarizadas ao Cosmos, porque no ambiente do sertão essas sensações são onipresentes, já que ele é puro, primitivo, original, e assim ganha a atenção, como elocução. Este ambiente conduz a constatações fenomenológicas. Logo, homem e natureza vêm perceber-se no tempo, a partir do tempo cronológico, antecipando-se, retrocedendo.

Existe, perguntamos, atributo mais eficaz do que a percepção dos variados tempos que permeiam nossa consciência para nos constatarmos humanos?¹⁰ O humano é o descobridor, porque sua existência é garantida por sua compreensão. No sertão, espaço onde tudo é matéria bruta, as ações, os sentimentos, a vida aparecem como noção. Tal noção emana conhecimento, do primitivo ao Sagrado. Aí está, inspirados em Ricoeur, nossa leitura de *Grande Sertão : veredas* .

Nossa primeira intervenção, neste sentido, prende-se ao tempo, uma vez que o espaço está preclaro :

Véspera. As horas é que formam o longe.¹¹

Esta afirmação, muito antes de ser metafísica, torna-se uma referência que poderíamos chamar de nascente de um mito. Sobre isto, João Adolfo Hansen já se

¹⁰ Referimo-nos à noção tempo psicológico, a duração. Ver Franklin Leopoldo e SILVA, *Bérgson*, p. 147-154.

¹¹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão : veredas*, p. 445.

pronunciou em trabalho também enfocando Guimarães Rosa. Hansen definiu mito como : “uma fonte de segundo grau que se apropria de códigos já constituídos”¹².

Ora, a significação de *véspera*, indica uma circunstância temporal que se traveste de substantivo pela própria versatilidade do falante comum, por uma metáfora usada, segundo Paul Ricoeur,¹³ tomada como marco de referência da observação metafísica que reverte-se em definição, quando aponta o tempo matematicamente considerado para formar o *longe*. Tal originalidade de expressão vem *delatar*, de forma definitiva, a definição de mito. O próprio Hansen admite:

Sendo a origem, ainda, não só o lugar donde se vem, mas aquele para onde se retorna, o discurso mítico valoriza a ausência, sendo nele muito comum a circularidade de uma repetição (...) em que o inventado, passa a inventar os inventores.¹⁴

Primeiramente, esta expressão justifica o “*longe*” como medida não exata, porém determinada, em atitude metafísica. Depois enfoca a invenção recíproca dada pelo mito que amplia a explanação de Paul Ricoeur, nossa referencia teórica primordial, de forma ágil e lúcida. Desta situação nos apoderamos para selecionar, do farto acervo do nível do discurso mítico em *Grande sertão: veredas*, citações que comprovam esta evidência. Trata-se de uma atitude instigante, porque vultos indelévels de pesquisadores de Guimarães Rosa já admitiram a inesgotabilidade da fonte que é sua prosa,¹⁵ mas sobretudo, prazerosa para um estudioso das Ciências da Religião, que, à sombra (nada confortável) de Ricoeur¹⁶ discute o mal.¹⁷

¹² João Adolfo HANSEN, *o O*, p. 159.

¹³ Cf. Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*. RICOEUR trabalha na obra com o conceito de metáfora usada, que é o oposto da metáfora viva, que causa perplexidade por meio da epífora elemento basicamente de mudança na metáfora a partir da semelhança. Para esta hermenêutica, a metáfora usada já é de tal conhecimento, tantas vezes utilizada, que perdeu já a potencialidade de sugerir.

¹⁴ João Adolfo HANSEN, *o Ó*, p. 159-160.

¹⁵ Cf. Susi Frankl SPERBER, João Adolfo HANSEN, Marcelo MARINHO, Francis UTEZA e mais a gama de comentadores e tradutores das obras de Guimarães ROSA.

¹⁶ Cf. Paul RICOEUR, *O mal: um desafio à Filosofia e à Teologia*, p. 29.

¹⁷ E cotidianamente interage com a problemática em docência de literatura e filosofia. Isto também descreve uma trajetória que poderíamos definir como mítica.

3.1.1 - O discurso no nível mítico em *Grande sertão: veredas* na especulação sobre o mal

Definido o tempo especial que sedia o nível de discurso mítico, cumpre-nos discutir da prosa de Guimarães, nesta nossa obra fonte, o espaço *sertão*, na concepção de seu autor. A primeira página da obra introduz, a partir de visão de um sertão denotativo e situadamente brasileiro, o sertão plurissignificativo, de Guimarães Rosa. Ele aqui instala o contrato tácito com o leitor acerca da universalização das circunstâncias desse sertão local . O lauto primeiro parágrafo da obra menciona:

Olhe: quando é tiro de verdade primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente --depois, então se vai ver se deu mortos . O senhor tolere, isto é sertão.¹⁸

E amarra uma controvérsia própria dos hermeneutas, porque sugere , na sequência , em toda obra um contrato com os leitores, por meio de visão alternativa ao sertão espaço regional brasileiro:

Mas hoje que na beira dele tudo dá - fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes ; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura , até ainda virgens dessas há.¹⁹

Note-se o *Mas hoje* que inicia o trunfo questionador do *sertão local* , ou seja, a versão ainda não universalizante da noção sertão - ainda não sertão como mundo vivido e tecido pela humanidade. O autor ainda, neste ponto, pretende justamente enunciar as belezas naturais do sertão brasileiro.

Bem por isso, aparecem, nesta citação formas poéticas neológicas , muito a gosto dos poetas concretistas da época²⁰: *almargem de vargens*. Ao lado deste

¹⁸ João Guimarães ROSA, *Grande sertão : veredas.*, p. 9

¹⁹ *Ibid.*, p. 9.

²⁰ Cf. Pedro XISTO; Augusto de CAMPOS; Haroldo de CAMPOS, *Guimarães Rosa em três dimensões*. Esta fonte bibliográfica denota o cuidado de três autores quando criticam *Grande*

pressuposto “Modernista”, explode uma conotação arcaica paradoxal, em consonância com o tema *sertão local : madeiras de grossura, até ainda virgens dessas há lá*. Sim, paradoxo, surpresa, perplexidade - este é o estilo de João Guimarães Rosa

A expansão deste significado de sertão será a tônica de conclusões e chave de coerência dentro da obra. A insinuação entre bem e mal, contida nessas duas primeiras definições locais e reais, tem a intenção de historiar a evolução do conceito por ele inicialmente tratado. Sendo assim, vai atingir outras instâncias significativas - seu trunfo universalizante, diga-se. A liberdade de criação é conquistada no desenrolar da obra, em seu contexto .

Desta forma, o jogo de linguagem com a mesma palavra - sertão - é compreendido no estilo recorrente do autor. Ele enfatiza sertão, ora como região de brenhas e matas, ora como mundo, na extensão do mundo vivido, universalizado, na prática das diversas sociedades. Nisto se reconhece a idéia de Guimarães no próprio texto de *Grande sertão : veredas* :

Dando no meu corpo, aquele ar me falou em gritos de liberdade Mas liberdade--aposto ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro das prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina; o beco para a liberdade se fazer ²¹.

Esta liberdade é o recurso com qual conta o autor, para, a partir de sua perspicácia ejetar nuances várias nas palavras, plurificando seu significado no eixo maior, a mensagem do texto . Forjar a autonomia de uma palavra, de um signo linguístico, segundo os lingüistas, num dado contexto é criar um novo universo, o universo-texto, em torno de um vocábulo. Essa operação percebemos com a palavra *sertão* em *Grande sertão :veredas* .

sertão:veredas. Muito justificadamente recebem apoio de órgãos oficiais no país na publicação , por dois motivos , a importância dos três autores como críticos literários e, conseqüentemente, da sociedade , e ainda pela importância desta obra máxima de João Guimarães ROSA.

²¹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 233.

Para não perder nosso foco de pesquisa - o mal nas metáforas e símbolos, adotamos na contrapartida da efusão roseana, um rastreamento da expressão sertão, que se torna multisignificativa. Explicamos. Há vários tópicos e referências, entretanto, e sobretudo, sempre em atitude mística e metafísica.²² Esta é a razão de utilizarmos nesta leitura hermênutica as obras de Paul Ricoeur. A discussão acerca do mal, neste reino efervescente abriga a linguagem cosmogônica, resultado que corresponde à noção de metáfora viva .

A liberdade, desfrutada na semântica, é uma sensação paralela a todas as outras atribuições que produzem aquele *caminhozinho*, ainda que *pobre* . Dentro do fero das prisões, o pequeno cainho afirma a definição leal do que seja liberdade. Parece que o radical da questão entre expressão verbal e outras expressões emocionais é o mesmo - a autonomia humana. Sendo assim, o mal também expressa essa autonomia. Segundo Ricoeur, Agostinho, já percebeu uma tendência a essa liberdade no homem antes do mal ser posto. Buscar a raiz do mal nesse “pequeno caminho” torna-se fecundo ao cruzar a fonte literária com a teoria hermenêutica.

Analisar tal material pelo viés das Ciências da Religião é concretizar, pela própria área, o rigor da teoria hermenêutica de Ricoeur, ao lado do apreço universal atribuído a Guimarães e ainda garantir a ousadia de abordar uma obra que já foi objeto de vultos na literatura nacional. Ainda que todas estas autoridades tenham admitido que *Grande sertão: veredas* não estava esgotada em análise, ainda que Ciências da Religião seja uma área inovadora, interdisciplinar, ainda que esta obra nos venha influenciando na vida acadêmica há décadas , a justificativa maior desta aventura está na última frase de *Grande sertão* : *Existe é homem humano. Travessia*

Neste sentido, com a meta de buscar as expressões do mal, levantamos, da economia da obra a linguagem da sua metáfora primordial - sertão.

²² Série de citações da prosa de *Grande sertão veredas* , de João Guimarães ROSA , tomando o sertão como um microcosmos dimensionado para o macrocosmos . Adotamos a estratégia de mencionar a página de cada citação ao final destas , para relatar a ordem de entrada , coadjuvada com a referência. Esta é uma atitude de pesquisa , cujo relato tem intenção de síntese.

Quinze passagens nas quais o tema é sertão mostram o percurso da narrativa de Guimarães pelo estágio de linguagem no nível do mito e no nível da sabedoria, por algumas vezes. Cumpre-nos analisá-las. Não sendo o mal uma entidade, conforme analisamos cuidadosamente na bibliografia de Paul Ricoeur no capítulo II, ele demonstrar-se-á pela liberdade. É essa demonstração será organizada em um rol de quinze fragmentos aparecerá com a temática sertão. Sertão tomado como mundo, curso da vida, soma das interrelações a partir da intelegibilidade humana, que entendida desta forma coaduna-se com a retomada cíclica que preconiza o mito.

Na sequência que aqui iniciamos, informamos a página de origem no volume de *Grande sertão : veredas* em sequência à citação. Isso ocorre porque tomamos a ordem das citações como parte da estratégia para fazer um voo razante, sintético no interior da obra, para ressaltar o uso extenso da palavra sertão. Trata-se de uma forma de ressaltar com o imenso manancial de expressões surpreendentes, no estilo de Guimarães.

1- Estes gerais são sem tamanho. Enfim , cada um o que quer aprova , o senhor sabe: pão ou pães é questão de opiniães. O sertão está em toda a parte.²³

A flexibilização da linguagem normativa aparece já na violação da regra na palavra *opiniães*. Ferindo a norma, porém não a regra, porque nas terminações em o, o plural é *ões* ou, em alguns casos varia para forma próxima , e termina em *ães*. Nosso autor estabelece analogia com o plural de pão /pães, revertendo-o premeditadamente para a palavra opinião no plural .

Isto apenas já seria genial , porém não podemos deixar de elevar nossa interpretação para a afirmação - *o sertão está em toda a parte* . Este sertão é tomado como a humanidade, e assim por seus valores, *o pão*, diferentemente de os *pães* seria o pão da eucaristia. A palavra *opiniães*,²⁴ marca aqui a autonomia do pensante, que ocorre na escolha de significados - a de ser pães, plural de pão, ou o

²³ João Guimarães ROSA, *Grande sertão:veredas*, p. 9.

²⁴ Em neologismo, se quiserem os linguístas .

pão - corpo de Cristo. Trata-se da mensagem de um autor que infere a sua criação da religiosidade própria da espécie homem.

2-Conseguiu de muito homem e mulher chorar sangue , por este simples universozinho nosso . O senhor sabe : sertão é onde manda quem é forte com astúcias . Deus mesmo , quando vier que venha armado ! E bala é um pedacinhozinho de metal²⁵(p. 18)

A segunda citação traz por chave: *sertão é onde manda o homem com astúcias*. Plenifica a amplitude anterior de sertão como universo. Imensa *astúcia* do pequeno pedaço de metal, que se constitui de poder de destruição, pelas armas . A profanação do poder por estas é anterior ao metal desde as catapultas. A aproximação entre *Deus* e *arma* demonstra como o poder consegue ser paradoxal, do bem ou do mal. estende-se também a todas as guerras ; as *santas* historicamente e as justificáveis, ou ainda as guerras a âmbito particular e pessoal, que percebe-se nas disputas localizadas, quando ironia e falsidade promove a luta velada pelo poder.

Assim como a proposição mítica de atemporalidade assenta-se na possibilidade tanto da bala como na do projétil catapultado, no ir e vir do tempo mítico, e muito mais nas guerras dissimuladas no interior das instituições. Diante da versatilidade nas demonstrações de poder, o aparente despropósito da menção a Deus nessa correlação fica entendido como a existência de um mal tão grande, que mesmo Deus, onipotente precisar da garantia de uma arma, para defesa. Essa idéia remete a outra, metafísica. O metal que constitui a matéria prima da bala de revolver não mata, quem mata é a intenção do homem por meio do metal. Essa a bala adquire na compreensão desfaz o poder descomunal que citação em análise, restando mansamente a supremacia do poder divino.

3-O padre com chapéu – de coró, prà-trazado. Só era uma procissão sensata enchendo estrada (...); as velhas tiravam ladainha, gente cantável. Rezavam indo da miséria para a riqueza. (...) lá venta é da banda do poente , no tempo-

²⁵ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 28.

das -águas; na seca, o vento vem deste rumo daqui. O cortejo dos baianos dava aparência de uma festa. No sertão, até enterro simples é festa.²⁶

Organizamos a terceira citação de forma a preservar-lhe o contexto. Por ele, percebemos que o sertão agora é realmente o *sertão baiano*; como em toda região rural, os ritos de passagem são muito significantes. Este, da morte aflora em qualquer que seja o ambiente. Entretanto, onde o materialismo é mais distante, o poder de sua influência é monopolizador. A elegância do estilo roseano expõe essa evidência como *festa*, ao mesmo tempo exacerba o nível mítico da linguagem pela temática do rito, pela colisão, pelos motivos das cerimônias : *festa, enterro* . Trata-se de contextualização perfeita da obra em discussão, na qual vai se afirmando a metáfora implícita do *sertão/ mundo* e o do *sertão /confins*.

4-Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel . O senhor me ouve , pensa repensa , e rediz , então me ajuda . (...) Vou lhe falar . Lhe falo do sertão . Do que não sei . Um grande sertão ! Não sei ,ninguém não sabe. Só uma raríssimas pessoas - e só essas poucas veredas , veredazinhas.²⁷

Homem sensato, fiel como papel é a quarta citação isolada para análise, e em ordem de entrada na obra tratando do tema sertão. Nesta, o significado de *mundo/ humanidade* (um grande sertão) é patente: *poucas pessoas e poucas veredas, veredazinhas*, expressão interpretada como poucos conhecedores e poucos caminhos para o entendimento e a compreensão dos enigmas nas sociedades. Aqui a linguagem da sabedoria é patente, e ainda mais, uma intensa amargura por isso. Acaba por caracterizar a conscientização dessa realidade, liricamente, de uma amargura sutil, deste nosso mestre Rosa. Note-se a rima *fiel/papel* tirando o leitor do contexto e avisando que é apenas um texto.

5-E foi logo de se emendar depois do barulhão em Carinhonha – mortandades. Carinhonha que sempre foi de um homem de valor e poder : Coronel João Duque - o pai da coragem . Antonio Dó , eu conheci, (..) tinha

²⁶ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 47.

²⁷ *Ibid.*, p. 79.

uma feirinha lá (..). Andalécio foi meu bom amigo. Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão . Acaba?²⁸

Esta quinta citação evidencia um tempo de jagunçagem revivido nas cidades, em outros moldes. Altera mais uma vez o significado da noção sertão, quando insinua o recrudescimento das desordens para ambiente e tempo atuais, renovados. Na simples indagação (*Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão . Acaba?*), instala-se o nível de discurso do mito na questão da codificação do mal. As observações da prosa de Guimarães definitivamente vão do universal para o regional, do passado distante para o passado recente, no ciclo característico desta modalidade de informação ancestral . As constantes reverberações sob o tema sertão fazem o acórdão *in illo tempore*, como quer Mircea Eliade²⁹. Em narração do espaço Chapadão do Urucuia:

6-O Chapadão do Urucuia , em que tanto boi berra(...) Trovoou truz , dava vento . E chuvas , que minha língua lambeu . (...) Doenças e doenças ! Nosso pessoal, montão deles, pegou a mazelar . Quadrante que assim viemo , por esses lugares que o nome não se soubesse . Até , até. A estrada de todos os cotovelos. Sertão - se diz - ,o senhor querendo procurar nunca encontra . De repente, por si só, o sertão vem. Mas, aonde lá era o sertão churro , o próprio, o mesmo .³⁰

Na sexta citação acerca da noção sertão : *O Chapadão do Urucuia , em que tanto boi berra Trovoou. E chuvas, que minha língua lambe. (...) Doenças e doenças !* Um lugar onde o grupo de jagunços chegou por acaso , mau acaso tenta o autor dizer por *Trovejar, doenças, homens maus*, e adoecimento no grupo – *mazelar* ,ou seja, a febre também conhecida por maleita, típica daquelas regiões, por meio da picada da variada gama de insetos em proliferação na umidade do clima.

Esse mau sertão é coroado de referências a possíveis sortilégios envolvendo a chegada não planejada a um lugar de total adversidade. Aqui a *lamentação*, ainda

²⁸ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.129.

²⁹ Mircea ELIADE, *O Sagrado e o Profano*, IDEM, *Tratado de História das Religiões*, IDEM, *Mito e Realidade*.

³⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 288-289.

que para o leitor urbano seja minimizada pelo linguajar sestroso caboclo, reverte a linguagem para a pergunta *porque eu*, de Paul Ricoeur,³¹ como observamos no capítulo II deste trabalho, quando tratamos da teoria que ora aplicamos .

Entretanto, tal como Jó,³² Riobaldo, (*Rio-baldo*)³³ o personagem principal de *Grande sertão: veredas* preocupa-se mais com as desditas dos moradores do *Urucuia* do que com as do seu próprio bando, nessa terra de gente tão esquisita quanto a sua sorte. A enunciação do grupo bélico chegando, da epidemia rememora as grandes catástrofes dos exércitos, aqui também *in illo tempore*, ou seja, um ritual que relembra os mitos bélicos desde os romanos até Canudos³⁴.

7-Tem muitos recantos de muita pele de gente, aprendi dos antigos. O que se assenta justo é cada um fugir do que bem não se pertence . Parar o bom longe do ruim , o são longe do doente , o vivo longe do morto , o frio longe do quente , o rico longe do pobre . O senhor não descuide deste regulamento , e com as suas duas mãos o senhor puxe a rédea (...)

E , de repente aqueles homens podiam ser montão , montoeira(...)mais e cento milhentos ... e bebiam cachaça (..) e pegavam mulheres . Era preciso mandar tocar depressa os sinos das igrejas , urgência implorando de Deus o socorro. E adiantava?(..) aí foi que eu pensei o inferno feio desse mundo . (...) Bobeia minha ? Era . (...) Eu , que estava mal-invocado por aqueles catrumanos do sertão . Do fundo do sertão. O sertão: o sertão sabe.³⁵

A citação sétima acerca do tema sertão,obedecendo aos parâmetros míticos de estagio de linguagem , segundo nossa bibliografia teórica, ainda transcorre no *Chapadão do Urucuia*. Surge, durante o ataque, a linguagem sonora, por interpretação de Riobaldo; o toque do sino. Para a população o sino é um sistema de alarme, na prosa de Guimarães aquilo que prevalece vem da tradição cristã. Para

³¹ Cf. Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia* ,p. 28-31.

³² Cf. BÍBLIA SAGRADA, *Jó II. Primeira Discussão 2-3:20 e 21*,p.655. "Porque concede ele a luz ao sofredor e a vida aos amargurados, que esperam pela morte que não chega." OK

³³ Um rio cujo curso foi em vão, ou seja ,os tormentos do personagem eram infundados e nisso consistiu a tragédia que ele enxergava por outro prisma.(considerando o desfecho da obra, que monopolizou o público em vários países) ,por trazer insinuação de pecado pelo viés da sexualidade como mal)

³⁴ Há um acento de tempo mítico nesta nossa constatação, ao mesmo tempo que contempla o aporte regionalista , se lembrarmos Antonio Conselheiro. Darcy Ribeiro dedicou-se a pesquisar e relatar a antropologia brasileira. Nessa atitude temos a publicação de George ZARUR, *A utopia brasileira : etnia e construção da nação no pensamento social brasileiro*, disponível em <http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/flacso.zarur.pdf>. Acesso em: 12 mar 2010.

³⁵ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 294-296.

Riobaldo, caboclo e jagunço passa a ser o pedido de socorro a Deus. A transcendentalização do aviso, por meio do símbolo sino remonta-se a uma tradição regional cristã; também, vale-se da tradição criada pelo lembrar em culturas de arraiais, vilas ou terra de desditas. Isto é lautamente usado em narrativas de aldeias, ou ainda, até em núcleos comunitários maiores nas quais o catolicismo é mais presente.

A conotação de sertão, neste fragmento, entretanto é a de sertão / cafundó ou seja, de lugar afastado, sem ordem, sem lei, onde o sino é o grito. Quer transparecer como uma todos os tempos, como protótipo de pragas ou pestes.

Por outro lado, no primeiro parágrafo da citação sétima aparece uma expressão regional das mais surpreendentes, para cujo entendimento é necessário praticar o jogo de linguagem regionalizada : *tem muita pele de gente*. *Pele* não aparece aqui como revestimento, mas tem toda uma conotação de perfil de caráter, como categoria.

Mas, no momento nosso foco é a série enunciada a seguir (*Parar o bom longe do ruim, o são longe do doente, o vivo longe do morto, o frio longe do quente, o rico longe do pobre.*) O sistema dualista demarcado pelo atributo espacial *longe* , advérbio de lugar caracteriza o caráter antropológico: *bom, são, vivo, frio, rico* diametralmente oposto a *ruim , doente , morto, quente, pobre* .

8-De ser de linhagem de família, ele conseguia as ponderadas maneiras, de cidadão ... tarde seria para eu aprender .Na verdade. Aquela hora (...) assumi incertezas . Espécie de medo? Aos poucos, essas coisas tiravam minha vontade de comer farto . - “O sertão é bom, tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado... .- ele , seo Ornelas dizia. - “ O sertão é confusão em grande demasiado sossego”³⁶.

“ seo” *Ornelas*, personagem de hábitos urbanos, na citação oitava, expõe Riobaldo a um processo de comparação e receio ao contrapor a diversidade de educação . A insegurança perante o outro, rito à mesa, impediu-o de comer *a farto*.

³⁶ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 343.

Eis a cultura ; um jagunço perceber a alteridade, a percepção dada pela condição humana instalada pela vivência marca um tempo paralelo, aquele tempo- espaço . Realmente, neste ponto : *o sertão é o mundo* , narrado pelo então velho Riobaldo. Note-se, entretanto a circunstância temporal *velho* que usamos como adjetivo em nossa elocução, são marcas distribuídas ao longo da narrativa, na qual as etapas do amadurecimento do personagem retratam o ciclo da vida e a natural transcendentalização .

Esta constatação, em termos de estrutura narrativa , prende-se, por um lado à estrutura moderna da obra, que é, de fato, um *flash back*; percepção já mencionado nesta análise de *Grande sertão: veredas*. O relato de Riobaldo ao compadre Quelemém de sua *Travessia* pelo rio São Francisco, nos campos Gerais, é a estratégia fática ³⁷ do autor para manter os leitores ativos, bem como para caracterizar a lembrança.

Ele agora *barranqueiro* (estacionado), ao lado de Octacília, também envelhecida, aplica a sabedoria para analisar uma situação da mocidade, que, naquele momento, foi autocensura, e agora é conhecimento. Por isso, o tempo mítico é revelador, e quando está preso à cultura torna-se universal. O tempo - as culturas juntam-se no mito (diria Riobaldo, fosse dele esta leitura acadêmica)

9--Travessia dos Gerais

Tudo de armas na mão

O sertão é minha arma

E o rei dele é Capitão!

Arte que cantei , e todas as cachaças. Depois os outros às fanfas entoaram
 (..) De todos, menos vi Diadorim: ele era o em silêncios.³⁸

³⁷ Samira CHALUB, *Funções da linguagem*, p. 28-30."Se a mensagem centrar-se no contato, no suporte físico ,no canal, a função será fática.O objetivo desse tipo de mensagem é testar o canal ,é prolongar ,interromper ou reafirmar a comunicação , não no sentido de , efetivamente ,informar significados.(.....) O canal da arte . O emissor, ao codificar signos que serão o instrumento de seu trabalho, o faz no suporte físico -o canal - tendo em vista que a mensagem , assim organizada , será recebida e decodificada pelo receptor.(....) Se for pintura ,os elementos estruturados, os signos organizados no suporte tela compõem mensagem onde os traços dessa linguagem se fazem presentes" .

³⁸ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 350.

Nesta citação nona, surge cachaça e a cantiga - Riobaldo sente-se *rei*, (o rei é o Capitão) , cuja *arma* é o *sertão* .Extensa cadeia semântica bélica aparece aqui. Diadorim, o mistério, o misterioso na obra, ante a alegria geral é *o em silêncios*. A concordância quebrada não é fala de caboclo, é o mito da tristeza , do luto pelo pai , do recolhimento de moça , nesta expressão do amor inconfessado .

Diadorim é *toda* amores; pelo pai, Joca Ramiro, pelo amor ao dever de vingá-lo, pelo perfil de soldado conquistado a partir do mito da donzela protegida, naquelas paragens ermas (mito?)³⁹ Nisto, o *Capitão* poderoso desvia seu poder, o *da arma Sertão*, afastando-se do filho (a) guerreiro , que antes de assumir o amor pelo companheiro, precisa honrar o pai .

A impostura aqui, condição de mulher de Diadorim, é a alternativa para ficar no bando. Ainda que heróica, é o tema e fundamento dos martírios de Riobaldo e das frustrações do próprio Diadorim. Mais intenso que o drama de Joana D'Arc , o drama de Diadorim é velado. Esta é a entrada lírica de João Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, também traduz vida, que no texto se chama Sertão

10-Homem com homem ,de mãos dadas , só se a valentia deles for enorme . Aparecia que nós dois já implícita cavalhando lado a lado,para par a vai-a vida-inteira . Que: coragem - é o que o coração bate: ; se não , bate falso . Travessia -do sertão - a toda travessia.⁴⁰

Travessia do sertão - a toda travessia ; é o sertão/mundo dado à fenomenologia do vivente. Dois homens cavalhando lado a lado. Derivação de Guimarães que mais uma vez fere a norma, mas obedece ao sistema. A norma culta de linguagem atual, seguindo a uma fundamentação etimologicamente, acaba por impor nas derivações de um radical primitivo de palavra a conservação da forma erudita latina. Em latim vulgar a palavra é *cabalus*, porém a formação verbal aparece como cavalgar.

³⁹ Hoje, na Pós-Modernidade nos perguntamos se essa atitude medieval de proteger a filha- menina , a despeito de toda a emancipação feminina seria suficiente , uma vez que violências de todas as outras esferas proliferam a largo .

⁴⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 379..

A forma roseana cavalhar demonstra primeiramente a tendência brasileira do uso gerundivo nos verbos, enquanto que a troca da desinência verbalizante “gar” trocada por “lhar”, exprime a variação fonética do som palatal, que demonstra a modificação da influência românica nos nomes (*tegula* para *telha*⁴¹, em português do Brasil) Transportando essa derivação lingüística para o linguajar caboclo, o autor o faz diretamente, em suposição regional/coloquial e, ao invés de caval-ga r presentifica o momento e a região com ca-va lhar, quando então aparece, o verbo *cavalhar* com adição do gerúndio *cavalhando* por cavalgando.

Em dimensão sema, cavalgar é o cotidiano do jagunço: cavalhando, logo vivenciando. Então vivendo em cavalgada diária aproxima-se de locomocer-se lado a lado, como caminhando de mãos dadas. Essa evidencia revertida para o ambiente da jagunçagem exigiria muita ousadia, uma *coragem que faltava*.

3.1.2 - No sertão, a vereda do mito à sabedoria

Em dimensão semântica, ainda em análise do décimo fragmento, agora sob a ótica do estágio da linguagem cavalgar é o cotidiano do jagunço: cavalhando, logo vivendo. Então vivendo em cavalgada diária é o mesmo que *de mãos dadas*. Diria Guimarães Rosa - *só falta a coragem*.

A questão moral, base da censura que o jagunço Riobaldo faz a si mesmo, esta imposição cultural, imprime-se nos mitos e ascende à linguagem da sabedoria, uma vez que os dogmas religiosos impõem-se nesse atributo inegável da maioria das culturas perante a sexualidade. Esta barreira, pois, patenteia o calvário de Riobaldo e Diadorim.

Voltando-nos a *lexis poética*⁴² da obra, noção que será mais tarde tratada, no capítulo quarto, quando abordaremos a noção de metáfora viva, poderemos avaliar, então, a dimensão fabulatória de *Grande sertão: veredas*, e ainda avaliar a generosidade e astúcia de Rosa ao disseminar pistas por todas as quatrocentas e sessenta páginas. Estas pistas provocam o leitor, levantam argumentos que

⁴¹ Ismael de Lima COUTINHO, *Gramática Histórica*, p. 79-118.

⁴² Paul RICOUER, *A Metáfora Viva*, pp. 62-75. Veja-se o capítulo I deste trabalho.

ressaltam a sujeição humana à questão. Assim, podemos dizer, confiantes aqui, que neste contexto o Sertão é tudo.

11- E o velho , no esquipatico de olhar e ser , qualquer coisa de mim (...) tive que indagar leixo , remediando com gracejo diversificado : - “Mano velho , tu é nado aqui ou de donde ? Acha mesmo assim que o sertão é bom... . Bestiaga que ele me respondeu , e respondeu bem : e digo o senhor :

_ “Sertão não é maligno nem caridoso , mano oh mano! : - ele tira ou dá , ou agrada ou amarga , ao senhor , conforme o senhor mesmo.⁴³

Mano velho , tu é nado daqui ou de donde ? É a pergunta que desencadeia a influencia cultural duplicada, em sentido e em articulação linguística⁴⁴ , para estender-se à menção universal para *Sertão, sertão/mundo* : - “*Sertão não é maligno nem caridoso , mano oh mano!*: - *ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo*; por meio da resposta do sagaz sertanejo, estreitamente ligado à influência cosmogônica, quando argumentos concretos refletem com mais nitidez a tendência abstrata ao Uno, sustentado pela sabedoria. Estas constatações filosóficas a partir da linguagem arcaica que caracteriza o caboclo deixam entrever o âmbito etimológico do adjetivo *nado*, do latim *nato*, que em norma culta língua de linguagem é usado no participio passado regular *nascido*.

12-O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém , se esconde e acena. Mas o sertão, de repente se estremece debaixo da gente... E - mesmo - possível o que não foi.⁴⁵

Misterioso e surpreendente no sertão (*sertão/mundo*) é a idéia que permeia a citação décima segunda, *se esconde e acena*. É dissimulado, pois, já que sem aviso ou evidência retrocede ou avança a caminhos impensados ou indesejados. A personalização do sertão, que o aproxima da noção de universo, fabulatória, mais

⁴³ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 394.

⁴⁴ Segunda articulação é o termo que o pesquisador em lingüística regional utiliza quando se dispõe a investigar esse campo da produção do código, no qual entra a cultura modificando o léxico. Por léxico entenda-se o conjunto de palavras de uma língua . Ver John LYONS, *Introdução à Linguística Teórica*, p.34-36.

⁴⁵ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.396.

uma vez deixa transparecer o nível mítico do estágio da linguagem. Com *E - mesmo - possível o que não foi*, o autor reporta-se a toda possibilidade analisada pela fenomenologia⁴⁶

13- *Agora, o Alaripe e o Quipes regulando deviam de ter achado minha Octacília (...) em tão precipitados surtos . Artezinha . Sei o grande sertão ? Sertão : quem é dele é urubu gavião, gaivota, esses pássaros : eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé , com o olhar remediando a alegria e as misérias.*⁴⁷

As aves, *apalpando ares de pendurado pé*. Relacionando sempre aves às moças, Rosa, entretanto correlaciona sertão / Sertão (o sertão local e o Sertão/ mundo. Nesta mesma razão o autor enfileira na frase *urubu, gavião, gaivota -- essas aves*. Pés pendurados e gradação de aves malfazejas e delicadas fazem a moldura do pensamento transcendentalizando-se pelo símbolo do olhar privilegiado pela altura: *com o olhar remediando a alegria e as misérias -- tudo se coaduna aqui, nessa hermenêutica das aves em Grande sertão : veredas .*

14- Sertanejos , mire veja : o sertão é uma espera enorme .⁴⁸(p. 436)

15- Enchi minha historia (...) eu ia denunciar , dar nome a cira: ... Satanaõ! Sujo!...e dele disse somentes _ S.. _ Sertão ...Sertão .. Só era o cego Borrromeu ._ “Você é o Sertão ?! Riu de me dar nojo. Mas nojo medo é , é não?”⁴⁹

⁴⁶ Basicamente. fenomenologia consiste *em voltar às coisas mesmas* , a partir de Lambert. HEGEL estabeleceu a *Fenomenologia do Espírito*. Em um estudo da *experiência da consciência*, Edmund Husserl introduziu nesta a noção de intencionalidade. Para ele, a própria consciência tem uma intenção determinada. em suas expressões européias , Na Alemanha e França, tiveram como contribuição a fenomenologia de Martin Heidegger e o Existencialismo de Jean Paul SARTRE. Adeptos dessa corrente, por formação filosófica, assumimos também a posição de Paul RICOEUR, neste trabalho hermenêutico. Seu enraizamento com a condição humana voltada para o símbolo constitui nosso interesse na atividade acadêmica e nossa maior preocupação ao analisar obras literárias brasileiras, voltadas à versatilidade tropical de nosso território, não menor do que nossa versatilidade antropológica .Este interesse literário apareceu durante nossa licenciatura em Filosofia, que, por intuição fundamentou-se na filosofia da linguagem. Tendo entrado em contato com textos de Paul RICOEUR, no Grupo *de Estudo Pós-Religare* reconhecido pela PUCSP e liderado pelo Prof. Dr. José .J. QUEIROZ, encontramos um espaço para a aplicação daquilo que nos inquietava. Esta é a vertente deste presente trabalho.

⁴⁷ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*,p. 435.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 436.

⁴⁹ *Ibid.*, p.448.

As duas últimas citações, décima quarta e décima quinta, são enfatizadas pelo mistério dado pelo tempo, extenso, por isso imprevisível. Outra manifestação desse gênero é a figura negativa, a do cego Borromeu que reflete o mau pela aparência, seu reflexo, que ele entretanto não vê. Tudo em *Grande sertão*, de Guimarães Rosa emana para o dúbio, e instala, por isso, atenção intensa. Quando aparecem as inseguranças, repulsa, (medo, nojo) a tese desse romance surge clara, como dilema da condição humana.

Assim vemos a energia e vigor, atributos do jovem serem, aos poucos substituídos pela experimentação que caracteriza a experiência dos velhos, que enxergam pelo tempo longo. Em estrutura caótica, que desobedece à ordem tradicional das narrativas *Grande sertão: veredas* foje dos protótipo. A narrativa começa em *flash back*, com um Riobaldo barranqueiro, (se viver é travessia quem está esperando a morte é barranqueiro.)

Entretanto, a narrativa do primeiro encontro com o menino, Diadorim, uma Joana D'Arc sertaneja e seu reencontro com o Jovem Reinaldo – o rei dos homens, o *falso* nome de Diadorim constata a *farsa honrosa* criada pelo amantíssimo e primitivo pai .

Aí está o caos simbólico, ao lado do caos estrutural, já comentado: uma atitude arcaica em uma estrutura Pós-Moderna, ainda no final das décadas modernas. A saga dos personagens principais pelo sertão, até a batalha final, a queda moral que atingiu Riobaldo, sua superação e o ganho da sabedoria descrevem um simulacro de trajetória de curso genérico de vida.

Aquilo que faz desta obra um monumento para a pesquisa em Ciências Humanas, e dentre elas as Ciências da Religião surgem como as mais próximas, é a sólida ligação com o transcendente. A estrita observação, fruto da pesquisa ao sertão dos gerais e o relato indelével de João Guimarães Rosa são dádiva desse autor, que foi embora de repente⁵⁰, porque já voava ao invés de falar. Sim, Guimarães Rosa encantou.

⁵⁰ Referimo-nos ao súbito ataque cardíaco que levou João Guimarães ROSA a óbito.

Para sentir e dizer esse encanto, recorreremos a Paul Ricoeur. Não por acaso, ambos elaboram em suas obras inúmeras perguntas, não por acaso similarizam-se como protótipo de homem, aquele que pergunta por sua essência .

Neste sentido e orientados pela tríade *pensar, agir, sentir*, atitudes analisadas por Paul Ricoeur em *O mal: um desafio à teologia e à filosofia* tentaremos equalizar os dados que por hora levantamos nessa análise inicial, neste voo razante pela obra, ancorados, entretanto, no signo forte da obra; sertão.

3.2 - Riobaldo narra o sertão: pensa, age e sente. O mal existe ?

A porção folclórica que o mito recolhe através da ação demoníaca na experiência do mal, articulado pela linguagem, exige um estudo especulativo por meio da Teologia e da Filosofia. Afinal, de onde vem o mal?⁵¹

Paul Ricoeur afirma que o mito responde de modo parcial essa questão. Mas a própria especulação *na lamentação*,⁵² introduz outra premissa, e esta passa a ser o objeto do teor da nova especulação, instaurando uma trilha que abrange o *circuito* : *Até quando? Por quê? É capaz de convergir para o Por que eu ?*⁵³ Nesta última expressão assume o status de *queixa*,⁵⁴ argumento que levanta a possibilidade da *Aliança*,⁵⁵ o diálogo com Deus assim chamado nas escrituras. Fica fácil, desta maneira, concordar com Paul Ricoeur, quando este afirma : *se o senhor está em processo com seu povo , este também está em processo com Deus*⁵⁶.

*Por este pensamento, se a condição humana*⁵⁷ *foi instruída pelo relato dos mitos, esta faz outra exigência, entender o motivo das reações ante à diversidade de situações dadas na fenomenologia. Este estágio, o da sabedoria,*⁵⁸ *aparece na*

⁵¹ Cf. Paul RICOUER, *O mal , um desafio à Teologia e à Filosofia* , p. 28.

⁵² Lamentação é vista como efeito e, ao mesmo tempo reação do sujeito afetado pela ação maléfica. Assim pensa RICOUER.

⁵³ Cf. *Ibid.*, p. 28.

⁵⁴ Cf. *Ibid.*, p. 28.

⁵⁵ Cf. IDEM, *The Symbolism of evil* ,p. 66

⁵⁶ Cf. IDEM, *O mal,um desafio à Teologia e à Filosofia*,p. 29

⁵⁷ Cf. *Ibid.*, p.29. Este tema , por nós já estudado faz parte de nossas pesquisas e foi uma das linhas mestras de nosso Mestrado em Ciências da Religião pela PUCSP .

⁵⁸ Cf. Paul RICOUER, *The symbolism of evil*, p. 29.

sequência dos fragmentos que acima isolamos, cuja correlação rendeu entendimento da noção sertão/mundo, já discutida .

Desta forma, aproveitando a elisão de significados entre os fragmentos citados surge uma compreensão que não tínhamos ainda atingido. Os gerais sem tamanho, citado no primeiro fragmento do item anterior, e que está toda a parte (fragmento 1)⁵⁹ faz homem e mulher chorar sangue , este simples universozinho nosso". "Sertão (...) onde manda quem é forte , com astúcias". (Fragmento 2) .

É evidente para Guimarães Rosa a relação entre mal e sofrimento – chorar sangue – Por isso ele invoca nessa visão das relações humanas o instrumento *bala*, como *poder com astúcias* O *pedaçozinho de metal* pode atingir até Deus (ante o contexto humano -- Deus mesmo, quando vier, que venha armado! (2º fragmento). Usando a referência implícita do Credo,⁶⁰ este *Deus*, quando retornar à Terra, para o Juízo Final,⁶¹ deverá *vir armado*. Eis a relatividade a qual é submetida o mal; ante às circunstâncias é necessário a astúcia forte da *bala*, que chega até o divino.

Tal relatividade prossegue no terceiro fragmento - *Rezava indo da miséria para a riqueza*. Este poder emocional da reza, é relacionado em hierofania com o atributo cosmogônico *vento* - *lá venta é do poente, no tempo das águas; na seca , o vento vem deste rumo aqui*. Não só a dualidade aparece aqui, mas sim uma terceira instância; a divina, a da sabedoria ,uma vez que os pares *miséria/riqueza; água /seca* descrevem atributos do abstrato para o concreto, entrecruzando-se com *enterro simples* e *feira*, um rito de passagem que adquire o atributo festivo, adjetivando-se pela construção sintática, dando nesta concepção de cerimônia percebida, a sacralização da propositura, no fragmento três .

Neste constructo, apareceu a sabedoria, meta máxima da condição humana. Destes, só *umas raríssimas pessoas* -- e só essas *poucas veredas, veredazinhas*, (teor do quarto fragmento da série do tema sertão; o sertão/mundo), são o caminho

⁵⁹ Manteremos a postura de citar apenas o número do fragmento , uma vez que , no item III.1 , anterior a este já delimitamos as citações por número correspondente das páginas na obra *Grande sertão : veredas* ,de João Guimarães ROSA .

⁶⁰ Creio em Deus Pai, todo o poderoso,criador do seu e da terra. . Em Jesus Cristo , um só seu filho Nosso Senhor , que está sentado à sua direita (...).de onde virá julgar os vivos e os mortos . *Credo*, oração que consta dos livros de catecismo, tendo caído no domínio público,é portanto sabedoria popular.

⁶¹ *Virá para julgar os vivos e os mortos. Refere-se a o verso final do Credo.*

da ascensão. São as reais *veredazinhas*, por onde pode passar a concórdia, esta, arte e instrumento mais forte do que a *bala*.

Isto entendido adentrou na sequência de *Grande sertão: veredas* ao espaço lúgubre nas andanças dos grupos de jagunços, notadamente o de Riobaldo, o agora Urutu Branco. Porém, os grupos, também relativizados ao Bem e ao Mal - o de Joca Ramiro, pai de Diadorim; Zé Bebelo e o do Hermógenes, ambos jagunços celebres também. Neste último, a triste fama é a de ser parente do *Cujo*.

Riobaldo, no quinto fragmento por nós isolado para a análise das significações do tema sertão, apresenta o *Carinhanha*. Lá houve um *barulhão* – *mortandades*. Sendo o Carinhanha um arraial primitivo, neste contexto surge a sabia constatação de Riobaldo velho: *a cidade não acaba com o Sertão; não com o sertão/mundo*.

O Chapadão do Urucuia é o ponto da obra atingido por nós no sexto fragmento citado, neste rastreamento que procedemos do tema sertão na nossa obra fonte. O próprio bando de Riobaldo não sabia o nome do lugar ao qual chegaram, mas lá, de pronto perceberam o mal, nos os vemos nos símbolos: *chuva, doença, mazelar, nosso pessoal, montão deles* são suas chaves de leitura. Nessa *estrada de todos os cotovelos* surge o *sertão por si só*; o estrito sertão retirado, com seus agravantes de isolamento.

O *cotovelo* aproxima o mal daquelas paragens ao *mal posto* pelo homem por sua liberdade e sua tendência⁶² O sertão estrito para Rosa, e o *Sertão*, abrangente, universal, o do contexto humano - *o senhor querendo procurar, nunca encontra*. Neste vértice das relações humanas, também cotovelo indica a sabedoria, ela tem o curso. Isso já constatamos, pela palavra *veredazinhas*.

Os fragmentos sete, oito, são a essência daquilo que preconiza a lógica e a ética, ditadas pelo livre-arbítrio. A ética que julgamos ser o fundamento da sabedoria aparece na já comentada correlação bom/mau; demarcados pelo advérbio *longe* (*o bem longe do mal*; fragmento sétimo), o que vem determinar os parâmetros de educação (fragmento oitavo), que na prosa de Guimarães aparece como

⁶² A ideia do mito de Adão que RICOEUR convalida, em oposição ao homem Adão, de SANTO AGOSTINHO.

ponderadas maneiras (fragmento oitavo). São determinados pelo *regulamento* (fragmento sete), chave de leitura para a percepção da moderação.

Indiciado pela incrível linguagem sertaneja da prosa *roseana*, a expressão: *com as suas duas mãos o senhor puxa a rédea*. (frase final do primeiro parágrafo da citação sétima) Guimarães Rosa publica sabedoria literalmente na afirmação: - *O sertão: o sertão sabe* .

A nona citação caracteriza o ser humano pela alienação da cachaça; o bem artificial posto pelo álcool. Desta fraqueza só Diadorim não desfrutou, já que ele ficou responsável momentaneamente pelo objetivo do grupo - vingar Joca Ramiro. Um índice forte de que algo havia com esse *jagunço*. É nada mais do que a presença de Diadorina , a filha de Joca Ramiro, a guardiã do grupo, que aparece na expressão - *o silêncios*. Isto fica implícito para *o leitor - debutante* na obra *Grande sertão : veredas* Diadorim é apenas um jagunço atípico, esquisito .

Este artifício do autor demonstra e aprofunda o oportunismo do talento de João Guimarães Rosa para iludir e, ao mesmo tempo alertar seu leitor. A partir do adágio *homem com homem*, expresso no fragmento décimo, seguido do paradoxo benfazejo: *só se a valentia deles for enorme*, o enigma surge como artimanha ficcional. Com isto o autor pretende convulsionar as reações dos leitores. Por meio do senso comum e por memória histórica cultural, ainda que esparsa e descontextualizada poderia aqui haver uma redução na leitura. Um choque prematuro pode ocorrer ao leitor iniciante, ou àquele amante de literatura que ainda não se desprende , com relação a esta obra , do aporte de um sertão localizado. Neste as atitudes discriminatórias, e a diversidade cultural impedem a interpretação visada por Guimarães em *Que coragem - é o que o coração bate; se não bate falso*.

Em *se não, bate falso* há uma pretensa ilusão. O *se*, conjunção subordinativa condicional, seguido da palavra *não*, interpretado como sinônimo de *todavia*, dado a competente adaptação da separação das duas palavras (*se e não*) passa a ser interpretado por- *é que o coração bate, se não* (se é que não bate) *bate falso*. Trata-se de uma pista, um rasto que fica imperceptível porque a discriminação cultural ao

homossexualismo, na década de 60, Século. XX impede o inadvertido leitor de perceber.⁶³ O leitor ofuscado pelo mal do preconceito é burlado.

São argumentos que inúmeros ilustres literatos já divulgaram e acabaram por reforçar uma verdade evidente, a de que esta obra não se esgota, e que sobretudo pode ainda ser submetida á hermenêuticas diversas, desde que fundamentadas .

Podemos ainda reforçar esta nossa percepção pelo traço humorístico que também marca Guimarães Rosa. O parágrafo em questão termina por *Travessia - do sertão - a toda travessia*, ou seja, o autor admite a experiência ganha pela decodificação do enigma, e Isto é sabedoria, plena de uma *ironia boa*

Essa interpretação nos chamou atenção graças ao tema de dois artigos intitulados *O humor de Guimarães Rosa*, e *A aventura irônica de Rosa* pela *Revista Língua Portuguesa*,⁶⁴ nos quais ambas as autoras ressaltam esta outra característica tirada por Guimarães Rosa da inspiração que o linguajar caboclo pode ter. A prosa arcaica, assim simulada, ao final do parágrafo em questão, como se lê (décimo fragmento), ressalta, por pseudo enigma a experiência ganha, ou seja, a sabedoria .

Bem por isso, na sequência, isolamos o fragmento décimo primeiro com o tema sertão, onde se tem:

- Sertão não é maligno nem caridoso (...) -- ele tira ou dá, conforme o senhor mesmo.⁶⁵

É certo que nessa afirmação vem a ordem moral na questão do mal e do sofrimento. Para Paul Ricoeur a sabedoria torna-se à especulação na teoria da

⁶³ A primeira ocorrência dessa estratégia acontece à página 84 desta 15ª edição que utilizamos. Por uma falsa ambigüidade, a identidade de Diadorim é insinuada pela primeira vez no fragmento: "E o menino pôs a mão na minha . Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele , no profundo, desse as minhas carnes alguma coisa. **Era uma mão branca, com os dedos dela delicados**". (João Guimarães ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 84). A ambigüidade instalada na expressão **com os dedos dela delicados** concentra-se na contração da preposição **de**, com o pronome pessoal **ela**. O ambíguo está em **dela . Dela, dedos das mãos**, ou dedos **dela**, Diadorina .

⁶⁴ Cf. Walnice Nogueira GALVÃO, O humor de Guimarães Rosa, *Língua Portuguesa* , p. 40-42. Lélia Parreira DUARTE, *A aventura irônica de Rosa*, p.43-46.

⁶⁵ João Guimarães ROSA , *Grande sertão : veredas*, p. 394.

*retribuição*⁶⁶. O sofrimento amealhado por todos difere da retribuição mesquinha que justificaria uma pena pelo mal moral causado, principalmente. Fica, entretanto a menção da tendência ao mal implícita no homem que aparece na frase final do fragmento, aqui destacado.

O décimo segundo fragmento do tema sertão na obra toma a conotação universalizante novamente, obedecendo àquilo que chamamos de sertão/mundo. Aponta para uma fenomenologia da surpresa, do paradoxo, do não previsto, do não sabido: *o sertão se estremece debaixo da gente*. No décimo terceiro fragmento, a relatividade do mal como fugidio, inimputável, surge incontida. A idéia reaparece pela gradação das aves, de más para boas. Nossa intervenção na obra pelo tema sertão demonstra o viés metafísico predominante, pois só pela percepção que significa espaço (sertão) é possível obter um roteiro de leitura sucinto e eficaz, não como redução, mas como chave – de –leitura que agora nos dá ciência de tema maior.

Essa dificuldade que vem como preleção no décimo quarto e décimo quinto fragmento: *Sertanejos, mire veja, o sertão é uma espera enorme*,⁶⁷ logo a seguir surge na advertência: *Satanão ou Sertão?* O próprio autor suscita-nos o medo da surpresa indesejada e conclama-nos à responsabilidade de gerenciar o próprio mal que nos atinge.

A leitura dessa obra pautada pelo viés do mal canaliza-se para a afirmação de Paul Ricoeur. Para ele, hermeneuticamente existe:

... a convergência entre pensamento, ação (no sentido moral e político) e uma transformação espiritual de sentimentos .⁶⁸

Pensar sobre o mal ativa uma força propulsora própria da condição humana que supera a simples lamentação no plano da ação. Surge o viés do bem agir -- a ética e a política, nos termos gregos, gestão do bem, democraticamente .

⁶⁶ Cf. Paul RICOUER, *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, p. 29. Pela teoria da retribuição, como analisamos no capítulo II, o mal feito é novamente recebido, por merecimento e punição.

⁶⁷ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 436.

⁶⁸ Cf. Paul RICOUER, *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, p.47.

Há, acima do agir, o mal circunstancial, da morte causada por desmoronamento, quando regiões inteiras são devastadas. Ainda que afastados todos os atributos causados por responsabilidade civil, não poderíamos chamar, em meio acadêmico, uma erosão natural de maléfica, ou a última epidemia que surgiu na Terra de castigo. A isso Paul Ricoeur⁶⁹ acrescenta o sentir. Mutável é o sentimento do homem quando ele compreende, ele emudece, embora ainda sofra.

No caso de Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*, o sofrimento foi *um coice d'armas de coronha*. Ao mesmo tempo, ele tomou ciência de que seu amigo morreria na batalha, vingando Joca Ramiro, Este, o bom jagunço, era pai de Diadorim. Ainda desvendou o mistério que o torturava: Diadorim era mulher, uma filha de Joca Ramiro. No momento em que os grilhões da moral se quebraram não existia mais vida.

Surgiu um peso de toda a sua má perseverança, capaz de sufocar a custo uma intuição que agora se concretizava na sua legítima fonte. A nascente sempre fora clara:

Ele, o menino era dessemelhante comparável um suave de ser, mas asseado e forte -- assim se fosse um cheiro bom sem cheiro sensível, o senhor representante.⁷⁰

Representar um bem imensurável não é tarefa, porque surge negada. Este foi o mal, uma impossibilidade, que surgiu da impostura. Mas impostura de pai, de Joca Ramiro, ainda que por dever de tradição de zelo, trouxe o mal como medida .

O que temos em *Grande sertão: veredas* é a manifestação do mal, encadeado em uma situação de imposturas diversas e prolongadas. Seguimos a intuição do tempo e espaço, relacionamos a linguagem mítica por ser presente no texto, pois trata-se de um relato muito próximo a todas as peculiaridades cosmogônicas. Tal relato, como resgate de vidas inteiras, lega ao velho relator e

⁶⁹ Cf. Paul RICOUER, *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, p. 49

⁷⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 82

protagonista a sabedoria, que ele distribui aos leitores, na ponta da caneta de Guimarães Rosa.

3.3 - A simbólica do mal em Grande sertão: veredas

O espaço que hospeda *Grande sertão: veredas* é o *sertão/mundo*, noção que criamos, discutimos e exemplificamos no dos estágios da linguagem. O tempo e a linguagem se confundem, trata-se de um relato, uma lembrança nos moldes do mito, já concordamos acima. Essa linguagem mítica deu acesso à linguagem da sabedoria e ambas foram identificadas na prosa de Guimarães. Nossa lente agora enfoca os símbolos.

Simbolizar a experiência do mal é uma situação vigorosa. O mal feito motivou seu agente, alterou profundamente o paciente e ramificou-se no ambiente dado, piorando-o muito. Dar nome a isso, veicular sua notícia com seus agravantes e as medidas para superação requer comunicação eficiente, como base para estratégias. Cai-se, então bruta mente nos conceitos. Simbolizar o conceito criado exige codificação por signos linguísticos, as palavras, que permitem falar.

Esta situação teórica ganha a expressão no relato de Riobaldo Velho, já dissemos, contando ao seu Compadre Quelemém sua saga. Lembremo-nos que *Grande sertão: veredas* começa por essa lembrança, e, então segura a linearidade natural.

Seu primeiro encontro com o Menino foi marcado pelo mau episódio de um assédio escuso por parte de um Mulato.⁷¹ O Diadorim Menino tinha habilidade sestrosa em defender-se, andava armado de uma faquinha sutil com a qual feriu a coxa do assaltante. Importante, porém, para nosso estudo é a sensação que perdurou em Riobaldo Menino, após essa primeira aventura da dupla:

⁷¹ Cf. João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 82. Note-se que a destreza deste Menino reflete uma predisposição para defesa, ele não foi surpreendido, alguém (o pai já o havia preparado). Ao leitor ingênuo desta obra configura outra, a segunda de nosso estudo de que ele é uma moça, se levarmos em conta a cultura de terras primitivas e ou em batalha .

O sério é isto, da estória toda - por isto foi que a estória lhe contei -- : eu não sentia nada . Só uma transformação pesável. Muita coisa importante falta nome.⁷²

O peso da transformação, de tão radical ainda ficava no nível do sentimento, ainda não podia ser comunicada , pois ainda se processava o real conceito para depois poder vir a simbolização. O trajeto à fala, o nome, de cuja exteriorização viria o entendimento ainda emudece esse canal retroativo. Tal coragem também emudece Riobaldo Menino na medida que o influencia .Diadorim Menino já é uma incógnita e impõe uma pergunta : *De deus ou do Demo*⁷³

Já dimensionamos tempo e espaço, nível de estágio de linguagem na obra, nos itens anteriores deste capítulo, elementos textuais que compuseram a comunicação. Diadorim é um enigma.

Ainda sabemos que há um grupo de jagunços que será antagonista dele no decorrer da obra. Compreendemos, pelo rastreamento que elaboramos em torno do tema sertão que há lugares lúgubres, inóspitos . Como leitores de Guimarães, compreendemos que ele se dedica, na maioria de suas obras, a reverter sua prosa tematizando as aves que ele encontra à mancheia neste sertão tropical . Compre-nos agora interpretar as simbolizações que os apresentam, para entender onde está o mal nesta obra antológica. Sobretudo, nosso empenho é em compreender o nome que falta à transformação de Riobaldo.

Para estabelecer metodologia nessa imensidão de informação que o texto oferece, analisaremos passagens dos três temas que percebemos tratar de situações e de espaços confusos. *O Chapadão do Urucuia* e lugares análogos , as situações com o grupo do Hermógenes ao lado do binômio Riobaldo Diadorim O

⁷² João Guimarães ROSA, *Grande sertão : veredas*, p. 87

⁷³ Cf. *Ibid.*, p. 67.

O estágio da linguagem do mito e da sabedoria presente na obra autoriza-nos a seguir agora A simbólica do mal, de Paul RICOUER. (Note-se que este texto não tem tradução em Português) As noções que aqui exploramos são oriundas de leitura da versão em Inglês, *Symbolism of evil* e do original, em Francês, *La symbolique du mal*.) Com tal aporte podemos investigar o enigma homem-mito , espaço dinâmico do mal em processo. *Ibid.*, p. 18, Capítulo II. Ele aparece na transgressão da justiça e da retidão, marcos estabelecidos no apelo profético judaico da confissão dos pecados. Para o Velho testamento a confissão integra o mito da queda. A alternativa para a compreensão do mal é a leitura que fazemos baseados no texto de João Guimarães ROSA, uma hermenêutica do mal universal, cuja simbólica adotamos de Paul RICOEUR, para media-la com o universo da condição humana, presente em *Grande sertão: veredas* , dado no cultura regional.

transcorrer desta fenomenologia -- mal feito por um, e sofrido por outro -resulta sofrimento e culpa .

A linguagem das aves que compõem o cenário, ficará reservada para a noção de metáfora viva, à frente. Sim, porque na prosa de Guimarães as aves falam. Desta forma, dando conta da ambiência e do renomado bandido da trama, isolaremos as posturas de Diadorim, e finalmente a tragédia, palco onde fica Riobaldo, posto que ele é o narrador da peripécia.

Nosso trabalho consistirá em facilitar a expressão simbólica que estava emudecida em Riobaldo Menino, no primeiro encontro. Quando esta sensação ganhar discurso estará exposta para análise e compreensão. Principalmente, o julgamento do leitor questiona isso, notadamente o leitor persistente, que retornará chegando aos trunfos evidenciais que já mencionamos acerca da feminilidade patente de Diadorim.

O assombro e a alienação revertidos para expressões linguísticas, a partir dos símbolos, permitirão os nomes, aqueles que encerram a primariedade do mal na linguagem: contaminação (mancha), o pecado e a culpa , em circuito progressivo. Assim, o aporte da emoção favorece a manifestação do imaginário poeticamente, que é parte final da confissão, na simbólica do mal.

A poeticidade, segundo Ricoeur, demarca na confissão a relação com o mal, porque descobri-lo é uma aventura. Isto decorre porque há fratura relacionada ao Cosmos e ao Tratado ético. A simbolização desta vigorosa situação cria a dimensão comunicativa entre o mito e sua conscientização pelo o sujeito da prática maléfica, e isto vem eivado de emoção - aí a poesia. Trata-se de comunicar aquilo que o mito deu como modelo e chega recusado. Essa comunicação é adequada nos símbolos balizados pela filosofia correlacionada à cultura, para poder dar ciência da falibilidade⁷⁴.

⁷⁴ Termo pelo qual Paul RICOEUR define a atuação filosófica, ao lado da cultura, logo do tempo e do espaço no processo da confissão. Vide Capítulo II, que trata da teoria da Simbólica do Mal, o conceito ricoueriano de *Neopassado* .

3.4 - O mal nas veredas do sertão. A busca da superação

O relato de uma vida nômade, em bando, e de estrutura bélica, poderia apontar para o caos dos maus costumes e do flagelo. Isso nunca acontece, porém, nos Gerais no imaginário de Guimarães. Este grande sertão no qual ele colocou Riobaldo é o seu sertão, o sertão de sua alma. Tem o revestimento cosmológico, quente pelo calor da vida, por sua mata, por seus pássaros, pelo falar de sua gente. Estes fatores são expostos pela transparência da luz interna que dali reflui. E quando no sertão chega a sombra, ela vem aquecida pela luz da descoberta, que se apagou no palco, ao começar o espetáculo. Reverte-se ao imaginário de Bachelard, aceito por Ricoeur, adotado por Gilbert Durand na noção de *Regime Noturno da Imagem*.⁷⁵ Falamos daqueles lugares escabrosos.

a- O ó da raposa

Ah , eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem....Com isso minha fama clareia ? Remei vida solta. Sertão :estes seus vazios. O senhor vá. Alguma coisa ainda encontra . Vaqueiros? Ao antes - a um , ao Chapadão do Urucuia - aonde tanto boi berra ... Ou mais longe : vaqueiros do Brejo-Verde e do Córrego do Quebra Quináu: cavalo deles conversa cochicho - que se diz = para dar sisado conselho ao cavaleiro, quando não tem mais ninguém por perto , capaz de escutar. Creio e não creio . tem coisa e cousa , e o ó da raposa ... Dali para cá o senhor vem, começos do Carinhonha e do Piratininga filho do Urucuia - que os dois, de dois, se dão de costas.⁷⁶

Vivido e repassado, esta é a constatação da experiência que *Riobaldo velho* pressente em si, pois hoje entende aquilo que na mocidade só vivera. Nesta acepção, entende-se a interjeição *Ah*, do início da frase. Nesse caso, a compreensão do fato que ainda iria relatar já se presentificava, fato que colabora para uma versão mais exata daquilo que ora narra. (*lembro das coisas antes delas acontecerem*)

⁷⁵ Cf. Gilbert DURAND, *As estruturas antropológicas do imaginário*, p. 200.

⁷⁶ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 27

Sertão estes seus vazios, vazios das extensões que indicam lacuna. Esta é superada pela concepção de *sertão/mundo*, voltado para as combinações existenciais, estranhas, que surgem expostas no paralelismo entre aquilo que cada um sonha e o entendimento do mau resultado. Aí se elabora a visão torcida de o mal feito por outrem, ou por forças estranhas.

A sequência do fragmento nomeia arraiais verdadeiros, o do *Carinhanha* e o do *Piratininga (filho do Urucuia)* o solo alto e retirado, constantemente invadido por salteadores tenebrosos.

As coordenadas desses dois lugarejos são dadas com a emotividade analisada seguindo Paul Ricouer, por meio do critério do imaginário poético que qualifica o símbolo do mal. Rosa põe na boca de Riobaldo os outros dois critérios, o cosmológico e o ético - *que os dois, de dois se dão de costas*. Isto porque os dois arraiais fazendo dupla, dispõem-se espacialmente cada um com uma entrada, se o primeiro tem entrada para a nascente, o outro tem para o poente⁷⁷.

Dar-se de costas é ignorarem-se, estarem afastados, serem avessos entre si. Com isso, a ambientação lúgubre do espaço fica implícita, mas indelevelmente marcada, um mal instalado na estrutura física do atarracado território. O que não podemos negar é a argumentação poética que a linguagem aqui mantém para garantir a expressão.

Porém, o sobrenatural, tão a gosto da cultura regional brasileira aparece para fundamentar essas interpretações: *cavalo deles conversa cochicho (...) para dar sisado conselho ao cavaleiro, quando não tem mais ninguém perto*. Esta deliciosa asserção cultural, surge parente de todas as *mulas-sem cabeça*, e é arrematada pela cuidadosa expressão ambígua, com toques de mistério: *creio e não creio*. Não estaria, entretanto, caracterizada a fala do sertanejo se não houvesse uma elocução fática⁷⁸: *tem coisa e cousa, e o ó da raposa*

⁷⁷ A referência cosmológica é capaz de coadunar com o campo semântico da obra. Na semântica fica mais fácil de entender a intrincada proposição que guarda um mal sugerido, que o leitor precisa intuir.

⁷⁸ Cf. Samira CHALHUB, *Funções da linguagem*, p. 28-29. O cotidiano fático apóia-se nas sonorizações, porque tudo na apreensão do linguajar sertanejo flui no ritmo dos galopes, das quedas d'água, da diversidade colorida dos pássaros, presente também em seus cantos. Isso para a imaginação do caboclo voltando pela expressão linguística. Certos *tiques* da fala podem caracterizar –se como fáticos: *certo?, entende? não é?, tipo assim etc.* São conectores entre uma expressão e

Uma poeticidade regional marca este símbolo do sertanejo, de cavalos que falam no esconso do sertão. Exprime o símbolo cosmológico rasgado pelo assombroso quando ressimbolizando o conteúdo da palavra “raposa” estabelece possibilidade de variação sonora (fonológica). É uma operação que surge significando os elementos materiais do signo lingüístico saussuriano (a palavra) .⁷⁹

Aqui é possível uma leitura pela hermenêutica de Paul Ricoeur. O cosmológico manifestado pelo símbolo assombroso fere a natureza biológica. É também importante arranjo cultural, no imaginário lingüístico de Guimarães Rosa, que se baseia na sonoridade - através de *coisa* e *cousa*, variante regional arcaico brasileiro, herança do erudito do referencial do português de Portugal , onde tal uso - **cousa** por **coisa** é apenas da norma culta.

Esta variação vocálica **coisa** e **cousa** inspira uma simbolização sonora - o ó da raposa. Evidente que se trata de uma metáfora sonora. Tem como segundo pólo uma observação por ausência, de apelo filosófico aos moldes de Santo Agostinho. Este filósofo em *De Magistro*, já intui o valor fonológico das vogais, uma ciência que viria à luz apenas nos últimos séculos, retomando a sua observação sobre a ausência de som, ou seja ,os silêncios de Santo Agostinho.

O autor desvia a questão fonética/fonológica para o senso comum sertanejo. Se a palavra raposa tem o fonema o, fraco; o ó da raposa é um disfarce, próprio da esperteza desta. Em outras palavras, o ó que não existe na palavra raposa é o segundo pólo da metáfora. Podemos entretanto dizer, em nível de simbologia que houve um movimento do símbolo escrito (o signo lingüístico), para o simbólico filosófico e antropológico que se encerra em *raposa*. Este é João Guimaraes Rosa.

Este lauto parágrafo do texto abrange a página 27 e parte da 28 da edição 15^o usada neste trabalho. São características do talento do autor. Só ocorre quando a força da prosa do personagem permite ao criador naturalmente quebrar regras tradicionais de estilo, porque sua transgressão passa a traduzir, por meio da forma o

outra e dão ilusão de que emissor e receptor comunicam-se. Na verdade, o gesto afirmativo que reenvia a mensagem recebida , a repetição redundante dessas expressões, mantém os interlocutores falantes em contato, sem produzir resposta a essas perguntas, fixando-os na sintonia do canal.

⁷⁹ Esta é a divisão clássica do signo lingüístico por Saussure: SE (significante) a parte material da palavra _ sons e letras, mais a segunda parte SO (significado), que traz o conceito do signo lingüístico- o que marca, significa, pela palavra escrita.

conteúdo, criando escola. Aqui, a simbologia que estudamos em *La symbolique du mal*, de Paul Ricoeur, nos mostra uma outra face para enxergar a análise lingüística. Existe no fundamento da Linguística a base científica que pode ser entendida pelo aspecto filosófico da simbologia. Esta ciência, como fundamento instrumentalizador é capaz de fazer um aporte interdisciplinar, na fundamentação essencial que a hermenêutica traz, enquanto filosofia da linguagem.

Assim respaldados, não poderíamos ignorar os períodos posteriores a esse, no fragmento que acabamos de interpretar, e que não foram introduzidos na mesma citação por uma questão de praticidade.

b- Por lá sucuri geme

Por lá sucuri geme. Cada sucuriú do grosso : voa no corpo do veado e se enrosca nele, afoba - trinta palmos Tudo em volta é barro colador, que segura até casco de mula ferradura por ferradura. Com medo de mãe –cobra, se vê muito bicho retardar ponderado, paz de hora de poder água beber, esses escondidos atrás das touceiras de buritirana. Mas o sassafrás dá mato, guardando o poço; o que cheira um bom perfume. Jacaré grita, uma duas vezes, rouco roncado. Jacaré choca - olhão crespido do lamal, feio mirando na gente .⁸⁰

São cenas chocantes, na verdade, compõem um ambiente inóspito, fazem do cenário tenebroso, que antes de ser *chamado de veredas altas, por ser de fato um planalto, é chamada de veredas mortas* pela localização e pela rudeza da natureza. Esse plantel descrito no fragmento realça nossa fauna, na presença da *sucuri*, a cobra que engole bezerro, entendida pelo senso comum .

Completa o quadro dantesco a comunidade dos jacarés, sonoros e aterradores. Segundo Ricoeur, o manto escuro, o rugido das bestas são simbologias pelas quais o pecador de coração endurecido é representado. Esta gama de feras naturais, reveste esse espaço de malignidade tenebrosa, já que pelo golpe certo do *sucuriú grosso ,com dimensão de trinta palmos, capaz de voar (tal rapidez do ataque), jacaré grita ronco roncado.*

⁸⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 27

Em termos de simbologia, similarizam-se à tragédia por catástrofes naturais. Também os fenômenos da natureza são eventuais, pouco previsíveis e causam mal indiscriminado. Para Ricoeur, esta situação é o trágico, considerado pelos povos primitivos como a *Cólera de Deus*.⁸¹ No caso da imagem ameaçadora composta por Rosa, no Chapadão do Urucuia, esta compõe um quadro aterrador, que espelha a tradição bíblica.

Na superstição arcaica culturalmente mantida nessas regiões aparecem figuras imaginadas pelo autor, que representam fielmente a realidade local, insinuando uma vizinhança com o demoníaco.

c- Uns lugares de batalha

Outros símbolos agora aparecem :

-- mesmo eu não acerto no descrever o que se passou assim, passamos, cercados guerreantes dentro da Casa dos Tucanos, pelas balas do Hermógenes, por causa . Vá de retro .! (...) A ser que aqueles dias se entupiram emendados num ataranto, servindo para a terrível coisa . só. (...) A gente povoava um alvo encoberto,confinado.(...)⁸²

O grupo está em lugar de guerra real, *A Casa dos Tucanos* - uma trincheira. Há um inimigo tenebroso real, o chefe da jagunçagem Hermógenes. Riobaldo e seu bando com Zé Bebelo estão cercados. São símbolos tradicionais da prisão do vício e do pecado. É quando surge uma real situação do mal protótipo gerador de todos os dramas passionais -- a suspeita de traição de Zé Bebelo. É quando temos o mal declarado pela impostura. Entretanto, ainda no trâmite entre suspeita e confirmação surge o período agudo do mal pela angústia:

Solevei uma desconfiança. Sempre o vulto presente daquele homem. O que tinha os olhos miudinho em cara redonda, boca mole e sete fios de barba compridos no queixo.⁸³

⁸¹ Cf. Paul RICOEUR. *The Symbolism of evil* p. 42.

⁸² João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 260.

⁸³ *Ibid.*, p. 261.

O homem traz a marca de sua origem é urucuiano, já tenebroso como o poço da sucuri e do ninho de jacarés. Seu nome – Salústio -- seus olhos miúdos parecem impedir a visão do sagrado, Notemos como a superstição advinda de símbolos escabrosos afasta a percepção do mal real:

O urucuiano Salústio João mais olhou. Ali ajoelhado, ele mirava e atirava. Atirava e fechava os olhos. Quando abria outra vez queria ver alguém vivo?⁸⁴

A interrogação estratégica na frase final da citação visa realçar que a privação visual justifica e tira o peso da responsabilidade. Entre a dimensão do olho e a vontade de seu sujeito, ele quer ver menos ainda. Simbolizada pela dimensão do olho revela-se a falsidade, Ela aparece no ato de fechar o olho; estes, já pequenos, quando fechados têm a incumbência de livrar o matador de culpa. Em síntese, a falta de visão mata, não a vontade do matador.

Essa composição expande-se na esteira simbólica que ora discutimos. Temos um João cognome do Batista, ajoelhado não para orar, mas para matar. Trai em postura, pois quando mira fecha os olhos e entrega ao diabo o resultado. A pergunta final com direcionamento de resposta, no parágrafo citado, marca o acento regional, lindamente.

A maldade vem estampada na sua face, pelo cavanhaque, em *sete fios*. Obedece a uma credence cabalística e folclórica que compõe a figura do demônio. Da figura para a palavra, *boca mole* interpreta-se a banalidade premeditada de quem diz a falsidade de sua intenção: espiar.

d- Forma e estilo na fabulação do mal

O estilo de Guimarães Rosa é o de produzir parágrafos concisos, que na pauta aparecem quadrados, ou seja, a largura da página e a extensão deste, às vezes são da mesma dimensão, quando não ocupam página inteira, ficando assim retangular. Esta ousadia cometida fica por conta da força de sua prosa, pois esta garante prender e não perder o leitor. Portanto, nossa próxima citação é um

⁸⁴ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 262.

fragmento de novo parágrafo, cuja interpretação não só expõe os símbolos do mal, mas esclarece um pouco da trama.

Deus escritura só os livros-mestres. Na noite Zé Bebelo saiu, engatinhando por mais escuro, e revestido com roupas bem pretas que arranjou dum e doutro. Ele devia ter ido até longe, como rato em beira de paiol -- que coruja come. Queria era farejar com os olhos o reprofundo. Voltou, aí deu ordem de outra coisa: que todos aproveitassem o sem-lua para suas necessidade boçais ,aquelas tapadas estâncias. A gente ia, num vão de buracos, da banda das senzalas . Assim Zé Bebelo instruiu; e se virou para mim. -- "Inimigo que faz igual numeração, ou menor do que a nossa. Por via disso é que não tomam coragem de dar assalto, e é também que eles não conhecem o interior desta boa casa"⁸⁵

Estão cercados, a água vem da região onde estão os inimigos, é preciso poupar, por isso o *sem-lua* para as *necessidade boçais (tapadas estâncias)*. Aqui surge fácil o símbolo do manto negro, para o pecado e também para a fealdade, ao lado do arcaico estância, no plural para aumentar a inexatidão própria de quem generaliza .

O adjetivo verbal *tapadas*,obedece ao mesmo princípio generalizador do substantivo estâncias, demonstra-se cosmológica e regionalmente concebido, nesta receita temperada por nosso mestre Guimarães Rosa.

Por outro lado, o símbolo do manto ressurgue na espionagem de Zé Bebelo,em traje negro e na noite. Dois mantos ele levava, já que ia a território inimigo. A comparação *Como rato* traz mais escuridão e a peçonha. Porém, *que coruja come*, traz no significado deste feio e vigilante bicho a condição de Zé Bebelo, perante Riobaldo: uma suspeita vigiada, uma dúvida em processo, em expressão de ressentimento.

Isto se expande; Farejar com os olhos, o termo grifado conota rancor, reforça o sentimento na suspeita pelo verbo do campo semântico animal, enquanto o objetivo da investigação confirma o duplo manto que mencionamos, pois, para farejar o re-profundo é necessário cobrir-se duas vezes. Trata-se de uma expressão tão lógica como efusiva.

⁸⁵ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*,p. 300.

A imagem de toca está presente em nova frase com: *a gente ia num vão de buracos, da banda das senzalas*; o símbolo do manto escuro, da privação de liberdade e da discriminação racial contido em senzala, completa este quadro de mal com a angústia do vilipendiado (mal feito e mal sofrido) e o pecado do aprisionador. O período final do fragmento parece, e pareceu a Riobaldo, um subterfúgio para encobrir a suspeitada traição.

Entretanto, na sequência da travessia a esse Grande sertão pelo grupo de Zé Bebelo, o qual Riobaldo integrava, aparece um *pretinho*. Note-se, é sobretudo uma sequência simbólica. Um pretinho desditoso:

Menino muito especial. Jagunço distraído ,vendo um desses, do jeito, a primeira vista era capaz de desfechar nele um tiro certo, pensando que padecia de agonia, e que carecesse de ajuda para livração⁸⁶ .

Ainda coordenada à idéia do manto escuro do pecado, o pretinho que apanhado roubando comida, pela jagunçagem, trazia na pele a marca do mal (revertida para ele próprio, como padecente, um descendente da senzala.⁸⁷). E tal a reação patética, que esboçava tira do jagunço a brutal alternativa, que no sertão, junto aos animais é caridade; a execução radical.

Ele negava por medo o que estava evidente : *que tivesse tido mãe, que a doença brava estivesse matando o povo de Sucruíú, os parentes todos dele*⁸⁸ Altamente antropológica, a ironia primeira revela a dolorosa realidade da epidemia que é a pobreza, naquela região. Esta criação impar de evidência dada aqui pelo autor utiliza o símbolo do mal natural, doença, agonia, tiro de misericórdia. Caracteriza ainda a sagacidade do caboclo dando definição altamente lógica em um registro cosmogônico. São raízes fortemente genealógicas.

⁸⁶ João Guimarães ROSA, *Grande sertão : veredas*, p. 300

⁸⁷ Evidente que tal afirmação não representa nosso pensamento, entretanto, infelizmente é marca cultural forte ,ainda hoje, em algumas regiões do país. O racismo, desnecessário dizer, perdura implícito e ainda explícito, arraigado em cultura, que embora recusemos, está marcada pelo despropósito de uma escravatura que não se extinguiu, mas permaneceu pelo descaso em reparar seus danos .

⁸⁸ *Ibid.*, p. 300.

Nesta mesma página aparece outro aspecto da pressumida falha de caráter de Zé Bebelo, intuída, pelo agora inseguro Riobaldo jagunço:

-- Hem?Hem?—Zé Bebelo falou --- O que imponho é se educar e socorrer as infâncias desse sertão!. Eu ia fazer sinal-da-cruz, mas com a mão não cheguei bulir, porque isso me pareceu falta de caridade, pensando no menino pretinho.⁸⁹

Uma flagrante crítica de Rosa à hipocrisia de todos os tempos no campo ético-político entre nós. No âmbito da simbólica do mal, este é o verdadeiro mal. Novamente flagramos a impostura, agora por outro aspecto.

Sucruíú, sítio de doenças, pragas e suspeitas ficaria para trás. Agora, o bando de Zé Bebelo procurava a propriedade deixada por seu Habão:

Descemos a Vereda do Ouriço - Cuim, que não tinha nome verdadeiro anterior e assim chamamos porque um bicho daqueles por lá cruzou. Chapada de ladeira pouca. Depois uma lombada do cerradão . E por fim veio esbarrar em lugar de algum cômodo, mas feio como feio não se vê -Tudo é gerais ...- eu pensei por consolo.⁹⁰

O mau aspecto desse novo esconderijo precisou de autoestímulo para ser tolerado, a referência a *gerais*, em letra minúscula une aspecto a grafia nesse atributo do estilo de Guimarães que é o isomorfismo.⁹¹ Agora estavam:

Na Coruja, um retiro taperado

E ali, redizendo o que foi meu primeiro pressentimento , eu ponho : que era minha sina o lugar demarcado, começo de um grande penar em grandes pecados terríveis (...) Foi o que assim de leve mesmo me disse, no avistar o redondo daquilo, e a velhice da casa. Que mesmo de coruja era - mas da orelhuda , mais mor, de tristes gargalhadas .(...) Só esta coisa o senhor guarde : meia légua dali, um outro corgo –vereda , parado, sua água sem- cor por sobre de barro preto. Essas veredas eram duas ,uma perto da outra, depois alargadas ,formaram um tristonho brejão , tão fechado de moitas de

⁸⁹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.300

⁹⁰ *Ibid.*, p. 303.

⁹¹ Dar à grafia o aspecto material da idéia .

plantas, tão apodrecido que em escuro:marimbus que não davam salvação. Elas tinham um nome em conjunto - que eram as Veredas Mortas.⁹²

A figura do local apresentado na primeira frase desta nova citação, a casa fazia juz ao nome do lugar, pois era capaz de provocar estertores, como o riso da coruja orelhuda. E o *corgo*, uma concentração de plantas e brejos escuros , tudo morrendo, apodrecido, mostrava o caminho da deteriorização.

A escuridão, o mau pássaro consoante com essa contaminação concretizada, é similar à percepção do pecado, como resultado da contaminação,de acordo com a simbólica do mal. Porém, como ali é um espaço e traz por nome a rendição da vida, (Veredas Mortas), o mal natural pode atingir qualquer vivente. É a intuição do Riobaldo jagunço. É esta intuição que aparece no detalhamento daquele sitio:

O senhor guarde bem, No meio do cerrado, ah , no meio do cerrado, para a gente dividir de lá ir por uma ou por outra, se via uma encruzilhada. Agouro? (...) Tem ,onde o senhor encosta a palma -da -mão em terra,e sua mão treme pra tras ou é a terra que treme se abaixando. A gente joga um punhado dela nas costas nas - e ela esquenta: Aquele chão gostaria de comer o senhor; e ele cheira a outroras....Uma encruzilhada, e pois ! - o senhor vá guardando....Aí mire e veja: as Veredas MortasAí eu tive limite certo.⁹³

Se a terra que é útero não é estável para abrigar , se por outro tem cheiro apodrecido, tudo nesse húmus do alagado afunda pela qualidade do terreno, por outro lado uma simbologia bem brasileira passa esse ponto de convergência em cruz,como o ponto onde se bifurcam bem e mal, com todas as suas circunstâncias.

Apenas essa conotação simbólica regional bastaria para interpretar o fragmento, cosmogonicamente eivado dos signos de deteriorização. Paul Ricouer admite, em seu estudo, na simbologia do pecado, que o homem se lamenta ao admitir-se culpado. Aqui porém, trata-se da natureza como o portador do mal; ela aparece corrompida, negando o mito da terra-mãe. Se não gera vida, vai necessariamente gerar a morte.

⁹² João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.303.

⁹³ *Ibid.*, p. 304.

Em concepção lógica, o terreno afunda ao arcar com o peso do vivente. Neste fragmento acontece a ambigüidade *morte e agente*, em um sobrenatural, que não despreza o manto ricoueriano da simbólica do mal. A água negra e visguenta obedece a esse paradigma de malefício, tornando-se universal. Ao mesmo tempo, traz, no estilo da linguagem o arcaísmo que tanto é acento sertanejo, como medieval.

Porém, *o limite certo* ao qual Riobaldo jagunço se refere é a total compreensão do que eram as *Veredas Mortas*. No frio, na chuva, no mau presságio, o jagunço passou a definhar. Sua compreensão, no entanto, o orientou:

Cacei comida. Comi tanto, zampei, e meu corpo agradecia (...) desde aí , naquelas coisas não queria pensar, e ri , pauteei e dormi.⁹⁴

Parmênides fundamenta Ricouer em *A simbólica do mal* quando imagina o mortal em seu famoso poema querendo atingir o portal da compreensão. Nesta procura, experimenta e estabelece a sua via da verdade. Esta via da verdade legou-lhe experiência, a mesma que resgatou Riobaldo jagunço do sentimento derrotista que teimava em abatê-lo. Corpo e alma se desentendem, ele provou, mas recuperou o diálogo mantenedor da vida.

Pauteamos, nestas últimas oito páginas, pelos lugares do mal, por seus símbolos construímos algumas veredas. Monstros, batalhas, suspeitas conduziram-nos à vereda de Parmênides, esta que agasalha o homem.

3.5 - O mal nessas pessoas. Hermógenes, Riobaldo e Diadorim. O Demo? Do Demo?

Esses três personagens guardam motivos diferentes para, em linha geral e dentro da cultura das brenhas e arrabaldes sertanejos, serem considerados especiais. Apresentam características que ou não se explicam, ou ainda pior, tendem

⁹⁴ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.305.

já para um comportamento tenebroso. Hermógenes, por ser assassino frio; Riobaldo, porque em terror ético⁹⁵ ante a uma atração incontornável que tem por Diadorim, sente-se perdido e decide fazer pacto com o Cujo, e Diadorim, pelo misterioso que envolve sua aura. Sendo este jagunço de armas, mas provocando intenso fascínio em Riobaldo, outro jagunço, cria a possibilidade de ser o enviado do Demo ,ou uma versão dele próprio. São equívocos que a eterna aporia humana é capaz de favorecer, por meio da imaginação.

Neste sentido pois, a hermenêutica ricoueriana à simbólica do mal será instrumento para alguma compreensão.

a- Hermógenes :

Este personagem é sempre narrado em terceira pessoa, não se tem dele fala expressa em discurso direto. Dele, Riobaldo velho lembra sequer do rosto, entretanto, a fama de jagunço pernicioso e sanguinário alastra-se pelo sertão por ter assassinado Joca Ramiro, o bom jagunço.⁹⁶ O que se sabe é de ouvir contar, e um pouco mais: privando da poeticidade que o trágico impõe ao mito, como já discutimos acima.

Ateado no que pensei, eu sem querer disse alto, falou: - "... Só o demo..." E: - "Uem...?_ Um deles, espantado indagou. Aí, teimei e inteirei:_ " Só o Que, O Que -Naõ - Fala o Que - Naõ, -Ri o Muito-Sério_ o cão extremo!"(...) Algum fez o pelo sinal.

Mas Diadorim ,que quando ferrava não largava , falou: "O inimigo é o Hermógenes".

Disse e me olhou, (...) o que eu reproduzi, firme:

- Que sim, certo! O inimigo é o Hermógenes⁹⁷

Hermógenes ganha, na condição de antagonista de Joca Ramiro a condição de representante do Demo. A ele são atribuídos diversos nomes do repertório da superstição regional; em modalidade cultural muito marcante.

⁹⁶ Pai de Diadorim , que zeloso acabou por ser responsável pelo martírio de Riobaldo, já que sob o costume medieval criou a filha como homem , para protegê-la de abuso numa região onde a força predomina sobre a ordem .

⁹⁷ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 308.

O *que não é*, expressão tomada como substantivo composto, adquire valor de nome, ou codinome, no sentido de envolver uma impessoalidade forçada para evitar o embate direto com esse mal regionalizado. Fica personalizado em dialética, já que o *que não é*, é *tudo*, ao contrário.

O *Que- não- Fala*, é determinado pelo *Que*, da expressão (aquele). No entanto, nega o estatuto primordial da espécie humana (falar), e, como vimos acima, usa o rugido dos animais. "o *Que- Não - Ri*", e o *Muito-Sério* mostra um diabo medieval do tacho e do tridente, em moldes muito clássicos, enquanto que o *cão extremo* aproxima-se das deliciosas expressões cordelistas.

O conjunto de denominações enfileira uma sequência que tem valor de imprecisão, alternando figuras universais e do senso comum, provindo das Escrituras. Se a Linguística⁹⁸ nos impede de classificar as expressões em ricas e pobres, assentimos em dizê-la imaginativa com aguçado senso local. Esta consideração ante o discurso direto de Riobaldo, não pretende deixar dúvida:

... "O *Hermógenes tem pautas* "(...) o *Hermógenes demônio*.⁹⁹

Em uma das raras vezes que *compadre Quelemém* (o ouvinte de Riobaldo na obra) tem voz em *Grande sertão: veredas* ele afirma aquilo que Paul Ricoeur adotou de Santo Agostinho- existe um mal já lá, no homem:

A gente viemos do inferno - nós todos . Duns lugares inferiores , tão monstros-medonhos, que Cristo mesmo só conseguiu aprofundar por um *relance de graça* de sua substância alumiável, em as trevas de véspera do Terceiro Dia¹⁰⁰

⁹⁸ A Linguística , a ciência da linguagem, não reconhece a intensidade rica e pobre para as línguas . Considerando que todo idioma vem com as marcas distintivas de sua cultura, essas particularidades ficam atribuídas à Antropologia .

⁹⁹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão : veredas*, p. 40.

¹⁰⁰ *Ibid.*,p.40.

Relance de graça é a expressão que maximiza a experiência de Cristo, a sua experiência entre nós. Profundamente sensível, o caboclo brasileiro, facilitado pela crença herdada por nascimento, caracteriza um catolicismo eivado de influências trazidas pela proximidade dos fenômenos físicos, perpassados pela proximidade dos símbolos desde os barrancos imberbes até a sonoridade produzida pela mata fechada. Esta veracidade fisicamente observada produz fé diferente, já que ele constata um *Deus físico* pelo tipo de espaço que ocupa, e isto surge nestes caboclos como potencialização de fé especial.

Definida a postura ante a religião, só nos resta confirmar cientificamente aquilo que vimos afirmando desde a início deste capítulo: o estágio do mito na linguagem, classificação de Paul Ricoeur. Desta forma coroamos a menção a um dos adágios mais significantes de *Grande sertão: veredas -- viver é muito perigoso*.¹⁰¹ Quelemém prossegue a explanação de seu olhar a esse mal posto, inspirado no mal existente na índole humana:

Senhor quer crer? Que lá o trivial de cada um é judiar dos outros, bom atormentar; eo calor e o frio mais perseguem ; e, para digerir o que se come, é preciso esforçar no meio, com fortes dores . Se creio ? Acho proseável. Repenso no acampo da Macaúba da Jaíba , soante que mesmo vi e assaz me contaram; e outros -- as ruindades de regra executavam em tantos pobrezinhos arraiais : baleando, esfaqueando , estripando , furando os olhos , cortando línguas e orelhas, não economizando as crianças pequenas, atirando na inocência do gado, queimando pessoas ainda meio vivas, na beira de estragos de sangues.....¹⁰²

O poder na jagunçagem, poder real cria a oportunidade para uma liberdade sem limites, uma situação genérica que quando o poder legal oficial inexistente, a tendência maligna alce um macabro vôo. Dessa facilidade de o *por o mal*, sem

¹⁰¹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 340.

Uma entre tantas *metáforas vivas* criadas por João Guimarães ROSA nesta obra, que ressoa por enfoque fenomenológico da filosofia cabocla autêntica, patenteando o seu perfil em *Grande sertão: veredas*.

¹⁰² *Ibid.*, p. 40.

punição jurídica, ocorre o oposto, também juridicamente, e mais do que isso, socialmente, ou seja, a negação do *bem geral à polis*,¹⁰³ em qualquer sítio, seja cidade ou sertão.

O impressionante relato de Quelemém aponta, pois, para a contaminação. Por meio da liberdade descrita, o pecado é concebido. A culpa só existirá se for levantada pela própria consciência.

No romance, facilmente o prosear atribui fama ao bando matador, e essa vaidade pode impedir a culpa, que vem por meio da reflexão. Isso impede, pois a única instância que poderia cercear o repertório de vilanias cometidas no ataque covarde - *a direção psico-teológica do inferno*,¹⁰⁴ Essa consciência amortecida pela fama, quando *a consciência acusadora*, e inibe a condenação que levaria à compreensão do mal feito pelo fenômeno da culpa. Esse entusiasmo do “soldado vitorioso” comprometedor, porque é cego pela vaidade.

Riobaldo, no entanto, no prosseguimento desta discussão, coloca a possibilidade oposta a essa situação desarazada : *Mas mor o infernal a gente também media . Digo .*¹⁰⁵

Tal mediação viria do possível reconhecimento desse mal antes de ser efetuado, ou do malefício já consumado e contestado. No caso da devastação do arraial, há o crime sem possibilidade de inculpação racional por parte da comunidade, porque o mal maior é ausência do poder comunitário .

Temos, pois, um mal generalizado, por muitas vertentes e aspectos. Nesta ficção roseana o representante do mal, sócio do diabo, diríamos, é:

Hermógenes Saranhó Rodrigues Felipe (.....) hoje neste sertão todo o mundo sabe, até nos escritos do jornal já saiu o nome dele.. Mas quem me instruiu disso, na ocasião, foi o Lacrau (....) Se era verdade o que se contava. ? Pois era - o Lacrau me confirmou - o Hermógenes era pactário. A terra dele

¹⁰³ Definição grega de política, segundo ARISTÓTELES.

¹⁰⁴ Cf. Paul RICOUER, *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, p. 46, capítulo II deste trabalho.

¹⁰⁵ João Guimarães ROSA, *Grande sertão : veredas*, p. 40.

naõ se tinha noção qual era; mas redito que possuía gados e fazendas, para lá do Alto das Carinhanhas, e no Rio Borá, e no Rio das Fêmeas, no gerais da Bahia. E veja, por que sinais conhecia em favor dele e a arte do Coisa Má, com tamanha proteção? Ah, pois porque ele nem se cansava, não sofria, nem nunca se perdia nem adoecia (.....) - ' Ah, que essas coisas são por um prazoAssinou a alma em pagamento ¹⁰⁶

O poder do *Diabo* traz sorte ou prosperidade, com o ônus da alma, por contrato, ¹⁰⁷ diz o mito. Para evidenciar essa condição de pactário, por meio desse contrato duvidoso, o mal ético precisa ser aceito como premissa, fato que traz dúvida e toda a sua correlação de males reais. Este tema, por envolver transcendência, preterida em favor de prosperidade, nega a condição humana, razão porque tornou-se tema de best-sellers em várias etapas da história da literatura, e fartamente na literatura de cordel.

O imenso parágrafo, que ora discutimos, ¹⁰⁸ chama a atenção pela ocupação de duas páginas. Forma dois retângulos e não um quadrado como atrás mencionamos. Isso ocorre porque a gama de informações acerca do tema diabo reforça aquela característica técnica da prosa de Guimarães Rosa. ¹⁰⁹ Expressivo por estilo, por diagramação, por universalidade, cria um final para esse parágrafo que remete a uma simbologia do sangue, usada para a purificação do mal, como uma legítima cerimônia satânica. A respeito do Hermógenes, lê-se:

- "Pra matar, ele foi sempre muito pontual,.....Se diz. O certo é porque o Cujo rebatizou a cabeça dele com sangue certo: que foi o de um homem são e

¹⁰⁶ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas* p. 308-309.

¹⁰⁷ Um rito que retorna em diferentes idiomas e em romances de vários gêneros como é o caso de *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde.

¹⁰⁸ Cf. João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 308-309..

¹⁰⁹ Como exemplo mencionamos a conformação espacial dos dois primeiros parágrafos e o quarto de *Às margens da alegria*, in João Guimarães ROSA, *Primeiras Estórias*, p. 3-4. Estes parágrafos aparecem em forma ligeiramente retangular, ou seja, um pouco maior do que a extensão da página, comprimento. Nos dois primeiros, a última frase surge simetricamente finalizada com a expressão *O menino*, na página 4, segunda do conto. Enquanto que a diagramação mostra, à página 5 um complemento de frase, com a mesma expressão *O menino*. Em suma, nas páginas referidas há três parágrafos que finalizam-se com a mesma expressão e sua diagramação (espacial) converge para a mesma forma geométrica. Pode-se afirmar que isto é uma metáfora, porque enfatiza, em mudança, como quer a epífora, e sendo instituída pela linguagem geométrica trata-se de uma metáfora espacial. A menção surgiu porque o fragmento relativo ao mal, por nós citado apresenta a mesma situação.

justo , sangrando sem razão”Mas a valência que ele achava era despropositada de enorme ,medonha mais forte que a da reza –brava ,muito mais própria do que a de fechamento –de- corpo . Pactário ele era, se avezando por cima de todos.¹¹⁰

O *Cujo re-batizou* , ou seja batizou de novo, e pelo perfil do sacerdote batizou às avessas. Não pela origem pura do sacrificado,em analogia com as pombas das religiões africanas ou de sua inspiração, em cerimônia de purificação para o Bem. O mal aparece no fragmento pela lógica despropositada que envolve o sacrifício de homem *são e justo* unicamente para legitimar o fazer mal - sem razão, sem propósito , perfeita ação de apoderamento de alma, e por interesse.

Creio que tal cerimônia imaginada por Rosa, ou pelo senso comum do sertão, por ele pesquisado pode dar uma definição próxima daquilo que tem sido objeto de Paul Ricouer: objetivar o mal. Ambos abordam a questão pelo viés filosófico,mas a teoria de Ricouer reveste os personagens de Rosa das características da espécie homem , por debaixo do gibão dos sertanejos

Esta versão de pacto com o Xu¹¹¹, em *Grande sertão: veredas* configura-nos a obra como uma representação definitiva da literatura brasileira no mundo acadêmico universal. Os outros personagens sugeridos pelo autor como endemoninhados necessitam de análise. Consideraremos agora o pequeno diabo Diadorim , em suas atitudes *misteriosas* .

b- Diadorim

Digo. Em Diadorim ,penso também - mas Diadorim é minha neblina.¹¹²

Confusão, dificultador, fenômeno físico capaz de mudar a aparência do ambiente, de repente e por determinado tempo? Diadorim foi mais. Nossa tentativa

¹¹⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão : veredas*, 309.

¹¹¹ Denominações do Diabo, de ordem filosófica , teológica, arcaica , e principalmente de um acento antropológico próprio do sertão *encantam* (?!...), surpreendem ou constroem os leitores, (estes últimos se forem dogmáticos). Trata-se de expressões como : *Ibid.*, *Figura* ,p. 309; *Arrenegado* ,p.310; o *Coxo*,p. 40 ;o *Capiroto*,p. 40 ; *Coisa Má* , p. 309 ; o *Pal do Mal*, o *Tendeiro* ,p.. 316;o *Sempre – Serio*; o Pai –da -Mentira ; O Xu ;O bode- Preto . p. 317.

¹¹² *Ibid.*, p. 22.

não é a de saber o que foi, mas de como foi dito aquilo que era e aquilo que não era. Partimos, pois do estranhamento:

Diadorim só falava nos extremos do assunto. Matar, matar, sangue manda sangue ¹¹³.

Moço bonito, de olhos verdes, na jagunçagem? Isto se entende pelo contexto da obra, mas o ódio, a vingança como objetivo levanta dúvidas quanto a sua origem, no leitor e nos outros personagens da obra. E a lembrança que perdura se não condena, dá a pensar. Diadorim é o grande contraponto de Riobaldo, o Riobaldo da travessia.

Neste primeiro momento, tomaremos a atitude do povo do sertão, que por tradição arcaica, a tudo que não entendiam davam explicação simplória, ou de Deus, ou do Diabo, fabulavam pelo mito. Como estamos tratando de um povo que guerreia e como o mal incomoda, damos aqui a ele a prioridade.

De Diadorim, aí jaz descansando ao meu lado, assim ouvi: - “Pois dorme Riobaldo, tudo há-de resultar bem...” Antes palavras que picaram em mim gastura cansada; mas a voz dele era o tanto-tanto para o embalo do meu corpo, Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris. Ah, se eu pudesse mesmo gostar dele - os gostares. ¹¹⁴

Uma referência agradável não devia incomodar, mas incomoda. A liberdade onírica permite desejos, mesmo que firam as normas de conduta, Isso é estranho, causa suspeita, sobretudo quando a estranheza depõe contra os hábitos, as convicções mais arraigadas no meio cultural onde se dá. Começava o martírio de Riobaldo, e a razão de sua vida ter sido, em parte, *debalde*. Em campo, a liberdade é patente:

¹¹³ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.26

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 41.

Mas os olhos verdes de Diadorim. Meu amor de prata ,meu amor de ouro. De doer, minhas vistas bestavam , se embaçavam de renovem, e não achei acabar para olhar para o céu . (...) Voltar para trás ,para as boas serras ! Eu via, queria ver antes de dar à casca um pássaro voando sem movimento, o chão fresco remexido pela fossura duma anta, o cabecear das árvores (...) O senhor sabe o que é o frege dum vento sem uma moita, um pé de parede pra ele se retesar? Diadorim não se apartou do meu lado, Caso que arredondava a testa pensando. ¹¹⁵

Enquadrar a visão de infinito na linguagem exige mestria . Quando a mestria é talento, ela surge natural, própria ao ambiente onde acontece, é o caso de - *minhas vistas bestavam, se embaçavam de renovem e não achei acabar de olhar para o céu*. Acabar , verbo usado no infinitivo impessoal é o nome da infinitude do céu, em simples e autêntica metáfora. Tal arranjo luxuoso na expressão é alcançado na variação do segundo pólo para verbo, ainda que em forma nominal ¹¹⁶. A *re -nuvem* expressa confusão,desorientação e, pelo contexto, há insinuação de que seja pelo diferente sentir. Isso coaduna-se com a epígrafe deste item - neblina. Esta neblina, no entanto orientava. Foi o que se passou por ocasião da morte do chefe do bando, Medeiro Vaz :. Riobaldo foi indicado para chefe :

-“Mano velho Riobaldo,tu pode !”
Tive testa ,Pensei um nome feio (...) ninguém ia manusear meu ser .
”Mano velho, Riobaldo: tu crê que não merece , mas nós sabemos a tua valia” Diadorim retornou
Temi. Tersava o grave. Assim, Diadorim dispunha do direito de fazer aquilo comigo. ¹¹⁷

Nessa orientação, em hora tão delicada, houve recusa radical, se o momento era de vida ou de morte, pois chefia nisso implicava. Teria Diadorim o direito de querer influencia ? O fato de que influenciava garante duas interpretações : a primeira é de que havia temor de revelação de algo *pecaminoso*. A segunda é a de que realmente Diadorim é neblina para Riobaldo.

¹¹⁵ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 43.

¹¹⁶ Disto falaremos no quarto capítulo.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 64.

Da desorientação vem a danação, quem está danado acha-se condenado, preconcebido, taxado. Fica evidente durante toda a obra , sobretudo em :

O demônio diz mil . Esse! Vige mas não regeQual o caminho certo da gente ? Nem pra frente , nem pra trás , só para cima. Ou parar curto quieto, feito os bichos fazem . Mas quem é que sabe como . Viver.... O senhor já sabe: viver é etcétera. ... Diadorim alegre e eu não. Transato no meio da noite (.....) Gostava de Diadorim de um jeito condenado:nem pensava mais que gostava ,mas aí sabia que já gostava em sempre .¹¹⁸

Esse fragmento que transborda em símbolos do mal pode ser entendido por três chaves de leitura principais. O demônio *naõ rege* - indica a batalha contra Ele; a confissão -*condenado*; e a perpetuação do pecado ,apesar da confissão ,ou seja , uma existência em culpa inevitável . E mais, para intensificar essa tríade - *o caminho certo, só para cima*, prevê, em atitude dogmática a transcendentalização como única saída. A menção a *bicho* surge no fragmento como um espelho à transcendentalização expandindo seu significado pela oposição de sentidos.

A imaginação de Riobaldo expande-se, tomado de *terror ético*,¹¹⁹ começa a representar em situações no dia a dia:

Mas aqueles cachorros hoje são do mato, têm de caçar seu de-comer. Cachorros que já lamberam muito sangue. Mesmo, o espaço é tão calado, que ali passa o sussurro da meia-noite às nove horas. Escutei um barulho (....) Só vi um papagaio manso falante, que esbagaçava com o bico algum trem. (...) e eu não revi Diadorim. Aquele arrial tem um arruado só: é a rua da guerra..... *O diabo na rua no meio do redemunho*..... O senhor não me pergunte nada . Coisas dessas não se pergunta bem .¹²⁰

Aqui, o mal estar pelo interesse na pessoa de Diadorim, em meio de costumes arcaicos, como é a comunidade da jagunçagem e o meio retrógado do sertão em geral, diante de seu amor inusitado *pelo igual*, em tormento pela culpa

¹¹⁸ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 74.

¹¹⁹ Paul RICOUER, *The Symbolism of evil*, p. 35. No capítulo II deste trabalho estudamos essa consequência causada pela culpa, cuja máxima estabelecida por Ricouer sensibiliza o estudante para suas características: *O homem entre no mundo da ética através do medo, não através do amor*.

¹²⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão:veredas*, p. 77.

admite ilusão de magicidade a Diadorim. O sofrimento de Riobaldo provém da não aceitação daquilo que ele não podia entender, e de sua rejeição. Surge a necessidade de uma justificação. Porém, autojustificar cria um dilema, pois seu sentimento para com Diadorim é verdadeiro, mas ao admiti-lo no seu meio surgiriam severas contestações. Isso, enquanto membro de sua comunidade é costume indiscutível, regra imposta que, no entanto, para seu coração é o justo, porque verdadeiro.

Por isso, para ser mantida a polêmica na trama, no final deste fragmento, excepcionalmente bem concebido, há a forte insinuação forte de Diadorim estar em más artes com o demônio, que o tenta Riobaldo e o põe à prova. É neste diálogo tácito com o leitor que se instala o tom de mistério que a obra pretende. Mistério que é mantido ao longo do relato.

O tempo é manancial de manipulação em *Grande sertão: veredas*. Ele aparece pauteando à página 84 desta obra sem capítulos. Trata-se de um isomorfismo¹²¹ com a vida e com a lembrança. Desta maneira, o Moço Reinaldo - Diadorim reaparece à página 108/109:

Conto. *Reinaldo* - ele se chamava . Era o Menino do Porto, já expliquei . E desde que ele apareceu , moço e igual no portal da porta , eu não podia mais, por meu próprio querer, ir me separar da companhia dele, por lei nenhuma, podia? O que entendi em mim: direito como se, no reencontrando aquela hora aquele Menino- Moço, eu tivesse acertado de encontrar , para todo o sempre as regências de uma alguma a minha família . Se sem peso e sem paz sei sim, mas assim como sendo, o amor podia vir mandado do Dê. Desminto¹²².

Acaso ou sortilégio? Nada podia ser desastroso se era tão grandemente considerado, com força superior, diz a essa altura da vida Riobaldo velho. Boa oportunidade para o leitor pensar nas regras estáveis do sertão. Entretanto, o mundo é o Sertão, lembremo-nos de nossa interpretação. O Dê, íntimo, cotidiano, parte da cultura poderia vir *atravessado*, conjurado, neutro? - *Desmentido.....!* Qual seria a

¹²¹ Quando o texto físico, material apresenta formas em analogia com o enredo há isomorfismo. Em *Grande sertão: veredas* não há capítulos porque é o relato de uma vida, uma só aventura cujo topo é a compreensão. Forma e conteúdo em analogia.

¹²² João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 109.

valência desse Moço-Rei? Caberia aqui Descartes e sua dúvida metódica ¹²³, ou os fundamentos daquilo *que não há*. Cabem as duas hipóteses, neste sertão/mundo. E até uma terceira?!

Nada espantoso ouvir Riobaldo Jagunço falar: *E aí desde aquela hora, conheci que o Reinaldo, qualquer coisa que ele falasse, para mim virava sete vezes.* ¹²⁴

Muito espantoso, porém, Riobaldo Jagunço dizer:

Depois o Reinaldo disse: eu fosse lavar o corpo, no rio. Ele não ia. Só, por acostumação, ele tomava banho era sozinho no escuro, me disse, no sinal da madrugada. Sempre eu sabia tal crendice, como alguns procediam assim esquisito - os carbojudos, sujeitos de corpo-fechado. ¹²⁵

Sexualidade e magia, dois ingredientes tratados prosaicamente, levam-nos a considerar que, em uma narrativa tão elaborada precisava haver alguns anzóis que captassem o leitor comum primeiramente, e depois o público acadêmico para a dificultosa interpretação. Pensamos que aí Guimarães Rosa exacerbou no tema amor, sua alma eivada de entendimento precisava expandir-se, ao mundo. Com isso angariou a temática atual, que precocemente propôs na transição da primeira para a segunda metade do Século. XX.

Guimarães Rosa colhe da cultura universal de tudo um pouco - dos famosos filmes de cowboys holywoodianos, não os do deserto do Arizona, mas os do nosso Pantanal, eivado de bichos, pássaros, e sobretudo, do sertanejo e suas *cismas*. Se a cisma é uma reflexão cabocla, atestada por essa cultura, a reflexão humana é um atributo distintivo, porque filosófico - Eis o estofa da obra.

O que passamos a perceber a seguir são declarações de outro sentimento e reconhecimento do mal moral como impecilho e pena:

¹²³ Cf. René DESCARTES, *O discurso do método*.

¹²⁴ Cf. João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, p. 112.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 151.

Diadorim permanecia lá , jogado de dormir . De perto senti a respiração dele, remissa e delicada (....) não fosse um como eu , disse a Deus que esse ente eu abraçava e beijava ¹²⁶

Confessado o *pecado* do sentimento, este não atingia o estágio de culpa, que se amortiza pela confissão, pois o delito é só pelo sentimento, ainda pecado venial . Como este persiste, surge a hipótese sobrenatural :

Demorei bom estado, sozinho ,em beira d'água , escutei o fife dum pássaro: sabiá ou saci. De repente , dei fé, e avistei :era Diadorim que chegando, ele já parava perto de mim ¹²⁷

Sutileza, rapidez, artimanha, podem ser consideradas nesta chegada. O assobio podia ser de um diabo pândego? O Diabo também podia aparecer por meio do vento :

Aquilo passou,embora o ró -ró . (.....) Mas Diadorim e o caçange se estavam lá adiante , por me esperar chegar -"Redemunho !" (...".) " Vento que enviesa , que vinga da banda do mar..." Diadorim disse. Mas O Caçange não entendia que fosse: redemunho era d'Ele¹²⁸

A explicação mais razoável de Diadorim poderia apagar a superstição do Caçange , ou seria um esperteza do *Cujo* para virar a suspeita para outro lado , no *enrolar* do redemunho? Outros fragmentos dizem e desdizem a condição questionável de Diadorim, mas sobretudo,o mistério continuava: *Diadorim e eu , a sombra da gente uma só formava* ¹²⁹ ou

Explico ao senhor : como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele em mim escorreu, figurava diferente um Diadorim assim meio singular ,por fantasma, apartado completo de viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas - como quando a chuva entre-onde-os campos¹³⁰

¹²⁶ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.181.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 189

¹²⁸ *Ibid.*, p.187.

¹²⁹ Cf. *Ibid.*,p.189.

¹³⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*,p. 221.

O forçado sentimento veraz começa ultrapassar a barreira moral que impedia tal amor, e inconscientemente Riobaldo ansiava por excluir a sociedade, impecilho patente de sua felicidade. Com esse tipo de percepção fica negada a atração demoníaca na compreensão do jagunço, não havia tentação maligna, o que havia era a consciência de um mal moral ?

A partir desse enfoque, passaremos a interpretar alguns importantes depoimentos ligados diretamente à postura e ao pensamento de Riobaldo. Seu choque ante a revelação, os índices de sua intuição, a compreensão e a superação, tudo isso o pôs *barranqueiro*, ou seja, o prostrou já velho analisando a aventura . Nessa situação, então inequívoca, os verdadeiros símbolos do mal serão interpretados .

O que tentamos aqui , por meio desse trio de personagens com nuances do demônio é dissecar no corpus de *Grande sertão: veredas* um mal “limpo” de interferências folclóricas, de discriminações de toda a sorte, calcadas em valores de grupo, de épocas e de classes sociais. Estamos tentando desnudar valores reais da *travessia* .

c-Riobaldo

Riobaldo velho, narrador, para os leitores e para reformular os acontecimentos para Quelemém, representante oficial dos leitores nessa ficção, em alguns momentos revela seu sentimento a respeito de Diadorim, porém sem estar em contato direto com ele . Sempre contuso, com respeito a ele, a sua neblina é mais ativa. Trata-se do ponto de relação de Riobaldo jagunço com o sertão/mundo . Isso ele faz por meio da cosmogonia do sertão, ambiência local.¹³¹ Assim sendo podemos perceber em :

Vir voltemos . Aqueles dias empurrei, mudando em raiva a falsa a falta que Diadorim me fazia. Aí curti amargos. Por me ver casaca em chão, que é o

¹³¹ À frente, no quarto capítulo, quando falaremos das metáforas, no corte aristotélico que Paul RICOUER executa em sua hermenêutica, abordaremos a metaforização por meio do pólo das aves. Como exemplo apresentamos o *fife* do pássaro ou saci. Por ele iniciaremos nossa análise a metáforas que compõem nessa obra de João Guimarães ROSA, linguagem característica, cujo tema, base referencial são as aves da região dos Gerais. Transposições de classes gramaticais no relato criam metáforas cosmogônicas e normativas ao mesmo tempo - o ponto forte do estilo *roseano*

figurado de desprezo, e mais tudo o que em ocasiões dessas se sente, conforme senhor decerto conhece e sabe. Mas o pior era o que eu mesmo mais sentia : feito se do intimo meu tivesse tirado o esteio-mor, pé-de-casa ¹³²

O dialogismo tutorado por Quelemém, *o senhor sabe, o senhor conhece* cria uma ponte universal, por meio da condição humana. A intensa sensibilidade de Guimarães Rosa aflora, por esse canal, o tempo inteiro ao logo da obra. O simulacro de *raiva* por *falta*, maximizado pelo pronome pessoal obliquo *me*, expõe cruamente essa sensação aguda pela qual Riobaldo passa . Da parte de Diadorim a recíproca é verdadeira, o ciúme e o ressentimento de Diadorim, por Octacília é o ponteiro da flecha que ofende o outro nessa *guerra fria*.¹³³

A expressão *esteio-mor* enraizada no regionalismo é capaz de monopolizar a atenção do cético ou indiferente. O - *pé-de- casa* - cria a condição de serem percebidas as diversas camadas de análise acadêmica que sustentamos neste trabalho. A menção semântica de coluna sustentadora lembra a extensão de *queda* ,entendida como a falência psíquica de Riobaldo jagunço, em linguagem cosmogônica. Demonstra o caminho que, passo a passo corporifica-se na ação epifórica das metáforas vivas de João Guimarães Rosa em *Grande sertão : veredas*.

Este mal verdadeiro desponta minando o equilíbrio de Riobaldo, indicando aquilo que teoricamente Ricoeur admite de Kant - o mal é a impostura .¹³⁴ O personagem Riobaldo *velho*, o Riobaldo *relator* está consciente de ter amadurecido:

Dias que durasse , durasse; até meses. Hoje , eu penso,o senhor sabe: acho que o sentir da gente volteia ,mas em certos modos , rodando em si por regras. O prazer muito vira medo, o medo vai vira ódio, o ódio vira esses desesperos. ¹³⁵

¹³² João Guimarães ROSA, *Grande sertão : veredas*, p. 176.

¹³³ Cremos que esta expressão usual não vá ser tomada como clichê , prejudicando a redação acadêmica ,porque a situação já foi suficientemente explicada e resguarda-se no guarda-chuva da linguagem do mito . Tome-se , pois por estratégia.

¹³⁴ Indiretamente, de viés, diria Guimarães ROSA, o fundamento racional aponta para a única consistência que se pode ter do mal . Vide Paul RICOEUR, *O conflito das Interpretações*.

¹³⁵ João Guimarães Rosa, *Grande sertão :veredas*, p. 178. O autor deixa pouco a ser dito. Ele imita com sua composição ficcional aquilo que o símbolo faz ,ou seja o símbolo é moeda de troca inócua . O candidato a intérprete de ROSA acaba por justificar fragmento com fragmento. Por isso, neste trabalho, nos valem de Paul RICOEUR para adjetivá-lo de epifórico, resguardados também por Aristóteles . Esta qualificação será aprofundada no quarto capítulo

Este amadurecimento, capaz de neutralizar os desequilíbrios que nos apontam imposturas apenas imaginadas aparece na prosa de Guimarães Rosa:

E foi então que eu acertei com a verdade com a verdade fiel: que aquela raiva estava em mim, produzida, era minha sem outro dono ,como coisa solta e cega. As pessoas não tinham culpa de naquela hora eu estar passeando pensar nelas.¹³⁶

Entretanto, esta visão positiva não foi suficiente para amortecer o *coice d'arma de coronha*. Esta metáfora, cujo sustentáculo é o símbolo regional de um dos golpes violento e brusco transmite um mal físico condicionado por ação violenta. A nível semântico justifica uma expressão desgastada na cultura. Porém, dada a composição contextual na obra revela-se como linguagem denotativa¹³⁷ do estado interior de Riobaldo.

O *coice d'arma de coronha*..¹³⁸ expõe a revelação dramática, no momento da morte de Diadorim , de que aquele mal por discriminação, aquele mal moral não existia, já que ele era uma moça. Aí sim apareceu o mal verdadeiro, o de sentido catastrófico, aquele acidental, incoercível, sem autor, que expõe, por isso, todas as sortes de equívocos na história da cultura.

Este lirismo trágico está presente em várias correntes da filosofia da linguagem e caracteriza a estratégia do relato mítico no âmbito da teoria da literatura em termos de gênero narrativo.¹³⁹

Estivemos até agora percorrendo as veredas deste grande sertão e atingimos por meio da análise de Riobaldo o ponto onde a simbolização da tragédia faz-se presente. Para nos orientarmos nessa efusão simbólica, passaremos a apontar frases e expressões que venham a explicar essa tragicidade. Percorreremos um

¹³⁶ *Ibid.*, p.181.

¹³⁷ Esta é uma definição de metáfora gasta , noção encontrada em *A metáfora viva*, fundamento teórico do primeiro capítulo deste trabalho

¹³⁸ João Guimarães ROSA, *Grande Sertão: veredas*, p. 453.

¹³⁹ Cf. Massud MOISÉS, *A criação literária - poesia*, p. 20-102.

caminho inverso, do trágico às evidências dessa verdade sufocada na identificação de Diadorim.

Esta venda foi proporcionada por dois males, dois preconceitos. O primeiro deles, menos evidente porque guarda o mal ligado ao corpo, às funções da sexualidade, serviu ao nosso hábil prosador de estratégia tão prosaica quanto eficaz de prender o leitor, pelo fator da homossexualidade - Guimarães prende o leitor pelas algemas do incógnito e do fiel cumprimento aos costumes tradicionais. O outro mal advém dos dogmas religiosos.

Da mesma espécie, mas em outro foco, surge o cuidado do pai Joca Ramiro, este costume medieval de esconder as donzelas . Esta donzela precisava de um fecho capaz de sublimá-la a um amor, Guimaraes lançou mão do amor filial, que acrescido do desempenho do Jagunço, do moço Reinaldo (nome oficial e divulgado de Diadorim) suplantou o amor da moça Deadorina.

Tornou-se mal, entretanto, pelo corte trágico do desenlace da batalha, a morte recíproca entre Hermógenes e Diadorim. Neste sentido, e partindo do trágico exposto para as evidências da condição feminina de Diadorim, estabelecemos a seleção no manancial de *Grandes sertão: veredas*. Este procedimento facilita a compreensão.

1- Uivei. Diadorim!(...) Diadorim era mulher como o sol não acende as águas do rio Urucuia ,como eu soluzei meu desespero.¹⁴⁰

2-Os cabelos com marca de duráveis não escrevo ,não falo!- para assim não ser : não foi, não é não fica sendo! Diadorim¹⁴¹

3- Que trouxessem o corpo daquele rapaz moço, vistoso, o de olhos muito verdes... Eu desguisei . Eu deixei minhas lágrimas virem , e ordenando: - "Traz Diadorim !" _ conforme era.¹⁴²

4-Morto...RemortoO do Demo...Havia nenhum Hermógenes mais (...)no vão do pescoço :já ficou amarelo completo ,oca de terra , semblante puxado escarnescente ,como quem da gente quer rir – cara sepultadaUm Hermógenes!¹⁴³

¹⁴⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 454.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 453.

¹⁴² *Ibid.*, p. 453.

¹⁴³ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 452.

5--Diadorim tinha morrido_mil-vezes-mente - para sempre de mim ; eu sabia , e não queria saber,meus olhos marejavam .¹⁴⁴

6-O que vendo , vi Diadorim_movimentos dele. Querer mil gritar, e não pude, desmim de mim mesmo, me tonteava, numas ânsias. E tinha o inferno daquela rua, para encurralar comprido...Tiravam minha voz.¹⁴⁵

7- Tudo ali era a maldição, as sementes de matar. De ouvir o renje uim-uim dessas, perto de nossos cabelos...Era a cara pura da morte - *Av'ave!* Marcelino Pampa, logo esse (...) Um homem morre mais que vive, sem susto de instantaneamente, e está ainda com remela nos olhos, ranho moço no nariz, cuspes na boca, e obra e urina e restos de de-comer, nas barrigas ...¹⁴⁶

8- E eu tinha de gostar tramadamente assim de Diadorim. E calar qualquer palavra. Ele fosse mulher, e à – alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava : no dizer e no fazer - pegava, diminuía : ela nomeio de meus braços !¹⁴⁷

9- - "...Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto...Daí ,quando tudo estiver repago e refeito, um segredo ,uma coisa ,vou contar a você ..."¹⁴⁸

10- E tudo se sombreava ,mas só de boa doçura . Sobre o que juro senhor : Diadorim ,nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia ! A santa ...Reforço o dizer : que era belezas e amor, com inteiro respeito,e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança.¹⁴⁹

11- Condenado de maldito, por toda a lei, aquele estrago de homem estava; remarcado: seu corpo, sua culpa! (....) Que o Diadorim dissesse ; que dissesse.Que aquele homem leproso era meu irmão, igual criatura de si ? Eu desmentia .¹⁵⁰

12- - "...Sujeito se sumiu nesse mundo, carregando com o rastro, medo dele era medonho ... Só sabemos o nada dele. (.....) a gente largava a égua ali mesmo, acaso algum dia o homem voltava (...) Amontamos. E a cachorrinha ?_ "Reinaldo, essa tu quer ? "(...) _ ele melhor respondeu : _" Só se convém soltar a coitadinha, de seguro ela vai se encontrar com onde estiver o dono"(....) Valia o senhor ver o raio de amor que tangeu a cachorrinhazinha : que latiu suas alegrias e airada correu.¹⁵¹

13 – Aí , quando ninguém não viu, eu saquei a mochila, desfiz a ponta de faca as costuras, e entreguei a ele o mimo , com estilo de silencio para palavras. (...) Diadorim entrefez o pra-trás de uma boa surpresa, e sem querer parou aberto com os lábios da boca, enquanto que os olhos e olhos remiravam a pedra –de-safira no covo da mão . (...) Aí guarda outra vez por um tempo . Até quando se tenha terminado de cumprir a vingança de Joca Ramiro. Nesse dia, então , eu recebo ...¹⁵²

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 451.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 450.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 440.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 436.

¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 386.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 374.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 373.

¹⁵¹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 363.

¹⁵² *Ibid.*, p. 283.

14-Eu sei que em cada virada de campo, e debaixo de sombra de cada árvore, está dia e noite um diabo, que não dá movimento, tomando conta .Um que é romaõzinho, é um diabo menino,que corre diante da gente, alumiando com lanterninha, em o meio do sono. Dormi, nos ventos. Quando acordei não cri : tudo o que é bonito é absurdo _ Deus estável . Ouro e prata que Diadorim aparecia ali, a uns dois passos de mim, me vigiava. ¹⁵³

15- E foi ele mesmo, no cabo de três dias, quem me perguntou :_”Riobaldo ,nos somos amigos, de destino fiel,amigos?”(...) Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice de minha mãe . Então eu vi as cores do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, aí sei . ¹⁵⁴

Para Riobaldo, nos fragmentos 1,2 e 3, o mal aparece na dura realidade da tardia revelação. Acima da perda do companheiro d’armas, acima da perda do amigo, ele percebe, não havia qualquer tipo de impedimento para o amor que sentia. Sua angústia por uma perseguição demoníaca havia sido fundada na arraigada concepção dogmática, um mal ditado pela moral agravado pela cultura.

Esta problemática resulta da corrente arcaica do mal hereditário, aquele que pune o homem pelo pecado original. Ricouer não concebe o mal como enraizado pela natureza humana. Para ele, a natureza do homem traz uma tendência para o mal, mas pelo viés mítico. Adão, lembremo-nos, Adão mito, nunca Adão homem. A preocupação do Riobaldo Jagunço, no entanto, é agravada por sentir um amor, que dadas às circunstâncias, surgia homossexual, algo concebido na época como contra a natureza.

Em nível linguístico, o uivo não emana lágrimas, mas desespero. Desespero não verte lágrimas, ele é rugido; entretanto, se a dor é muita, vira um uivo semelhante aos dos cães, e tão dorido quanto. Redimensionado para o verbo uivar descaracteriza o status do sofredor para um sofredor que ultrapassou o limite da consciência.

Em 2, temos uma estupenda metáfora estrutural, enquanto que em 3, *desguisei*, demonstra a tendência, em Guimarães Rosa, de uso abundante de afixos (prefixos e sufixos) para construir neologismos (prefixo des + radical). O significado mais compatível com o contexto do período é o de “guisar” ser sinônimo de ensinar

¹⁵³ *Ibid.*, p. 219.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 115.

– *ensejo, aso, pretexto*; ou ainda *guisa* como sinônimo de *feição, maneira*. Portanto, *desguisei* corresponde tanto a ficar sem pretexto, como sem nenhuma aparência planejada. Definindo, Riobaldo literalmente desestruturou-se emocionalmente. Novamente, o acento regional caracteriza a prosa em situação universal, no campo psicológico.

Paradoxalmente, Joca Ramiro o pai de Diadorim, este sim guardava a concepção arcaica do espaço de guerra em que vivia, e tinha procedimento compatível com a segurança da filha, vestindo-a de homem. Evidenciamos isso na primeira parte deste capítulo III, quando surgiu o mulato abusador .

Portanto, *o coice d'arma de coronha* é imagem que traz a realidade duplicada de dor e surpresa e, em conseqüência, apresenta a dor maior, pois mistura o ganho, na elucidação do mistério da atração que Diadorim exercia em Riobaldo, e de perda no mesmo instante, pois ela estava morta. É o sertão/mundo manifestando-se, em toda a extensão fenomenológica.

Em 4, mostra o malefício da vingança na duplicação do assassinato recíproco e a bestial atitude, ferindo a ética, atingindo a concepção de mal jurídico, que no flagor da batalha, e nos confins do sertão, nulifica-se ante o cruzamento de percepções. Aqui, a susperstição tem uma ligeira e surpreendente ascensão, pois o símbolo do cadáver do inimigo, em estado deplorável é a vingança contra o *Demo*, - bem clara na afirmação: *hermógenes nenhum* . A beleza desta afirmação suplanta o tema macabro, permitindo uma crítica literária e uma hermenêutica reconhecer o imaginário incomensurável do autor .

Em 5 e 6 o trágico duplicado (morte do amor – então lícito e do amigo) reproduz o grande choque das tragédias clássicas; o mal pelo trágico, na simbolização *ricoueuriana*. *Mil-vezes-mente para sempre de mim*, o sufixo *mente*, adverbializante ganha o reforço medieval do *sempre* (redundância arcaica) no advérbio temporal semanticamente definitivo, enquanto que no *de mim* está a perda do que era um delírio na esperança, em 5. Isso reaparece em 6. Poucas vezes recusa e realidade coadunaram-se em expressão como em - eu *des-mim* (recusa veemente da própria razão) *de mim mesmo*; em redundância arcaica e regionalizada . Aqui filosofia, antropologia e psicologia constituem frase protótipo para o pesquisador em *Ciências da Religião*.

Em 7, entre duas metáforas ágeis, a constatação bioantropológica crua nos dá conta do derramamento de sangue, da saliva e outros líquidos expelidos, e em etapa seguinte a prostração. São detalhes da interrupção do processo vital, em reconhecimento do protótipo do organismo humano. Apesar do realismo da descrição, é uma constatação positiva da violência do crime, mal como pecado teologicamente classificado e acento escrupuloso do guerreiro em análise aos feitos da batalha .

Em 8, Riobaldo, livre da punição do pecado pelo ato original do coito, entretanto prende-se à convenção cultural do heterossexualismo; *diminui-la nos seus braços* é uma metáfora que merece mais atenção, é posse por carinho.

Em 9, a *vingança* não é mal ou crime, e sim uma ética bélica no sertão. O prefixo *re* (re-pago; re-feito) confirma a ética da devolução, legaliza. A importância aqui é a evidência da revelação que aconteceria, e que a morte impediu .

Em 10, novo traço feminino para Diadorim, nova evidência. Neste momento, a visão mística não se refere ao mal. O fragmento foi selecionado por dar mostras do epílogo da obra. Isto obedece ao esquema traçado por nós como metodologia, ao longo da obra, do trágico para a compreensão, quando pela estratégia ficcional de Guimarães Rosa percebemos também os detalhes do caráter de Riobaldo. Tais passagens, conforme estamos percebendo alternam-se entre o supremo bem e o supremo mal.

Em 11, aparece a passagem inspirada na Bíblia, posto que o leproso era desprezado. A punição pela carne aqui recebe de Riobaldo a tradicional ira, fruto de uma discriminação antológica. Esta é compatível com o ermo do sertão, e mais uma vez há a atitude maternal de Diadorim, como na passagem 12, com o cãozinho. O que vemos por 11 e 12 são evidências magistralmente colocadas, incentivando o dialogismo na obra.

Em 13, a vingança é um dever e um prazo . Este prazo, este marco daria a pensar, diria Paul Ricoeur, é um símbolo, uma evidência oculta e adiada. Para o 14, o diabinho, romaõzinho, é travesso e móvel, paralelo aos Diabos vigiadores, imóveis, presentes, eles tomam conta das sensações oníricas - o sonho revela aquilo que escondemos em consciência, incomodando.

A imagem do vento, esta força cósmica, é aviso, é transporte. Contraponto e dialético surge Diadorim, findando o sonho. A realidade é absurdo, beleza e obra de Deus. Entretanto, *ouro ou prata* como interjeição, envolvendo dois valores, nega e mantém a dúvida. Quem teria trazido Diadorim?

Em 15, na primeira terça parte da obra, os olhos da mãe de Riobaldo Jagunço e os de Diadorim se assemelham - o olhar *transforma para*, veja-se a regência, não transformou em, transforma para. O afeto sincero tudo pode, como nas fábulas, nada é impossível, não existe o mal nesse momento.

As sucessões de situações em dialética criam na imaginação do leitor muitas soluções para os pseudo-enigmas que parecem estar propostos. Ao longo das quinze citações em torno de Riobaldo, dele principalmente, Guimarães Rosa encenou situações de armadilha.

Com astúcia conduziu seus interlocutores, embutidos no Compadre Quelemém, os leitores por seus próprios preconceitos, enraizados na tradição popular brasileira. Nesse blefe literário restava o caminho da compreensão, incentivado pelo ilógico dos opostos, Deus e Diabo, ouro e prata, homem e mulher, paz e guerra, verdade e mentira, sombra e luz, bem ou mal?

Aceitamos seu desafio e, neste capítulo, inicialmente elegemos o tema sertão por ser o espaço continente das ações e do tempo, tempo este a –histórico, como as plagas do sertão, de muitas memórias e muitos usos e causos. Esse contexto cultural abriga uma estória, também memorização, que começa da relembração. O olho do velho enxerga pouco e compreende muito. Isso Riobaldo fez.

Sendo assim, pelas definições de Riobaldo Velho interpretamos os estágios da linguagem em *Grande sertão: veredas*; aí encontramos o estofo da universalidade da obra, que chamamos de sertão/mundo. Na análise do personagem Riobaldo Jagunço, pela simbólica do mal descrevemos caminho contrário, como se refaz labirinto, para poder entendê-lo, fomos da queda para as origens da estória. Resta-nos agora acompanhar sua superação.

Em *O conflito das interpretações*, de Paul Ricoeur, descobrimos uma constatação a partir de Kant, a do mal como impostura. Por várias vezes a mencionamos nas situações de análise neste capítulo, por nos parecer uma das

poucas que se demonstram estáveis, menos fugidias. Nos seminários do grupo Pós-religare, desenvolvemos estudo acerca do mal. Coube-nos estudar também Bernard Sichère.¹⁵⁵ Para ele, o mal está presente no Kosmos da cidade e no kosmos individual e se torna central na inspiração da ética. É necessário conjurar a selvageria externa dominando o avesso de si mesmo.

Esse procedimento difícil, modelação do homem cívico, vem constituir o que o grego chamou de *Paidéia*, aprender a união do sujeito, superando o homem - animal. Para Michel Foucault, este ponto de socialização converte-se em estética da existência e estilização de uma liberdade. Porém, na Idade de Ouro da Grécia, liberdade significava imitação dos deuses, que tinham características humanas, portanto, uma submissão ao ethos transcendente. Este posicionamento é muito diferente daquilo que representava Kouros, a jovialidade e a inocência do jovem nu, tradução da transparência humana. Imagem esta, interessante ao homem, consiste em imitar dos deuses o que esse *Kouros* simboliza.

O Kourus, portanto, só se submete. Não havendo prescrição e não havendo mentira a situação espontânea se eleva. Tudo nesta proposição liga à tragédia da qual Riobaldo Jagunço precisava se recuperar. Por meio, pois, da simbólica do mal ricoueriana e sob o signo do Kourus, procuraremos enxergar a superação do sofrimento de Riobaldo. Sua compreensão tardia, sua pouca atenção aos traços virtuais de uma feminilidade que Guimarães Rosa passa ao leitor, como já entendemos, precisam ser absorvidas.

Desapoderei (...).... De volta, de volta. Como se tudo revendo , refazendo pudesse receber outra vez o que não tinha tido , repor Diadorim em vida? (.....). Chapadão . Morreu o mar, que foi. Eu vim . Pelejei. Ao deusdar. Como é que eu sabia destornar contra a minha tristeza.¹⁵⁶

Riobaldo tenta o retorno do mito. Uma sucessão de prefixos, em nível linguístico mostra a reversão impossível . Após o *des* ,em *desapoderei*, porém, com a responsabilidade honrosa de libertar a mulher refém, encaminhar os agregados ao

¹⁵⁵ Cf. Bernard SICHÈRE, *Historias de mal*. Barcelona, p. 44-48.

¹⁵⁶ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 455

bando; o cego Borromeu e o menino Guruigó ele foi *re-vendo, re-fazendo*; queria *repor Diadorim em vida* . Mas *des-tornar* a tragédia, a morte trocada na vingança era o impossível, já previsto. Entretanto, retornar à possibilidade de ver Diadorim como Diadorina, não foi para aquela vida. Pois vida, segundo o próprio Riobaldo é : *noção que a gente completa seguida assim, mas só por lei de uma idéia falsa* . *Cada dia é um dia.*¹⁵⁷ Pela constatação do caboclo, sabedoria forjada na brutalidade fervorosa dos rios, dos pássaros, da guerra, submetida à sensibilidade e à reflexão, a possibilidade de mudança está no fio que constrói a sucessão do tempo. Dia e noite, morte e vida são medidas de tempo atestados no cosmos e no homem - vida e universo , pois - ambos agentes e pacientes de um mesmo processo

Neste, Riobaldo adoeceu porque se pensar , agir e sentir¹⁵⁸ amalha corpo e percepção . Esta evidência surgiu somatizada pela : *febre –tifo, se diz, mas trelada com sezão, mas sezão forte especial_nas altíssimas*¹⁵⁹ . Não se entende aqui essa reação como a *Cólera de Deus*, aquele mal-vingança. Ricoeur¹⁶⁰ nos encaminha para aquilo que nos Salmos aparece como *Cólera do Amor* divino por seus filhos, que aparece como vínculo, uma linguagem do amor exaltada, intensa.

Há, no fio da vida, o ganho da sabedoria, e nesta pode-se reconhecer a queda física de Riobaldo, acompanhando a moral. Ele vive a conscientização tardia de que não há uma dualidade simples entre bem e mal, já que o homem tem a capacidade de considerar e de escolher nas vertentes universais da ética, os caminhos. Estas veredas, embora acidentadas pautam-se pelo justo e precisam ser transparentes à imagem do *Kouros*. Na rudeza da vida nômade, Riobaldo aprendeu isso. E é essa compreensão na adversidade tão grande, *podéria* ser o vínculo de amor com o Altíssimo. Isso o incentivou na reconquista do equilíbrio.

3.6 - A queda

Riobaldo ficou doente: *Na morna baqueei, não podendo mais. Desembestei doente. Por último, como perdi meu conhecimento, estavam me*

¹⁵⁷ Cf. *Ibid.*, p. 301.

¹⁵⁸ Cf. Paul RICOUER , *O mal ,um desafio à Teologia e á Filosofia*, p. 47.

¹⁵⁹ Cf. João Guimaraes ROSA, *Grande sertão : veredas*,p.455.

¹⁶⁰ Cf. Paul RICOUER, *La symbolique du mal*, IDEM, *Symbolism of evil*.

*deitando num catre.*¹⁶¹ Ele textualmente declara baque físico e confirma o moral, a primeira atitude depois da perda de Diadorim. Se não pode mais fisicamente, ele agora *Desapoderou*,¹⁶² também nesse aspecto, quando teve o benefício de um armistício na batalha bruta que a vida lhe impunha - *perdi meu conhecimento*. Ele *des-* *embestou doente*.

Depurando o mal da perda do tríplice ente, amigo, companheiro e amor Riobaldo re-surgente ficou *des-* *lembrado* e *detido*¹⁶³ (prostrado). Mas re-surgiu: *dei acordo de, sarando e conferindo o juízo mim*¹⁶⁴.

Os verbos em gerúndio transmitem o processo - *sarando, conferindo*. Uma vez consciente a constatação: *já parava meio longe aquele pesar, que me aquebrantava*¹⁶⁵

A quebra se distancia, em processo ainda, *meio longe*. Os verbos em pretérito imperfeito demonstram a situação em circuito. Um pretérito, que, no entanto, está ainda em continuidade, por isso imperfeito.

Por outro lado, a porção pretérito deste tempo verbal contribui para uma idéia. Ainda que dirimida, ela faz surgir uma interpretação parcial de passividade. Isto vem tomar valor de um particípio passado, ou seja, podemos entender, em parte, assim: já estava *parado* meio longe daquele pesar, *aquebrantado*. Esta questão do tempo e seu decorrer é magistralmente tratado em *Confissões*, por Santo Agostinho. Tais noções de tempo, terão fatalmente influenciado as interpretações lingüísticas modernas¹⁶⁶ demonstrando a junção do sensível com o científico, base do fenômeno humano.

¹⁶¹ Cf. João Guimarães ROSA, *Grande sertão : veredas*, p. 455.

¹⁶² Cf. *Ibid.*, p. 455.

¹⁶³ Cf. *Ibid.*, p. 456.

¹⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 456.

¹⁶⁵ Cf. *Ibid.*, p. 456

¹⁶⁶ Santo AGOSTINHO, *Confissões*, p. 280: "Por ventura cem anos presentes são muito tempo?" Considera primeiro se cem anos podem ser presentes. Se o primeiro ano está decorrendo, este é presente, mas os outros noventa e nove são futuros, portanto ainda não existem. Se está decorrendo o segundo ano, um é passado, outro é presente e os restantes futuros. Se apresentarmos como presentes qualquer dos anos intermediários da série centenária, notamos que os que estão antes dele são passados, e os que estão depois são futuros. Pelo que cem anos não podem ser presentes

É esta resposta nocional e vital que Riobaldo dá após a fase aguda da doença. Imediatamente após o *re-vivecimento*, ele manifesta (e esta seria a principal via), pela linguagem a sua recuperação: *A primeira coisa que eu queria ver, e que me deu prazer, foi a marca dos tempos, numa folhinha na parede.*¹⁶⁷ *Tempo, prazer e folhinha* são três palavras que respectivamente simbolizam a porção filosófica, a porção psicológica e o forte apelo cultural a âmbito humano. Sim, Riobaldo supera, volta à vida .

A consciência retomada encontra as circunstâncias anteriores .Há Octacília , que sempre houve, em passividade efetiva na consideração de Riobaldo. Seu oposto, o par oposto que não mencionamos é Diadorim. Aqui aparece uma outra veredazinha, por onde passa escoar a nova vida:

Até que, um dia, eu estava repousando, no claro estar , em rede de algodão rendada. Alegria me espertou, um pressentimento. Quando eu olhei, vinha vindo uma moça, Octacília .¹⁶⁸

Tudo tem um tempo. *Até que* é um marco dele. Começou, então um tempo que prometia alegria. Octacília vinha dada em casamento por sua mãe e demais parentes : *Declarei – muito amor verdadeiro*¹⁶⁹ a Octacília. Porém *confessou o outro amor, o nojo, a necessidade de emenda*¹⁷⁰ Declarou, confessou, foi transparente, imitou os deuses, estava se fazendo a emenda.

O último laço, porém, precisava ser desfeito para que nada restasse de encoberto em todo aquele passado. Passado como dado, acontecido, já que para ser um passado autêntico ainda precisasse muito tempo:

Aonde fui, a um lugar , nos *gerais* de Lassance, Os-Porcos. (...) Rumamos então daí então para bem longe reato: Juramento, o Peixe –Crú, Terra-Branca e Capela, a Capelinha –do – Chumbo. Só um leteiro achei. Este papel ,que eu trouxe - *batistério*(o grifo é nosso)¹⁷¹

¹⁶⁷ Cf. João Guimarães ROSA , *Grande sertão :veredas*,p. 456.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 456.

¹⁶⁹ Cf. *Ibid.*, p. 457.

¹⁷⁰ Cf. *Ibid.*,p. 457.

¹⁷¹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 458.

Batistério, esse é o nome do documento que desmancha a tese demoníaca do Diadorim saci, demoniozinho infantil e qualquer outra sobrenaturalidade. A declaração de batismo cristã e a pia batismal. O nome deliciosamente arcaico, adoção sertaneja é usado com grande respeito pela origem sagrada que traz.

Nem mal batizada ela era, fato que poderia deixar uma fresta para o demônio, estava tudo atestado e sacramentado: *Matriz de Itacambira , 11 de setembro de 1800 e tantos...O senhor lê. De Maria Deadorina da Fé Bettancourt Marins*¹⁷². O sacramento, a certidão e o nome, da Fé. Este traço não morreu, pois o próprio Diadorim morreu conservando-a. Sendo assim, o ato da vingança na morte trocada estava justificado e sagrado pela honra do dever filial.

Ainda restava uma cisma. Teria ele, Riobaldo Jagunço vendido a alma ao diabo, naquele lúgubre pântano nas Veredas Mortas. Quelemém, o interlocutor nuclear durante essa obra, juiz das coisas malignas para o atormentado Riobaldo, responde com um enigma, que fica solto : *comprar ou vender , às vezes , são as ações que são as quase iguais.*¹⁷³ Se adquirir amealhar, equivale a ceder, transferir o objeto negociado é nulo - *Nonada*¹⁷⁴. Sobrevém deste neologismo de Guimarães Rosa a constatação estanque de que qualquer valor material fica deste lado, na imanência, aparece na aparente junção lógica que envolve o significado de comprar, como adquirira posse, e vender como ceder a posse. Perguntamo-nos ,então , de que vale isso, se toda posse é finita e relativa. Qual delas passa pelo limite transcendente, se vivemos “nonada”?

O homem vive e morre em ciclo, como esta obra. Ciclo em estrutura narrativa, em reflexão, em anseios e em projetos; negados estes, dão a pensar, tornam-se símbolos. Estes, para comunicar, revertem-se em signos completando novo ciclo . Existe é homem humano, e sua limitada compreensão, como alocação provisória. Provisória porque sujeita ao processo. Nunca vai permanecer da mesma forma, com o mesmo aspecto.

¹⁷² Cf. *Ibid.*, p. 458.

¹⁷³ Cf. *Ibid.*, p. 460.

¹⁷⁴ Cf. *Ibid.*, p. 460.

Por essa razão, o símbolo vivo, pulsante transmissor é o símbolo que circula, veicula pela metáfora, que é mudança, metáfora viva. Disto trataremos no capítulo final, o quarto deste trabalho.

CAPÍTULO IV: AS METÁFORAS-EPIFORAS E OS HORIZONTES DE TRANSCENDÊNCIA DO MAL, NAS VEREDAS DO GRANDE SERTÃO

Da experiência confusa e muda ao palco das simbolizações, ocorre o circuito fenomenológico de dizer o imaginado¹. Paul Ricouer reconhece no prefácio de *A Metáfora Viva* que a metáfora faz um discurso que consiste em ser um poder de descrever a realidade, ligando ficção e realidade. Esta ligação garantiu não só a revalorização daquilo que Aristóteles afirmava na poética, “de que a poiesis da linguagem procede da conexão *mytos* e *mimesis*”². “*Na metáfora , “o mesmo” opera apesar do” diferente*”³.

É uma operação entre realidades desconjuntas, originalmente equilibradas no vazio da lógica, que se fundem na tênue camada da imaginação pelo verbo, inventando um equilíbrio inaudito. Optamos por essa mediação na análise do mal *Grande sertão veredas*, pois a trajetória de Ricouer em *A Metáfora Viva* na área da filosofia da linguagem coaduna-se como o imaginário de João Guimaraes Rosa no campo da ficção literária.

Nesse intuito, organizamos este capítulo, que pretende estudar o mal pelas metáforas e epíforas em *Grande sertão: veredas*, em cinco tempos :1, o enredamento epifórico, pois trata do preenchimento ente os dois pólos da metáfora pelo conteúdo da epifora , a nova significação catalizada entre os pólos estranhos como alma da metáfora . O segundo passo trata da linguagem dos pássaros. Esse tema é importante porque é onipresente na obra total de Guimarães Rosa. A presença destes na fauna do sertão por meio de inúmeras espécies permite linguagem característica.

O terceiro, quarto e quinto item do capítulo tratam da interpretação metafórica das ocorrências entre os personagens e sua passagem no tempo cronológico. Mística e metafísica já marcaram, no capítulo anterior, por simbolização indelévelis a

¹ Cf. Paul.RICOUER, *A Metáfora Viva*, p.14.

² *Ibid.*, p. 14.

³ *Ibid.*, p.301.

jornada nesse grande sertão, o Sertão – Mundo . Edificamos a análise simbólica a partir da seleção dos primeiros quinze fragmentos e que serviram para mostrar o estágio da linguagem relativa ao mal. Agora dedicar-nos emos às metáforas, embora reconhecendo a necessidade de retornar, por vezes à discussão dos símbolos, posto que eles são fundamento filosófico e linguístico dos signos.

Assim, pela linguagem epifórica analisamos o mal em três momentos de Diadorim. Ele quando o menino, no primeiro encontro com Riobaldo; quando já jagunço, em dois momentos, no cotidiano e como guerreiro, e na sua condição feminina, por evidências, segundo a disposição no enredo. Colocamos Hermógenes em uma única visão, a de inimigo oficial do sertão. É deste “oficial” que criamos subsídios para discutir o mal relativo a esse personagem.

Finalmente, nos voltamos a Riobaldo, que, como narrador participante das ações merece acurada atenção. Dele analisamos brevemente a meninice, pois esta passagem ficou atrelada ao encontro com Diadorim menino. Depois a jagunçagem, período fértil para a trama, pois aí acontece a convivência entre este atormentado personagem e Diadorim .

Para discutir essa etapa subdividimos a análise em três : Riobaldo Jagunço , a queda e a superação, para finalizarmos com Riobaldo Velho. Este último segmento surpreende-nos por diversas interpretações, tanto relativas às convicções do personagem Riobaldo, como das convicções político-sociais de João Guimarães Rosa. Entretanto, sob qualquer ângulo da análise, o mal é objeto, e, por seu aspecto relativo e fugidio, mesmo ignorado, ou tratado dispersivamente, está presente, em latência, por força de sua própria definição. O conjunto do capítulo, no enredo das metáforas - epíforas que envolvem os personagens, em especial Riobaldo, tendem a mostrar uma travessia de transcendência como superação do mal.

4. 1 - O enredamento epifórico

O reino de Rosa em *Grande sertão: veredas* como *corpus* para a catalização e compreensão das metáforas vivas, o núcleo vital desta antológica obra, passa pelo enredamento epifórico. A feliz intuição que cunhou esta expressão deseja exprimir a

epifora como elemento de mudança dos significados que se transportam e transcendem o significado para novos sentidos como apreensão estilística suntuosa, nos movimentos e na delicadeza dos seus limites, tal como a renda, em seus muitos movimentos, ornando com formas a mão ou o colo que pretende revelar, descobrindo

O módulo vital da metáfora de Aristóteles é a epifora, o movimento que causa perplexidade pela característica específica de que se reveste através da mudança, mas atada, entretanto, à desafora, o movimento desse circuito que permite, por meio da atividade do leitor, do decodificador, a compreensão orientada pela semelhança. É aí que acontece o trânsito da informação inaudita, e dá-se a constituição da unidade metafórica, exatamente quando ela se apresenta, compreendida, simples e una.

Unidade ambígua, provinda de uma dualidade, tipicamente aristotélica, capaz de alcançar lógica no aspecto móvel possibilitado pelo imaginário, a epifora é teoria que extrapola o horizonte teórico da Antiguidade. Tal horizonte é, porém, elidido em *A Metáfora Viva*.

Essa teoria proporcionou certa confiança para penetrarmos nas brechas da linguagem *Roseana*. A tentativa de estar um contato mais íntimo com o *Sertão-Mundo*, e assumindo o atributo epifórico, que reconhecemos em João Guimarães, nos conduz rumo ao contingente simbólico-metafórico de *Grande sertão : veredas*.

4.1.1 - O enrendamento epifórico a partir do espaço: Sertão

A colisão, e depois a contextualização, ocorrem no campo do discurso, são recriadas nos signos por meio da redução sêmica que levam à nova denotação. Passam pela imagem, ou ícone e, readquirida a discursividade, passam da percepção pelo espírito, e para o código lingüístico, e para os signos por ele formado.

Essas deslocções são permeadas pelo atributo espaço, forma familiar ao Sertão, em *Grande sertão: veredas* o espaço constitui-se em sua metáfora primordial. Ao mesmo tempo que é chão, sede, amalha circunstâncias.

Tendo como pano de fundo nossa explanação acerca do estágio mítico da linguagem em *Grande sertão: veredas*, e a estreita relação em Aristóteles entre mimesis e physys, surge a metáfora viva *Sertão*, em *Grande sertão : veredas*. A *mimesis phiseós*⁴ adquire função reveladora, diz o real, ultrapassando a lexis poética, chegando a esse estágio pelo tratamento epifórico, o agente da mudança, alma da metáfora .

Cedendo, também, espaço a Wittengestein⁵, podemos admitir que o jogo de linguagem em torno de *Sertão* parte da análise das duas séries de fragmentos já analisadas no capítulo III, e que são lá relacionados nos Anexos I e II. Esse jogo enfocamos, agora, pela ação epifórica.

Estabelecemos, nesta atitude, e em mediação com as modalidades de interpretação ao tema *Sertão*, uma via tríplice, seguindo três categorias relativas ao tema. A primeira categoria é o *Sertão-mundo*. É a noção principal, pois aborda as expressões universais e metafísicas. A segunda, *Sertão brenhas e matas*, destaca as características físicas percebidas no sertão, pela análise dos símbolos e metáforas dos fragmentos. A terceira *Sertão-sócio-cultural* enfatiza o viés antropológico, nos mesmos fragmentos .

A prosa criativa de João Guimarães Rosa consegue aproximar, no mesmo tema, “Sertão” por ser a metáfora de base na obra uma tríplice abrangência. Tríplice, e em forma de delta de rio, similariza sua expressão com a essência do fenômeno *Sertão*, nessas três categorias codificadas surgem as metáforas do mal. Trata-se de um feixe de vertentes expressivas.

Esquemático o enraizamento metafísico, diversificado do sócio-cultural e do físico, necessitamos proceder metodologicamente para demonstrar o enredamento epifórico contido nas expressões condizentes com as categorias acima mencionadas, percebidas no teor de *Grande sertão: veredas*. São noções que

⁴ Conf. capítulo I ; 1.1, neste trabalho em “O lugar poético da lexis” e “Mimesis”

⁵ Relembramos o estudo de *A Metáfora Viva* de Paul RICOUER, partindo de ARISTÓTELES, considerando SAUSSURE e JACKOBSON, admitindo as reverberações de Michel LE GERN com relação ao ícone e à imagem associada e, finalmente , a conciliação com Paul HENLE, quando este considera a metáfora de proporção de ARISTÓTELES. RICOUER admite, assim a passagem do ícone, de caráter sensorial, para o verbo poético, por discursividade semelhante . Toda a trajetória de RICOUER conserva o lado clássico de Poética e não descarta o jogo de linguagem de WITTGENSTEIN.

surgem enraizadas na natureza própria natureza da obra analisada, orientadas pela teoria metafórica, e expressas em grande parte pela linguagem mítica⁶.

A primeira seleção de fragmentos, em número de quinze, e que está organizada na tabela I, que figura na tese como anexo I. As três categorias de *Sertão* provindas do estudo anterior, no capítulo III correspondem às respectivas bases de análise das metáforas constituídas pelo símbolo sertão. Devemos ressaltar que alguns fragmentos possuem referências em mais de uma das três categorias aqui percebidas. Por esse motivo, aparecerão algumas nas três colunas, outras em duas.

É ainda importante ressaltar que, dada a exuberância da linguagem, ocorre proximidade no surgimento das referências percebidas. Essa característica exige que se repita a expressão, que, às vezes, modificada por uma locução adverbial, necessita do termo anterior, do contrário perde o sentido. Exemplificamos : no fragmento 2 abaixo classificado, a expressão “--Sertão é onde manda quem é forte, com astúcias”, a frase –Sertão é onde “manda quem é forte “ refere-se a um misto de constituição física provocada pela exigência do meio rude , e assim aparece na segunda coluna (Sertão matas e brenhas).

Entretanto, imediatamente após surge a locução adverbial “com astúcias,“ dando conta do aporte cultural do habitante da região, conferida pela especificidade local. Com isso, há necessidade da repetição da frase, agora na terceira coluna, mais a locução adverbial. Grifamos estas minúcias em itálico, como destaque. Resta ainda esclarecer que, logo após a tabela, há explicações daquilo que codificamos. Tal procedimento visou facilitar ao leitor as aproximações e diferenças entre as três categorias de análise .

Tabela I: Categorias metafóricas para Sertão em <i>Grande sertão: veredas</i> , de João Guimarães Rosa		
Sertão –Mundo (universal e metafísico)	Sertão brenhas e matas (físico)	Sertão sócio-cultural (antropológico)

⁶ Cf. Capítulo III.

Nº1- "O sertão está em toda a parte". ⁷		
	Nº2 "-Sertão é onde manda quem é forte". ⁸	Nº 2-..."Sertão é onde manda quem é forte, <u>com astúcias</u> ". ⁹
		Nº3- "No sertão até enterro simples é festa". ¹⁰
Nº 4- "Lhe falo do sertão. do que não sei. Um grande sertão. Não sei, ninguém sabe." ¹¹		
Nº 5- "Ah, tempo de jagunço tinha mesmo que acabar, cidade acaba com o sertão. <u>Acaba?</u> " ¹²		Nº 5- "Ah, tempo de jagunço tinha mesmo que acabar, cidade acaba com o sertão." ¹³
Nº 6- "Sertão - se diz-senhor querendo procurar nunca não encontra. De repente, por si só , o sertão vem." ¹⁴	Nº6- "Mas, aonde lá,era o sertão churro." ¹⁵	Nº6 -"De repente, por si só,(...) o sertão vem. Mas, aonde lá, era sertão churro, o <u>próprio, o mesmo</u> ." ¹⁶
Nº 7- <i>O que se assenta justo é cada um fugir do que bem não se pertence . Parar o bom longe do</i>	Nº7 - e com as duas mãos puxe a rédea. ¹⁸	Nº 7- <i>Tem muitos recantos de muita pele de gente. (...) O rico longe do pobre. O senhor não</i>

⁷ João Guimarães ROSA, *Grande sertão:veredas*, p.9.

⁸ *Ibid.*, p. 18.

⁹ *Ibid.*, p. 18.

¹⁰ *Ibid.*, p.47.

¹¹ *Ibid.*, p. 79.

¹² *Ibid.*, p. 129.

¹³ *Ibid.*, p. 129.

¹⁴ *Ibid.*, p.288-289.

¹⁵ *Ibid.*, p.289.

¹⁶ *Ibid.*, p.289.

<p><i>ruim, o são longe do doente ,o vivo longe do morto, o frio longe do quente (...) . O sertão : o sertão sabe.</i> ¹⁷</p>		<p><i>descuide deste regulamento, e com as duas mãos puxe a rédea.</i>¹⁹</p>
<p>Nº 8-“ Espécie de medo? Aos poucos, essas coisas tiravam minha vontade de comer farto. -“O sertão é bom , tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado.” – ele, seu Ornelas dizia. O sertão é confusão em grande demasiado sossego.”²⁰</p>		
<p>Nº 9- “De todos, menos vi Diadorim: ele era o em silêncios.”²¹</p>		<p>Nº 9 –“ Travessia dos Gerais Tudo de armas na mão O sertão é minha arma E o rei dele é Capitão Arte que cantei, e todas as cachaças.” ²²</p>
<p>Nº 10” - Que: coragem – é o que o coração bate : ; se não , bate falso.</p>	<p>Nº10- “Aparecia que nós dois já implícita cavalhando lado a lado,</p>	<p>Nº 10- “Homem com homem, de mãos dadas,, só se a valentia for</p>

¹⁷ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 292.

¹⁸ *Ibid.*, p. 292.

¹⁹ *Ibid.*, p. 292.

²⁰ *Ibid.*, p. 343.

²¹ *Ibid.*, p. 350.

²² *Ibid.*, p. 350.

Travessia - do sertão – a toda travessia”. ²³	par a par a vai a vida inteira.” ²⁴	enorme.” ²⁵
Nº11-“ele tira ou dá, ou agrada ou amarga ao senhor, conforme o senhor mesmo”. ²⁶		Nº 11 -”Sertão não é maligno nem caridoso, mano oh mano!:" “ele tira ou dá, ou agrada ou amarga ao senhor, conforme o senhor mesmo.” ²⁷
Nº12- “O sertão não chama ninguém às claras, mas porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece debaixo da gente.” ²⁸		
Nº13”...esses pássaros : eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remediando a alegria e as misérias.” ²⁹		Nº 13- “com pendurado pé.” ³⁰
Nº14-“Sertanejos, mire,veja: o sertão é uma espera enorme;” ³¹		
Nº15-“ ...eu ia denunciar ,		Nº 15- “Só era o cego Borromeu.” – “Você é o

²³ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 379.

²⁴ *Ibid.*, p.379.

²⁵ *Ibid.*, p.379.

²⁶ *Ibid.*, p.394.

²⁷ *Ibid.*, p.394.

²⁸ *Ibid.*, p. 395.

²⁹ *Ibid.* ,p. 435.

³⁰ *Ibid.*, p. 435.

³¹ *Ibid.*, p.436.

dar nome à cira:...Satanão ! Sujo !” ³² Nº15“mas nojo medo é” ³³		Sertão?! “Riu de me dar nojo;” (GSV,p.448) ³⁴ Nº15” – é não?” ³⁵
--	--	--

Há uma evidente predominância metafísica no enredamento epifórico, quando o tema é sertão. Isso confirma a perspectiva muito difundida do João Guimarães Rosa, como místico e metafísico. Entretanto, este exame acurado revela aspectos inéditos como é este que nos autoriza chamar o sertão em *Grande sertão : veredas de Sertão- Mundo*, percebido na maior parte pelo amadurecimento do personagem Riobaldo. Evidente que se trata de mais uma metáfora em torno da obra, porém convalidada pela noção de Paul Ricouer de incomensurabilidade do símbolo – só se fala de metáfora por outra metáfora.

A tabela acima permite-nos emitir opinião respaldada pela organização em colunas, pois na primeira, que recebeu componentes do *Sertão- Mundo* aparece maior volume de informações. Em 1,4,5 e 6, o *Sertão-Mundo* apresenta-se como misterioso, definido abrangentemente, quando invocando a metáfora do cotidiano, que faz da existência de cada um uma aposta. Sertão *em toda parte, um grande sertão, que não sei e ninguém sabe*; surge como metáfora de futuro incerto ; assim como a dúvida, por meio da repetição da forma verbal – *Acaba?* O sertão metafísico e físico junta-se à observação sócio-cultural de que o tempo de jagunço acabou, pela ação da cidade. Nesta asserção fica clara a multiplicação da noção do termo sertão, na obra.

Em 7, aparece a liberdade em – *fugir do que bem não se pertence*, e, ao final do fragmento, em metonímia, (notar a noção do “experiente” pelo local em que vive – “o sertão”). Trata-se de experiência ganha, como indica a expressão : *O sertão: o sertão sabe*. A metáfora alastra-se quando consideramos sertão, o local onde o experiente vive, como algo mais abrangente: *o sertão – mundo* .

³² João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 436.

³³ *Ibid.*, p. 448.

³⁴ *Ibid.*, p.448.

³⁵ *Ibid.*, p. 448.

O fragmento 8 expõe o espaço onde se vive (sertão) como palco de experimentação, peripécias e conquistas. Importante noção para expressar o aspecto metafísico – *O sertão é bom, tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado*. A noção de Paul Ricoeur de *mal posto*, de *não substância do mal*, do mito de Adão, do *mal já lá* (não do homem Adão, de acordo com a ressalva de Ricoeur a Agostinho ³⁶) surge aqui como a luz de uma estrela forte, mal velada por um manto intencionalmente transparente, para ir repousar em um mistério, prenúncio da suposição de mal primordial em *Grande sertão: veredas*.

Esse é o fruto de todo o monumental relato de Riobaldo, no fragmento 9 : *De todos menos vi Diadorim : ele era o em silêncios*. Compatível, coerente com o mal ilusório que atormentou Riobaldo – *De todos menos vi Diadorim; ele que era tudo*, trazia sempre *menos*, um menos definido pelo artigo *o*; a definição aqui toma valor de imputação .

Em 10 , 11 e 12 , respectivamente, coragem *sentida* pelo *coração* , fica mais explícito em 10, enquanto que em 11 a responsabilidade gerada pelo livre- arbítrio, como licença para praticar o bem e o mal, é magistralmente dita pelo *caboclo* Guimarães Rosa -- *conforme o senhor mesmo*. Em 12, a sutileza da vida, travestida de sertão (mundo), tem metáfora emitida pela expressão, *mas porém se esconde e acena*. O outro pólo da colisão lógica metafórica transparece em *de repente se estremece debaixo da gente; (de repente, estremece e base; essa sequência de palavras cria um sintagma com valor de abalo sísmico)* Esse é João Guimarães Rosa, essa é sua visão de todas as modalidades de manifestação do mal; em uma só frase.

Nos últimos três fragmentos da citação I, constantes do anexo I, números 13, 14 e 15 temos os *pássaros*, no alto *apalpando ares*. É a transcendência. Porém, por meio da expressão *pendurado pé*, mostra-se a relatividade da transcendência na seguinte composição: a altura ao lado do objeto imanente , o pé. Logo em seguida, no universo virtual da obra *Grande sertão: veredas* aparece a constatação do “vale de lágrimas,”por meio do *olhar* do pássaro, que da altura, vai *re- mediando* a alegria e a tristeza. Trata-se, como hipótese, da reconsideração pela culpa, seguida da lamentação. *Olhar, pé*, substantivos; *apalpando, remediando*, adjetivos verbais

³⁶ Cf. Paul RICOUER, *O conflito das interpretações*, p. 265-268.

gerundivos transformam-se, pela imaginação Roseana, em pólos metafóricos de extrema expressividade.

Em 14, na simplicidade da forma verbal assertiva -- *é* -- o sertão transforma-se em tempo. (*O sertão é uma espera enorme*). Tempo para reflexão, transcendência ou palco para introduzir o mal, incubado na nossa espécie. Esse mal aparece sob os auspícios de seu agente, ou seja, o demônio na tradição sertaneja. Essa tradição demonstra-se forte em *dar nome à cira* .*Satanaõ ! Sujo!* A personalização do mal aparece em outras expressões deste mesmo fragmento, e será discutida a seguir, na categoria desta mesma tabela, o *sertão sócio-cultural*.

Essa categoria liga-se a hábitos e costumes difundidos na comunidade sertaneja, porém com ascendência forte no sertão físico, de cuja relação emana a cultura. Sendo assim, à medida que discutirmos esse aspecto, em algumas citações, destacaremos o pressuposto físico, como aparece na tabela.

O primeiro dado, já comentado, é a forte presença do metafísico ao lado de um sertão bruto, aspecto físico que aparece como coadjuvante do cultural. Desta forma, fica patente que no “Reino de Rosa” a primazia é do homem.

No terceiro módulo da tabela, que relaciona os fragmentos entendidos como o *Sertão sócio-cultural*, reconhecemos, no fragmento 2 a sentença cabocla ; *sertão é onde manda quem é forte*. O adendo *com astúcias* refere-se à sagacidade do caboclo. Ditada pela exigüidade de recursos convencionais, ela é acrescida pela proximidade dos meios naturais que desenvolvem neles potencialidades peculiares à condição humana, e favorecem saídas antológicas conhecidas como sabedoria popular. Aí estão as *astúcias*, não genérica e una, mas reconhecida como as peripécias do homem primitivo, procurando soluções e vertendo-as em cultura e estilo simbólico.

Daí o interessante e verdadeiro estilo arranjado no contato físico das brenhas, das matas e da compreensão da natureza. Por isso, criamos a categoria intermediária, na presente tabela, recorrendo ao atributo físico, “matas e brenhas.” O processo de expressão aqui alimenta-se na cultura, e esse campo farto favorece a simbolização, a partir das referências cosmológicas.

A frase: *Sertão é onde manda quem é forte* permite a seguinte análise: sujeito e predicado sem o complemento, o adjunto adverbial de meio ou instrumento, é classificado na categoria sertão matas e brenhas, já que a constituição física do espaço sertão se expande para o homem sertanejo.

Quando, entretanto, aparece o “*com astúcias*”, a categoria, por mostrar a atitude típica do sertanejo, ditada pelo meio, acrescentando características próprias pelas circunstâncias locais, passa a ser relativa ao aspecto sócio-cultural. Esta análise fica convalidada por: *onde* (o lugar sertão); *manda* (atributo de império), e *quem é forte* (o típico habitante do lugar). Esse, o sertanejo aplica a autonomia humana, seu atributo básico, para, diante de sua constituição física acidental adquirida no espaço sertão, instalar a situação de poder, que é mandar.

Nos segmentos 3, 5 e 6 encontramos : *No sertão até enterro simples é festa*, uma expressão que indica a canalização do interesse do caboclo pelos ritos de passagem, notadamente o da morte. Rosa exacerba a atenção do leitor para o mistério, ligado aos ritos do catolicismo antigo, da época da colonização.

No fragmento 5, um saudosismo coroa a constatação do avanço das zonas urbanas : *cidade acaba com o sertão*. Entretanto, o período é encerrado por meio de uma expressão em função fática³⁷: *Acaba?* Uma frase de palavra única, com ênfase por símbolo gráfico de interrogação projeta o fragmento 5 para o aspecto de *Sertão-Mundo*, na tabela em análise. A dúvida suscita a hipótese da perenidade do sertão, que supera o simples espaço físico e cultural e o eleva ao nível de uma categoria metafísica.

O fragmento 6 do anexo I abrange as três categorias que aqui analisamos. Construído por um paradoxo – *Sertão(...) querendo encontrar o que nunca encontra*. *De repente , por si só o sertão vem*, recorre a questões desde as mais corriqueiras até aquelas mais cruciais da existência humana, pelo aspecto metafísico .

Quando, entretanto, correlacionamos à sequência da obra, à página 289 , percebemos a estratégia já conhecida de Guimarães Rosa de dizer por ambiguidades linguísticas, Podemos entender o fragmento pela constituição física da vereda, por onde transitava o bando na coluna segunda da tabela que ora

³⁷ Cf. Samira CHALUB, *Funções da Linguagem*. Segundo a autora a função fática resume-se em um reforço para certificação de que a mensagem chegou ao receptor.

discutimos, e ainda mais na terceira, pela confirmação textual de *churro, próprio, mesmo*. Não há exagero em assegurarmos a perfeita harmonia entre prosa e os eixos descritos.

O fragmento 7, que prenuncia prudência – *fugir do que bem não se pertence*. *Parar o bom longe do ruim* põe mais uma vez o sertão como mundo, exortando à metafísica. No mesmo fragmento – *Tem muitos recantos de muita pele de gente*, remete ao social, notadamente no fecho do período, quando a carga cultural é forte - *O senhor não se descuide deste regulamento, e com as duas mãos puxe a rédea*. A palavra *regulamento* lança a expressão *e com as duas mãos puxe a rédea* e caracteriza a condição de metáfora, de cunho cultural. Ao mesmo tempo demonstra a atividade física que presentifica a cultura, razão porque este fragmento figura nas três categorias, na tabela I.

O fragmento 9 expõe nos versos a formação bélica rudimentar do bando, mais “cachaça e cantoria,” delinendo a cultura, enquanto que, no fragmento 10 surge o desconforto do preconceito” homem com homem,” porém de forma positiva, atribuindo *valentia* (só se for enorme), para quem assume a posição diversa à tradição, na coluna III. Na coluna II, metáforas no campo físico, como chaves de leitura : *nós dois implícita cavalhando; par a par ; lado a lado* que fazem moldura à metáfora *a vai a vida inteira*

Em 11, a questão do mal na metáfora, que tem se apresentado por insinuação, com sutileza aqui se escancara : *Sertão não é maligno nem caridoso, mano oh mano!* A expressão *conforme o senhor mesmo*, é classificada na categoria *Sertão-Mundo*, por sua característica metafísica, e vai também na primeira coluna da tabela. A frase aponta para as escolhas e sua relatividade entre bem e mal. Em síntese, podemos dizer que o fragmento 11 fica parte na primeira coluna por ser exemplo da questão enigmática da relatividade entre o bem e o mal, e aparece na terceira coluna quando transfere essa relatividade para o espaço sertão : *Sertão não é maligno nem caridoso*, e ainda enfatiza por meio da expressão: *conforme o senhor mesmo*, em devolução da expressão ao campo metafísico

Em 13, o acento cultural vem na inversão da linguagem na expressão – *pendurado pé*, que demonstra não só cultura, mas estilo, quando a inversão realça o pé da ave, parte mais feia. Foje, portanto, da transcendência conferida pelo voo,

pela altura. Importante, neste décimo terceiro ponto é notar a inserção das aves na prosa.

Qualquer leitor de Guimarães Rosa percebe que ele se reporta às aves, dado a abundância de espécies em nossas florestas e o traço místico de nosso autor. Porém, nesta seleção destinada às referências a Sertão, apesar da multiplicidade de aspectos que envolve esse tema, as aves só aparecem neste ponto. Uma única menção basta, entretanto, para notarmos a força desta linguagem metafórica introduzida pela curiosa expressão “pendurado pé.” Mais aves aparecem na sequência do parágrafo “ - Sertão : quem é dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros.” A metáfora dos pássaros evoca a relatividade do bem e do mal por meio de uma linguagem temática. Por isso, o tema das aves merecerá, um item próprio.

Finalmente, em 15, depois de duas expressões classificadas como metáforas da categoria metafísica, encontramos a referência física ao agente do mal : “eu ia denunciar , dar nome à cira ...Satanão ! Sujo! e disse somente S.. Sertão...Sertão “. O físico, neste ponto, viria pela nomeação, o nome do maléfico, que, por meio de aliteração transforma-se em Sertão. Não qualquer sertão, pois a grafia em maiúscula, conota o Sertão- Mundo, lugar onde o mal manifesta-se pelo homem, aquele que carrega e pratica o mal.

No Reino de Rosa, porém, existem mais evidências do mal, ditas por suas metáforas. Uma das linguagens apresentadas é a dos pássaros, na qual passaremos a viajar .

4. 2- A linguagem dos pássaros e as metáforas do mal, no Reino de Rosa, no Grande Sertão

O dia vindo depois noite, motivo dos passarinhos.³⁸

Pássaro é ente de luz, da luz do dia, por estatuto biológico. O que há para dizer das corujas, dos morcegos, não pela aparência, mas pela espécie.³⁹ A interpretação metafórica que o homem faz do pássaro coaduna-se com a idéia de

³⁸ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.370.

³⁹ Morcego é mamífero, apesar do voo.

bem e de mal. Isso porque o mal é posto, é fugidio e circunstancial; só assim pode ser pensado. Poderia ser tomado como invenção do homem. Não é assim, é escolha.

Aquele, cuja definição é a procura de sua própria definição, o homem, dirigido por suas próprias convicções, experimenta, no fragor e intensidade de suas atitudes, o resultado de seus cálculos, e erra. Daí vem o mal; seu agente, o próprio homem quando premedita o erro, é maligno, não vítima de tragédia.⁴⁰

A impostura, ditada por Kant, adotada por Paul Ricoeur, passa pelo crivo das interpretações humanas. Essa interpretação interfere no processo, pois a autonomia humana suscita a dúvida : quando é legítima e quando é impostura ? Necessária a compreendê-la, necessária é a linguagem, que depende do símbolo – que é infiel. A autonomia é moeda, artifício, poder. É bem e mal a serem direcionados. Coisa para homem humano.

Aí interfere o enredamento epifórico, instrumento imanente, artifício do mito para a possibilidade transcendente.

A linguagem dos pássaros encerra um enredamento epifórico próprio, uma vez que o voo das aves naturalmente evoca liberdade e mistério. Alçar é o verbo do voo, entretanto, como o próprio mal é relativo, o voo pode ser em sentido adverso; então, torna-se ataque. Esta pequena introdução visa coerência, e, mesmo esta também depende de equilíbrio e escolha.

Partimos da simbolização do imanente – *pendurado pé*⁴¹; (*esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando os ares com pendurado pé*). No voo, o pé da ave é o desconforme, o desusado, desnivelado com relação à harmonia do conjunto.

Em *Grande sertão: veredas*, os pássaros, que compõem a ambiência do sertão são canalizados para a linguagem do soturno, aprimorando as situações de superstição, de impacto, fato que contribui para a literariedade e para a capacidade transcendente da leitura . Atentemos para a sugestão do fragmento:

⁴⁰ Cf. Paul RICOEUR, *O Conflito das interpretações*. Esta leitura à obra de Ricoeur fornece-nos tal síntese .

⁴¹ Fragmento 13, Tabela I apud coluna II, capítulo IV , 4.2 deste trabalho .

Demorei bom estado , sozinho , em beira d'água , escutei o fife de um pássaro : sabiá ou saci . De repente , dei fé , e avistei ; Era Diadorim que chegando , ele já parava perto de mim .⁴²

O *fife* do pássaro, expressão onomatopáica, carregada de um procedimento lúdico, cria por si a epífora da citação no próprio nome criado, ou seja, o *alotrius*⁴³ aristotélico. A aliteração por meio do som S, de sabiá e saci lembra o fator cultural, a fauna brasileira e seu folclore. Todo esse manancial expressivo amalha o clima de mistério em torno do personagem Diadorim.

O símbolo de morte ligada a cor negra prejudica o urubu, criando para ele discriminação, quando sugere atitudes metafóricas em torno dessa ave :

Dando tempo, então nosso pelotão rastejou para os altos, até chega estávamos por cima do eixo da cava. . Ah, e aí o Fafafá veio vindo, descuidado à mostra de seus cavaleiros – surgiram inocentemente feito veados para se matar.(....). “Lá vai obra!”.... Hê- He! Deu de abelhas de pau oco : os das socavas entornaram o sangue –frio, demais se assustaram , correndo em fuga maior debaixo de tiros , xingos , às pragas . João Concliz, pois é, o senhor sabe....Urubus puderam voar cererém - uns urubus declarados .⁴⁴

A ambiência da batalha eivada de mortandade sugere por metáfora a segunda citação a urubus, os inimigos correndo, ou despencando em tombo de morte, intensificada pela primeira aparição da palavra que extrai dessa pobre ave sua característica principal, a ecológica. A expressão cererém, aparentemente regional, mas com forte sugestão onomatopáica sugere um voo largo, desinibido “de dono do território”, com provável som de asas grandes em movimento.

Outra vítima do preconceito geral, a coruja simboliza uma passagem com o Hermogénes, o inimigo oficial em *Grande sertão: veredas*. A cadeia simbólica entre jagunço e fauna coloca a textura desta hermenêutica :

⁴² João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas* , p.181.

⁴³ Cf. Capítulo I, (1.1)

⁴⁴ João Guimarães ROSA, *Grande Sertão : veredas* , p.76.

Por lá a coruja grande avoa , que sabe bem aonde vai , sabe sem barulho. A quando o vulto dela assombrava em frente da gente no ar eu fechava o olho três vezes. O Hermógenes rompia adiante, não dizia palavra.⁴⁵

Saber sem barulho é *cautela*. O voo , que poderia transcendentalizar a passagem anula-se ante a significação de *vulto*, enquanto que *fechar o olho três vezes*, cabalisticamente, exorciza visão e vidente. Para finalizar esta cena de definitiva imprecação simbólica, há a figura do Hermógenes, que, por ser parte integrante do ambiente lúgubre, é uma figura cuja atitude o coloca como símbolo ativo . *Coruja* , *vulto*, *três vezes* , e *Hermógenes* , neste contexto, são pólos de metáfora contextual do mal, ou da superstição presente em *Grande sertão: veredas*. Pertencem às malhas do enredamento epifórico.

Em *A Metáfora Viva*, Paul Ricoeur aborda a questão contextual, quando admite a expansão do discurso, considerando o signo e não apenas o novo nome (*Allotrius*)

Qualquer barulho sem tento que se faz verte perigo . Pássaro pousado em moita que se assusta forte a voo, dá aviso ao inimigo.⁴⁶

Como símbolo, o pássaro é catalizado por um sinal de convivência , donde sua atitude de defesa (*assusta forte a voo*, ou seja, **em** voo), que se transforma em denúncia. Esta metáfora indica uma atitude e uma leitura de mundo, no ambiente sertanejo, plural, multissignificativo, tradutor da sabedoria e revelador de Deus ao homem⁴⁷. Quanto ao mal, que é relativo, denuncia inimigo, por um lado, inspira defesa, por outro. Esses princípios fenomenológicos contribuem exemplarmente para a compreensão. São constatações pedagógicas, instruindo atitudes cristãs.

A sabedoria cabocla apreendida por Guimarães Rosa, em suas andanças e pesquisas no sertão revela a malícia, o interesse, eticamente regulado, que transforma-se em prudência, cujo contrário é um elemento de discórdias e desavenças. Essa atitude de caboclo, inspirada metaforicamente em ave sertaneja,

⁴⁵ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.156.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 158.

⁴⁷ O ensejo de Deus ao homem.

expressa numa linguagem visivelmente regionalizada, expõe a sabedoria popular com inspiração na linguagem mítica. Essa atitude surge, na ficção Roseana, por meio da observação à ema:

Seô Habão estava conversando com Zé Bebelo. Admirei a noção dele : que era uma clama muito sensata e firmada , junto com um miúdo comportamento (...). E ele falou aquilo com tantas sinceras medidas – a gente se capacitando do profundo que dinheiro para ele devia de ter valor. Por aí, vi que ele era adiantado e sagaz.

Porque: ema , no chapadão, é a primeira que ouve se sacode e corre – e mesmo em quando tenha razão ⁴⁸.

Comportamento humano de poder e de competição são atitudes altamente intelectualizadas, entretanto implicam insegurança, e temor. Nesta observação pura da ema no chapadão, a atitude do Capitão endinheirado, a procura de bom relacionamento com o bando forneceu parâmetro fiel para análise e conclusões da autoridade sertaneja.

A sabedoria construída a partir do mundo, tão veraz, instala-se por meio do temor de outras forças igualmente poderosas de virtuais inimigos, e isso está na base de qualquer existência, como preservação da vida. Seô Habão, primeiro pólo da metáfora, e a ema, produzem, neste ponto do relato de Riobaldo, metáfora perfeita, pelo enredamento epifórico da linguagem das aves.

Esta modalidade de discurso não respondeu ou acrescentou muita coisa no estudo do mal, nem era essa nossa intenção, nem apenas tangenciou a discussão sobre o símbolo; ao contrário, confirmou (e isto nos conforta), a inexactidão de toda a simbologia. Assim, trazemos um pensamento de Riobaldo que consolida não apenas essa questão, mas todas as questões que envolvem a condição humana. A observação ainda se prende ao Seô Habão :

Ele dava balanço, inquiria e espiava gerente para tudo, como se até do céu e do vento suão , homem carecesse de cuidar comercial . Eu pensei : enquanto aquele homem vivesse , a gente sabia que o mundo não se acabava. E ele era sertanejo?

⁴⁸ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 312.

Serras vão se saindo para destapar outras serras. Tem de todas as coisa. Vivendo se aprende ; mas se aprende , mais, é só fazer maiores outras perguntas⁴⁹

Nosso propósito, com este pensamento, é justificar mais uma forma vertente expressiva de linguagem, dentre tantas, encontrada em *Grande sertão: veredas*. Cumprida a intenção, não podemos, entretanto, deixar de observar a exímia colocação do adjetivo verbal, em particípio presente, marca de arcaísmo lingüístico, na expressão *espiava gerente para tudo*.

Aqui a metáfora, por contextualização da frase, faz o adjetivo verbal (gerente) ganhar a forma de um inusitado adjunto adverbial de finalidade. Isso ilustra metáfora por forma forjada no mais legítimo ambiente sertanejo. Note-se que todo esse brilhantismo não foge ao tema metáforas, epíforas e símbolos do mal, uma vez que a atitude de gerente inspira cuidado, atitude vigilante, previdente aos maus resultados.

4.3 - O misterioso e inexplicável Diadorim

Diadorim, ele era o em silêncios.⁵⁰

Moço vistoso; seus olhos grandes ; asseado e forte ; moço tão variado ; o nariz fino; O Reinaldo tomava banho no escuro, por acostumação; tão sereno , tão alegre ; respiração dele ,tão remissa e delicada ; Não fosse um como eu ; Ouro e prata que Diadorim aparecia ali, a uns dois passos de mim ; Narro que não rendi melindres do feito de Diadorim; teso de consciência ; gostava aumentado ; Se escondeu; Diadorim é doido; Diadorim tinha morrido mil-vezes-mente.⁵¹

⁴⁹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 312.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 350.

⁵¹ Este cabeçalho foi criado para satisfazer uma necessidade de equacionar tantas expressões primorosas acerca do personagem Diadorim. A idéia é a de fazer um apanhado ante a abundância de metáforas e expressões, com intenção de caracterização. A técnica que nos orientou foi o princípio de uma singela lembrança do olhar da janela de um ônibus, com reprodução idêntica de síntese e de acaso. Esse olhar retrata uma síntese verdadeira do ambiente. Isso pretendemos com as expressões sobre de Diadorim que compõem esse cabeçalho. Quisemos evitar que o leitor perdesse essa oportunidade, e, para isso usamos a técnica de colheita ao acaso. É, para nosso objetivo desnecessário citar normativamente, pois assim como não é importante o endereço das imagens vistas da janela do ônibus, também não é necessário citar número de página das expressões acerca

Colocamos, no início deste item, um parágrafo profundamente metafórico, depois da epígrafe. A medida deu-se pela necessidade de explorar as muitas expressões de alto valor provindas do personagem Diadorim. Acreditamos que tenha sido uma fórmula para equacionar extensão e profundidade do texto, com o incomensurável poder expressivo deste personagem, inspiração e reflexo em toda a obra.

Apresentamos neste cabeçalho, uma seleção de expressões e frases desconexas, elas surgem separadas por pontuação inerente.⁵² Esse arranjo marca a influência, onipresente de Diadorim em Riobaldo, personagem–narrador em Grande sertão-veredas Mesmo que de Diadorim se leia tudo, ativamente, ele é um personagem misterioso. Hábitos noturnos são parte do seu caráter e valentia. Tentemos avaliá-lo por metáforas dele feitas. Terão metáforas dele o mal insinuado?

4.3.1 - Diadorim Menino

- 1- Por esses longes passei, com pessoa minha no meu lado (...) Já tenteou sofrido o ar que é saudade?⁵³
- 2- Moço: toda saudade é uma espécie de velhice.⁵⁴
- 3- “Você também é animoso”- me disse. Amanheci minha aurora.⁵⁵
- 4- Mais que coragem inteirada em peça era aquela, a dele.⁵⁶
- 5- Os gerais desentendem de tempo. Sonhação -- Acho que eu tinha de aprender a estar alegre e triste juntamente, depois, nas vezes em que no Menino pensava.⁵⁷

Destas cinco metáforas do Menino (Diadorim menino), subtraímos a metáfora mais contundente, a metáfora-mor do primeiro encontro dos meninos Riobaldo e Diadorim. Metafísica por excelência, ela se reporta anterior à referência lingüística e

de Diadorim, de João Guimarães Rosa , em *Grande sertão: veredas*, no cabeçalho acima. Assim cremos ter justificado normativamente a ausência das normas tradicionais nesta ocorrência .

⁵² Ponto e vírgula, cuja regra indica mudança de assunto no meso parágrafo. Isso queremos enfatizar, são menções várias acerca de Diadorim, Essas expressões não poderíamos sonegar neste estudo, pois estaríamos perdendo parte expressividade de Guimarães Rosa nesta obra. Assim ,como um voo razante de pássaro benfazejo, fazemos colheita fácil no manancial *roseano* e trazemos por meio desta estratégia , que aqui explicamos .

⁵³João Guimarães ROSA, Grande sertão:veredas,p.23-24

⁵⁴ *Ibid.*,p 54.

⁵⁵ *Ibid.*,p.84.

⁵⁶ *Ibid.*, p.86.

⁵⁷ *Ibid.*,p.86.

foi, em parte responsável por nosso interesse por teorias da comunicação. Está, portanto, sacralizada e como tal isolada: “*Muita coisa importante falta nome*”⁵⁸. Se o seu enredamento epifórico exorta o silêncio, também remete à zona anterior da conceituação, no espírito humano⁵⁹. Entretanto, a noção da *falta* (que na expressão citada é uma flexão do verbo faltar) vale-se do vazio, e esta constatação metafísica é paradoxalmente muito expressiva. Esta, acima de todas surge para nós, do ponto de vista da filosofia da linguagem, como a metáfora máxima, talvez, desta obra.

As metáforas 1 e 2 da nossa relação apontam para um mal afetivo. Na primeira vem exposto o sofrimento na saudade abstrata do *ar* (lembrança com lamento). Na segunda, o fator tempo sugere velhice, e velhice com mágoa é mal.

Em 3, *animoso* diz de estado e conduta de alma, diz do coração, em sua mais tradicional versão, que não é o físico. Não por acaso, vem a segunda oração cheia de luz: *Amanhecer e aurora*. Quando, entretanto Riobaldo declara *minha aurora* está definitivamente captado pela entidade Diadorim, por meio de um paradoxo que podemos chamar de identidade dependente. Em 4, *coragem inteirada em peça*, e *dele* é o reconhecimento de uma coragem maciça. São noções que nos encaminham para a compreensão do personagem Diadorim, de Guimarães Rosa, controverso, razão e motivo do desespero de Riobaldo.

Em 5, a controvérsia é preclara: *Sonhação* termo regional para ilusão, *alegre e triste juntamente*, exprime a perturbação patente, mantenedora do drama que teve como ápice a dupla tragédia, a da morte e a da revelação de que não poderia ter havido drama algum.

A introdução pequena da apresentação de Diadorim, *O Menino e Riobaldo menino* surge como um marco, primeiramente na vida do narrador Riobaldo, que amadureceu, e, pela dor da angústia e da ansiedade passa a ser rapaz. O Menino, pois, é a imagem do rito de passagem, para Riobaldo. O amadurecimento de ambos aliou-se a partir dali. Daí o entusiasmo no reencontro, e a queda violenta e de

⁵⁸ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 86.

⁵⁹ Emmanuel KANT, em *Crítica da Razão Pura* detalha o processo de apercepção das categorias. Essa apercepção virá a ser, mais tarde, no processo da codificação da linguagem, a primeira manifestação de um sistema do qual a simbolização é o último. A partir do símbolo surgem as figuras de linguagem, em nível filosófico. Por outro lado, o da Linguística faz lembrar Saussure, e sua noção de sintagma. Ver gráfico, no capítulo I, (1.2;). No fragmento por nós comentado, em *Grande sertão-veredas*. João Guimarães ROSA metaforiza o sentimento de Riobaldo Menino, na ocasião em que conheceu Diadorim Menino refere-se a essa zona anterior à linguagem.

surpreendente efeito, na tragédia apresentada a Riobaldo, com a morte de Diadorim. Essa morte rompe para Riobaldo a convivência com o amigo e bom soldado, e em dimensão muito mais significativa rompe com o mistério, que traz no seu bojo o vazio da perda do amor, e com equívocos de várias ordens.

4.3.2 - O moço Reinaldo

O reencontro com o menino, agora Moço Reinaldo traz para Riobaldo alento que, no texto de *Grande sertão :veredas*, aparece pelos signos. Construímos aqui nova tabela, pois seguimos a sequência do reencontro com o Menino, feita em poucas páginas . Sendo assim, a brevidade desse relato do reencontro (em relação a outros tantos na obra) e a variedade de tendências metafóricas merecem destaque. Para tal procedimento elaboramos nova tabela de número II.

- 1- Fugi. De repente, eu vi que não podia mais, me governou um desgosto.⁶⁰
- 2- Construí de desconfiar. Não do fato d'ele tal encarecer - pois todo tropeiro sempre muito pergunta -; mas do jeito como os outros dois ajudavam aquele a me ver.⁶¹
- 3- Mas me reconheceu, visual . Os olhos nossos donos de nós dois (...) Digo . Ele se chamava Reinaldo.⁶²
- 4- O Menino me deu a mão: e o que mão a mão diz é o curto.⁶³
- 5- Mesmo o que eu estou contando, depois é que eu pude reunir lembrado(...) –porque ,enquanto a dois assim se ata, a gente sente é mais é o que o corpo o próprio é : coração bem batendo. Do que o que : o real roda e põe diante . –Essas são a hora da gente As outras, de todo tempo todo, são as horas de todos.⁶⁴
- 6- ...era um homem finório. Manoel Inácio, Malinácio dito.(....)me deu almoço ,me pôs em fala.⁶⁵
- 7- Dali , rezei minha ave-mariazinha de de-manhã, enquanto se desabal dava e amilhava.⁶⁶
- 8- E, aí desde aquela hora, conheci que , o Reinaldo, qualquer coisa que ele falasse ,para mim virava sete vezes.⁶⁷

⁶⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão:veredas*,p. 105.

⁶¹ *Ibid.*, p. 107.

⁶² *Ibid.*, p. 108.

⁶³ *Ibid.*, p. 108.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 108.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 106.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 111.

9- Resvalo. Assim é que a velhice faz. Também o que é eu vale e o que é que não vale? Tudo. Mire e veja: sabe por que é que eu não purgo remorso ? Acho que o que não deixa é minha boa memória. A luzinha dos santos-arrepentidos se acende é no escuro . Mas, eu, lembro de tudo.⁶⁸

10- Escuta : eu não me chamo Reinaldo, de verdade. Este nome apelativo, inventado (...) carece de você não me perguntar por quê. (...) A vida da gente dá sete voltas – se diz. A vida nem é da gente.⁶⁹

TABELA II: O Moço Reinaldo

- Relembramos aqui, parte da observação feita na tabela anterior, com referência ao uso dos itálicos. Eles são usados, no espaço da tabela II, para evidenciar os termos, expressões ou pólos metafóricos. Ainda indicamos que, na coluna três, aparecem menções do foco principal da metaforização em análise , porque elas, assim indicadas serão analisadas em detalhe na sequência do texto , sempre sendo identificadas por seu número, indicado na primeira coluna

Sequência Metáforas (texto) Enredamento epifórico + tipologia

Nº 1	..me <i>governou</i> um desgosto	Verbo/ Linguagem regional / cultura
Nº 2	<i>Construí</i> de desconfiar	
Nº 6	<i>...era um homem finório. Manoel Inácio, Malinácio dito.(...)me deu almoço ,me pôs em fala</i>	Verbo/ Linguagem regional / cultura Aglutinação e Pólos metafóricos:Mal e Inácio
Nº 3	<i>Os olhos nossos donos de nós dois</i>	Lexis poética, por meio de aliteração e inversão de ordem, também regional /cultural . Pólos metafóricos -1º- <i>Os olhos nossos</i> ; 2º pólo metafórico – <i>nossos donos</i> (notar ambiguidade planejada da palavra <i>nossos</i> , aparecendo nos dois pólos,e o reforço pleonástico, em estilo

⁶⁷ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 112.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 112.

⁶⁹ *Ibid.*,p.120.

Nº9	Resvalo . Assim é que a velhice faz.	Região metafórica (coisa)
Nº4	Também cor que é que mal: e o que é que não não vale? Tudo. Mire e veja:	Pólos (metáfora) <i>purgo mãos se</i> , <i>urte</i> (inapropriação), (a luzinha dos
N5	sabe por que é que eu não purgo mãos? Aquele que está na mão, é minha boa memória. A luzinha dos santos arrependidos, se quando é nois assim. Mas a luzinha de gente é	<i>santos-arrependidos</i>) Aporte metafórico: observação da forma de construção: <i>luzinha dos santos-arrependidos se acende</i> <i>Observação conclusiva : Essas</i>
Nº10	Esta é a equação merphano Beinaldo coleção de Este mundo. De relativo inventado (al.) o que se pode dizer não é se perguntar a própria. <i>gentes dá sete do tempo se diz são vida nos é do gesto</i> (GSV, p. 108)	Pólos as metáforas da <i>gente</i> (apelativo (necessidade) de fingir) e a <i>vida dá sete voltas</i> ; a <i>vida nem é da gente</i> (não temos vontade própria) Aporte cultural: <i>A vida dá sete</i>
Nº7	Dali , rezei minha <i>ave-mariazinha</i>	<u><i>voltas / a vida nem é da gente</i></u> . de
	de <i>de-manhã</i> , enquanto se <i>desabal dava e amilhava</i>	<i>de manhã</i> (regional/cultural) <u>2° metáfora - desabal dava</u> (deslivrava) <u>3° metáfora -amilhava</u> (dar milho) São verbos construídos por prefixação e sufixação. Fazem, portanto, metaforização pelo verbo, um tipo de metáfora previsto por Aristóteles, e neste contexto estudado, trazem aporte cultural/regional dos afixos.
Nº8	E, aí desde aquela hora, conheci que , o Reinaldo, <i>qualquer coisa que ele falasse</i> ,para mim <i>virava sete vezes</i> .	Pólos metafóricos –1º pólo ; <i>coisa falada</i> e <i>virava sete vezes</i> ; 2º pólo. A informação cabalística faz parte do aporte regional/cultural.

Depois de termos esquematizado as metáforas nos dez fragmentos para visão mais nítida da teoria, mas reconhecemos que tal procedimento tolhe a apreciação destas, pois o texto, no seu decorrer, ressalta, pela discursividade o sabor que as noções de metafísica pura adquirem no entremear com as expressões regionais. Desta forma aquilo que percebemos pela análise técnica das metáforas deve ser complementado.

Podemos afirmar que em 1 e 2 ocorrem metáforas por verbo: *governou* e *construí*, uma tipologia metafórica preconizada por Aristóteles, a metáfora surgindo pelo verbo. Nelas se constata o aporte cultural dado pelo aspecto também regional que se apresenta em *Grande sertão: veredas*. Claro para nós que há similaridade entre *governou* e *instalou-se*, em 1 e *construí* e *percebi*, em 2. A partir dessa similaridade criam-se metáforas vivas, pelo verbo e pelo estranhamento regional⁷⁰.

Em 6, a metáfora por único nome, e nome próprio, prestigia nosso tema central, pois legitima-se por metáfora declaradamente do mal, na aglutinação do nome do personagem narrado Manoel Inácio (Malinácio); um *finório*.

Em 3 a léxis poética que converge à mimesis encarrega-se do enredamento epifórico, e por aliteração e inversão de ordem, faz uma singela metaforização, recorrendo ao o componente do par (*os olhos nossos de nós dois*) para indicar a paixão oculta que sentia pelo Menino- Moço Reinaldo. Em 4 surgem pólos metafóricos *mão* e *dizer*, intensificado pelo atributo *curto*, (*e o que mão a mão diz é curto*.) *Curto* é adjetivo ordenado pelo verbo designativo, o verbo *ser*, que só comanda e decreta pelo adjetivo, predicando o sujeito. Neste caso, o sujeito é um processo vivo: “mão a mão”. Obedece à análise da similaridade, tese de Ricoeur na defesa da semelhança, em endosso a Aristóteles, que vem a caracterizar a noção da metáfora viva.

Em 5, simples e de extrema beleza, conforme esquematizamos na tabela : *coração bem batendo* são dois entes bem atados. Em 7, a primeira metáfora “ave-

⁷⁰ RICOEUR, em seu longo tratado *A Metáfora Viva* prima por adequar o pensamento Aristotélico às especificidades das ciências, ao logo das etapas cronológicas adaptando as visões novas, na defesa da semelhança. Ao término do capítulo I desta sua obra incomum ele conclui, por evidências aristotélicas teoria que tem perfeita adaptação ao estilo de Guimarães ROSA. As fases da *mimesis*: *submissão da realidade*, *invenção de enredo* e *restituição e sobrelevação do real*, a intuição recriadora da mimesis e a *physys* como natureza interligadas, na representação pelos sentidos humanos, fariam, em uma primeira instância, a metáfora viva. Por serem desta modalidade os pólos metafóricos de *Grande sertão: veredas*, convalidamos a noção do estudo I, desta obra de RICOEUR.

mariazinha de de manhã” segue o enredamento epifórico tradicional, respaldada pelo coloquial respeito da cultura cabocla ao catolicismo. O “de de manhã” conota o processo de adensamento da expressão , *de manhã*, é tomado como protótipo, pois expõe o hábito cultural sertanejo como regra definitiva.

A segunda e terceira metáfora ocorrem por verbos: “desbaldava”; des (prefixo)+ a (vogal de ligação, sonorizante na sílaba) + baldava (verbo principal em pretérito imperfeito). Em “amilhava,” o a (prefixo regional brasileiro com sentido de prover) + milho (substantivo arremessado à categoria de verbo por meio do sufixo izar) fazem essas duas metáforas por desvio, notadamente no segundo caso, amilhava, o substantivo sofre desvio morfológico, para a classe dos verbos.

Estes lances de formação de palavras, morfológicos, portanto constituem a imanência, parte material, física, da palavra. Estas são transcendentalizadas pelo enredamento epifórico, conteúdo, alma da metáfora, que ora discutimos.

8 e 10 apresentam pólos metafóricos, ambos com aportes culturais / regionais, enquanto que 9, além desses dois atributos técnicos, nos oferece um belo adágio enfatizando o catolicismo antigo, tradição no sertão brasileiro. Note-se ainda que a seleção das metáforas com o tema *O moço Reinaldo*, que reporta o reencontro de Diadorim e Riobaldo, agora adultos, não fugiu ao tema primordial, que é o de metáforas do mal. Todos os fragmentos envolvem culpa, angústia, ansiedade, impostura, insegurança e desconfiança. Sobretudo, a beleza desta obra, na qual a condição humana reverte-se para o lúdico, para a discriminação, para o cômico, para o trágico é ficção, e, sabemos todos, ela parte da mais fiel realidade.

O próximo item, *O Jagunço Diadorim*, trará, certamente, um enredamento epifórico mais intenso, pela estimativa de que já dispomos pela leitura da simbólica do desenvolvimento e do epílogo de *Grande sertão: veredas*.

4.3.3 - O Jagunço Diadorim

Homem é rosto a rosto, jagunço também, é no quem com quem.⁷¹

⁷¹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.124

O Jagunço Diadorim aparece sempre pela opinião de Riobaldo, porém o Jagunço Riobaldo neutraliza o olhar do homem Riobaldo. Disto podemos isolar duas situações para estudar o Jagunço Diadorim. Uma delas é o Jagunço Diadorim visto pelo Jagunço Riobaldo, nas andanças, e a outra é o Jagunço Diadorim visto pelo Jagunço Riobaldo ambos guerreando, no exercício mesmo da jagunçagem.

Portanto, estudamos a situação A: *O Olhar de Jagunço Riobaldo a Jagunço Diadorim no dia a dia*. A modalidade de hermenêutica, que em geral se aplica à *Grande sertão: veredas* nos dita uma postura, porém, a decisão de abordagens, no seu desenrolar, efetua-se no processo, no “ora veja”, diria Guimarães Rosa, pela boca de Riobaldo. À situação B daremos o nome de: *O olhar de guerreiro para guerreiro: Jagunço Riobaldo analisa o cabra Diadorim*

A- O Olhar do Jagunço Riobaldo a Jagunço Diadorim no dia a dia.

1-Diadorim , do Ricardão era o que ele gostava menos : “-- Ele é bruto comercial... “ -- disse , e fechou a boca forte , feito fosse cuspir.⁷²

2- Assaz, também acho que me acuso: que não tive um ânimo de franco fala . Se fosse eu falasse total , Diadorim me esbarrava ,no tolher , não me entendia. A vivo, o arisco do ar :o pássaro – aquele poder dele.⁷³

3- E Diadorim ?Me fez medo . Ele estava com meia raiva. O que é dose de ódio?—que vai buscar outros ódios. Diadorim era mais ódios do que amor? ⁷⁴

4-Diadorim encolheu o braço, com o punhal, se desafastou e deitou o corpo, outra vez. Os olhos dele dansar produziam, de estar brilhando.⁷⁵

5-Vim. Diadorim nada não me disse. A poeira das estradas pegava pesada de orvalho. O birro e o Jesus-meu-deus cantavam. O melosal maduro alto, com toda a sua rouidão, roxura . Ma , o mais , e do que sei eram mesmo meus fortes pensamento. Sentimento preso. Octacília. Por que é que eu não podia ficar lá, desde vez? Por que é que eu tinha que ir por adiante, com Diadorim e os companheiros, atrás da sorte e morte ,nestes Gerais meus? ⁷⁶

Em 1, O Jagunço Diadorim participa do bando como componente, e torcendo os interesses provindos da família, já que filho de Joca Ramiro, um segredo posteriormente conhecido, mantinha lá seus interesses . *O bruto comercial,*

⁷² João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.138.

⁷³ *Ibid.*, p. 140.

⁷⁴ *Ibid.*, p.147.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 150.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 152.

expressão regional/cultural, aproxima noções de interesse econômico; a violência praticada em todas as épocas, mal originado desde Adão, signo dos malefícios da condição imanente, aquilo que mata o ideal.

Mal presente nos dois pólos; violência e comércio, intensificada no ambiente de lícito e honroso *status* de bando benfeitor de Joca Ramiro, Medeiro Vaz , Zé Bebelo e até Hermógenes, que embora assassino de Joca Ramiro, não era bandoleiro salteador. Mal ainda presente na percepção visual da face de Diadorim, opinoso membro do grupo que bloqueando demais palavras imitou, no movimento da boca, a rejeição.

Em 2, a visão da rispidez de Diadorim. Moço bonito, tem a reação defensiva de um pássaro. Os pólos metafóricos Diadorim e pássaro trazem enredamento epifórico ativado pela imagem vigorosa de animal tão diferente dos demais, por suas asas, por sua postura, por sua sina de enfeitar com sua escravatura, uma questão de domínio. Nesta mesma linha, o mal está presente pela contenda que aparece em qualquer grupo.

Em 3, raiva e dose (meia raiva) podem aumentar. Diminuir é mais difícil, pois a compreensão diante do afetivo prejudica-se. Estes dois pólos metafóricos conduzem o potencial expressivo a precioso achado, expandindo com facilidade o trabalho da epífora . Veja-se a gradação proposta entre raiva e ódio, este último, um mal verdadeiro.

Em 4, olhar e dança (“dansa” para Guimarães Rosa) contribuem para o forte trabalho epifórico desta metáfora. Coincidentes, os reflexos do ódio e da atividade epifórica trazem ao texto a mimesis perfeita. Uma lindíssima apresentação do mal.

Em 5, poeira e orvalho trazem para a lógica um umedecimento insuficiente, é poeira ainda, mas pastosa, sem chegar a ser lama, daí pesada. Tão forte expressão para dois efeitos tão prosaicos, isoladamente demonstram pesquisa intensa por parte do autor e uma vigia religiosa de Riobaldo, que exaltadamente demonstra-se místico. A segunda metáfora do fragmento, o nome do pássaro, “jesus – meu – deus “ impõe o som de lamento ao ambiente. *Sorte e morte* , extremos perfilados e *rouidão, roxura* aparecem como paradoxo e gradação, compondo a poeticidade

desta demonstração de cansaço por parte de Riobaldo. Octacília, de fato influencia Jagunço Riobaldo, e isto explica o ódio *dansante* de Jagunço Diadorim em 4.

Insegurança, necessidade de defesa em todos os aspectos, ciúmes pessoais e profissionais, esgotamento físico, reações declaradas de ódio e revanche contrastam com os objetivos sólidos dos personagens. Diadorim e Riobaldo; dois jovens de família com posses, o segundo pelo *apradinhamento* tardio, investindo-se de idéias de aventura, o primeiro por causa nobre (vingar seu pai, Joca Ramiro); o segundo por pura vaidade (da valentia, como aporte cultural), constituem os dois mais importantes personagens de João Guimarães Rosa, incluindo-se também, nesse conceito, o *Famigerado*,⁷⁷ por denominação e enredo.

B- O olhar de guerreiro para guerreiro : Jagunço Riobaldo analisa o cabra Diadorim.

O senhor já viu guerra? A mesmo sem pensar, a gente esbarra e espera : espera o que vão responder. A gente quer porções. Demais é que se está: muito no meio do nada.⁷⁸

A possibilidade que guerra oferecia era vingança para Diadorim, da morte de Joca Ramiro, jagunço velho célebre, afamado. O mais justificado argumento para a vingança era o de Joca Ramiro ser seu pai, um dos segredos, entre tantos, desta obra enigmática . Daí as imagens, até certo ponto surpreendentes de Diadorim, que encontramos abaixo :

1- Ao menos Diadorim raiava, todo alegre, quase às dansas.“Vencemos Riobaldo!(...) A mais, Joca Ramiro apreciou bem que a gente tivesse pegado o homem vivo ...” – para que Diadorim? Agora matam? Mas o João Curial virou e disse:---“Matar não. Vão dar julgamento.”⁷⁹

2- Guerreiros em minha presença ! Todos me entenderam ?(...) Ah nenhum não tinha o ar do que ia ser)(...) Nem João Goanha, Marcelino Pampa (...) nem o Alaripe . Nem Diadorim . Diadorim me olhou tremeluzentemente : de coragem , de disposto.(...) era feito eu estivesse alocado ,por extenso.⁸⁰

⁷⁷ Cf. João Guimarães ROSA, *O Famigerado*, in *Primeiras estórias*.

⁷⁸ IDEM, *Grande sertão: veredas*, p.161.

⁷⁹ *Ibid.*,p. 194.

⁸⁰ *Ibid.*,p. 382.

3- “..Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto ...Daí ,quando tudo estiver repago e refeito , um segredo,uma coisa , vou contar a você ⁸¹

4- Eu peguei o pensamento em Diadorim(...) Constante o que lembrei: Diadorim no Cererê Velho, no meio da chuva (...) A chuva água se lambia a brilhos, tão tanto riachos abaixo, escorrendo no seu de couro. Só esses pressentimentos, sozinho eu senti. O sertão se abalava? ⁸²

5- Diadorim –eu queria ver –segurar com os olhos ...Escutei o medo claro nos meus dentes ...O Hermógenes , desumano, dronho — Nos cabelões da barbaDiadorim foi nele...Negaceou com uma quebra de corpo, gambeteou.. E eles sanharam e baralharam, terçavam. De supetão .e só.. ⁸³

Esses fragmentos decorrem meio a paradoxo, motivados pelo olhar de Riobaldo. Na maioria são metáforas de luz. Em 1, Diadorim raiava, o pólo metafórico Diadorim recebe predicação de sol, de seus raios. Enquanto que, em 2, seu olhar era luz tremida, faiscante : *tremeluzentemente*. Nos dois casos são verbo e advérbio criando metáforas vivas, enredamentos epifóricos, no quadro de hipóteses de metáfora por verbo, segundo Aristóteles.

Em 3, o *re-pago* escora-se no verbo convencional re-feito, realçando a metáfora contida no primeiro. Mudança, epífora sóbria para o momento crucial de uma promessa de revelação. A ficção *Roseana* segue aqui uma linha de expressividade discreta, no sentido de manter a ilusão do leitor, de que Diadorim era homem. Todos outros índices da verdadeira identidade do personagem vieram sem muita ênfase, pois o autor apostou na força dos limites da moralidade, e com ela fez mistério, criou possibilidades sobrenaturais, naquele meado do Sec. XX, de costumes inflexíveis para a questão do homossexualismo.

Em 4, outra vez o brilho, no gibão, agora pela chuva que se *lambia em riachos*. Água, signo de vida, *lamber*, recepção calorosa, física, animal, e caudalosamente introduzida pela palavra riacho. O olhar era para o guerreiro; o subtítulo determina, entretanto, Diadorim emana luz até chegar em 5. Neste fragmento, a oportunidade da vingança surgiu no início da batalha. Riobaldo quis *segurar com os olhos*, impedi-lo de entrar em luta corporal com Hermógenes.

⁸¹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*,p.386.

⁸² *Ibid.*,p. 433.

⁸³ *Ibid.*, p. 450.

A imagem criada nesta metáfora de verbo é uma das mais expressivas, entre tantas em *Grande sertão: veredas*. Riobaldo, o chefe, estava no alto, como lhe sugerira Diadorim. Claro agora ficou, a todos, que a tarefa de exterminar o Hermógenes era dele, por seu parentesco vagamente admitido, o de filho. Uma guerra cujo guerreiro mostra brilho e publica que ele é o principal; declara que o motivo principal é dele.

Outra verdade, esta mola da epífora principal da obra, a condição feminina de Diadorim, reside nos traços pálidos desta evidência, em todo o decorrer da narrativa. . Isto veremos agora.

4.3.4 - Diadorim Mulher

Em pálidos traços:

1- Falei sonhando :--Diadorim , você não tem , não terá uma irmã, Diadorim –voz minha; eu perguntei. ⁸⁴

2- “-- Mas porém, quando tudo isso finda , Diá, Di , então quando eu casar , tu deve de ir em companhia com a gente, numa fazenda, em boa beira do Urucúia...(...) E a lá se dão só os pássaros : de todos os mesmos prazentes pássaros das Vilas Velhas, da saudade —jaburu e galinhol e garça-branca, a garça-rosada que repassa em extensão no ar, feito vestido de mulher. ⁸⁵

3- Somente que me valessem, indas que só em breves e poucos, na idéia do sentir uns lembrares e substâncias. Os que, por exe mplo, os seguintes eram: a cantiga de Siruiz, a Bigri, minha mãe me ralhando ; os buritis , dos buritis assim aos cachos, o existir de Diadorim, a bizarrice daquele pássaro galante : o manuelzinho da crôa; a imagem de minha Nossa Senhora da Abadia, muito salvadora ; os meninos nuzinhos como os anjos não são, atrás das mulheres mãe deles (...) ; e a minha Octacília. ⁸⁶

4- Diadorim ,ele firme se mostrando, feito veada-mãe que vem aparecer e refugir , de propósito,em chamariz de finta , para a gente não dar com o veadinho filhote onde é que está amoitado. ⁸⁷

5- O senhor mesmo (...) pode imaginar de ver um corpo claro e virgem de moça, morto à mão, esfaqueado, tinto todo de seu sangue, e os lábios da boca descorados no branquiço , os olhos dum terminado estilo, meio aberto, meio fechados? E essa moça,de quem o senhor gostou, que era uma surda esperança em sua vida?Ah , Diadorim E tantos anos já se passaram. ⁸⁸

⁸⁴ João Guimarães ROSA, *Grande sertão:veredas*, p.140

⁸⁵ *Ibid.*, p373..

⁸⁶ *Ibid.*, p. 391.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 442.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 147.

Em 1, *Falei sonhando* não só o valor semântico de sonho, mas o verbo metafórico criado na composição com falar, produz no leitor *viagem* imaginativa. A característica de transmitir o movimento reforça a constatação de sonho, pelo “movimento” gerundivo.

Trata-se de uma bonita operação epifórica, entre os pólos falar e sonhar, um preenchimento oportuníssimo do espaço imagem associada, por esses dois verbos operados por Guimarães Rosa. A referência a irmãos, quando há algum impedimento ditado por regras morais para a aproximação de um casal é uma velha estratégia ética, de afirmar-se a aprovação e, ao mesmo, tempo reconhecer o impecilho.

Isso é confissão pública de interesse, elegantemente mal disfarçada pelas circunstâncias da genética e da cultura familiar. Este episódio pode ser considerado um marco para a revelação, que já desponta, impalidecido, entretanto, pela necessidade do autor de se alongar na narrativa até que surja mais tarde, em nível alto de fruição.

Em 2, o adjetivo *prazente* deliciosamente derivado, pelo sufixo *ente*, do particípio presente, um dos tempos do particípio responsável pela adjetivação verbal (formas nominais de verbo). Tal forma surge inovada, diferente, por ser pouco conhecida. Ao mesmo tempo, por isso adéqua-se à linguagem sertaneja caracterizando a expressão de Riobaldo, na prosódia com acentos arcaicos. O adjetivo antecede o substantivo pássaro, entidade diferente, e, em algumas de suas espécies, capaz de ser considerada um mimo de Deus, graças a sua delicadeza.

Ainda se intensifica mais o grau comunicativo no fragmento, a *garça-rosada* em seu voo, *expande* no ar a cor, lembrando saiotas de organza, vestido leve e festivo de mulher. Em nível teórico pássaro e *prazente* são pólos metafóricos de uma expressão, enquanto que a aparência do voo da garça-rosada, por sua graça incomum, feminina contribui com a dúvida aguda de Riobaldo no inconformismo de gostar de Diadorim.

Dois tão bonitos enredamentos epifóricos são, ao mesmo tempo, para o personagem Riobaldo, lúdicos e trágicos. Primeiramente, porque seu sufocado interesse está tão mal encoberto, que qualquer estímulo o traz para esta senda, e

trágico, de acordo com a ficção, porque a razão o faz recusar o sentimento puro e forte por Diadorim. Essas influências externas acabam por contribuir como cúmplices de seu direto desejo. Um mal que recorre em toda a obra, subjazendo em todas metáforas, pela força das epíforas, na emissão de noções que se pretendem latentes, e, com isso, abarcam adesão significativa ao longo texto, sem divisão de capítulos .

Em 3, exaurido de amor, Riobaldo descobre evidências definitivas para o desenlace da obra. Apenas ele, personagem e os leitores amarrados à discriminação de todos os tipos, ainda ficam sujeitos à pretensa perplexidade que esse amor literário possa causar. Os *lembrares* de Riobaldo, única palavra no fragmento a ter um desvio semântico, representam este traço. A expressão vem carregada de influência sertaneja.

Ele convalida essas lembranças com associação, por contigüidade, à *substância*, elemento chave à racionalidade aristotélica. Desta forma, consagra-se a série de referências aiosas à mulher : a mãe Bugri , os cachos do buriti , como dádiva , como seios maternos; o manuelzinho da crôa , pássaro que vive em casal, em carinhos, as mães, com sua prole, e Nossa Senhora da Abadia. Nesta seleção de valores pessoais está Diadorim. Constatações como essa premiam o tenaz leitor de Guimarães Rosa. Porque, concordamos, tenacidade é ferramenta importante a tal tarefa.

Em 4, *feito veada - mãe*, comparação com a atitude de Diadorim dispensa comentários teóricos, porque é percebido pelo senso comum. Entretanto, essa atitude é forte indício do cuidado de Diadorim por Riobaldo, naquele vestibulo de batalha. A impregnação do ambiente do sertão cria imagem do cuidado de Diadorim por seu amado, forte, coerente, amarrada à cultura.

Os pólos metafóricos aqui provêm da comparação (equivalência) das atitudes de *Diadorim e veada-mãe*, e, então, essa equivalência vai contrapor-se, em colisão à menção *aparecer e refugir de propósito*, em *chamariz de finta*. *Aparecer e re-fugir de propósito* é a explicação, que antecede a palavra chamariz, o segundo pólo da metáfora, esta que vem montada, já, na expressiva comparação entre Diadorim e o animal com seu filhote.

Percebemos que, a partir das noções claras, a prosa de Guimarães Rosa transmite a discursividade do caboclo. Aí o enredo alça-se pela arraigada ligação aos elementos do sertão de que o estágio da linguagem mítica é definição⁸⁹ e origem para *mimesis*, metáforas e epíforas, substrato para a poesia .

Em 5, *no branquiço* , complemento (adjunto adverbial de modo, em uso regionalizado pela contração da preposição *em*, mais o artigo definido *o*) do adjetivo *descorados*, cujo substantivo é *lábios*, é expressão de realce. Surge emoldurando a metáfora maior desse importante fragmento : *surda esperança*. A impossibilidade tensionada com um amor amadurecido, por meio de reflexões e encantos assimilados, ensurdecia, enquanto perpetuava a tensão. Culpa, escrúpulo,⁹⁰ incerteza. Eis a moldura simbólica para a tela pintada por essa metáfora

Pelos pólos metafóricos, fica fácil de entender a prosa de João Guimarães Rosa, a versão das metáforas vivas realça as idéias pelas “imperfeições” de sintaxe e de multiplicidade de significados. Para isso contribui a cultura, quando nos conscientizamos da utilidade de nossas pesquisas a Paul Ricoeur, que, partindo de tão entrecruzados argumentos, aponta mansamente para resolução da fala inusitada do caboclo, em seus guetos arcaicos deformados, como força e manutenção do Kosmos, quando vertidos para novas versões expressivas.

Temos ainda o estudo das metáforas e epíforas ligadas a Herrmógenes e Riobaldo. Este, como narrador na obra literária, tem a palavra final. Não fosse por isso, uma certa ordem lógica nos indica a interposição de Hermógenes entre Riobaldo e Diadorim. Assim, a aporia da vida imita a arte, ou seja, se Hermógenes, na trama, interpôs-se entre Diadorim e Riobaldo, esta análise literária conduzida por uma filosofia hermenêutica segue a mesma disposição.

⁸⁹ Cf. Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, p. 26-27. Ver nossa interpretação a essa leitura, no capítulo II, (2.2.2) Para Clifford GEERTZ, cosmos e ethos são integrados em uma visão englobante pelas grandes religiões . Por isso, o problema do mal torna-se a maior crise das religiões.

⁹⁰ O escrúpulo, por análise de RICOEUR é aceito por sua possibilidade pedagógica, pois o critério de reavaliação da culpa, que volta ao culpado, depois da compreensão viria como ensinamento e surgiria como incentivo, ao contrario da cultura Judaica, que a vê por um viés jurídico .

4.4 – Hermógenes , o inimigo oficial em *Grande sertão : veredas*

Este personagem amalha importantes expressões metafóricas por parte de Guimarães Rosa. De precioso conteúdo mereceu o mesmo procedimento que tivemos para apresentar Diadorim. Um cabeçalho, no qual as mais importantes menções atribuídas a ele aparecem, sem preocupação de sequência, trará seu perfil autêntico, sob ótica de João Guimarães Rosa, e em síntese .

O Hermógenes rompia adiante , não dizia palavra; Um Hermógenes escarnecente; E aqueles outros: o Hermógenes, Ricardão?;.. mandar embora aquele monstro do Hermógenes ; O Hermógenes me resignou os ímpetos; ... se o Hermógenes sungasse ; Hermógenes, desfechar?...vontade de gritar com o Hermógenes . Cão; O Hermógenes que – por valente --valentão .— O Ricardão e o Hermógenes --- os Judas . O Hermógenes limpou a goela .⁹¹

O personagem, como chefe de bando, aparece nos episódios importantes de *Grande sertão: veredas*. Pelas citações esparsas, colhidas sem critério de busca, pretendemos apresentar, sem discutir, criticar atacar ou defender o personagem, por meio de nenhuma tendência, como já fizemos atrás, com Diadorim, apenas confiando na prosa de Guimarães Rosa, como bom depoente. O título do item vem por conta do enredo, pois, de fato, a simples menção do seu nome, no sertão, causava espanto.

Elaboraremos, neste único e conciso item acerca de Hermógenes relação de quinze situações metafóricas envolvendo-o. A hermenêutica das *metáforas vivas* encontradas e aprofundadas nos darão seu perfil fiel.

Como já fizemos com o tema Sertão, noção *Sertão-Mundo*, que dali deduzimos, em predominância na formação de metáforas, em relação a outras duas categorias, neste caso, com o tema Hermógenes há situação única e estanque, pois ele, mesmo em tempo de paz, mostra-se inimigo. Se Sertão como noção mereceu três categorias, a de Hermógenes vem como estandarte, no título.

⁹¹ Aqui procedemos como na apresentação por amostragem com referência à Hermógenes. Com intenção de uma abordagem com modelo na crônica compilamos dados esparsos em *Grande sertão: veredas*, para conseguir a devida visão geral nesse rico acervo da obra. Vem-nos a sensação do passeio de ônibus em uma cidadezinha pacata, no qual se aprecia cenas em processo de continuidade , testemunhando o habitual, o dado por perfil , sem contudo demarcar endereço. É isso que fazemos aqui, diante do manancial de expressões metafóricas. Ressaltamos em dado normativo essa intenção que é a de lançar o leitor na ambiência do personagem inserido na obra.

Iniciamos por fragmento que constou do anexo II , no capítulo III, quando analisamos símbolos e estágios de linguagem .

1- Morto . Remorto .. O cão do Demo Havia Hermógenes nenhum mais. Assim certo, resumido --- do jeito de quem cravado com um rombo esfaqueante se sangra todo , no vão-do- pescoço : já ficou amarelo completo oco de terra , semblante puxado escarnecente , como quem da gente quer se rir – cara sepultada ...Um Hermógenes.⁹²

2- O Hermógenes, homem que tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros. Alí , arre ,foi que verdade eu acreditei que o inferno é possível. Só é possível o que em homem se vê, o que por homem passa. Longe é, o Sem –olho.⁹³

3- Assim rezei : que Deus era fortíssimo exato — mas só na segunda parte; e que eu esperava , esperava, esperava, como até as pedras espera. “ A faz mal, não faz mal , não tem cavalo rinchando nenhum, não são os cavalos todos que estão rinchando --- quem está rinchando desgraçado é o, Hermógenes, nas peles de dentro, no sombrio do corpo, no arranhar dos órgãos, como um dia vai ser , por meu conforme.⁹⁴

4- Assim, d’hoje em diante doravante, sempre temos de ser : ele o Hermógenes meu de morte,--- eu militão , ele guerreiro⁹⁵

5- Zé Bebelo não me respondeu (...) O que das idéias sobrava era ele que referia:”-- Ainda não entendo... Ainda não entendo.... Até reconheço que ele tem tido uma sorte.... Sapo sem colarinho ,rei-gordo... mas ainda. Mas deixa a gente ir e vir , que os ovos e dúzias ele paga! ” Do Hermógenes discursava---orçamento do Hermógenes . E de ouvir que a sorte do Hermógenes existia alta ,isso me penou .⁹⁶

6- Olhei o ilustre do céu. Dado dava de um estar soto-livre, conseguindo se soltar das possibilidades horrorosas. (...)Não espiei para trás, não ver de enxergar o fim daquelas causas ,no vaporoso pardo-azulado ,no exalante.....eu queria poder sair depressa dali, para terras que não sei aonde não houvesse a sufocação em incerteza , terras que não fossem campos tristonhos. (...)E que para outro lugar levava restantes cavalos, os bois os cachorros ,os pássaros,os lugares : acabei que levasse até mesmo esses lugares de campos tristes, onde era que então estava.... Todos / Não. Só um era que eu não levava,não podia, e esse um era o Hermógenes.⁹⁷

7- Hermógenes Saranhó Rodrigo Felipe — como ele se chamava; hoje , neste sertão, todo o mundo sabe, até em escritos no jornal já saiu o nome dele .Mas quem me intruiu disso,na ocasião , foi o Lacrau(.....) A ele dei de perguntar , ao mau respeito , muitas coisas. Assaz de contente ele me respondia.. Se era

⁹² João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.452

⁹³ *Ibid.*, p.139.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 259.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 259.

⁹⁶ *Ibid.*, p.308.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 298.

verdade o que se contava? Pois era – O Lacrau me confirmou – o Hermógenes era positivo pactário.⁹⁸

8- Às parlandas, bobéia. O medo que todos acabavam tendo do Hermógenes, era que gerava essas estórias , o quanto famanava.(....) Mas , no existir dessa gente do sertão então não houvesse, por bem dizer ,um homem mais homem?(...) Só o Hermógenes , arrenegado, senhoraço, destemido.Ruim mas inteirado, legítimo para a toda certeza, maldade pura. Ele, de tudo tinha sido capaz, até de acabar com Joca Ramiro.⁹⁹

9- “Acabar com o Hermógenes ! Reduzir aquele homem !...---e isso figurei mais por precisar de firmar o espírito em formalidade de alguma razão. Do Hermógenes, mesmo, existido eu mero me lembrava.—feito ele fosse criancinha moliçosa e mijona ,em seus despropósitos. (...) Eu muxoxava . Espremia ,p'r'ali, amassava. Mas Ele ---o Dado, o Danado---sim :para se entestar comigo—eu mais forte do que Ele, do que o pavor d'Ele— e lamber o chão e aceitar minhas ordens .(...)Cobra antes de picar tem ódio algum? Não sobra momento(...) Como era eu isso se passou,? Naquela estação, eu nem sabia maiores havenças; eu, assim eu espantava qualquer pássaro.¹⁰⁰

10- Nem Diadorim duvidava do meu roteiro – que fosse para encontrar o Hermógenes .(...) Ladeiras areentas e com pedras, com os abismos dos lados (...) no ali descer os cavalos muito se agachavam de ancas , feito o pescoço deles se encompridassem. Qu'e que me acuava? (....) eu girava leve demais e assoprado. Deus deixou. Deus é urgente sem pressão. O Sertão é dele, eh¹⁰¹

11- Adiante vim para pedir gole d' água, todo pacífico no rancho de um solteiro. Somente seguimos. Dali dantes , a gente tinha passado o Alto-Carinhanha.—lá que o Rei-Diabo pinta a cara de preto. Onde chegados na aproximação do lugar que se cobiçava. Dado dia e meio.(...) ----se havia de ser a casa da raça do Hermógenes. Lei de que íamos dar lá, madrugando madrugada, pegando todos desprevenidos, em movível supetão. Pois o Hermógenes parava longe,em hora recruzando meus antigos rastos,estes rastos ele não advinhava. Aí era o meu contrabalanço. Ah, --- choca mal quem sai do ninho (GSV,p. 389) Lei de que íamos dar lá, madrugando madrugada, pegando todos desprevenidos, em movível supetão. Pois o Hermógenes parava longe,em hora recruzando meus antigos rastos,estes rastos ele não advinhava. Aí era o meu contrabalanço. Ah, --- choca mal quem sai do ninho.¹⁰²

12- O para bem valer era que agora , alguém com nosso brabo cortejo deparava, seriam gente já distante, desconhecida dela, e que não diziam mais : -- “aquela é a dona de um seô Hermógenes, que estão remetendo para as enxovias.”¹⁰³

13- O Hermógenes ,pelejei para lembrar as feições dele. Achei não. Antes devia de ser como o pior: odiado com mira na gente - Diadorim ...pensei ”...assopra na mão a tua boa vingança“ O Hermógenes , mal sem razão... para poder matar o Hermógenes era que eu tinha conhecido

⁹⁸ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 308.

⁹⁹ *Ibid.*, p. 309.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p.318-319.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 389.

¹⁰² *Ibid.*,p. 389.

¹⁰³ *Ibid.*,p. 395.

Diadorim, e gostado dele , e seguido essas malaventuranças por toda a parte?¹⁰⁴

14- Mas que o inimigo está se aproximando eu pressenti: se sabe pela aperreção do corpo, como se querendo ter mais olhos;e até no que-é do arraigado peito , nas cavas ,nas tripas O Hermógenes estava para arremeter , de rancor, se mexendo nos escuros . A guerra estava aprazada em batalha , ali , no Cererê - Velho. ¹⁰⁵

15- Aí, quando foi, momental, peguei susto: lá embaixo estava demudado . Só se fez que , inesperadamente parte do povo do Hermógenes, que tantos eram---a racorja! — Temi por todos.(....) O senhor supute : lado a lado, somando derramaram de ser os trezentos e tantos –reinando ao estral de ser jagunços..Teria restado mais algum trabuco simples ,nos Gerais ? ¹⁰⁶

Tabela III: Hermógenes , o inimigo oficial em *Grande sertão : veredas*

O objetivo desta tabela é, como na tabela II, precedente, explicitar os elementos técnicos que compõem as metáforas . Com os quinze fragmentos dedicados ao tema, visamos a facilidade de operação com o texto pelo leitor. A primeira coluna identifica o fragmento por número, atitude que facilitará a referência nos comentários finais da tabela, a segunda traz o fragmento que contém a metáfora analisada e o terceiro traz os dados técnicos da metáfora . Como nas duas outras tabelas precedentes o itálico aqui marca os pólos metafóricos a serem analisados.

Número	Textos	Metáforas
(Pólos metafóricos e epifóras)		
Nº 1	Morto . <i>Remorto</i> O cão do Demo Havia Herógenes nenhum mais.(.....) do jeito de quem cravado com um <i>rombo esfaqueante</i> se sangra todo , no vão-do-pescoço : já ficou amarelo <i>completo oco de terra</i>	<i>Remorto</i> : por verbo ; derivação prefixal (<i>re</i>) <i>Rombo esfaqueante</i> : por adjetivo verbal, prefixo de participio presente;arcaico Polo1 <i>Hermógenes</i> ; Pólo 2 <i>Oco de terra</i> (vazio de vida)

¹⁰⁴ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 402.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 425.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 446-447.

Nº2	<p>O Hermógenes, homem que tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros .</p> <p>Aí , arre ,foi que verdade eu acreditei que o inferno é possível. Só é possível o que em homem se vê, o que por homem passa..Longe é ,o <i>Sem –olho</i>.(.....)</p>	<p>Pólos:homem e <i>Sem-olho</i>. Enredamento epifórico: <i>Manifestação veio por meio do homem</i></p>
Nº3	<p>Assim rezei , : <i>que Deus era fortíssimo exato — mas só na segunda parte</i>; e que eu esperava , esperava, esperava ,como até as pedras esperam .(....) , não tem <i>cavalo rinchando nenhum</i>,(....) --- quem está <i>rinchando desgraçado</i> é o <i>Hermógenes, nas peles de dentro, no sombrio do corpo, no arranhar dos órgãos</i>, como um dia vai ser , por meu conforme</p>	<p>1º metáfora – pólos <i>Deus ,fortíssimo,exato</i> e <i>segunda parte</i> (<i>tarda ,demora</i>) 2ºmetáfora: pólos – <i>Hermógenes rinchando</i> e (adjuntos adverbiais de lugar + expressão regional – prosódia): * <i>nas peles de dentro</i> * <i>no sombrio do corpo</i> * <i>no arranhar dos órgãos</i></p>
Nº4	<p>Assim , d’hoje em diante doravante, sempre temos de ser : <i>ele o Hermógenes meu de</i></p>	<p>Pólos metafóricos –<i>Hermógenes</i> e <i>eu</i> (Riobaldo). Regional-prosódia: <i>meu de morte</i></p>

	<i>morte,--- eu militão , ele guerreiro</i>	
N5	<i>Até reconheço que ele tem tido uma sorte... Sapo sem colarinho, rei-gordo</i>	Pólos: <i>Ele (Hermógenes)e sorte:*Sapo sem colarinho e Rei gordo trazem a ideia de bem estar evidente, na exata medida do bom humor regional.</i>
N °6	<i>.....daquelas terras de campos tristonhos .(...).eu queria poder sair depressa dali, para terras que não sei aonde não houvesse a sufocação em incerteza.(...) levava restantes cavalos, os bois os cachorros ,os pássaros,os lugares : acabei que levasse até mesmo esses lugares de campos tristes, onde era que então estava. Todos ? Não. Só um era que eu não levava, não podia, e esse um era o Hermógenes.</i>	<i>1° metáfora: pólos- terras e campos tristonhos. 2° metáfora : pólos – outro lugar e restantes cavalos, os bois os cachorros, os pássaros.(...) acabei que levasse até mesmo esses lugares de campos tristes,onde era que então estava.... OBS: Notar a quebra da lógica, limite entre equilíbrio e metafísica: levar os lugares. Trata-se da exclusão radical de um ente apenas , pela ânsia de e repulsa de sua natureza ou conduta.</i>
N 7	<i>Hermógenes Saranhó Rodrigo Felipe — como ele se chamava.(...) Pois era – O Lacrau me confirmou – o Hermógenes era</i>	<i>Aliteração beneficiando a ênfase regional pela expressão, dentro da atitude prosódica.</i>

	<i>positivo pactário</i>	
N 8	<p>O medo que todos acabavam tendo do Hermógenes, era que gerava essas estórias , o quanto <i>famanava</i>.</p> <p>(...) Mas , no existir dessa gente do sertão então não houvesse, por bem dizer, um homem mais homem?(...) Só o Hermógenes <i>arrenegado, senhoraço, destemido</i>. Ruim mas inteirado, legítimo para a toda certeza, <i>maldade pura. Ele, de tudo tinha sido capaz, até de acabar com Joca Ramiro</i></p>	<p>Metáfora por verbo, submetido a tratamento prosódico, regionalizado à guisa de neologismo (<i>fama+ nar, por expandir fama</i>).</p> <p>Na segunda ocorrência: adjetivo verbal, por participio passado e prefixação, <i>arrenegado</i>, nega o justo com convicção e <i>destemido</i>, adjetivo por prefixação muito a gosto de Guimarães Rosa. Em <i>senhoraço</i> entram prosódia e cultura sertaneja, pois forma e conteúdo aqui, personalizam a expressão de Riobaldo.</p>
Nº9	<p>Mas ele --- o Dado, o Danado---Sim: para se entestar comigo – eu era o mais forte do que Ele, do que o pavor d'Ele – e lamber o chão e aceitar minhas ordens . (...) <i>Cobra antes de picar tem ódio algum ? Não sobra no momento(...)</i> Como era</p>	<p>Obs. Após comparação diluída no registro regional, aparece na expressão: <i>Cobra antes de picar tem ódio algum?</i> A frase seguinte, como comentário e reforço garante que é mais objetivo do que ódio: <i>Não sobra no momento</i>.</p> <p>Na frase final surge a metáfora ; 1º pólo; <i>eu</i> (Riobaldo), rústico, rude, imprevisível e 2º pólo;</p>

	<p>que isso se passou? <i>Naquela estação, eu nem sabia maiores havenças; eu assim eu espantava qualquer pássaro</i></p>	<p><i>espantava pássaro.</i></p>
Nº10	<p>(...)no ali descer os cavalos muito se agachavam de ancas , feito o pescoço deles se encompridassem . <i>Qu'e que me acuava ?(...) eu girava leve demais e assoprado.</i> Deus deixou. Deus é urgente ,sem pressão. O Sertão é dele, eh.</p>	<p>Pólos metafóricos : <i>eu;</i>(Riobaldo-narrador), no comando do bando e sua efusão na busca do paradeiro do Hermógenes, <i>leve demais e assoprado</i> . Obs : A cultura regional aparece em expressões temáticas muito originais, em como religiosidade, metafísica e bom humor.</p>
Nº11	<p>- Dali dantes , a gente tinha passado o Alto-Carinhanha.--<i>Lá que o Rei Diabo pinta a cara de preto.</i> Onde chegados na aproximação do lugar que se cobiçava (...) – se havia de ser a casa da raça do Hermógenes. Lei de que íamos dar lá, madrugando madrugada, pegando todos desprevenidos,</p>	<p>1º metáfora – elos simbólicos do isolamento do lugar aliados ao morador --- <i>Rei Diabo</i> (inimigo universal do bem e inimigo oficial do sertão), vive e dá vasão a seus instintos (<i>pinta a cara de preto</i>).</p> <p>OBS: Interessantes observações metafísicas fluem por conta do comentário de Riobaldo, no restante do fragmento: surpreendê-lo de madrugada, pois, durante o dia o inimigo dedicava-se a procurá-lo, não</p>

	em móvel supetão. Pois o Hermógenes parava longe, em hora recruzando meus antigos rastos, estes rastos ele não adivinhava. Aí era o meu contrabalanço	iria, portanto estar em casa.
Nº12	O para bem valer era que agora , alguém com nosso <i>brabo cortejo</i> deparava, seriam gente já distante, desconhecida dela, e que não diziam mais : -- -“aquela é a dona de um seô Hermógenes, que estão remetendo para as enxovias”	Pólos metafóricos : <i>cortejo</i> e <i>brabo</i> O status do bando organizado, influente em política, religião, célebre na região, confirma essa posição linguisticamente O adjetivo <i>brabo</i> antecedendo o substantivo <i>cortejo</i> , em procedimento estilístico, denota a valentia do bando. Riobaldo, de fato, pôs em prática a estratégia preclara de anunciar a Hermógenes que sua <i>dona</i> está como sua refém. Anuncio feito, estavam longe, procurando o inimigo. Já longe, o povo dali não serviria mais a seus propósitos, restava apenas depararem-se em uma muitas das veredas daquele temível sertão.
Nº13	--- <i>Diadorim ...pensei</i> ”...assopra na mão a tua boa vingança “O	1º metáfora- pólos metafóricos pelo verbo <i>assoprar</i> e vingança (vingança da morte do pai). O

	<p><i>Hermógenes , mal sem razão...(...) para poder matar o Hermógenes era que eu tinha conhecido Diadorim, e gostado dele , e seguido essas malaventuranças por toda a parte ?</i></p>	<p>objetivo da vingança será executado pelas mãos.</p> <p>2º metáfora- confronta-se com todo o tratado de Ricoeur, no estudo do mal, confronta Agostinho com a teoria do mal ser nada. <i>Mal é sem razão</i>, metáfora-questão para este estudo, direciona-se ao único objetivo de atribuir possessão demoníaca a Hermógenes, resolvendo outra questão sem razão; o amor de Riobaldo, na base falsa de dados, que a ele se apresenta, de amor homossexual, o que para a cultura local, da qual Riobaldo é vítima, seria despropósito. Daí o adjetivo neológico: <i>malaventurança</i> em justaposição, encerrando o parágrafo.</p>
Nº14	<p>Mas que o inimigo está se aproximando eu pressenti: <i>se sabe pela aperreção do corpo, como se querendo ter mais olho ; e até no que-é do arraigado peito , nas cavas, nas tripas.</i> O Hermógenes estava para arremeter, de rancor, se mexendo nos</p>	<p>Comparação metafísica de grande potencial comunicativo: <i>corpo como se querendo ter mais olho</i>. Esta comparação precede uma metáfora no vazio de conteúdo, arquitetada por Guimarães Rosa por meio de uma expressão regional. O 1º pólo – no <i>que-é</i> e <i>o arraigado do corpo</i>, como 2º pólo . Criam metáforas a partir da expressão.</p>

	escuras.A guerra estava aprazada em batalha, ali , no Cererê - Velho.	
Nº 15	<p>Aí, quando foi, <i>momental</i>, peguei susto: lá embaixo estava <i>demudado</i> . Só se fez que , inesperadamente parte do povo do Hermogenes, que tantos eram--- a <i>racorja</i> ! — Temi por todos.(....)</p> <p>O senhor <i>supute</i> : lado a lado, somando derramaram de ser os trezentos e tantos – reinando ao estral de ser jagunços..Teria restado mais algum trabuco simples, nos Gerais ?</p>	<p>Meforizações que Aristóteles reconhecia pelo verbo, como consta do estudo de Ricouer, ganhou pela criação de Guimarães Rosa, potencialização epifórica neste fragmento. Trata-se das palavras <i>momental</i>, para exprimir tempo , espaço e fenômeno . Além de trazer no radical a noção de “naquele momento,” a sílaba final, sufixo usado impropriamente no contexto desta expressão, explora fonologicamente a expansão de <i>al</i> , que aliada ao contexto geral da comunicação do início da batalha, passa a ser uma referência, nocional.</p> <p><i>Demudado</i>, estrutura de concepção mais simples é adjetivo verbal por participio passado do verbo mudar, mais prefixo <i>de</i> .</p> <p><i>Racorja</i> , variação de corja ,por prefixo <i>ra</i>, assenta-se bem ao contexto pela quantidade e talvez por analogia com reles.</p> <p><i>Supute</i> – evidente forma do</p>

		<p>verbo supor, com variação talvez pela prosódia local, ou ainda, baseada nesta, tenha surgido uma criação por analogia. Ainda assim a semelhança presente apóia nossa análise neste texto máximo deste criador sem fim.</p> <p><i>Reinando ao estral</i> de ser jagunço: início de batalha, entusiasmo geral de trezentas pessoas. Nosso foco é a palavra <i>estral</i>: a palavra lembra estrela, de fato é um estrelato no momento, mas lembra mais, neste contexto, talvez estatuto de jagunço, que terminado pelo aqui sufixo <i>AL</i>, de sensacional, monumental, aproveita-se da efusão fonológica que é a plenitude da vogal a, estendida pelo <i>L</i>: tudo imenso e geral, às escancaras.</p>
--	--	---

Sólidas informações encontramos nos quinze fragmentos selecionados, nos quais o tema é Hermógenes. Noções importantes do enredo, do estilo de João Guimarães Rosa, que vieram a contribuir com o objetivo de nossa análise, o mal nas metáforas e símbolos. Consolidamos o apoio teórico provindo de Paul Ricouer quando avaliamos o transporte das noções interpolares nas metáforas vivas, por meio do enredamento epifórico, motivo de seu ânimo, de seu avivamento. Julgamos este procedimento válido, uma vez que o próprio Ricouer admite só ser possível falar de metáforas por outras tantas.

Ainda acrescentamos um pouco mais. A metáfora tem a mesma característica aporética do homem, comum, necessária, marca e distinção deste. Não por acaso, nasce da linguagem, é estratégia da linguagem que, sediada no símbolo inexato, corre e percorre o terreno da hipótese, onde a epífora bebe a água pura com que irriga a mudança .

Vem deste contexto a possibilidade criada por Guimarães Rosa em suas entradas metafísicas por meio das metáforas. Em 6, a relação de Riobaldo com o céu aparece: “ Olhei o ilustre do céu. Dado dava de um estar soto-livre, conseguindo se soltar das possibilidades horrorosas.”¹⁰⁷

O *ilustre*, adjetivo para céu dado por meio de artigo definido *o*, tornando, assim, o nome adjetivado um adjunto adnominal (o ilustre do céu , onde *do* é preposição “de” em contração com novo artigo definido *o*), traz imagens muito diversificadas, como força epifórica tirada de procedimentos prosódicos.

Percebemos que há constantes, na formação das expressões sertanejas. Essa prosódia tem estudo específico, que não utilizaremos aqui, entrecruzando o processo hermenêutico. Ficam apontadas como tópicos que contribuem na formação da metáfora, como dizer diferente a mesma coisa. Porém, a interferência positiva que o fato traz para a expressão merece comentário.

A força epifórica da expressão denota a transcendência do cotejamento do espaço onde estava Ribobaldo e a imensidão do céu, trazendo, como traz a qualquer vivente, a justa medida entre si, ente no espaço, e a imensidão do espaço cósmico: *soto-livre*; pelo *ilustre do céu*; trans-cendendo, porque existe é homem, humano!

Encontramos diálogo para esse pensamento, ditado por Guimarães Rosa, na última página desta obra, e aqui modificado em pontuação por nós, em outra sua afirmação, estudada e correlacionada, no fragmento 2 desta tabela III: *Aí , arre , foi que verdade eu acreditei que o inferno é possível. Só é possível o que em homem se vê, o que por homem passa. Longe é, o Sem –olho. O que não é homem, humano, é, portanto longe dele. Temos que o não homem, o que não consegue enxergar é o Sem –olho.* Em boa, séria, criativa linguagem sertaneja, outra espécie

¹⁰⁷ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.298.

de entidade, O *Outro*, o *Sem- Olho*, que não é Deus, que não é homem, é o estado do demônio.

Em 11, por exemplo, reservamos parte do fragmento para voltar a juntar comentários acerca dos prognósticos de Riobaldo, baseados na lógica do corpo e espaço, definição metafísica ,pois:

Onde chegados na aproximação do lugar que se cobiçava. Dado dia e meio.(...) ----se havia de ser a casa da raça do Hermógenes. Lei de que íamos dar lá, madrugando madrugada, pegando todos desprevenidos, em movível supetão. Pois o Hermógenes parava longe, em hora recruzando meus antigos rastos, estes rastos ele não adivinhava. Aí era o meu contrabalanço . Ah, --- choca mal quem sai do ninho.¹⁰⁸

Um *movível supetão*, na *madrugada madrugando*, já que o dono da casa não lá se encontrava, e isso por quê? Porque ambos se procuravam nas brenhas do sertão. Veio então o pensamento *contrabalanço* --- ir na casa onde o dono não está, para dar notícia de seu próprio rasto, um jeito seguro de fazer-se próximo, valorizado em muito pelo desacato de fazer de sua esposa um refém: garantia de ser achado, armadilha para dele ter notícia, e , enfim alcançá-lo.

Ao final do parágrafo, para justificar a noção de busca, *contrabalanço*, surge uma justificativa calcada na cultura, magistral, contundente; de tal oportunismo que, se tivéssemos comprado ingresso para assistir esse espetáculo, teríamos que retornar à bilheteria comprá-lo novamente : *Ah, --- choca mal quem sai do ninho.*¹⁰⁹ A expressão inicia-se por uma legítima, justificada, reconhecida interjeição.

Em 14, *Mas que o inimigo está se aproximando eu pressenti: se sabe pela aperreção do corpo, como se querendo ter mais olhos.*¹¹⁰ A *aperreção do corpo*, versão cabocla perfeita de reação emocional à intuição, é expressa concretamente por *querendo ter mais olhos*.

Entretanto, é em 13 que acontece por parte de Riobaldo o equívoco na conceituação do mal, e que já indicamos na tabela acima, mas que requer

¹⁰⁸ João Guimarães ROSA. *Grande sertão:vereda*, p.386

¹⁰⁹ *Ibid.*,p.389.

¹¹⁰ *Ibid.*,p.425.

tratamento mais detalhado. A conceituação do mal, por Paul Ricoeur¹¹¹ é noção fugidia, que só se põe no instante, é momentânea, imprevisível, pois é obra da liberdade. Vem originado pela vaidade que atinge o homem, generalizando-se no mundo. Sendo assim, a afirmação de Riobaldo, radical em análise a Hermógenes é despropositada: *O Hermógenes, mal sem razão...*¹¹². A razão do mal provém dessa generalização do mal no mundo, pois há vaidade em Riobaldo, como há em Hermógenes. O mal está em ambos.

A inversão que há aí é a seguinte. A liberdade de fazer o mal, é decorrente da escravidão a que o homem se presta, para encobrir suas falhas e contornar, desta forma suas fraquezas. Hermógenes matou Joca Ramiro, outro chefe de bando, mais afamado e respeitado do que ele por pura inveja, decorrente de sua vaidade. Gerou em Diadorim, filho de Joca Ramiro desejo, de vingança.

Riobaldo, por sua vez, uma vez também chefe de bando, tem por escravidão o amor por Diadorim, mal interpretado, já que a condição de gênero de Diadorim era desconhecida no contexto de *Grande sertão: veredas* até o dia de sua morte. Desta forma, o amor sentido por Riobaldo não atentava contra qualquer regra ou costume, fosse arcaico ou atual, mas, diante do desconhecimento, soava como infortúnio, e feria a vaidade de jagunço. Fácil, pois, tomar Hermógenes como bode-expiatório, quando este já arcava com o assassinato do chefe prestigiado, e também atribuir-lhe o *status* de correspondente do próprio demônio --- *o mal sem razão*; onerando-o, ainda pelo amor “controverso” que sentia por Diadorim, de acordo com os ditames do fragmento 13. Considerando que assim favorecia sua vaidade, ele, Riobaldo está impondo o mal a Hermógenes

A análise das metáforas relativas a Riobaldo ficaram por último. Por estas já precoces constatações, percebemos que foi medida acertada. O entendimento obtido por meio do personagem Hermógenes, o mais desdenhado na trama, lançará clareza aos nossos estudos, e principalmente orientará a seleção das metáforas relativas ao personagem Riobaldo.

4.5 - Os três Riobaldos

¹¹¹ Cf. Paul RICOUER, *O Conflito das interpretações*, p.267.

¹¹² João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas* p. 409.

De Riobaldo menino já falamos no encontro com o Menino, Diadorim menino. Falta apenas juntar fatos presos à presença de Riobaldo ao porto, lugar onde se deu o encontro inicial dos dois personagens. Esse encontro foi motivado pela fé. Em poucas palavras : doença de Riobaldo menino, promessa de sua mãe, a Bigri – o menino sarou, deveria tirar esmolas, para metade rezar uma missa e outra metade lançar nas águas do Rio São Francisco. Rio abaixo chegaria ao Santuário do Santo Senhor Bom – Jesus da Lapa. Ali conheceu o Menino, e escondeu a sacola das esmolas por vergonha. Isso foi vaidade?

Para falar do Riobaldo Jagunço precisamos ouvir o relato do Riobaldo Velho. Por ele, João Guimarães Rosa começa sua obra máxima , e só à altura da página oitenta insere o encontro dos dois meninos. Nossa atitude para selecionar as metáforas relativas a Riobaldo Jagunço será iniciar por *Nonada*; primeiro enigma proposto no primeiro parágrafo, à página nove ¹¹³. Quanto a Riobaldo –Velho; ele já esteve presente nas quinze citações a Sertão, mas o encontraremos em muitas reflexões produzidas pela experiência da aventura que se experimenta em *Grande sertão:veredas*.

4.5.1 - Riobaldo Jagunço

1- *Nonada* .¹¹⁴

Metáfora-mãe da obra, indica tempo não linear, moderna, não prescritiva. Mostra o descompromisso com a ordem de entrada dos acontecimentos, primeira estratégia de impacto na obra. Quem indica é o Velho, mas, para marcar o procedimento estrutural da narrativa, a expressão sem data passa a ser a primeira a ser analisada na relação Riobaldo jagunço.

Essa primeira metáfora, objeto de todos os tradutores, insere a ideia de: *naõ se surpreenda* , *é manejo, treinamento, ou experimentação*: variação, generalização, da vida, da cultura, do tempo narrativo, das regras, culturas, costumes e lendas. Das

¹¹³ 15ª Edição .

¹¹⁴ João Guimarães ROSA, *Grande sertão:veredas* ,p.9

grafias, dos sons, das sintaxes, das pontuações e de todas as tradições, pois, afinal avizinha-se¹¹⁵ uma nova era.

2- Medeiro Vaz era de uma raça de homem que o senhor mais não vê (.....) Podia abençoar ou amaldiçoar ,e homem mais moço , por valente que fosse de beijar mão dele não se vexava. (....)Cumpríamos choro e riso, doideira em juízo.(....) A gente era os Medeiro-vazes.¹¹⁶

Cumpríamos choro e *riso*, doideira em juízo. Riso e juízo em rima é apenas mestria do autor. A expressão *doideira em juízo* explora o supremo respeito à autoridade do chefe Medeiro Vaz. No pólo metafórico (nós), presente na desinência verbal *cumpríamos*, prevalece a aceitação de qualquer determinação; nem que fosse doideira seria considerada juízo. Este fato fica corroborado pela alcunha dos comandados ; *Medeiro-vazes* .

3- Noite redondeou, noite sem boca. Desarrei, peei o animal, caí e dormi. Mas, no extremo do adormecer, ainda intruji duas coisas, em cruz: que Medeiro Vaz estava insensato?--- E que o Hermógenes era pactário!¹¹⁷

Expressões do cotidiano aliadas a linguajar sertanejo transportam significados discretos a metáforas vivas. É o caso de *redondeou*, atribuindo ação para a palavra noite. Surge como verbo metafórico. Dois outros pólos metafóricos reentroduzem a mesma idéia de noite fechada; *noite* e *sem boca*, sem início determinado ou pressentido, de escuridão total.

Uma outra expressão metafórica *cruza* duas idéias: *Medeiro Vaz estava insensato?* e *o Hermógenes era pactário* A cruz das duas idéias inquietantes foi o leito da noite de Riobaldo, pois um chefe que significava a identidade dos comandados não podia estar equivocado. Isto já bastaria para exigir atitude. Entretanto a situação remontada era a causa da intuição desalentadora, trata-se da

¹¹⁵ João Guimarães ROSA preconiza no final da década de 1950 a Pós-Modernidade em literatura brasileira.

¹¹⁶ *Ibid.*, p.114.

¹¹⁷ João Guimarães ROSA. *Grande sertão:veredas*,p. 41.

condição de *pactário* com o Demônio, do mesmo e único Hermógenes, desaqueitando o bando.

4- No entre Condado e a Lontra , se foi a fogo. Aí vi ,aprendi. A metade dos nosso , que se apeavam ,no avanço. Entremeados disfarçantes, em suas armas em arte – escamoteando pelas árvores – e de repente se jazendo : para rastejo; com as cabeças farejavam; toda a vida! (...) O que era, era bando do Ricardão, que quase próximo cercamos. Para acuar só faltando cães ! E demos inferno.¹¹⁸

Ir a fogo, por lutar; *disfarçantes*, traz o já conhecido adjetivo verbal em particípio presente, exibindo o resultado da análise. Por antecipação, são fatos que vão demonstrando, em parte, o resultado de nosso trabalho, quando surgem por meio de sínteses inesperadas, no meio ainda do processo de estudo. Em *com as cabeças farejavam*, a brutal inconsistência de *cabeça* (humana) com o verbo *farejar* publicando a ação, mostra bestialidade calculada para aparecer na dose pretendida, chocando por esta sólida metáfora. Conduzindo a idéia, mantendo o valor dessa metáfora, outra noção bestial : *cães*. Porém a expressão que encerra a seleção do fragmento, o faz em explosão máxima : *E demos inferno*, já que verbo dar, neste contexto, contrabandeia do demônio, seu poder, catalizando-o .

5- Depois o Reinaldo disse : eu fosse lavar o corpo , no rio. Ele não ia Só por acostumação, ele tomava banho era sozinho no escuro, me disse no sinal da madrugada. Sempre eu sabia tal credice, como alguns procediam assim esquisito — os carbojudos , sujeitos de corpo fechado.¹¹⁹

Deleite e mito é que o presente fragmento proporciona. Hermêutica, para Paul Ricoeur¹²⁰ é envolver mito e gnose. Ele insinua a vertente mítica. Apoiados em ainda em Ricoeur,¹²¹ citamos conceito provindo de Mircea Eliade¹²²; a cratofonia. Tal noção provém do estudo de Eliade que conceitua a hierofania como fenômeno de sacralização do tempo, que segundo esse autor tem abertura transcendente.

¹¹⁸ *Ibid.*,p.105.

¹¹⁹ *Ibid.*,p.113.

¹²⁰ Cf. Paul RICOUER, *O Conflito das interpretações*.

¹²¹ Cf. IDEM, *O mal: um desafio à Teologia e à Filosofia*.

¹²² Cf. Mircea ELIADE, *Tratado de História das Religiões*.

Tratas-se de um tempo aberto. Esse fenômeno é suporte da sacralização pelo pensamento humano.

A cratofonia, entretanto, admite o reverso da hierofania, trazido pela penúria do mau presságio. Isso acontece aqui, pelo pensamento supersticioso, caudalosamente supersticioso do sertanejo brasileiro. A cratofonia estigmatiza fatos normais, por meio da intuição afinada do homem do sertão, em contato com os quatro elementos primordiais da origem cósmica : água, terra, fogo e ar.

Isso ocorre com Riobaldo. Embebido em pensamentos místicos, cabalísticos, não percebeu a estratégia de Diadorim, para esconder seu corpo feminino, e, no meio de tanta natureza, de tanto gorjeio de pássaro , de tanta noite cerrada , de tanta guerra, facilmente adaptou a atitude para a prática da magia. Essa variada herança de origem étnica e cultural, provinda do processo colonizador nesta América, criou condição para tal contexto.

Perfilamos aqui cinco fragmentos, seu teor traz dados suficientes para desenhar o perfil do Riobaldo Jagunço . Temos trabalhado, na procura de dados para a hermenêutica por orientação decimal de apreensões das passagens do texto, já delimitadas por tema. Por isso surgiram em cinco, dez, quinze captações. Isso nos permite isolar pequenas porções do manancial da obra, e foi metodologia visando praticidade apenas. Fossem múltiplos de sete, estaríamos sendo influenciados, talvez, pela mesma percepção cratofônica de Riobaldo.

Necessitamos ainda de mais duas séries de cinco fragmentos para mapear o andamento do enredo, por meio de seu narrador. Sendo assim, duas derivações deste item exigiram subdivisão: 4.5.1a; *A queda de Riobaldo Jagunço*, e 4.5.1b; *A superação*.

4.5.1a- A Queda

O primeiro fragmento da segunda seleção no capítulo VIII, que constituiu o Anexo II foi coletada do final para o início da obra *Grande sertão:veredas*. O leitor envolvido pela saga de Riobaldo, contra o Diabo, contra sua percepção, contra sua vontade para o mal, percebe que esta obra, a máxima de João Guimarães Rosa, é

uma aventura narrada sem divisão por capítulos. Trata-se do isomorfismo¹²³ que arrebatou o enredo pelo desespero, questionamento e garra do jagunço mostrada na organização espacial da estória contada sem nenhuma preocupação metodológica de divisão. É ainda uma ousadia que lembra as tendências modernistas, mas em contexto tão diversificado, no início da controvertida década de sessenta (Sec.XX) traz já traços pós-modernos.

O espaço abrangido pelas andanças pelas veredas, no ponto extremo do norte da Região Sudeste brasileira, o Estado de Minas Gerais, com seu limite, ao sul da Bahia, diga-se, sul da Região Nordeste. O argumento universal de *Grande sertão: veredas* inserido na vasta e viva mata, filtrado pela alma do escritor, não cabia no romance. Ele foi criado em solo fértil, pleno de belezas naturais, e derramou-se na intermediação da condição humana, por meio da fé universalizada, e sob os auspícios da cultura local.

Quando correlacionou pontos extremos das Regiões¹²⁴, no mapa político do território brasileiro, criou a mesma situação que vemos na estrutura da obra; os extremos por meio da vida e da morte e os do Bem e do Mal, por meio das escolhas humanas. Eis o grande *Sertão*.

Nele está Riobaldo de corpo e alma :

1- Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma de coronha... Ela era . Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível ;e levantei mão para me benzer--- mas tapei com ela foi um soluçar , e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim!(...) Diadorim era mulher como o sol não acende as águas do rio Urucuia, como eu solvei meu desespero¹²⁵.

Dor e surpresa, juntos fazem o primeiro pólo de uma metáfora um segundo pólo já denotativo, pela violência da eclosão: *coice d'arma de coronha*. O des-

¹²³ Isomorfismo, *iso* e *morphos*. Mesmo e forma, de origem grega, esta palavra dá conta da junção de dois elementos químicos. Usando metaforicamente esse termo emitimos a informação *Grande sertão: veredas* une forma e conteúdo, pela divisão metodológica atípica da obra (insegurança ,obsessão, busca por vingança , caçada, por meio de narrativa sem uma única subdivisão). Este termo é referência cristalizada como procedimento em obras pós-modernas, quando o texto "fala" por múltiplas linguagens

¹²⁴ Norte , Sul, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste

¹²⁵ João Guimarães ROSA, *Grande sertão:veredas*, p. 454.

encanto no pior *encanto*, expressão que vem em 1, simboliza a nulificação da ação epifórica por meio de surpresa , o segundo pólo, já que por causa da fortíssima emoção criada na cena , foi necessária a correspondência por outra expressão, de contundente referencia : *coice d'arma de coronha*. Esta nova expressão surge epifórica, intensamente, enfraquecendo, quase anulando a anterior, segundo pólo da metáfora composta por *dor/surpresa* . Foi muito mais, foi um *coice d'arma*.

Como resultado de tão profundo e inesperado golpe, a estupefação surge pelo gesto ; a mão levantada para benzer-se desobedeceu a intenção, e foi sufocar o *solução* . Resultou no *uivo*, tradução em registro animal daquilo que a elocução humana não pode exprimir, já que *desespero* é incomodo de tal porte que não dispõe de linguagem. Cada situação dessas, incentiva a criação de uma própria. Aqui, o desespero cassa a expressão verbal.

Nesse terreno expressivo, a comparação surge com missão reveladora: *Diadorim era mulher como o sol não acende as águas do rio Urucuia*. Guimarães Rosa quebra aqui, a lógica metafísica, na tentativa de codificação.

Como estudantes de Ciências da Religião, e pelo projeto que desenvolvemos, estreitamente ligado a metáforas, temos aqui obrigação de fazer observação acerca da antropologia e literatura brasileiras. Se Mário de Andrade revolucionou a literatura, movimento que instaurou definitivamente a nação brasileira pela cultura, por meio do absurdo ditado pelas vanguardas modernistas, por volta de 1920, João Guimarães Rosa o fez neste ponto, com esta obra, pelo drama e pela absoluta distinção ética, no anunciar da Pós-Modernidade, na aurora da década de sessenta. São valores que necessitam de realce no mundo acadêmico, para atingir o cerne de nossa história e sociedade.

Voltando-nos objetivamente às metáforas e símbolos do mal, pelo estudo de Paul Ricouer, temos a exposição do mal pela tragédia, aqui demonstrado em todas as suas vísceras.

2- Resoluto saí de lá, em galope doidável. Mas antes repartí o dinheiro, que tinha, retirei o cinturão –cartucheiros --- aí ultimei o jagunço Rioblado!

Disse adeus para todos sempremente . Ao que eu ia levar comigo era só o menino ,o cego, e os dos catrumanos vivos sobrados. (.....) Desapoderei.¹²⁶

As simbolizações retornam como esteio na formação das metáforas, em sistema, marcando o estilo do autor. É o caso do advérbio, criação neológica, a partir do adjetivo doido. A sufixação inaudita cria a novidade em expressão *doidável* (doido + avel) ; valendo-se ainda, da exploração fonológica do L, ainda uma vez apoiado na sonoridade máxima da vogal A. A inesgotável criação de expressões metafóricas, nos apresenta : *sempremente*; em dupla e expletiva adverbialização , já que *sempre* marca modificação verbal por tempo, e o sufixo *mente* caracteriza-se por ser adverbializador. Por último, o autor fecha o parágrafo com termo definitivo , em isomorfismo : *desapoderei* , ou seja ; despi da glória , desisti.

3- Aonde eu ia, eu retinha bem , mesmo na doidagem . A um lugar só: às Veredas Mortas....De volta,de volta.... Como se tudo revendo, refazendo, eu pudesse receber outra vez o que não tinha tido , repor Diadorim em minha vida ? O que eu pensei, pobre de mim Eu queria me abraçar com uma serrania.¹²⁷

la e *re-tinha*, pólos metafóricos a colisão reforçada por ênfase da palavra *mesmo*; *mesmo na doidagem* (doido+sufixo *agem*). A volta presentificada na linguagem pelo prefixo *re*; *re- vendo*; *re-fazendo*, *re-por*, instalam mais uma constante do estilo epifórico de Guimarães Rosa.

Mais lacônica é a constatação metafísica, noção de absoluta impossibilidade : *eu pudesse receber outra vez o que não tinha tido, repor Diadorim em minha vida*. O enredamento epifórico decorrente dessa quebra logica tem como pólos metafóricos *eu* e *serrania*, intermediados pelo verbo *abraçar*. Em imagem que representa um elogio à utopia, aparece o contorno daquilo que expressa o inalcançável, e a medida absoluta do mal, incontornável.

¹²⁶ João Guimarães ROSA, *Grande sertão:veredas*,p.453.

¹²⁷ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 455

4- Eu vim. Pelejei. Ao deusdar. Como é que eu sabia destornar contra minha tristeza? O dito, vim consoante traçado. E , um sitiante, no Lambe-Mel , explicou --- que o trecho, dos marimbus, aonde íamos, se chamava mais certo não era Veredas Mortas , mas Veredas Altas. Daí ,mais adiante ,dei para tremer com uma febre . Terçã. Mas o sentido do tempo o senhor entende ,resenha duma viagem . Cantar que o senhor fosse. De ai, de mim. Namorei uma palmeira, na quadra do entardecer¹²⁸.

As aliterações são uma forte corrente na atividade metafórica de João Guimarães Rosa. Percebemos neste fragmento aproximação que simula pelo sentido e executa, pelo som a aliteração em *deus-dar* e *des-tornar*. Em nível de expressão, a extensão de deusdar e o mundo em si,o acaso. No caso do verbo, des-tornar; derivação por prefixação, sinônimo regional para retroceder, reforçado pelo *contra* pleonástico, fica declarado o retorno consciente da razão isenta da má impressão, da predestinação, do perjuro e do mau destino contratado por antecipação .

Isso aparece no esclarecimento, na procura do local do pretendido pacto com o Demo, feito pelo antigo Riobaldo. O nome do lugar onde ele teria buscado o encontro maldito era Veredas-Altas. Por *Veredas-Mortas* figurou-se ao bando, em especial a Riobaldo, talvez sugerido pelo desconhecido que aquele ermo transmitia, inevitável influência, tensão entre impressão e realidade.

O entendimento trouxe alívio à tensão emocional, mas em casos como esse, onde a perda parece irrestituível, a queda física , de tratamento muitas vezes mais fácil do que a emocional proporciona recuperação geral do paciente. Referimo-nos à cura da febre terçã.

Um intervalo pela doença representou um intervalo na tensão acumulada por uma confissão desnecessária, pois não havia culpa. A revolta vã contra a morte, absoluta, não admite força contrária. Diante do quadro, no qual a explicação sobrenatural foi tão surpreendentemente desmentida, nada mais podia ser hipótese para o fato: Diadorim era mulher e havia morrido antes do conhecimento geral no bando.

Em contraposição, também firmada pela ordem natural das coisas, o bem – estar físico, importante dádiva, a única que poderia ocorrer ao nosso jagunço,

¹²⁸ *Ibid.*p.455

voltava. O símbolo forte, que hospeda a metáfora *entardecer*, em analogia com a situação desigual, mas real do desencontro da resistência física com a resistência moral, traz ao mesmo tempo a idéia de tardar (a descoberta), e sombra (o encoberto melancólico do bem negado). Eis o drama : a descoberta foi encoberta enquanto havia vida.

5- O tempo que fiquei deslembrado ,detido . O quanto foi? Mas, quando dei acordo de mim sarando e conferindo o juízo ,a luz sem sol, mire e veja, meu senhor, que eu já não estava mais naquela casinha pobre.¹²⁹

A linha de metaforização por palavras derivadas, e as aliterações sempre presentes, denotando sistema, persistem : *des-lembrado* ,*detido* . Por outro lado, a metáfora para juízo, consciência *luz sem sol*, surge também pela saúde física, reforço àquilo que acima compreendemos. Interessante é notar que compreensão encadeia compreensão, e mais um elo desta surge quando as evidências esbarram-se e o pensador concebe. Os pensamentos aprofundam-se em uma situação, no amarrão dos símbolos-metáforas, em novas provas lógicas, provindas da mudança produzida por esse novo feixe

4.5.1b- A superação

A primeira coisa que eu queria ver, e que me deu prazer, foi a marca dos tempos, numa folhinha na parede. Sosseguei meu ser.¹³⁰

O acervo de figuras, o montante de expressões que dão conta da recuperação física de Riobaldo aparecem, marcados, ora pela relação necessária com os elementos,o tempo cronológico, insensível, inabalável, e ora teimoso e caduco, pelo questionamento que os fatos passados subscrevem :

¹²⁹ João Guimarães ROSA . *Grande sertão: veredas*,p.,456

¹³⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.456.

1- Até que um dia, eu estava repousando no claro estar de uma rede de algodão rendada. Alegria me despertou um pressentimento. Quando eu olhei, vinha vindo uma moça. Octacília.¹³¹

Voltam, aos poucos também a capacidade de avaliar de Riobaldo. O ambiente de calma O reconforta, a capacidade de percepção passa a responder pelo valor da vida. O tempo, no cotidiano retoma a direção. Isso, sem aviso assalta o vivente : Octacília , rasgo de alegria no imenso tecido rude. Na ordem natural do mundo, retornar das trevas traz, necessariamente a luz.

2- Meu coração rebateu, estava dizendo que o velho era novo.(...)Octacília (,,,)me saudou com *sauvável* carinho, adianto de amor¹³² .

O sistema de derivação criando expressões metafóricas apresenta agora *rebateu*, para um coração magoado. Carinho *sauvável*, pleonástico pelo verbo saudar apresenta primeiro pólo metafórico para a promessa, o anúncio do *amor*, segundo pólo da metáfora. O enredamento epifórico percorreu aqui desde o adjetivo, que expressa o reforço do carinho lisonjeiro (*sauvável*), e continua pela linha tênue das boas e anunciadas sensações de um amor sobrevivente .

Não vamos aqui nos arvorar em juízes de um final ingênuo. Certamente, a despeito das aventuras e traumas, a realidade admite mansidão a quem tem o benefício de um renascimento. Nesse ponto, com efeito, ainda não é possível prognosticar os efeitos do mal, mesmo que não seja um mal esfuziante, como aquele que o Demônio processaria por espetáculo e gosto.

3- Mas eu disse tudo. Declarei meu amor verdadeiro(...)mas que ... (...) O que confessei. E eu, para nojo e emenda carecia de uns tempos.¹³³

Reproduzimos esse fragmento, no qual omitimos a palavra destino, do original. Isso porque achamos necessário burilar o final feliz que aqui se insinua,

¹³¹ *Ibid*, p.456.

¹³² *Ibid.*, p. 456.

¹³³ *Ibid.*, p. 457.

naõ porque apenas rastreássemos o mal, ele aparecerá legítimo nas manifestações do Riobaldo Velho, suficientemente filosóficas para dirimir o final “quase-feliz-momentâneo” desta monumental obra. É que precisamos falar deste mal social que aparece na conjuntura das sociedades, mascarando pelo conceito de família, em sua formação tradicional, pelo gênero e pelas concepções jurídicas. Esse passado recente, tempo no qual Guimarães Rosa viveu guardava um mal, no preconceito tenaz à diversidade. Homossexuais, filhos naturais,¹³⁴ e um dos piores, contra deficientes físicos, relegando-os a um mundo apartado.¹³⁵ Ocorre que, apesar de toda a sagacidade deste autor sem paralelos, a sequência normal dos fatos pela cultura local seria esse, e pela cultura ocasional da sociedade brasileira, em 1956, quando a obra foi escrita, não poderia deixar de refletir a exclusão.

À frente, discutiremos o fragmento citado pela simbologia do mal *ricoueuriana*, na terminologia textual, na ocorrência da palavra *confissão* pela noção da *mancha*, modalidade de simbolismo discutido em *The symbolism of evil*.¹³⁶

4- Só que isso foi mais tarde, pois primeiro, eu tinha outra andada a cumprir, conforme ordem do meu coração mandava. Todo agradei, dei despedida a seô Ornelas e os dele--- gente de evangelho.(...) Mas, antes de sair, pedi à Dona Brasilina uma tira de pano preto , que pus de funo no meu braço .¹³⁷

Devemos fazer observações a duas ocorrências metafórico-simbólicas que mantêm o nível da narrativa nos termos anteriores : a hospitalidade cristã e o simbolismo da tira negra. A boa dona Brazilina colaboraria sem pestanejar com o luto. É assim que vemos a solidariedade da dona da casa, neste momento. A obediência a opiniões consagradas tem sido constante no mundo, sociedade, economia, educação. Teorias relativizam-se, de acordo com a situação, pois

¹³⁴ Nomenclatura jurídica para filhos concebidos fora do casamento.

¹³⁵ Mundo de exclusão, exceção, cuja metáfora que aqui usamos ; *apartado* seria uma possível escolha de João Guimarães Rosa para exprimir a boçalidade da época , um passado ainda muito recente. Aqui nos ocorre outra constatação, o estreito entre o mundo contemporâneo e as Ciências da Religião. Trata-se do avanço na compreensão das manifestações físicas ou psicológicas, que, aos poucos, tem aplacado o gume certo da lâmina dos juízos morais , jurídicos e da interpretação dos laudos neuropsicológicos. Estes, se expressam por meio da palavra “Inclusão”, um símbolo pós-moderno que se transformou em pesquisa, e depois em programa multidisciplinares traduzidos pela ética do amor à existência comum .

¹³⁶ Cf. Paul RICOEUR, *The Symbolism of evil*.

¹³⁷ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 457.

diante do luto que é resultado de um mal, a canônica obediência aos símbolos aparece como suprema solidariedade.

Porém, o alto registro da ordem dos acontecimentos na batalha, na morte de Diadorim, na revelação da identidade de gênero, na queda de Riobaldo pela morte e pela revelação não correspondem ao epílogo singelo da aproximação de Octacília, mesmo ela tendo sido amada por toda a extensão da obra. Esta constatação merece registro, pois diante da brutalidade da conscientização do erro fatal, a interpretação de tentação do diabo para o amor a Diadorim faltou aqui, à obra uma solução menos singela do que a condução de Riobaldo aos braços de Octacília.

Compreendemos o autor Guimarães Rosa nesse impasse. Ele coloca o luto físico, o pano preto dado por Brazilina (a cultura no Brasil) usando o símbolo material apenas nesse contexto cultural. Esta talvez seja uma metáfora de delimitação, cuja epífora possa ser lida na contextualização da cultura brasileira, localizada, sertaneja, que se expressa na autenticidade cabocla. A menção a anfitriã, Brazilina, durante a recuperação das maleitas, pode ser um traço muito fino, de justificação àquele final "quase feliz momentâneo", que nos surpreendeu acima. Esta hipótese valoriza ainda mais esta obra.

Por esse motivo, incluímos no quinto fragmento do item que tratou da superação de Riobaldo, considerações que ensejam o problema das atitudes maléficas em outro âmbito; o sociopolítico. Neste procedimento, a obra *Grande sertão: veredas* cresce, emancipa-se de todos os costumes patriarcais e sai na frente de um tempo conservador para a virada tecno-científica, social, lingüística que começamos a vivenciar sem muita clareza. A arte nunca isolada da Antropologia e da Estética, via cultura, estaria, a partir daí, desenhando os contornos do que uma parte das conceituações acadêmicas chama de Pós- Modernidade. :

5- Mas, no fato, por alguma ordem política de se dar fogo contra desamparo de um arraial, de outra gente, gente como nós, com madrinhas e mães(...) O horror que me deu --- O senhor me entende? Eu tinha medo de homem humano.

A verdade dessa menção, num instante eu achei e completei : e quantas outras doideiras assim haviam de estar regendo o costume da vida da gente , e eu não era capaz de acertar com elas todas , de uma vez¹³⁸

Tão velhos como o mundo, os interesses políticos têm superado as verdades de cada um, em favor da ilusão coletiva, a serviço das ideologias. O homem humano, o homem social escraviza-se de fato e *as doideiras que regem a vida da gente*, e mais, a possibilidade de não atinarmos com o processo, nos faz concordar com Riobaldo : *ter medo do homem humano* . Desta forma, o mal extemporâneo, uno e simples, aparece ao lado de tanta criatividade mediado pela razão , pela gnose , e pelas ciências modernas e atualizadas , como demonstra Paul Ricoeur , desde o estudo da simbólica, responsável pela comunicação humana até o acolhimento dos aportes científicos a esse mesmo sistema, por meio de tratados como *A Metáfora Viva* ¹³⁹ .

Sem descuidar de nosso foco, no último item de análise deste capítulo , é por meio de Riobaldo Velho, nas asserções metafísicas, nas mediações das situações malélicas mediadas pela simbólica de Paul Ricoeur, no enredamento epifórico salvo pela semelhança ricoueuriana, buscamos atingir o fulcro da condição humana , esta sim capaz de superação dos males cruzados e inopinados que surgem do nada, produto do mundo, nunca provindo do diabo .

4.5.2 - Riobaldo Velho (A sabedoria, sabedoria?)

Nada em uma hermenêutica pode vir preconcebido. Temos percorrido o *Grande sertão*, com Rosa, e, agora, versados por seu estilo interpretamos ponto de interrogação colocado depois de uma afirmação consolidada. Esse procedimento típico de João Guimarães Rosa aponta para aquilo que ele já, pela boca de Riobaldo Velho explicou em momentos de frutuosa reflexão: *o que se pode aprender é fazer maiores perguntas*.

Expôs, com esta constatação, a única definição fiel do humano, ou seja, seu pensamento aporético. Por isso, no subtítulo deste último item introduzimos uma

¹³⁸ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 307.

¹³⁹ Vide capítulo I

questão por meio do seu estilo, a interrogação interposta pela simples pontuação, o símbolo da interrogação. Esta interrogação, depois do conceito que é adágio universal para velhice, surge coerente e consoante com a manifestação do tempo no espaço : tempo percorrido e observação resultando sabedoria. A aporia, está dito, vem pela pontuação e alastra-se pelas considerações do Velho Riobaldo.

Vejamos:

1- Deus é paciência

Tão bem , conforme . O senhor ouvia , eu lhe dizia : o ruim com o ruim , terminam por as espinheiras se quebrar --- Deus espera essa ganância . Moço! : Deus é paciência . O contrário, é o Diabo. Se gasteja . O senhor rela faca em faca -- e afia --- que se raspam . Até as pedras do fundo uma dá na outra, vão-se arredondinando lisas, que o riachinho rola. Por enquanto, que eu penso tudo quanto há neste mundo, é porque se merece e se carece. Antesmente preciso. Deus não se comparece com refém, não arrocha o regulamento. Para quê ? Deixa: bobo com bobo --um dia um estala e aprende : esperta . Só que , às vezes , por mais auxiliar , Deus espalha , no meio, um pingado de pimenta.¹⁴⁰

A cuidadosa observação do mundo manifesta as duas características marcantes de João Guimarães Rosa A mística, porque ele se prende com atenção esmerada ao mundo, seu cuidado e estima o aproximam ao mesmo tempo dos entes, espiritualizando essas aproximações. Em consequência dessa aproximação, ele compreende, pelos detalhes físicos dos eventos, mínimas operações, fazendo disso transporte para transcendentalização. Quando surge o entendimento da relação do pensamento humano pelos atributos cosmológicos, mais ainda , quando o entendimento é pelas conseqüências dessas correlações, na junção das respostas interpretadas, entende-se a travessia para a transcendentalização. É um caminho de curvas e de abismos e neste trajeto o homem aprende e ensina.

O entendimento é assim, capaz de alargar o mundo, pois quem enxerga o espaço ganha oportunidade para se colocar. Esta é a elevada função da metafísica, além de ser muito bela. De certa forma, extingue os mistérios do mundo, porém salva a humanidade do materialismo, porque ainda resta a beleza que, com ênfase, permite enxergar, pela evolução espiritual.

¹⁴⁰ João Guimarães ROSA , *Grande sertão: veredas*, p. 16.

Assim, em 1 notamos: *ruim com ruim* gastam-se ; “Deus espera; faça com faça , afiam-se (que se raspam). As pedras do fundo vão se arredondinando lisas, que o riachinho rola”; notar aqui o verbo “arredondinhar” expõe a filosofia da concórdia, sob ação do *riachinho! Deus*,enfim, *deixa : bobo com bobo* . Porém, às vezes permite a intuição pela paciência e pelo amor, *com um pingado de pimenta*.

2- Deus é traiçoeiro.

O senhormire e veja : o mais importante e bonito do mundo , é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando . Afinam ou desafinam . Verdade maior. É o que a vida me ensinou . Isso me alegra de montão. E, outra coisa : o diabo é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah ,uma beleza de traiçoeiro --- dá gosto! A força dele, quando quer --- moço! Me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre.¹⁴¹

O dom da vida ensina; o processo, a chance da vida é o aprendizado, no trânsito do existir. Isso para Riobaldo Velho é *o mais importante e bonito do mundo*. A simplicidade de caboclo menciona a evolução transcendente : *as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas*. E o processo nunca termina ! Deus sempre vem vindo, *na lei do mansinho* , invisível.

O diabo é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro. Aqui, o tráfico de noções fundamenta o enredamento epifórico, a extrema controversão aplicada no pólo adjetivo; *traiçoeiro*, faz com o substantivo Deus uma declaração de competência e de bom humor, para constar no acervo de marcas culturais brasileiras. A simbólica do mal, aqui invertida, atraçoada, conduziu imagem de profundo abismo, possibilidade aberta pela atividade epifórica.

3- De o Tinhoso, chega.

Agora, bem : não queria tocar nisso mais --- de o Tinhoso; chega . Mas tem um porém: pergunto : o senhor acredita , acha fio de verdade nessa parlada , de com o demônio se poder tratar do pacto? Não, não é não. Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação. Vender sua própria alma ...Invencionice falsa! E alma, o que é?

¹⁴¹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão:veredas*, p. 21.

Alma tem de ser coisa interna supremada , muito mais do de dentro, e é só, do que um se pensa : ah , alma absoluta ! Decisão de vender alma é afoitez vadia, fantasiada de momento, não tem obediência legal. Posso vender essas boas terras, daí entre as Veredas-Quatro --- que são dum senhor Almirante, que reside na capital federal? Posso algum!?¹⁴²

Alma; *coisa interna supremada*, o primeiro pólo metafórico *alma*, e o segundo, altamente elaborado pelos símbolos *interno* e *supremo*, permitem a formação da metáfora, que entre outras tarefas, segundo Ricouer, baseado em Aristóteles tem a função de ornar. Aqui, por circunstância adverbial de intensidade : *muito mais do de dentro*, a metáfora orna, orna intensamente porque vem fundamentada pela prosódia regional; ao lado da informação dada pela metafísica

Vender alma é afoitez vadia fantasiada de momento, o 1º pólo da metáfora é remontado pela atitude: *decisão de vender alma*. Este primeiro é qualificado como : *afoitez vadia*. E o segundo pólo, remontado, intensificado por outro, qualificativo: *fantasiada de momento*. O tema desta metáfora patenteia uma técnica captada pela percepção fenomenológica. Guimarães ainda precisava de um contraponto, para presentificar Riobaldo, que surgiu pelo verbo poder: *Posso algum!?*; metáfora abrupta de grande beleza

4- A ruindade nativa do homem.

Diga o senhor,sobre mim diga. Até podendo ser, de alguém algum dia ouvir e entender assim : quem-sabe, a gente criatura ainda é tão ruim, tão que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do diá? Ou que Deus — quando o projeto que ele começa é para muito adiante, a ruindade nativa do homem só é capaz de ver o aproximado de Deus é em figura do Outro? Que é que de verdade a gente presente? Duvido dez anos. Os pobres ventos no burro da noite. Deixa o mundo dar seus giros! Estou de costas guardadas, a poder de minhas rezas.¹⁴³

Deus fingindo-se Diabo para se aproximar da ruindade nativa dos homens, vem com uma paradoxal proposição, de bom humor, que se assentar na elocução de Riobaldo. Porém, duas circunstâncias teóricas diferentes ocorrem aqui : o homem nasce com a tendência para o mal, essa evidência, estudo de Santo Agostinho, é

¹⁴² João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 22.

¹⁴³ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.33-34.

adotada, com ressalvas por Ricoeur, que acolhe a tese de que não há culpa contraída pela encarnação .

A primeira observação verdadeira de Riobaldo Velho entra em contradição com a segunda, pois, Deus não se presta ao fingimento, muito menos para passar por Diabo, nem por amor a seus filhos. Este despropósito de conteúdo imaginativo foi criado calculadamente para ser negado por deliciosa interjeição sertaneja : *Duvido dez anos*.

Porém como demônio é tema belicoso, a porção cabocla do agora sábio Riobaldo ainda persiste, por certa atitude de dúvida. Vai expressar-se pelos ventos, o mistério, em lugar indefinido : *os burros da noite* , e ainda *nos giros do mundo* . Para por termo a essas indefinições ajunta a afirmação sertaneja : *as costas guardadas* , por *poder de rezas*.

A forte contradição expressa um resquício de gnose; a noite é só escura, por isso não se deixa ver, não há nada de transcendental nela é só natureza (*giros do mundo*), porém, apesar disto tudo, entra a cultura, marcadamente supersticiosa: *costas guardadas (...)* *pelas rezas*. Esta cachoeira de símbolos sustenta a metáfora de forte enredamento epifórico, primeiramente por viés metafísico, pois, dar de costas é querer não ver. Então, aí a reza protege. E há ainda fundamento cultural que suplanta o racionalismo, bebendo na fonte regional sagrada, *pelas rezas*.

5- Ah , naqueles tempos eu não sabia ,

...hoje é que sei: que para a gente se transformar em ruim ou valentão, ah , basta se olhar um minutinho no espelho --- caprichando de fazer cara de valentia ,ou cara de ruindade!. Mas minha competência foi a todos os custos , caminhou com os pés da idade. E, digo ao senhor, aquilo mesmo que a gente receia de fazer quando Deus manda , quando o diabo pede se perfaz. O Danador.¹⁴⁴

A experiência de caboclo velho analisa o desempenho dos jagunços, no caso, de Riobaldo. Ele desenvolve raciocínio a partir de sua entrada para o bando, desde a ilusão de moço de parecer um bravo jagunço até executar tarefas duras, com o passar do tempo, que um novo rejeitaria. O exame da trajetória indica que

¹⁴⁴ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 38.

passadas as vaidades ditadas pelas ilusões juvenis, o velho percebe que a vida no sertão, em bando embrutece, e nela decisões de peso, de coragem, sufocam o asco, ditado pelas convenções. Só por esse ângulo é possível entender o que foi maldade e o que foi necessidade. Não se pode esquecer, neste ponto conclusivo do trabalho, uma das primeiras asserções acerca do mal, ele é relativo.

O Diabo, o *Danador* teria seu espaço, Riobaldo velho admite. Ele atribui atos radiciais ao diabo, decisões nos extremos, tomadas em ultimas instâncias. Nelas, muitas vezes ,atos lamentáveis praticados em defesa da vida, própria; ou de amigos, invasões, e outros disputérios caracterizam o jagunço. Aí, na ambiência sertaneja, o nome metafórico : *Danador* . Aquele que preside o dano, e , por coincidência fonética, que traria a dor. Esta última metáfora aparece como metáfora aremessada, por conta de nenhuma técnica ou prática, mas sim pela intuição de um leitoss hermenêutico .

6- A colheita

As vezes eu penso: seria o caso de pessoas de fé e posição se reunirem , em algum apropriado lugar, no meio dos gerais , para se viver só em altas rezas, fortíssimas, louvando a Deus , dado logo, até à hora de cada uma morte cantar . Raciocinei isso com compadre meu Quelemém. E ele duvidou com a cabeça : --- “Riobaldo , a colheita é comum, mas capinar é sozinho ...”- -- ciente me respondeu.¹⁴⁵

Colheita e *capinar*, dois signos fortes relativos à terra. *Colheita* remete ao mito da terra-mãe, frutuoso ventre. Os frutos são recolhidos por turmas, mas para chegar até ela, há trabalho individual (a capina). O mito, minesis exemplar, ressalta o merecimento próprio, o fruto da recompensa eterna, que encontra eco na influência *paulina*, que é a da recompensa pelo merecimento aliado à fé. Essas duas noções são aplicadas em *Grande sertão: veredas*, em trajos sertanejos.

7- Tendo Deus

Tendo Deus , é menos grave se descuidar um pouquinho ,pois , no fim dá certo . Mas, se não tem Deus , então , a gente tem licença de coisa nenhuma!

¹⁴⁵ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.383.

Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantoada ---erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem perna e braços. Dor não dói até em criancinhas e bichos, e nos doidos—não dói sem precisar de se ter razão nem conhecimento? E as pessoas não nascem sempre? Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério. O senhor não vê? O que não é Deus é estado de demônio.¹⁴⁶

Deus existe para a misericórdia. João Guimarães Rosa põe em Riobaldo Velho o conhecimento do Velho e o do Novo Testamento, glorifica a compreensão pela confissão, admissão do pecado e reconhecimento pela culpa. Afasta assim os presságios da Cólera de Deus, quando admite a dor sentida pelos incapazes, doidos e criancinhas inocentes.

A forma verbal metafórica *encantoada*, no contexto que analisamos em adjetivo verbal, aponta para a vida e todas as suas circunstâncias, de bem e de mal, que sem contar com a possibilidade transcendente, seria impossível. Como a característica do homem prevê transcendência, e esta vem pela espiritualização, traz, portanto situações de extrema dificuldade de superação. Nisto vem o sofrimento, pois superação se dá em vida. Guimarães Rosa, por meio de Riobaldo Velho, cruza aqui as influências, pois entende vida como espaço para evolução, e esta é difícil, enquanto que da morte, nada se sabe, abriga mistério, não dor.

8- Fogo –azul- do-fim -do- mundo

Assim, olhe: tem um marinbú—um brejo matador, no Riacho Ciz – lá afundou uma boiada quês e inteira, que apodreceu; em noites, depois deu para se ver, deitado a fora, se deslambendo em vento, do cafofo e perseguindo tudo, um milhão de lavareda azul, jadelãfo, fogo-fá. Gente que não sabia, avistaram e endoideceram de correr fuga. Pois essa estória foi espalhada (....) falavam de castigo, que o mundo ia acabar naquele ponto, causa de, em épocas, terem castrado um padre, ali perto de umas vinte léguas, por via de um padre não ter consentido de casar um filho com a própria mãe. A que, até cantigas rimaram: do Fogo-azul-do-fim- do mundo.¹⁴⁷

Fogo se *des-lambendo* em vento, metáfora por derivação prefixal de natureza regional. O fogo azul, de fundamento em Física, observado pela imaginação do caboclo, dá “causo” para muitas décadas. Castigo, atributo simbólico

¹⁴⁶ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 49.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p.59.

interpretado pela mesma imaginação humana, no Velho Testamento como “A Cólera de Deus”¹⁴⁸.

Superstição, entretanto atemporal, do mesmo jeito que incontrolável, sujeita à adaptações culturais múltiplas.¹⁴⁹ Por isso, matrizes de lendas, histórias de medo, criam estereótipos em cima de variações. Chefes religiosos, criancinhas, donzelas órfãs de mãe, até princesas, animais monstruosos são as constantes. Essa é a origem do outro “causo,” envolvendo o *padre castrado*. São simbolismos criados pelo lado sombrio da imaginação.

9- Medo

Homem? É coisa que treme. O cavalo ia me levando sem data. Burros e mulas do lote de tropa, eu tinha inveja deles....Tem diversas invenções de medo, eu sei o senhor sabe. Pior de todas é essa : que tonteia primeiro, depois esvazia. Medo que principia com grande cansaço. Em minhas fontes cocei o aviso de que de que um suor meu esfriava. Medo do que pode haver sempre e ainda não há . O senhor me entende : costas do mundo.¹⁵⁰

Homem é coisa que treme, são pólos metafóricos surpreendentes, cuja epífora traz denotação clara da porção psicológica humana. Óbvio que, por ser constante no comportamento humano, e pela construção direta, dando sequência a uma interrogação marota, *Homem?* O medo descrito metaforicamente transforma-se, por ironia em um objeto de intensificação emocional na psiquê humana.

Ter *inveja* das mulas e burros, aí significa desejar não ter conhecimento de algo que muito preocupa. A menção do verbo esvaziar transmite a insegurança pelo desconhecido, a ameaça de topar com o inimigo. *Costas do mundo*, como espaço desconhecido, acesso negado, tradução literal de ameaça potencial do discurso totalizante : *medo do que pode haver sempre e ainda não há*.

Temos notado que as situações de a imensidão dos pastos e de veredas acabam por acrescentar ao estilo de Guimarães Rosa a atitude de assimilar os

¹⁴⁸ Cf. BÍBLIA SAGRADA apud Paul RICOUER, *The Symbolism of evil*, ou seu original, em francês, *La Symbolique du mal*.

¹⁴⁹ A esse respeito LEVY-STRAUSS elaborou tabelas , que condensou em seu livro *A estrutura do mito*. Elas relatam que , a cada migração para cultura diversa , o conteúdo cultural do mito, que tem matriz de fatos, é preenchido por seu correspondente local .

¹⁵⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão:veredas*, p.118.

extremos, em várias passagens do texto. Essa medida permite que ele abranja toda a vastidão de espaços e hipóteses. É a tentativa de materialização da idéia que ele expressa em outra metáfora, para expressar outra situação : *abraçar a serrania* .

10- O pai

Mas ,um dia ---de tanto querer não pensar no principio disso, acabei me esquecendo quem — me disseram que não era à toa que minhas feições copiavam retrato de Selorico Mendes. Que ele tinha sido meu pai ! Afianço que , no escutar ,em roda de mim o tonto houve ---o mundo todo me desproduzia , numa grande desonra . Pareceu até que , de algum encoberto jeito ,eu daquilo já sabia. Assim já tinha ouvido de outros,aos pedacinhos, ditos e indiretas, que eu desouvia. Perguntar a ele, fosse. Ah, eu não podia ,não. Perguntar a mais pessoas nenhuma; chegava . Não desesquentei a cabeça. Ajuntei meus trens , minhas armas , selei um cavalo, Fuji de lá.¹⁵¹

O padrinho era o pai, grande desonra. Nesta palavra o mal subjetivo nega à mãe o apoio, também renegado pelo filho. Trata-se possivelmente da explicação ao entusiasmo até ingênuo do personagem pela noiva, no epílogo da queda. É a interpretação que demos à aparição de Octacília, no fragmento¹⁵² que integra a série de cinco, que discute a superação de Riobaldo.

Ela que sempre fora uma influência forte para Riobaldo Jagunço, mas tinha como rival a figura enigmática de Diadorim, e todo o martírio decorrente disso é aceita com grande emoção por Riobaldo, que a pede em casamento. Estranhamos esse desfecho, por sermos conhecedores do estilo de Guimarães. Depois de tanta surpresa, um final tão convencional deveria ter subjazendo outra explicação. Havia, de fato , e ela veio na metáfora da bondosa dona *Brazilina*¹⁵³. Agora, no décimo fragmento de Riobaldo Velho, (*O pai*), surge outro entendimento , este ligado a percepções do inconsciente do jagunço Riobaldo .

Se a figura Amanda de Octacília aparece dando alento ao convalescente Riobaldo, a manifestação de conforto gera necessidade de retribuição. Nesta vem implícita a retribuição a ele próprio, superando a mágoa por ter sabido que Selorico Mendes, o padrinho que o acolhera após a morte da Bigri, sua mãe, era o seu pai.

¹⁵¹ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p.97

¹⁵² Ver no item "Superação de Riobaldo".

¹⁵³ *Brazilina*, com z mostra a correlação do nome do pais, em ironia, a hospitalidade e receptividade que temos em nosso piaís para com ideários estrangeiros .

Esta desonra, que ele respondeu com a rejeição ao padrinho–pai, ele supera agora, neste ponto, emendando a vida.

Ao mesmo tempo assume o amor , nunca negado, mas dividido pelo enigma Diadorim, que transfere para Octacília no status que a Bigri não teve o de noiva e esposa. Assim diminuiu um trauma, já que Diadorim ficou como perda, irreparável, como se constata, até as últimas páginas do romance .

Do simbolismo podemos dizer, a partir do texto, que Riobaldo já sabia da realidade que tanto o desgostou *por pedacinhos que des- ouvia*. Ao ter certeza *não des- esquentou a cabeça*. Os elementos formais, prefixações, aportes regionais e neologismos fazem, em 10, ratificação de um sistema metafórico-simbólico que estivemos rastreando por algumas centenas de páginas.

Porém, revelações, descobertas, compreensão da arquitetura da linguagem, correlações de elos metafóricos e pontos não explorados, por fidelidade ao projeto, são manancial para continuidade de pesquisa, fundamentos para outros projetos . A seguir detalharemos uma síntese conclusiva do capítulo.

Conclusão - Síntese retrospectiva

O equilíbrio da palavra, do verbo com a imaginação cria a expressão que pode ser poética. Em *Grande sertão: veredas* ela aconteceu pela sagacidade de João Guimarães Rosa em tomar da natureza , humana e cósmica a essência, transformando-a em texto .

Foi necessário criar estratégias para poder apreender enorme volume de riquíssima informação. Desta forma, já direcionados pela significação de *Sertão*, estudada no capítulo III, obtínhamos a primeira temática de metáforas e epíforas. Debruçamo-nos no primeiros quinze fragmentos , já estudados pelo nível de linguagem, e agora percebemos neles três categorias de metáfora : O *Sertão-Mundo* com características universais e metafísicas, o *Sertão matas e brenhas*, expondo características físicas e o *Sertão sócio-cultural*; fragmentos que mostravam também aspectos antropológicos.

Essa metáfora eixo tornou-se referência importante para reafirmar a condição universalizante da obra Dos quinze fragmentos analisados, apenas dois não trazem a categoria Sertão-Mundo, que transcendentaliza os temas . Um deles é o fragmento 2 . Trata-se de uma tentativa ousada de mostrar a característica sacudida do caboclo. A princípio, pela primeira frase do fragmento, poder-se-ia ter dúvida acerca de haver apenas indícios físicos na citação.

Porém, quando surge necessidade de enxergar o mundo armado, mesmo Deus, quando paradoxalmente é indicada a potencialidade do chumbo , no *pedacinhozinho de metal*, o poderio do fogo, junto da predisposição do caboclo, remetem-no à categoria física, apesar da menção a este *universozinho*. Por isso mesmo, o manejador da arma também é de fortaleza física, aliada, sem dúvida à moral .

Reconhecendo, entretanto, a dúvida, voltamo-nos para exemplo capaz de fixar o perfil do caboclo do “Sertão brenhas e matas” : “Não, aí era a faca. O Jesualdo mesmo se fazia, fazia aquilo sentado num calcanhar . Aviava de encalçar o corte da faca nas beira do dente, rela releixo . (...) . Sem espelho, sem ver, ao tanto que era uma faca de cabo de niquelado.”¹⁵⁴. São exemplos desse tipo que nos autorizam classificar de característica física um *forte*, pelo manejo de revólver e bala de metal . Quando retornamos a esta primeira citação da tabela I, ao nos voltar para a última expressão da frase, encontramos-a , seguramente, na categoria de “Sertão sócio-cultural”, justificado pela expressão forte, *com astúcias* . Esse perfil adquirido pelas influências locais repete-se na citação : “No sertão , até enterro é festa”, já comentado pela tradição do rito de passagem

Outras manifestações sócio culturais frequentes em mais doze citações reportam-se ao perfil do jagunço , desta vez , evidenciando a categoria de cultural. Aparecem expressões metafísicas caracterizadas por tradição sertaneja como : não duvide, *puxe as rédeas* e as mais inesperadas expressões prosódicas como: “pendurado pé;” homem com homem de mãos dadas”, “só se a *valentia for enorme*”.

A predominância metafísica se faz por : “O sertão é bom ,aqui tudo é perdido, tudo é achado”, ou Diadorim, “ele era o em silêncios.”*citação* No item 4.2 : A

¹⁵⁴ João Guimarães ROSA, *Grande sertão :veredas*, p.127.

linguagem dos pássaros no Reino de Rosa, no grande sertão, procuramos as metáforas do mal. Em “escutei o fife de um pássaro sabiá ou saci; Por lá a coruja grande avoa, que sabe bem aonde vai, sabe sem barulho” confirmam a tendência das metáforas do mal por dúvida e superstição.

Em 4.3: O misterioso e inexplicável Diadorim, colhemos; “Já tenteou sofrido o a dor que é saudade? Dali rezei minha avemariazinha de de manhã; A vida da gente dá sete voltas; O Reinaldo, qualquer coisa que ele falasse para mim virava sete vezes”. O mal estigmatizado pela superstição publica-se pela linguagem. Um mal surdo, mas dançante parece em 4.3.3.A O Olhar do Jagunço Riobaldo a Jagunço Diadorim no dia a dia: *com o punhal se desafastou e deitou o corpo, outra vez. Os olhos dele dansar produziam, de estar brilhando*, e em 4.3.3B. O olhar de guerreiro para guerreiro: Jagunço Riobaldo analisa o cabra Diadorim, encontramos expressões para prender o leitor e mantê-lo atento. Só brilho. O entusiasmo pela vingança da morte de Joca Ramiro, seu secreto pai, passa para a expressão *tremeluzentemente, Diadorim raiava, A chuva água se lambia a brilhos*. A vingança, o ódio de morte, justo pela lógica, pecado pela ética e pela religião, fica sendo um mal perdido, dado a tantos viéses.

Diadorim Mulher, em 4.3.4 *traz: uns lembrares e substâncias (...) a Bigri, minha mãe ralhando, (...) a imagem de Nossa Senhor da Abadia, e minha Octacília*, ou a garça –rosada que repassa em extensão no ar, feito vestido de mulher. Tais imagens contam a condição de Diadorim, que, perdidas no cruzamento de tantos interesses, escapavam, ou eram ignoradas por medo. Nos dois casos o mal comandava.

O motivo de maior parte do ódio surge agora. É o centro do capítulo. Como rotatória, via de distribuição, viaduto vem Hermógenes em 4.4. Protagonista de papel único, colocamos um estandarte para anunciá-lo: *Hermógenes, o inimigo oficial do sertão*. Este título tem o objetivo de funcionar como um anzol para a percepção do leitor. As verdades absolutas exigem atenção. O fragmento 4 traz: *ele, o Hermógenes, meu de morte; o Hermógenes era positivo pactário; Mas no existir dessa gente do sertão então não houvesse (...) um homem mais homem?; Diadorim – pensei, assopra a mão na tua boa vingança*.

Guerrear era o objetivo, o empenho, o interesse político e a sedução de poder de todos os chefes. Chefia seduz e cega, omite os deveres sufocados pelo jogo fácil do império. O mal há em todos, houve assassinato recíproco em luta honesta, pelos parâmetros da região. Extirpados os estereótipos o mal está no sistema da jagunçagem.

Em 4.5, o último vigoroso item deste capítulo IV, apresenta o onipresente Riobaldo, focado em 4.5.1 e 4.5.2 e interpretado primeiramente como guerreiro, depois padecendo das consequências do golpe pelo assassinato de Diadorim e logo depois a reveladora superação. O Riobaldo Menino, diante do encontro com Diadorim Menino, além do medo pelo desconhecido, e da vergonha que sentiu pela sensação causada por outro menino, já comentada pelo viés de Diadorim, apresenta uma característica maléfica.

Negou a fé de sua mãe, pela qual deveria ser solidário. De acordo com a tradição local a mãe havia feito promessa de missa e esmola pela graça da convalescência dele próprio, Riobaldo. Cumpria no porto, onde encontrou Diadorim, a tarefa de esmolar para oferecer caridade e por soberba e vaidade, escondeu essa condição diante do Menino que o impressionara desde o início. Estamos aqui fazendo a análise fria, resguardados pelos sentimentos de presságios, Cólera de Deus, castigo, tópicos da simbólica do mal.

Riobaldo Jagunço (4.5.1) narra a preparação para um ataque: “E demos inferno;” e “Nonada”. Poder do Demônio, fiel ou mal interpretado indica, no mínimo, mal por desvario.

O personagem Riobaldo ainda é estudado em duas reações que esboça, alterando o rumo da trama, em *Grande sertão: veredas*. 4.5.1 a, A Queda e 4;5;1b, A Superação trazem outras visões do mal, em metáforas. A Queda tem um ciclo, tomamos sua retirada: “dei acordo de mim sarando e conferindo o juízo, a luz sem sol;” “Como é que eu ia destronar minha tristeza?” “Os símbolos luz sem sol,” evocam a tristeza que precisa ser superada. As sombras invadiram com a morte o entusiasmo que *rajava* em Diadorim. Esta aí a queda, pelas duas metáforas que perfilamos em uma nova e única frase.

Em 4.5.1b, uma difícil superação afeta personagem e leitores. O símbolo infiel não mascara a dor verdadeira de Riobaldo, mas cerceia. João Guimarães Rosa em, *dar-se fogo*, em 5 representa a mesma façanha que *dar inferno*, em 4.5, comentado acima. A superação de Riobaldo conta com o tempo, a solidariedade dos amigos no sertão, e com as ocorrências, fruto da percepção fenomenológica. Entretanto, o mal intrínseco na nossa espécie denuncia a impostura.

A tragédia, o equívoco foram aos poucos apagados. Repôs a vida, não a falta de Diadorim, mas o espaço similar deste. Diadorim passa a viver no imaginário e na lembrança de Riobaldo Jagunço, às claras e na companhia de Octacília. De certo modo, isso foi proposto a ele, antes da batalha, em outras circunstâncias, a intenção de ir morar com o casal. Entretanto, o medo maior de Riobaldo decorre de uma ameaça profunda: “Eu tinha medo de homem humano, e por alguma ordem política de se dar fogo contra o desamparo de um arraial”.

Em 4.5.2 contamos com a sabedoria de Riobaldo Velho:

Deus(...). Deixa bobo com bobo, um dia estala e aprende: esperta; Até as pedras do fundo uma dá na outra, vão se arredondinando lisas, que o riachinho rola; o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas.¹⁵⁵

A *mimesis phraséos* permite o enredamento epifórico, cuja semente vem da léxis poética. Mundo e homem conversam pelo mito.

Mas a epifora diz também do mal, em 5 do mesmo modo que em item 4.5.2: *aquilo mesmo que a gente receia fazer quando Deus manda, quando o diabo pede se perfaz*. A difícil compreensão do Bom e do Justo pende para o lado inverso, e um diabo reles, isomorficamente desprezado por uma consoante em minúsculo, ratifica o traço natural do mal no homem.

Findos os capítulos, passamos à conclusão geral, na qual acentuaremos, na devida sequência, o entroncamento de nosso trabalho e faremos um balanço retrospectivo da tese, apontando os ganhos, as limitações e prospectando novos horizontes de pesquisa.

¹⁵⁵ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p16

CONCLUSÃO

Duas partes, quatro capítulos, esse é o corpo desta tese. Houve a necessidade de procurar um instrumento poderoso para ler o mal em *Grande sertão: veredas*. Deu-se, a partir daí, a concentração de dois autores vigorosos. Paul Ricouer mereceu nossa atenção por ter dedicado várias obras ao entendimento da leitura, interessou-se por desembrenhar do recôndito mais profundo a materialização da expressão por meio dos símbolos. Ele dedicou-se a entender a parte imanente que a transcendentalização traz de volta, por meio da expressão. Entendendo, pois o símbolo, ele já dispunha de matéria prima, atributo que usou para conhecer melhor este fenômeno que intriga filósofos e literatos. Nessa motivação voltamos à filosofia da linguagem.

A partir da metáfora acontece o vacilo do símbolo, e isso permite que o imaginário, parte distintiva humana, crie reverberações para designar o mesmo fenômeno. Por correspondência chega a uma comunicação, por meio de imagem transportada, provinda de idéia que não achou o símbolo definitivo. Esse é o doce martírio da Criatura, primeira fonte de especulação desde a era dos mitos, trazido enigmaticamente, ao filosofar, expresso por Saint Exupéry após duas guerras mundiais: “*A linguagem é uma fonte de mal entendidos*”¹.

Apoiamos nossas inquietações nesta declaração de dificuldade, porque, encarnando as reações do Pequeno Príncipe, uma criança imaginária, que diz as verdades mais contundentes, pois elas são tão autênticas que dispensam comprovação, Antoine de Saint Exupéry exorta a função da linguagem denunciando o mal espontâneo, natural que ela encerra.

É coerente com o que Paul Ricouer discute em sua *Simbólica do Mal*, e fecha a questão, convalidando o sistema. Se o homem traz uma tendência para o mal, sua fonte de expressão, a linguagem, também o repete. Há, deste modo, uma dificuldade inicial, que a infidelidade do símbolo traz por legado. Em contrapartida, há a autonomia humana. Está constituído o campo de luta no

¹ Primeira epígrafe, no primeiro capítulo desta tese. Antoine de SAINT EXUPÉRY, *O Pequeno Príncipe*, p.79.

relacionamento humano. Os homens definiram o que é ética, mas uma grande maioria tenta obscurecer o que é a impostura.

Concordamos que sendo instrumento de expressão do homem autônomo, existindo livremente nas situações, a linguagem dança e sapateia a deusdar.² Na mesma medida em que se amolda à intenção do falante, toma conta do seu sujeito porque, no transcorrer da mensagem, invade o campo emotivo, e levanta-se, pelo olhar do emissor, por suas lágrimas, ou por seu sorriso mentiroso, contra ele próprio. Aí está o mal presente, em latência, mas de acesso imediato no âmago da linguagem.

A metáfora, esta estrela aporética, foi, portanto, estudada por Paul Ricoeur a partir de seu mais ancestral estudioso, Aristóteles. O atributo da semelhança foi defendido por ele, e rompeu vitorioso, mediante rigorosa e estafante pesquisa, depois de ser contestado e mantido ao lado de todas as teorias mais modernas. Sua *A Metáfora Viva* representa a história da expressão, e tem epílogo clássico. Com tal instrumento por teoria, e mediante nossos estudos, surgiu para João Guimarães Rosa um nome pelo qual ainda não se o havia chamado. Ele é epifórico.

Adjetivo provindo de epifora, nome dado por Aristóteles, é estudado ao longo do nosso primeiro capítulo. Inicialmente, *Retórica* tinha função nobre no horizonte da comunicação, que era de *ser eloqüente e público-mestra da persuasão*.³ Porém Platão teve interpretação diferente, a comparou à sofística, ou seja o *bem falar* apenas . Poderia favorecer a condução da expressão, por meio de uma persuasão maléfica⁴. Aristóteles via de outra forma, Retórica, para ele catalizava a persuasão como auxiliar da *episteme*.

Surge dessa questão um ponto comum entre Retórica e Poética : a epifora do nome. A própria Retórica reconhece o que a Poética preconiza, ou seja, provê o intercâmbio entre a coisa e o nome, ou do gênero à espécie, ou

² Expressão regional brasileira muito usada por João Guimarães ROSA ,em *Grande sertão : veredas*, que se oferece espontânea neste epílogo de trabalho . Como traduz brejeiramente o que pensamos acolhemo-la . Seu sentido , facilmente percebido pelo senso comum parece vir da tradição cristã. A beleza da expressão leve e comunicativa, rescende à cultura sertaneja ponto de ancoragem de nossas pesquisas acerca do mal

³ Cf. capítulo I. Paul RICOUER, *A Metáfora Viva*, p. 18.

⁴ Esta também foi a visão, (descontando-se a proporção e acrescentando-se as influências de época) dos Modernistas brasileiros, contra nossos Parnasianos, na segunda década do século XX.

da espécie ao gênero, e, ainda, por analogia e por proporção. Para a Poética, a *léxis* (plano total da expressão), dá-se por intermediação da elocução (*logos*), letra, sílaba, conjunção, verbo e suas flexões e nunca pelos atributos de ordem, razão, narração, interrogação, que pertencem à Retórica.

Neste ponto Ricoeur intervém. Como uma unidade de segmentação na *léxis*, a metáfora liga-se ao nome (*onoma*, expressão que foi postulado por séculos). Mas o nome significa por si só, e, na *lexis faz*, parte de um discurso. Esse discurso *trans-fere* informações, e também significados – traz mudança. Eis a epifora, a alma da metáfora. Acontece porque expande, reprocessa, abrange, orna, desvia, como todo e como parte, de acordo com os quatro traços provindos da Póética.⁵ Ela aparece tendo como cúmplice a percepção, é um *jogo de olhar*; o olhar que descobre a semelhança no diverso.

Esse olhar é vigiado pela Retórica aristotélica. Diferente da visão a partir de Platão, é uma retórica filosófica, que confere ao jogo do olhar o estatuto da lógica. O jogo de olhar, portanto, une uma *tecné* mais elevada, mediada pela lógica que bebe nas águas da persuasão, mas a dilui com o benefício da verossimilhança. Vem, daí, dessa atividade uma nuance de siso, que ao invés de coibir a imaginação, a faz fértil e verossímil, existente; a metáfora viva.

Navega nessas mesmas águas o *mytos*, revelação que surge pela imitação criadora; assim o é porque vem da *physis* grega, que é viva. Quando assimilada a outras vivências torna-se *mimesis*, imitação criadora (*mimesis phiseós*), que ultrapassando a *léxis* atinge a função reveladora, com o lógico produto do real.

Acompanhando a evolução dos estudos para a visão da metáfora, Ricoeur defende seu objetivo de ter na metáfora viva aquilo que ele defende de Aristóteles, a semelhança. Por isso, ele adota de Michel Le Gern dois estudos, incorporando-os aos poucos à definição de metáfora viva de acordo com as descobertas das ciências modernas, e ao mesmo tempo, ao acervo cultural, capital cultural, diria Pierre Bourdieu, desta nossa civilização.

⁵ Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 24-42. Discutimos essa questão no capítulo I, item 1.1. deste trabalho.

Ricouer adota duas contribuições de Michel Le Gern. A primeira quando de Frege, a noção de que *sentido* seja o valor de cada lexema do código (o valor material de cada signo lingüístico, que traz um conteúdo). *Referência*, para Frege e Le Gern envolve relação geral entre os signos da mensagem, expandindo a significação. Nesse sentido, *referência* liberta para que surjam interpretações por elipses, que *voam*, como quer Gaston Bachelard, nas asas, potentes, seguras de uma ave de porte grande ; a imaginação.

Esta ave de voo seguro conduz Paul Ricouer, a segunda adoção de Le Gern, a partir de Greimas, em *Sémantique structurele . Recherche de méthode*. Fundamentado nesse tratado, Le Gern percebe, e Ricouer concorda que, se na metáfora não for considerado o domínio da lógica a metáfora teria uma análise apenas sêmica, implica dizer, apenas ligada ao código, enquanto que a metonímia permite relação com o contexto, inclusive trazê-la em latência , como uma elipse.

Entretanto, destacando-se de Le Gern, Ricouer considera que a metáfora não é apenas um fenômeno de abstração, ela ainda determina o marco para onde vai o desvio provocado entre os dois pólos. Isso ocorre porque a metáfora tem compromisso com o contexto geral, no texto no qual vive. O estudo de Le Gern é , no ponto de vista de Ricouer, sem precedente, e insubstituível para a manutenção da tese da semelhança, na questão da metáfora. É quando aborda o ponto crucial alcançado no estudo precedente de Le Gern, o da relação entre a dinâmica do enunciado e seu efeito no nível da palavra. E está ligado intimamente à similaridade, que para Le Gern é analogia.

Estes pressupostos foram colocados no nosso primeiro capítulo como corolário da noção de metáfora viva. Embora muitas metáforas relativas ao mal tragam, em *Grande sertão: veredas*, comparações finais à guisa de reafirmação, um procedimento típico sertanejo constatado e apontado nas tabelas elaboradas no capítulo IV de nossa tese, não nos debruçamos em sua análise, pois nossa intenção está preclara; são metáforas que abordam o mal e sua simbologia.

Paul Ricouer incorpora o estudo de Paul Henle ao seu porque ambos percebem que não há outra maneira de transmitir os ícones imaginários por meio de texto escrito, ou mesmo simplesmente relatado oralmente, sem a

descrição. Outros recursos de transmissão de ícone criam outras modalidades de arte, nunca um relato discursivo, diretamente. Por isso a metáfora produz efeitos paralelos, como ampliação de vocabulário, e o mais importante para essa nossa pesquisa, possibilita captar imagens do concreto, para revertê-las para o abstrato⁶.

Esta observação possibilita a aproximação entre Paul Ricouer e João Guimarães Rosa. A linguagem em *Grande sertão: veredas* funda-se no estágio do mito, e depois, pelo próprio enredo migra para o estágio da sabedoria. Ambas as noções encontram-se em *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, de Paul Ricouer. No capítulo IV, favorecidos pelo entendimento do capítulo III⁷, estudamos as metáforas-epíforas do mal.

Em resumo, são quinze fragmentos com definições metafísicas, sócio-culturais e físicas que estudamos e relatamos por meio, inicialmente, da tabela I. A necessidade surgiu pelo fato de termos encontrado as três categorias já mencionadas nas definições do circunspecto personagem Riobaldo a Sertão, especialmente na etapa de sua velhice. A profundidade da menção *O sertão está em toda a parte*, remete à instância universal de *Grande sertão: veredas*, e esse foi o motivo de termos criado, para a tabela I a categoria de Sertão-Mundo. A extensão filosófica dos fragmentos que isolamos da obra autoriza tal nomenclatura : “ O sertão é arte em demasiado sossego”. E, inserida em nossa temática, textualmente temos : *Enchi minha história(...) eu ia denunciar, dar nome a cira ..Satanão! Sujo!. e dele disse somente – S... – Sertão.*

Estudar *Grande sertão: veredas* traz uma série de dificuldades. Como o próprio autor diz, por metáfora belíssima, *é querer abraçar a serrania*. Decidimos, então, dividir as montanhas. Desta forma, começamos por uma que emerge em toda obra de João Guimarães Rosa. A abordagem aos pássaros, interesse despertado pela característica mística do autor, e que resultou em pesquisa objetiva para o tema, por parte dele. Por isso temos desenvolvido

⁶ Eis ARISTÓTELES vivo, fundamentando a semelhança na metáfora viva por sua noção conteúdo e forma

⁷ Refazendo o fio condutor do trabalho, atingiremos a teoria de Paul RICOUER, em sua simbólica do mal e a mediação feita com *Grande sertão : veredas*, no capítulo III, páginas à frente .

observação a essas descrições e passamos a interpretar a linguagem que ele codifica, a partir da figura e atitude dos pássaros.

Neste trabalho enfocamos as manifestações do mal, em metáforas, por meio dessas linguagens, porém, antes de haver o mal, precisa haver o tempo e o espaço para que ele aconteça. Esta é a razão da epigrafe do item 4.2 *A linguagem dos pássaros e as metáforas do mal, no Reino de Rosa, no Grande sertão* : “O dia depois da noite, motivo dos passarinhos.” Porém, para representar o estudo do mal neste item citamos : “- a gente se capacitando do profundo que dinheiro para ele devia de ter valor. Por aí, vi que ele era adiantado e sagaz. Porque : ema , é a primeira que ouve se sacode e corre – e mesmo em quando tem razão.”

4.3 é a subdivisão que analisa as metáforas do mal atribuídas ao personagem Diadorim. Ele, pela narração do agora Riobaldo Velho representa neste ponto de sua vida, dor amortecida, revestida de amargura, evidente em : “Moço : toda saudade é uma espécie de velhice.” Este mal por lembrança, lembrança de coisa boa traz, do ponto de vista estético, duas características de Guimarães Rosa que merecem registro, por divulgarem alguma espécie de sistema, em sua prosa impar.

A primeira, propriamente metafísica, é a do tempo, metaforizado por mil estratégias diferentes nesta obra, e outra, morfológica é o uso taxativo dos dois pontos, exprimindo pelo acento da região as definições de Riobaldo – narrador. Do ponto de vista da interpretação, a *saudade* lamentada refere-se ao item 4.3.1 Diadorim Menino. Lá também analisamos: *Sonhação - Acho que eu tinha que aprender a estar alegre e triste juntamente, depois, nas vezes em que no Menino pensava*. Esta ultima expressão confirma o mal ambíguo que a saudade produz, alegria e tristeza misturadas.

Em 4.3.2, o moço Reinaldo, nos traz novas metáforas. Este estudo foi indicado pela tabela II, trata-se de um período de convivência diária de Diadorim, (o Moço Reinaldo) com Riobaldo. Nesse tempo, os dois foram companheiros de jagunçagem. As ocorrências de registro foram tantas, que houve necessidade de erigir esta nova tabela para viabilizar a praticidade da leitura. A outra opção seria um novo anexo, que a nosso ver seria de mais difícil manejo, e dificultaria, por motivos práticos a leitura. A tabela II, determina,

em três colunas, o número do fragmento, do total de dez que compõem essa nova seleção, a ocorrência da metáfora situada no texto e sua análise correspondente, em pólos metafóricos, acréscimos por afixos, operações de transporte entre classes morfológicas, enfim, tudo aquilo que opera a mudança, e que denominamos enredamento epifórico.

Citamos apenas o décimo fragmento aqui, que sintetiza todos os outros, para dar conta da relação dos dois jovens na jagunçagem, sob o mal do tormento de um sentimento estranhado: *Escuta : eu não me chamo Reinaldo, de verdade . Este nome apelativo, inventado (...) carece de você não me perguntar por quê (...) A vida da gente dá sete voltas – se diz . A vida nem é da gente.* A confissão definida pela simbólica do mal ricoueriana trata da confissão de um mal. A compreensão deste neste caso é diferente, é demonstração de amizade, e cumplicidade que parece não ameaçar ninguém.

Entretanto, evoca o mistério. Riobaldo, dando crédito ao sobrenatural, primeira apreensão presentificada pela cultura, e Diadorim, na obrigação de honra, vingar a morte do pai, sofria o mal da resignação, por não poder revelar sua condição feminina. Revestindo o drama está a cultura dos Gerais, na sua tradição de jamais aceitar mulheres no bando. Esse é o próprio motivo de Joca Ramiro, chefe de bando afamado esconder a identidade de gênero de sua filha.

Resta ainda notar em 4.3.3. as situações A e B, que criamos para analisar as circunstâncias vivenciadas no decorrer da jagunçagem. No cotidiano, situação A, o clima era de tensão, e frustrações por parte dos dois personagens, e na perspectiva da guerra, situação B, o que aparece é um Diadorim brilhando de entusiasmo pela oportunidade da vingança, término da missão de honra, e liberdade para acabar com o martírio dos dois enamorados, pois possibilitaria a revelação da condição feminina de Diadorim.

Isso nos leva a pensar que há o mal estar intrigante da desorientação sentido por Riobaldo, e a resignação, que ante a oportunidade da batalha, aparece por meio do brilho em Diadorim. O entusiasmo provém da predisposição para cumprir o dever de honra, porém também pela ânsia de esclarecer a equivocada situação.

Tal condição aparece espargida, com capricho, por Guimarães Rosa, em 4.3.4. Talvez reflète o mesmo sentimento que o autor tinha no contato com suas netas meninas, em seus períodos de ausência, na vida real, quando mantinha contato por cartas e cartões⁸. Em *Grande sertão: veredas*, as evidências da feminilidade aparece principalmente em : *Diadorim, ele firme mostrando, feito veada-mãe que vem aparecer e refugir de propósito, em charmariz de finta ,para gente não dar com o veadinho filhote onde ele está amoitado. A metáfora por verbo, dada pelos pólos contrários aparecer e refugir, mostra pela natureza o medo de assedio à cria, mal por opressão, na ameaça física percebida pelo instinto materno , mas a evidência feminina concretiza-se pela comparação feito veada –mãe.*

Entre Diadorim e Riobaldo, consoante com os trágicos acontecimentos no desenrolar da obra, está Hermógenes.⁹ A numeração desse segmento no trabalho é 4.4, Hermógenes, o inimigo oficial do sertão. Insistimos nessa definição de oficial, porque toda verdade absoluta merece investigação, e, quando a examinamos, percebemos que Hermógenes era só um personagem estigmatizado no sertão, por seus feitos brutais, que, entretanto, não eram característica apenas dele. Também o boato era de seu pacto com o Demo. A fama criada pela superstição popular, o corpo-fechado foi desmentida pelo enredo, assim a morte de Joca Ramiro, outro chefe foi relativa às regras da jagunçagem. Mal houve nos equívocos, nas disputas e nas perdas de vidas humana, males de guerra, similares às tragédias A análise deste personagem foi feita por meio da tabela III, em quinze fragmentos, e em item sem subdivisões, diretamente.

Em 4.5, Os três Riobaldos, já conhecemos: o Riobaldo Menino, no encontro com Diadorim Menino. Em Riobaldo Jagunço temos ainda o mal mentiroso, produzido pela superstição religiosa, que aparece pelo respeito mal esclarecido e incentivado pela insegurança; medo de possíveis ameaças : *por*

⁸ A obra póstuma Vera TESS, Antonio CÂNDIDO e outros, *Ooó do vovô. Correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess*, demonstra, por reproduções, a comunicação sonora e icônica do autor ,em esforço para se fazer entender pelas netas ainda não perfeitamente alfabetizadas , em período que permanecia em missão diplomática fora do Brasil. Além da EDUSP, a PUC/MG. e a Imprensa Oficial colaboraram com o projeto .

⁹ Devemos ressaltar,para maior clareza deste parágrafo, que Hermógenes matou Diadorim,em assassinato recíproco,porque também morreu nessa luta.

acostumação ele tomava banho era sozinho, no escuro (...) alguns procediam assim esquisito, os carbojudos, sujeitos de corpo fechado. Em 4.5.1a e 4.5.1b temos A Queda e A Superação. Entre dor e surpresa : *Diadorim era mulher como o sol não acende as águas do Rio Urucuia*, aparece ainda o alento de um interesse renovado : *meu coração rebateu, estava dizendo que o velho era novo (...)* *Octacília (...)* *me saudou com sauvável carinho, adianto de amor.*

Em 4.5.2 , finalmente, Riobaldo Velho percebe a *paciência de Deus, Deus (...)* *faz as coisas na lei do mansinho ; Decisão de vender alma é afoitez vadia , fantasiada de momento; a ruindade nativa do homem só é capaz de ver o aproximado de Deus é em figura do Outro?* A superstição coloca o caboclo a mercê dos ditames do catolicismo antigo,. O diabo é então o eterno inimigo. A questão do pacto com o demônio, a venda da alma também é noção cultural aqui, e em outros países. É uma essa tradição que ameaça a possibilidade do Bem, por escolha.

Com respeito à velhice de Riobaldo, a linguagem da sabedoria evoca toda a beleza percebida pela experiência, toda compreensão dos males aplacados pelo tempo, que explicam ou confortam as dores. Porém, persiste a amargura do velho, pois a experiência não consegue eliminá-la.

Amargura da velhice, porque o tempo dividido nunca desaparece. Entretanto , revendo o recurso que fazemos ao arcabouço teórico de Ricoeur, percebemos que algumas noções importantes da obra *The Symbolism of evil* trabalhadas na segunda parte do capítulo II, não foram suficientemente exploradas. São elas de grande importância para analisar a travessia de Riobaldo que, do mal desemboca na chegada à Transcendência. Um amplo estudo dessa caminhada a partir da simbólica do mal daria assunto para outra tese . Quiçá para uma pesquisa de pós-doutoramento.

Em síntese, e apenas enunciando os grandes tópicos da simbólica do mal, podemos declarar que é possível notar a travessia de Riobaldo, “a confusão”, que não tem características da racionalidade teológica, mas procede pela experiência de um amor que julgava proibido e se expressa em mitos, símbolos, de múltiplas faces, desde os cósmicos até os oníricos, em seus sonhos e devaneios envolvidos em uma profunda poesia ,pelos quais se reconhece a sua confusão.

Poderíamos, se tempo houvesse, ver na sua caminhada, os símbolos primários do mal, o sentimento de impureza, um certo terror ético, uma cisma de estar manchado, um pavor às vezes sublimado; o sentido do pecado em varias expressões e figuras; embora não tenha ele idéia clara de culpa, Riobaldo se vê imputado e apenado, tem escrúpulos, sua vontade se torna servil do seu amor impossível, chega às raias do trágico. Várias vezes suas falas denotam lamentação e repreensão.

Ele fez uma longa caminhada pelos mitos até atingir a sabedoria, a conquista de uma experiência do transcendente vivida e não gnóstica, que se expressa em reflexões até metafísicas, mas se direciona ao agir e ao sentir.

Alcança um estágio em que a lamentação, a queixa e o luto se superam pela fé sertaneja. A sua teodicéia cabocla não chega a uma teologia do protesto nem a uma teologia da cruz. Mas, como em Jó é possível afirmar que, na travessia de Riobaldo, Satã perdeu sua aposta e ele alcança uma sabedoria que destrona a violência e o ódio e se torna amor, um novo amor, que assume e mantém na lembrança o antigo, agora sem culpa e sem pessimismos.

Por último, voltamos as nossas questões e hipóteses levantadas na introdução à tese. O percurso, que ora encerramos parece ter dado respostas satisfatórias às indagações preliminares. Os capítulos teóricos deram conta de explicitar o sentido das metáforas e dos símbolos que possibilitaram uma análise minuciosa da obra principal de Guimarães Rosa sob o aspecto do mal

As expressões simbólicas e metafóricas-epifóricas respaldaram a interpretação do mal na obra em tela numa perspectiva de Transcendência.

A suposição de que *Grande sertão: veredas* constitui um texto profundamente epifórico e simbólico, e que o seu autor possa ser definido como um mestre epifórico da linguagem ficou patente ao longo do percurso, no qual nos deparamos com uma riqueza de figuras, cujas expressões apontam para um epílogo do mal, uma travessia para a transcendência.

Grande sertão: veredas é um relato, Riobaldo o admite em : “Conto o que fui e vi, no levantar do dia . Auroras”¹⁰. Esta última metáfora, de luz, compara juventude com o nascer do dia, início da aparição da luz do sol. A velhice precisaria de iluminação especial? Não precisa, ela tem, é a luz da sabedoria.¹¹ E a referência disso entendemos pelo estágio da linguagem, no nível do mito, predominante em todo o romance. Riobaldo aprendeu vivenciando a origem dos equívocos e a maneira de esclarecê-los. Quando o tempo, no espaço explica a existência há a linguagem da sabedoria, iluminada pela transcendência. Isto é o homem, em seus horizontes de transcendência.

¹⁰ João Guimarães ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 460.

¹¹ Cf. Paul RICOEUR, *O mal, um desafio à Teologia e à Filosofia*, p. 26-30.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- BIZZARRI, E. *João Guimarães Rosa-correspondências*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d..
- BORELLI, Dario Luis. Dossiê Guimarães Rosa. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 58, 2º sem. 2006.
- BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- BUYSENS, Eric. *Semiologia e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1967.
- CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; XISTO, Pedro. *Guimarães Rosa em três dimensões*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1972.
- CASSIRER, Ernest. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DERRIDA, J.; VATTIMO, G. (org.). *A religião. O seminário de Capri*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. *Linguística e ensino do Português*. Coimbra: Almedina, 1979.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Uma filosofia do cogito ferido: Paul Ricouer., in *Estudos Avançados*. vol 11, n. 30. São Paulo. MAIO agosto de 1997. http://www.scielo.php?script=sci_arttextpid=S0103-40141997000200016. Acesso 16/08/2007
- GALVÃO Nogueira Walnice, *O humor de Guimarães Rosa*, *Língua Portuguesa*, São Paulo, n. 24, ano II, 2007, p. 40-41.
- GARGANO, Antonio. Entrevista-lezione: Paul Ricouer: L'idea di giustizia, <http://www.donatoromano.it/intervist/44htm>. Acesso em 29/06/2007
- GRANATO, F. *Nas trilhas do Rosa*. São Paulo: Página Aberta, 1995

HANSEN, J. A. o Ó. São Paulo: Hedra, 2000.

JACKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2001.

LYONS, John. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Edusp, 1979.

LUCKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

MARINHO, Marcelo. *GRND SRT*. Campo Grande: Letra Livre, 2001.

MIDLIN, J.; CAVALCANTI, M. C. S. *7 episódios de Grande Sertão: veredas*. CD..Coleção Ler e Ouvir 1. Rio de Janeiro : Nonada Cultural, 1992.

MULLER. Denis. *Paul Ricoeur (1913-2005) um philosophe aux prise avec la théologie*. *Rubrique Philosophie*, www.contrapointphilosophie.eh, oct 2006. Acesso em: 29 jun 2007.

QUEIROZ, José. J. A crise dos grandes relatos e a religião. In: BRITO E. J. C; GORGULHO, G. *Religião no ano 2000*. São Paulo; Loyola, 1998, p. 17-28.

_____. Filosofia da diferença e identidades culturais, *Revista Eccos*, São Paulo, v. 3, n. 1, 2001, p. 25-40.

_____. Deus e crenças religiosas no discurso filosófico Pós-Moderno. *Linguagem e Religião*, *Revista REVER*, www.pucsp.br/rever, São Paulo, n. 2, 2006, p. 1-23.

RICCOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

_____. *Metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Symbolism of evil*. New York: Houghton Mifflin Sch, 1969.

_____. *La Symbolique du mal*. Paris: Aubier Editions Montaigne, 1976.

_____. *O mal, um desafio à Filosofia e à Teologia*. Campinas: Papirus, 1986.

_____. *O Conflito das Interpretações*. Porto: RÊS, 1990

_____. *Le scandale du mal*. *L'Europe plurielle*, Juillet, n.3, 2005.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

_____. *Sagarana*. 34ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

- _____. *Primeiras Estórias*. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- _____. *Estas Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- _____. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- _____. *No Urubuquaquá, no pinhem*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1984.
- _____. *Manuelzão e Miguilin* (Corpo de baile). 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- _____. *Correspondência com o tradutor alemão*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- _____. *Cartas a William Agel de Melo*. Rio de Janeiro: Atalier Editorial, 2003.
- _____. *O o ó do Vovô*. Correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess. São Paulo: Edusp, 1966.
- SCHÜLLER, Donald. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 2000.
- SICHÉRE, Bernard. *Historias del mal*. Barcelona: Gedisa, 1995.
- SPERBER, Susi F. *Caos e cosmos*. Leituras de João Guimarães Rosa. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- WARD, Souto Terezinha. *O discurso oral em Grande sertão: veredas*. São Paulo: Duas Cidades, 1984.
- UTÉZA, Francis. *Metafísica do Grande Sertão*. São Paulo: Edusp, 1984.

ANEXOS

ANEXO I

Este anexo destina-se ao acompanhamento das páginas 165 A136. Por se tratar de interpretação da mesma sequência do item anterior ,que foi feita na ordem de entrada dos fragmentos, um a um, e, entretanto haver a necessidade de nova interpretação agora pelo estágio de linguagem da sabedoria, este anexo destacável visa a praticidade de operacionalização .

1-Estes gerais são sem tamanho. Enfim, Cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pães ou pães é questão de opiniões. O sertão está em toda a parte (p. 9)

2-Conseguiu de muito homem e mulher chorar sangue, por este simples universozinho nosso. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte com astúcias. Deus mesmo, quando vier que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal... (p. 18)

3-O padre com chapéu-de coró, prà-trazado. Só era uma procissão sensata enchendo estrada (...); as velhas tiravam ladainha, gente cantável. Rezavam indo da miséria para a riqueza. (...) lá venta é da banda do poente, no tempo- das -águas; na seca, o vento vem deste rumo daqui. O cortejo dos baianos dava aparência de uma festa. No sertão, até enterro simples é festa (47)

4-Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel. O senhor me ouve, pensa repensa, e rediz então me ajuda. (...) Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei ninguém não sabe. Só umas raríssimas pessoas - e só essas poucas veredas, veredazinhas (p. 79)

5-E foi logo de se emendar depois do barulhão em Carinhanha - mortandades. Carinhanha que sempre foi de um homem de valor e poder: Coronel João Duque _ o pai da coragem. Antonio Dó, eu conheci, (.) tinha uma feirinha lá (.). Andalécio foi meu bom amigo. Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba? (p.129).

Em narração do espaço Chapadão do Urucuia (pp288-289)

6-O Chapadão do Urucauia, em que tanto boi berra... (...) Trovoou truz , dava vento . E chuvas, que minha língua lambeu. (...) Doenças e doenças! Nosso pessoal, montão deles, pegou a mazelar. Quadrante que assim viemos por esses lugares que o nome não se soubesse. Até, até. A estrada de todos os cotovelos. Sertão - se diz - o senhor querendo procurar nunca encontra. De repente, por si só, o sertão vem. Mas, aonde lá era o sertão churro, o próprio, o mesmo.

7-Tem muitos recantos de muita pele de gente. Aprendi dos antigos. O que se assenta justo é cada um fugir do que bem não se pertence. Parar o bom longe do ruim o é longe do doente, o vivo longe do morto, o frio longe do quente, o rico longe do pobre. O senhor não descuide deste regulamento, e com as suas duas mãos o senhor puxe a rédea (...)

E, de repente aqueles homens podiam ser montão, montoeira (...) mis e cento milhentos... E bebiam cachaça (.) e pegavam mulheres. Era preciso mandar tocar depressa os sinos das igrejas, urgência implorando de Deus o socorro. E adiantava?(.) aí foi que eu pensei o inferno feio desse mundo. (...) Bobeia minha? Era. (...) Eu, que estava mal-invocado por aqueles catrumanos do sertão. Do fundo do sertão. O sertão: o sertão sabe. (pp.294-295)

8-De ser de linhagem de família, ele conseguia as ponderadas maneiras, de cidadão... Tarde seria para eu aprender. Na verdade. Àquela hora (...) assumi incertezas. Espécie de medo? Aos poucos, essas coisas tiravam minha vontade de comer farto. - "O sertão é bom. tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado..."- ele, seo Ornelas dizia. - "O sertão é confusão em grande demasiado sossego..." (p. 343)

9--Travessia dos Gerais

Tudo de armas na mão

O sertão é minha arma

E o rei dele é Capitão!

Arte que cantei, e todas as cachaças. Depois os outros às fanfas entoaram (.). De todos, menos vi Diadorim: ele era o em silêncios. (p. 350)

10-Homem com homem, de mãos dadas, só se a valentia deles for enorme. Aparecia que nós dois já implícitos cavalhando lado a lado, para par a vai-a vida-

inteira. Que: coragem - é o que o coração bate; se não, bate falso. Travessia -do sertão - a toda travessia (p. 379)

11- E o velho, no esquipático de olhar e ser, qualquer coisa de mim (...) tive que indagar leixo, remediando com gracejo diversificado: _ “Mano velho, tu é nado aqui ou de donde? Acha mesmo assim que o sertão é bom... Bestiaga que ele me respondeu, e respondeu bem: e digo o senhor:

_ “Sertão não é maligno nem caridoso, mano oh mano: - ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo. (p 394)

12-O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão, de repente se estremece debaixo da gente... E - mesmo - possível o que não foi.(395)

13- Agora, o Alaripe e o Quipes regulando deviam de ter achado minha Octacília (...) em tão precipitados surtos. Artezinha. Sei o grande sertão? Sertão: quem é dele é urubu gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remediando a alegria e as misérias... (435)

14- Sertanejos, mire veja: o sertão é uma espera enorme. (436)

15- Enchi minha historia (...) eu ia denunciar, dar nome a cira: ... Satanaõ!Sujo!...E dele disse somentes - S.. - Sertão... Sertão .. Só era o cego Borromeu.- “Você é o Sertão?! Riu de me dar nojo. Mas nojo medo é, é não? (448)

ANEXO II

Para análise do item III.2.2.c, pp 165 a 175 selecionamos novos quinze fragmentos que se relacionam com o drama vivido pelo personagem Riobaldo. Repetimos a metodologia anterior de facilitar o acompanhamento das exegeses, por meio dos fragmentos de texto destacáveis ,e portanto de mais fácil operacionalização .

1-Uivei. Diadorim!(...) Diadorim era mulher como o sol não acende as águas do rio Urucuia, como eu soluzei meu desespero. (p. 454.)

2-Os cabelos com marca de duráveis... Não escrevo, não falo!_para assim não ser: não foi não é não fica sendo! Diadorim (p.453)

3_ Que trouxessem o corpo daquele rapaz moço, vistoso, o de olhos muito verdes... Eu desguisei. Eu deixei minhas lágrimas virem, e ordenando: - “Traz Diadorim!” - conforme era. (p. 453)

4-Morto... RemortoO do Demo...Havia nenhum Hermógenes mais (...)no vão do pescoço :já ficou amarelo completo ,oca de terra , semblante puxado escarnescente ,como quem da gente quer rir – cara sepultadaUm Hermógenes! (p. 452)

5--Diadorim tinha morrido_mil-vezes-mente_ para sempre de mim; eu sabia, e não queria saber, meus olhos marejavam. (p.451)

6-O que vendo, vi Diadorim_movimentos dele. Querer mil gritar, e não pude desmim de mim mesmo, me tonteava, numas ânsias. E tinha o inferno daquela rua, para encurralar comprido... Tiravam minha voz.(p.450)

7- Tudo ali era a maldição, as sementes de matar. De ouvir o renje uim-uim dessas, perto de nossos cabelos... Era a cara pura da morte - Av'ave! Marcelino Pampa, logo esse (...). Um homem morre mais que vive, sem susto de instantaneamente, e está

ainda com remela nos olhos, ranho moço no nariz, cuspes na boca, e obra e urina e restos de de-comer, nas barrigas... (p.440)

8- E eu tinha de gostar tramadamente assim de Diadorim, E calar qualquer palavra. Ele fosse mulher, e à - alta e desprezadora que sendo eu me encorajava: no dizer e no fazer _ pegava, diminuía: ela nomeia de meus braços!(p. 436)

9- - "... Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí ,quando tudo estiver repago e refeito ,um segredo, uma coisa, vou contar a você..." (p. 386)

10- E tudo se sombreava, mas só de boa doçura. Sobre o que juro senhor: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele viu foi à imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer :que era belezas e amor, com inteiro respeito,e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança (p. 374)

11- Condenado de maldito, por toda a lei, aquele estrago de homem estava; remarcado: seu corpo, sua culpa! (...) Que o Diadorim. dissesse ; que dissesse .Que aquele homem leproso era meu irmão ,igual criatura de si ? Eu desmentia. (p. 373)

12-_ "... Sujeito se sumiu nesse mundo, carregando com o rastro, medo dele era medonho... Só sabemos o nada dele. (...) a gente largava a égua ali mesmo, acaso algum dia o homem voltava (...). Amontamos. e a cachorrinha?- "Reinaldo, essa tu quer? "(...) - ele melhor respondeu : - " Só se convém soltar a coitadinha , de seguro ela vai se encontrar com onde estiver o dono"(....) Valia o senhor ver o raio de amor que tangeu a cachorrinhazinha : que latiu suas alegrias e airada correu (p.365)

13 – Aí , quando ninguém não viu, eu saquei a mochila , desfiz a ponta de faca as costuras , e entreguei a ele o mimo, com estilo de silencio para palavras. (....) Diadorim entrefez o pra-trás de uma boa surpresa , e sem querer parou aberto com os lábios da boca ,enquanto que os olhos e olhos remiravam a pedra - de-safira no covo da mão .(...) Aí guarda outra vez por um tempo. Até quando se tenha terminado de cumprir a vingança de Joca Ramiro. Nesse dia,então , eu recebo(p.283)

14-Eu sei que em cada virada de campo , e debaixo de sombra de cada árvore , está dia e noite um diabo, que não dá movimento , tomando conta .Um que é

romaõzinho, é um diabo menino, que corre diante da gente, alumando com lanterninha, em o meio do sono . Dormi , nos ventos . Quando acordei não cri : tudo o que é bonito é absurdo - Deus estável . Ouro e prata que Diadorim aparecia ali, a uns dois passos de mim , me vigiava . (p. 219.)

15- E foi ele mesmo, no cabo de três dias , quem me perguntou :-"Riobaldo ,nos somos amigos, de destino fiel, amigos?"(...) Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice de minha mãe. Então eu vi as cores do mundo. Como no tempo em que tudo era falante , aí sei . (p. 115)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)